



BETHANY-KRIS

SÉRIE FILTHY MARCELLOS

GIOVANNI

Dea
editora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BETHANY-KRIS

SÉRIE FILTHY MARCELLOS

GIOVANNI

Livro Dois

Tradução: Arianne Soares


e d i t o r a

Copyright © KRISTEN FOURNIER, 2015

Todos os direitos reservados à

Copyright © 3DEA EDITORA, 2018

www.3deaeditora.com.br

contato@3deaeditora.com.br

Título Original: Giovanni - A Filthy Marcellos, Book Two

Editor-Chefe | Patrícia Azevedo

Assistente de Desenvolvimento | Ana Oliveira

Tradução | Ariane Soares

Revisão | Milena Assis

Ilustrador | Murillo G. Magalhães

Imagem | www.depositphotos.com

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desse livro, sem autorização prévia da autora por escrito, poderá ser reproduzida ou transmitida, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra fictícia, quaisquer semelhanças com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência. Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do Direito Autoral.

“Você não é melhor ou pior do que qualquer outra pessoa em *La Cosa Nostra*. Você é seu próprio dono. Você e seu pai são agora iguais. Seu pai, filhos e irmãos não têm prioridade. Somos todos como um, unidos em sangue. Uma vez que você se torna parte disso, não há maior vínculo.”

Thomas DiBella

*Ex-chefe e último consigliere da Cosa Nostra
da família criminosa de Colombo.*

D.

Meu muso... de maneiras que você nem sabe.

Eu te adoro, amor.

Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Epílogo](#)

Capítulo Um

A vida é muito parecida com jogar *blackjack*.

Como qualquer jogo, existem regras, jogadores, perdedores e vencedores. Há os novatos que sabem o objetivo básico, atingir aquele número mágico de *blackjack* sem ultrapassar. Eles não têm nenhuma habilidade de verdade, apenas a capacidade de contar. Há os amadores que observam o jogo, esperando que a banca^[1] atinja o limite e lhes dê uma chance de gastar tudo. Eles são um pouco mais inteligentes. Eles pesam o custo de perder para o próximo movimento. E, depois, há os profissionais. Os jogadores que contam as cartas e seguem no controle.

Eles são os tubarões. Todo mundo é uma isca. O problema é que, ao jogar *blackjack*, ninguém sabe realmente quem é o tubarão até que seja tarde demais.

A vida funciona do mesmo jeito. Às vezes, é tudo sobre a sorte do jogador e os números apostados na mesa. Uma mão melhor dá a uma pessoa uma chance melhor.

Giovanni Marcello, certamente, teve uma boa mão em sua vida.

"A mesa está cheia ou livre para me juntar?"

A doce voz de uma mulher trouxe Gio de sua mente de volta ao jogo na mão. A banca acenou com a cabeça para sinalizar que a mesa estava aberta para que outro jogador fosse adicionado aos três já sentados. Longas pernas bem torneadas e cintura fina, o cabelo loiro ondulado foi a primeira coisa que Gio notou sobre a jovem deslizando na cadeira de couro ao lado dele.

A segunda coisa que ele notou foram seus olhos. Impressionantemente azuis e profundos. Os cílios que enquadram esses olhos eram longos o suficiente para encostar em suas pálpebras enquanto ela atirava contra seu

novo companheiro um olhar. Atirar nele foi o que ela fez. A boca de Gio, de repente, parecia como se alguém tivesse enfiado uma bola de algodão embaixo da sua língua.

"Vocês não se importam se eu me sentar e jogar?" Perguntou a mulher enquanto ela adicionava sua aposta à pilha.

Gio balançou a cabeça. Ela parecia jovem. Certamente, com idade legal, mas jovem. Ele não pôde deixar de perguntar: "Você já tem idade suficiente para jogar?"

"Fiz vinte e um há um mês. Você quer ver minha identidade?"

"Não, confio na sua palavra."

Não era com frequência que Gio conversava ou achava interesse em mulheres mais jovens. Ele preferia as que tinham quase a sua idade, vinte e cinco. Havia certo nível de maturidade a essa idade, ele descobriu que não tinha com que se preocupar. Essas mulheres entendiam que ele não correria atrás delas, e ele não queria que elas corressem atrás dele.

A banca abriu as cartas para os jogadores e depois para ele mesmo. O oito de espadas de Gio foi um maldito começo, mas a linda loira ao lado dele foi pior ainda com o três de copas. Ela não pareceu dar a mínima.

"Foi um ótimo casamento, não foi?"

"Claro. Mas eu não sou muito fã de casamentos", admitiu Gio.

Seu olhar estava distraído pela seda azul-marinho do vestido dela. Ele parava alguns centímetros acima dos joelhos, o que apenas atraiu os olhos dele mais para baixo, até os saltos de camurça combinando tocando a perna da cadeira.

Gio tentou descobrir quem era essa garota. Ela parecia vagamente familiar. Ele deu mais uma olhada nela. Não havia anel no dedo dela que indicasse que era comprometida.

"Convidada da noiva ou do noivo?" Gio decidiu perguntar.

"Noivo, suponho. Por causa da afiliação. Não estão mais aqui?"

Ah, é verdade. Ela o pegou. Não era segredo que a nova esposa de Lucian não tivesse muitos convidados para participar das festividades. A lista de convidados de oitocentas pessoas cuidou desse problema. Os convidados preencheram a igreja até as portas e mais um pouco.

Gio arqueou uma sobrancelha. "Você não vai me perguntar?"

"Você era um dos dois padrinhos de pé ao lado do noivo, né?"

Droga.

Ela o pegou nessa também. Obviamente, ela estava sentada mais para frente do que muitos convidados. Normalmente, as dez primeiras filas eram reservadas para familiares, amigos e convidados especiais da noiva e do noivo... ou dos membros da *Cosa Nostra*.

Claramente, a bebida que Gio tomou jogando *blackjack* não estava se misturando bem com o baseado que ele fumou depois da cerimônia. Inferno, ele sabia o que o dia envolveria. Isso significava que ele precisava ficar calado, sorrir e representar bem o seu papel. Era algo muito difícil de fazer, então sua mente acabou vagando para um território perigosamente entediado. Quando Gio ficava entediado, as coisas poderiam dar uma virada a um rumo interessante.

Comporte-se, Gio recordou a si mesmo.

Maldição, Lucian tinha sorte que Gio adorava sua bunda estúpida.

Casamentos.

Gio estremeceu ao pensar na palavra. Era mais do que parecia. Essa palavra dançava junto com outras palavras importantes como amor, bebês e para sempre. Estar em um casamento parecia colocar o foco no fato de ele estar solteiro e planejando ficar assim por um tempo.

Para ser sincero, se mais uma pessoa lhe perguntasse onde estava seu encontro da noite, Gio iria...

"É um pouco incomum ver dois padrinhos homens, não?" Perguntou a linda loira.

"Lucian não queria escolher entre nós, irmãos."

"Senhor. Marcello?"

A banca estava esperando Gio fazer sua jogada. Sem pensar, Gio bateu um único dedo na mesa para indicar que ele pegaria uma. Um sete de ouros apareceu. Um total de quinze era uma mão pior do que antes. Estava muito perto de ultrapassar e as chances dos outros jogadores não colocavam a aposta a seu favor.

Não importava agora. Ele estava focado na mulher ao seu lado.

"Você acha que você fará a mesma escolha quando for sua vez?" Perguntou ela.

"Não."

"E por que não? Você tem um favorito entre os dois, não tem?"

Cansado desse monte de perguntas e seus pensamentos irritantes ainda tentando descobrir quem era essa mulher, Gio perguntou: "Como você se chama?"

"Meus amigos me chamam de Kim."

Gio provou o nome na língua. Silenciosamente, ele tentou ver se ele achava que realmente combinava com a garota, ou se ela estava mentindo para apaziguá-lo. Ela não tinha necessariamente um motivo para mentir sobre o nome dela.

"Apenas Kim, hein?" Gio sorriu. "Kim sem sobrenome?"

"Hoje à noite, sim. Amanhã, eu voltarei a ser quem eu precisar ser."

Algo em seu tom parou o coração no peito de Gio por uma fração de segundo. Ele entendeu suas palavras melhor do que ela poderia imaginar.

Gio era o problemático. A ovelha negra. Ele era sem lei e basicamente adorava isso. Muitas vezes, ele não pensava nas coisas, mas ele era

inteligente como o inferno e conseguia sair da maioria das situações ruins em que se metia.

Ele também era descuidado, mas nunca despreocupado. Uma dicotomia em um mundo onde todos deveriam ser perfeitos. Onde tudo precisava ser explicado e compreendido.

Esse não era Gio.

"Eu entendo", Gio finalmente disse.

"Você deveria estar no salão dançando e comemorando com seu irmão e sua nova esposa", disse Kim, poupando-lhe um olhar que travava uma batalha com o seu interior.

"Deveria."

"Mas esse não é você, *hum*?"

Gio deu de ombros. "Algo assim."

"Senhor... "

Gio bateu o dedo na mesa novamente, interrompendo a banca sem sequer considerar que ele deveria dobrar. Um rei de paus apareceu e estourou sua mão. Gio deveria ter esperado por isso. Ele, provavelmente, deveria ter mantido a mão na última rodada, mas alguém o distraiu.

Quanto mais Gio olhava para Kim, mais bêbado ele se sentia. Com o que, ele não tinha certeza. Ele tomou todos os tipos diferentes de substâncias ilegais em sua vida e tomou álcool o suficiente para perceber um sentimento de euforia quando aparecia. Esta garota só precisava ficar a uma curta distância de Gio para fazer com que seus nervos se agitassem como se droga ou bebida tivesse sido infundida diretamente nas veias dele.

Isso era louco.

E ele queria saber *por quê*.

"Senhorita?" A banca perguntou a Kim.

Só então Gio notou a mão dela. Um três e um oito. Onze. Quão sortudo

era isso? A banca tinha parado nos dezessete, o limite da casa. Todos os outros na mesa tinham dobrado, parado ou estourado. Kim não. Ela só precisava vencer a casa e, na verdade, ela tinha uma ótima chance de fazer exatamente isso.

Kim sorriu para Gio, a visão quase tão inocente para ser verdade. "Quarenta por cento de chance de conseguir um número menor que cinco. Cinco por cento diz que poderia ser um seis. Cinquenta e cinco apostou alto o suficiente para vencer a casa. É um risco. Chega perto de cinquenta por cento para alguns. Qual você escolheria, Giovanni?"

Como ela sabia o nome dele?

Você nunca sabia quem era o tubarão.

"Eu pegaria uma carta", respondeu Gio.

"Eu também." Kim acenou com a cabeça para a banca tirar outra carta e nem conseguiu bater os cílios quando um Jack virou. "Mantenha minha aposta para a casa", disse ela ao encolher os ombros. "Eu estava contando. É injusto com o jogo."

Com a mesma facilidade que ela se colocou no assento na mesa de *blackjack*, ela de repente se levantou para sair. Gio estendeu a mão e agarrou o pulso de Kim na palma da mão sem sequer pensar nisso. Como a reação dela ao jogo de cartas, ela também não pareceu muito surpresa com a interrupção de sua saída.

Quem era essa garota?

"Você não respondeu minha pergunta", disse Kim calmamente, o calor de sua pele mergulhando na palma de Gio como uma droga.

"Qual?"

"Por que você não faria o que seu irmão fez e escolheria os dois?"

"Eu não faria isso", Gio declarou com um olhar atento na entrada que separava o salão de dança da seção do cassino.

"A coisa do casamento ou se casar?"

"Por que isso importa?"

Kim encolheu os ombros. "Não importa."

Gio duvidou disso. "Talvez não seja minha praia, *Tesoro*."

Ele não deixou passar o reconhecimento cintilando nos olhos dela sobre o uso de um termo carinhoso em italiano. Ela entendeu o que a palavra significava? *Tesouro*. *Cara*. *Querida*. Gio não conseguiu pensar em outro momento em que isso escorregou tão facilmente de sua boca, mas ele ouviu seu pai chamar sua mãe assim todos os dias de sua vida.

"Ou talvez eu não seja o tipo que se casa", acrescentou Gio.

"Talvez você não tenha achado a pessoa certa para domar você, ainda."

Um sorriso atravessou os lábios dele. "A diversão não está na domesticação. Está na tentativa."

"Sì", ela concordou.

Kim puxou o pulso da mão de Gio sem mais uma palavra. Ele não estava inteiramente certo de que era assim que ele queria que seu estranho encontro terminasse, considerando a atração borbulhante que se curvava em torno de seus sentidos e a luxúria se acumulando em suas entranhas. Ainda assim, ele se recostou na cadeira e observou os saltos azuis se afastarem da mesa. Kim nem sequer olhou para trás.

Quando desapareceu no amontoado de pessoas que se deslocavam para a sala do cassino do salão de baile, Gio se virou para encarar a mesa.

"Senhor. Marcello?" Disse a banca, ganhando a atenção de Gio mais uma vez.

"*Hummm*? Acho que já terminei por hoje."

"Ah, não, senhor. Sobre a mesa, Senhor. Marcello. Estava debaixo de suas cartas quando as peguei."

Com essas palavras, o homem entregou um cartão-chave. A letra

extravagante do nome de um hotel foi rabiscada na frente em letras douradas. O hotel era diretamente em frente ao local em que estavam atualmente. Na parte de trás, um andar e número de quarto foram escritos acima do código de barras.

Inferno... Gio gostava de se arriscar, afinal.

O que seria mais um?

"Obrigado."

Gio deslizou o cartão-chave no bolso interno do smoking e deixou a mesa. Não demorou muito para encontrar as únicas duas pessoas no edifício que ele precisava dizer adeus. Ele foi engolido pela multidão de pessoas na pista de dança enquanto olhava seu irmão mais velho e a nova cunhada. Eles estavam dançando. Sorridentes. Tão felizes.

Casamentos não eram para Gio, e o dia levou cada grama de paciência que ele tinha, mas valeu a pena por um segundo. Lucian valia sua alegria e felicidade. Ele mais do que fez por merecer sua nova noiva e seus sorrisos privados escondidos contra sua bochecha.

E Jordyn... Ela era a mulher perfeita para o irmão de Gio. Qualquer um poderia ver isso.

"Ei, cara." Gio não tinha notado que Dante tinha parado ao lado dele até o segundo mais velho irmão Marcello falar. "Onde você foi?"

"Mesa de *blackjack*."

Dante riu. "Ganhou?"

"Por pouco. Algo melhor me interessou."

"Você está indo embora", disse Dante, com uma pitada de desapontamento.

Gio encolheu os ombros. "Este não é o meu tipo de festa. Eu estava me preparando para dizer adeus, mas não queria interromper."

"Não deixe que mamãe te veja dando o fora cedo, Gio. Ela terá um

ataque."

Gio examinou a multidão para ver se ele conseguia detectar qualquer um de seus pais. Ele não conseguiu. Antony, provavelmente, estava recebendo os parabéns de uma dúzia de Mafiosos de todo o país. Não era algo pequeno para um príncipe mafioso como Lucian se amarrar, ainda mais com uma mulher que não estava afiliada com *La Cosa Nostra*. Cecelia, provavelmente, estava cuidando de parte da família e dos amigos. Seus pais desempenhavam bem os seus papéis.

"Onde está Antony?" Perguntou Gio.

"Comparando quem tem o pau maior com Nunz Abella de Las Vegas. Não sei por que ele se incomoda. Nunz é um idiota e não vale nada na família e nos negócios."

"Você saberá o por que quando você estiver cuidando da família", Gio respondeu. "É sobre o respeito. A *Cosa Nostra* de Nunz é insignificante no grande esquema das coisas. Enfurece Nunz como nada mais que Antony finja que nem o viu. Então, toda vez que se encontram, o desrespeito surge. Nunz começa a falar muita merda. Estou surpreso de que os olhos do idiota não sejam castanhos, ele já está cheio disso."

"Papai não deveria ter convidado ele", murmurou Dante.

"Não tinha como ele não convidá-lo. Pegaria mal convidar as famílias ao redor de Nunz e ele não. Inferno, até mesmo o líder da Chicago Outfit e sua esposa foram convidados depois daquele problema há dois anos que nunca foi resolvido. O que dizer sobre Antony convidar pessoas que ele ainda considera inimigos, mas não alguém que ele conta como um amigo, mesmo que esse *amigo* seja um filho da puta?"

Dante inclinou a cabeça de acordo. "Verdade. Porra, que pena papai não estar aqui agora. Ele ficaria surpreso ao ouvir você falar como se você realmente prestasse atenção às coisas que ele diz."

"Eu presto atenção", Gio grunhiu ofendido. "Eu faço meu maldito trabalho. Eu sou o Skip^[2]. Eu faço meu trabalho."

"Relaxe, eu estava brincando. Eu estava apenas tentando dizer que seria bom se papai não tivesse que se preocupar com você sendo tão avoado o tempo todo."

Os olhos de Gio rolaram. Ele estava farto da preocupação de sua família com-o-pobre-Gio-e-seus-hábitos. Então ele sorriu para o irmão mais velho. A sua arrogância de costume estava de volta, juntamente a restante excitação de seu encontro anterior com Kim. Isso, no entanto, estava começando a desaparecer.

Ele queria isso novamente.

"Eu não disse que não estava avoado. Eu disse que fiz meu trabalho."

Dante não parecia saber como responder a isso. Gio sempre foi bom em calar alguém quando ele queria. Até mesmo os irmãos.

"Você também pode ir lá falar com eles", disse Dante, balançando a cabeça para o casal dançando. "Todos os outros estão fazendo isso à noite toda. Dinheiro, beijos e felicitações. Você conhece o negócio."

Pela primeira vez o dia todo, Gio detectou uma pitada de desgosto no tom de seu irmão mais velho. Dante tinha ficado bastante relaxado durante a coisa toda do casamento. Provavelmente, porque a atenção o deixou por um tempo.

"Quanto tempo antes de ser você, hein?" Perguntou Gio.

Dante não queria encontrar uma esposa e se amarrar. Era uma situação de merda para o irmão mais velho, considerando que ele era o próximo na fila a gerir sua família mafiosa. Para isso, segundo as regras da Comissão, Dante precisava de uma esposa.

Dante franziu a testa. "Essa também é minha pergunta. Estou tentando não me preocupar. Vejo você amanhã, sim?"

"Sim. Até mais tarde."

Dante voltou pela multidão com um adeus de dois dedos enquanto Gio ia em direção ao irmão mais velho. Lucian percebeu sua aproximação, diminuindo o ritmo da dança com Jordyn. Ele também parecia reconhecer a expressão que Gio trazia.

"Você está dando o fora, não é?" Perguntou Lucian.

Gio não era difícil de desvendar, aparentemente. "Antes de ficar muito barulhento, sim."

"O único barulho que eles vão ouvir são meus pneus chiando no pavimento quando eu sair", Lucian respondeu com uma pequena risada. "Eu também estou cheio disso."

Brincando, Jordyn bateu no braço dele. "Pare. Foi uma boa noite, Lucian."

"Sim, mas foi um dia ainda mais longo, *bela*."

"Você não está chateado comigo por ir embora cedo?" Perguntou Gio.

"Não. Para onde você está indo esta noite?"

Gio levantou uma sobrancelha sugestivamente, sorrindo. "Algum lugar com uma linda mulher de pernas longas, olhos azuis e cabelos loiros."

"Ótimo." Jordyn riu. "Ele conseguiu levar uma convidada do nosso casamento para casa. Isso é maravilhoso."

Lucian baixou o som em advertência. "Cara, tenha cuidado com quem você escolhe nesta multidão esta noite. Há muitos rostos que não conhecemos, mas papai sim. Não vá mexer onde os negócios possam estar envolvidos. Não seria bom para você ou para a família."

Gio acenou quanto ao aviso. Ele não estava preocupado com problemas decorrentes de qualquer encontro que ele teria com Kim depois que ele saísse.

"Preocupe-se em tirar sua esposa daqui, Lucian, e não com quem foderei

esta noite."

"E depois dessa, — disse Jordyn, balançando a cabeça — tenha uma boa noite, Gio."

Gio abraçou seu irmão, segurando-o um segundo mais do que o que ele normalmente faria. "*Ti voglio bene*, cara. Parabéns."

Lucian sorriu. "*Ti voglio bene*."

Pelo canto de seus olhos, Gio estava certo de que ele viu um vulto loiro e azul perto da entrada do salão. Essa foi sua deixa para dar o fora antes que alguém tentasse detê-lo para conversar.

Vinte minutos depois, Gio parou na frente da porta com o número do quarto do hotel que combinava com o da parte de trás do cartão-chave.

Resumidamente, ele se perguntou se ele deveria bater ou usar o cartão. O pensamento não durou muito. Kim deixou o cartão para trás e, no que lhe dizia respeito, a intenção nessa ação era bastante clara. Ela queria que ele o usasse. Então ele usou.

Gio não deixou a porta aberta por muito tempo. Cheiro de jasmim flutuava através do espaço mal iluminado. Kim estava sentada no quarto no banco ao pé da janela, onde as cortinas estavam fechadas. O sorriso vermelho dela espreitou através do véu de seus cabelos. Ela se inclinou para tirar os saltos.

"Eu achei que você nem viria", disse Kim, endireitandose

"E por quê?"

"Muito arriscado, talvez."

Gio deixou a jaqueta do smoking em uma cadeira no canto enquanto Kim desabotoava o lado de seu vestido de seda. Quando ela girou para ter certeza de que o zíper estava todo aberto, a extensão suave de sua cintura e o lado de seu peito estavam nus dentro da fenda do tecido.

"Levante-se", exclamou Gio.

Kim se levantou sem titubear, as mãos descansando em seus quadris enquanto ele atravessava o quarto. Quando Gio se aproximou mais, ele percebeu que sua reação à garota ainda era real e verdadeira. Ela o fez se sentir estranho — de uma maneira boa.

Bêbado sem ter bebido nada. Tonto.

Ele tinha perseguido esses sentimentos desde que tinha quatorze anos. Constante. Forte. Perigoso. Esse não era assim. Era instável, mas lento. Tocando diretamente em suas veias, pulmões e cérebro ao mesmo tempo.

Gio não era um maldito idiota. Ele reconhecia a atração quando sentia. Deixava-se na luxúria quando era um desejo compartilhado. Mas isso... O que diabos era *essa* fúria profana, no entanto?

"Você sabia meu nome", disse Gio, parando na frente dela. "Como?"

"Eu conheço sua família", respondeu Kim. "Isso é tudo."

As palavras de Lucian sobre tomar cuidado surgiram na mente de Gio. "Não que isso importe muito agora, mas isso vai me trazer algum tipo de problema amanhã?"

Kim hesitou, mas apenas por um segundo. "Não deveria. É só por diversão, certo?"

Ele aceitaria isso. Por agora.

"Certo. Quem te ensinou a contar cartas?" Perguntou Gio.

Ele puxou o vestido dela sobre os ombros. Kim não o impediu, então ele tomou isso como um sinal de que ela queria que ele continuasse. Uma pele suave e lisa encontrou seus lábios antes que seus dentes penetrassem a carne macia e doce dela.

Kim suspirou quando seu vestido desceu ainda mais, juntando-se no chão. Porra, seus seios eram perfeitos no que dizia respeito à Gio. Eles se encaixam bem nas palmas das mãos, e seus mamilos ficaram duros contra seu toque instantaneamente.

"Tão sensível", ele murmurou contra a clavícula dela. "Quem te ensinou a contar cartas? Conte-me."

"Ninguém. Eu fiz inglês e especialização em matemática, na verdade. Contar cartas é um truque bem básico. E isso nem era contar, já que apostamos com probabilidades."

Ele soltou seus seios tempo suficiente para deslizar as mãos pelo contorno plano do estômago dela. Um piercing no umbigo dela deslizou sob o polegar antes de ele traçar uma linha reta diretamente abaixo de sua calcinha de renda preta até o ponto doce entre suas coxas.

"Vá pela manhã", disse Kim suavemente.

Gio congelou, olhando-a diretamente. A honestidade era a melhor política, e ele assumiu que esse encontro não seria diferente do que ele teve antes. Não importava se ele quisesse conhecer essa garota, Gio não estava na hora certa em sua vida para fazer esse tipo de coisa.

"Normalmente eu vou, Kim."

Kim franziu a testa, o lábio inferior encontrando o caminho entre os dentes. "Não é você. Eu não posso ser apenas Kim de manhã. Então, você precisa estar longe daqui."

Gio entendeu isso, apesar da maneira louca que isso soava. "Seja quem quer que você queira ser hoje à noite, *Tesoro*. No entanto, tenho uma pergunta."

"*Hum*, o que é?" Ela perguntou, um tremor começando em suas coxas quando o polegar dele circundou seu clitóris em círculos lentos e preguiçosos.

"Por que eu?"

Um sorriso malicioso iluminou suas feições bonitas. "Você parecia tão entediado parado ali na igreja. No jantar foi o mesmo. Não parecia ser o seu tipo de festa. Eu queria ver se eu poderia fazer você sorrir."

Gio riu sombriamente, curtindo seus choramingos enquanto seus dedos escorriam entre as dobras dela. "Bem, você certamente conseguiu fazer isso."

Capítulo Dois

Kim descobriu que o corpo de Giovanni era uma tela de arte debaixo de seu smoking bem-equipado. As mangas compridas e o colarinho da camisa esconderam as tatuagens. Um corvo do lado. A Madonna no peito. O emblema da família em volta de seus ombros. Seu sobrenome em seu braço esquerdo. *Mea Culpa* abaixo de sua orelha direita era a única tatuagem visível quando ele usava roupas.

"Você realmente acredita nisso?" Kim perguntou, traçando a letra afiada em negrito tatuada no interior do braço de Giovanni. *Non Fidarsi Di Nessuno* estava escrito. "Não é preciso confiar em ninguém."

"Claro", respondeu Giovanni fracamente, os olhos fechados. "É o que me foi ensinado."

Uma letra em estilo antigo adornava sua caixa torácica à direita. Palavras em italiano.

La Famiglia.

La Cosa Nostra.

Debito D'onore.

A família. Coisa Nossa. A Dívida de Honra.

A ponta da unha bem cuidada dela delineou cada curva de cada palavra. Se ela precisasse de mais indícios de que ele estava metido com sua família mafiosa, essas palavras tatuadas confirmariam.

Não que Kim se importasse se ele estivesse ou não. Ser mafioso não era o que assustava. Ela viveu toda a sua vida cercada por esses tipos de homens, embora nunca dessa forma. Esse estava brincando com fogo. Um que, provavelmente, iria queimá-la uma dúzia de vezes.

Giovanni não parecia se importar com a exploração em suas tatuagens quando ele descansou as costas na cabeceira da cama com um sorriso preguiçoso. Debaixo dos cílios escuros, olhos verdes a observavam.

Mais uma vez, ela correu o dedo indicador ao longo das palavras *Debito D'onore*.

"Você se sente como você tivesse desistido de um monte de coisas pela sua família?" Kim perguntou suavemente.

Giovanni se esticou pela primeira vez desde que ele entrou em seu quarto. "A maioria das pessoas ignora minhas tatuagens, porque não entende o idioma e tem muito medo de me perguntar o que elas significam."

"Eu sou bem versada em italiano."

Claro que ela era. Sua família era tão italiana como a dele, afinal de contas, mas ela sabia que ele não sabia disso. O pai dela era um tradicionalista de muitas maneiras, orgulhoso de suas raízes sicilianas.

"E aí, você desistiu?" Ela perguntou novamente.

Giovanni inclinou a cabeça para baixo para olhar para ela, uma expressão pétrea substituindo sua feição feliz. "O que você entende sobre a família?"

"Eu entendo que eu supostamente não deveria entender nada."

"Bom argumento", Giovanni disse calmamente, uma risada seguindo suas palavras. "Não é sobre o que um homem já deu a *Cosa Nostra*. É o que a família ainda está disposta a tirar."

Como tudo o que lhe restava, pensou Kim.

Uma vez um homem entrava, ele entrava. Era para a vida toda.

Kim conhecia as regras de *La Cosa Nostra*. Ela os ouviu passar entre homens que iam e vinham em sua casa ao longo dos anos. Estava tão enraizado na cultura, que a maioria dos homens acreditava que as regras não deviam nem mesmo ser faladas em voz alta, apenas serem conhecidas e

atendidas.

"Por que todas as perguntas sobre mim?" Perguntou Giovanni. "Com base na experiência do passado, eu tenho certeza de que isso não é como um caso de uma noite só deveria acontecer."

Kim riu. "Provavelmente, não. Eu suspeito que você seja um daqueles machos alfa que precisam estar no controle total de tudo."

"Controle?" Giovanni grunhiu um som divertido. "Experimente o completo oposto. Talvez você não saiba tanto sobre mim quanto você dá a entender."

"Eu nunca disse que eu conhecia você. Eu disse que conhecia sua família."

O que era verdade. Kim só conhecia o que ela sabia sobre o Império Marcello devido ao que o pai deixava escapar.

"Justo. Mas não, eu não preciso de controle. Eu prospero no meu caos. Eu sou o caçula de três irmãos, e eu nunca quis nada disso. Eu sempre fui visto por pessoas que eu nem conhecia como uma espécie de realeza. Minha vida é uma loucura. O que diabos é o controle? Eu nunca tive para começar. Eu aprendi a estar muito bem com isso. Você não vai encontrar nenhum divertimento ou problema tendo o controle completo, *Tesoro*."

"Eu acho que eu sei o que é isso."

Giovanni estendeu a mão para agarrar o queixo dela, inclinando o rosto para cima para ele beijar um caminho suave e doce ao longo de seu maxilar. Enquanto ela se deliciava com o calor de seus lábios em sua pele, ela podia sentir a cicatriz enrugada na palma da mão dele contra sua bochecha. A que ele teria recebido quando jurou a Omertà^[3] pela família mafiosa.

Parecia que sua curiosidade não teria fim. "Você se arrependeu?"

"Como você sabe o que isso é?" Ele perguntou de volta.

"Eu ouvi falar. É geralmente a palma que eles cortam, certo?"

"Alguns cortam o interior do lábio inferior também."

Kim se encolheu. "Por quê?"

A mão direita de Giovanni deslizou na curva em sua cintura até seu quadril sob o lençol. Sem uma palavra, ele estava agarrando firmemente e puxando-a para ele. A insistência gentil de suas mãos abriu suas coxas o suficiente para ela sentar em seu colo. Não houve aviso antes de ele se inclinar para capturar a boca dela com a dele em um beijo punitivo que tirou o fôlego que lhe restava. Seu pau, já duro e pressionando contra seu abdômen e o núcleo dele, roçou ao longo da fenda do sexo dela. As veias ao longo de seu comprimento pulsavam em seu clitóris, enviando ondas de desejo através do sangue dela.

O latejar entre suas coxas começou novamente. Era um lembrete assustador de que sua atração por Giovanni era instantânea.

"Você faz muitas perguntas para uma garota que quer que eu vá pela manhã", ele murmurou contra seus lábios. "Eu já respondi demais para um homem que vai embora. Apenas diversão, você disse. Sem mais perguntas."

Tonta, Kim assentiu. "Sim. OK."

Não demorou muito para ele encontrar a segunda embalagem de alumínio que tinha sumido sob os lençóis. Kim se moveu o suficiente para deixar Giovanni rolar o preservativo de látex sobre o comprimento de sua ereção uma segunda vez naquela noite.

Kim perdeu todo pensamento racional quando Giovanni entrou em seu sexo. Ele a levantou, o que permitiu afundar seu pau. Não houve resistência à intrusão dele em seu corpo. Ela suspirou quando ele a encheu, estirando os tecidos sensíveis enquanto seus sucos umedeciam seu comprimento.

E enchê-la foi o que ele fez. Deus, isso era muito bom.

O ritmo gentil e prazeroso não foi nada como o encontro anterior. Aquele tinha sido ousado e rude. As mãos dele agarraram o cabelo dela, e as

unhas dela marcaram seus ombros largos. Ele a tomou contra a parede e a fez implorar e gozar em apenas alguns minutos. Então, Giovanni os levou para a cama, inclinou-a sobre ela e a comeu lá também.

Inferno, Giovanni simplesmente a tomou. Kim adorou isso. Ela não tinha grandes expectativas sobre como ele seria como amante, apenas queria saber. Ele foi fantástico. Confiante. Lindo. O corpo de um corredor e forte como um boxeador. Kim, rapidamente, aprendeu desde a da primeira vez que ela não tinha que orientá-lo; Giovanni já sabia. Ele leu os sinais do corpo dela e sons que ela fazia e os usou para a sua vantagem. Como se ele estivesse manipulando seus nervos e sentidos.

Desta vez, ele não estava tomando-a, porém. Kim estava tomando-o.

Giovanni gemeu baixo contra o rosto de Kim, sua respiração fazendo cócegas na pele dela. Ela ouviu suas maldições sussurradas desaparecerem na curva de seu pescoço quando ele enterrou o rosto lá. Seus dentes beliscaram seu ponto pulsando, a mordida amarga da dor contrastando contra a euforia doce cantando dentro do sangue dela. A barba por fazer no queixo dele deixou arranhões para trás. Até mesmo as pontas dos dedos dançando por sua espinha fizeram calafrios e faíscas florescerem.

"Jesus..." Giovanni bufou, levantando a cabeça para olhar para o corpo dela. "Você é linda, você sabe. Perfeita pra caralho. Todo maldito dia, Kim. Você deveria ouvir isso todo dia."

Um tremor correu pela sua espinha ao ouvir as palavras dele. Elas foram ditas com muita facilidade, então ele estava falando sério. Ela quase desejou que ele não dissesse coisas assim. Algo mais sujo, talvez. Algo para lembrá-la que o trato era eles foderem e se despedirem. Isso tornaria mais fácil de esquecer que seu interesse por ele só estava crescendo.

As mãos dele encontraram seu caminho para o cabelo dela, os dedos tecendo através das ondas douradas para puxá-la para mais perto. Perto o

suficiente para que ela pudesse ver suas pupilas dilatarem tanto que apenas um pequeno círculo verde permaneceu enquanto o montava. Calor inundou a boceta de Kim, viajando ao longo de seu estômago até os seios que estavam apertados no peito de Giovanni. Com cada golpe de seu pau dentro do sexo dela, seus músculos flexionavam e cerravam, segurando-o com mais força.

Kim não queria mais pensar. Ela queria sentir.

Giovanni fez isso com ela.

A partir da experiência e observando as pessoas ao seu redor, Kim aprendeu que homens poderiam ser muitas coisas para uma mulher. Bom com elas. Ruins com elas. Um homem podia deixar uma mulher louca de maneiras terríveis ou iluminá-la como um relâmpago. Poderia ser para sempre ou um momento passageiro. Apaixonadamente febril ou inquietante. Ele poderia elogiá-la, lhe fazer bem, ou diminuí-la.

Sua mãe uma vez contou a ela que uma mulher sabia nos primeiros minutos após conhecer um homem o que ele seria e o que ele poderia fazer. Com ela. Para ela. Por ela. Kim sempre acreditou nisso porque ela sabia que era verdade e agora ela se sentia culpada.

Culpada porque, no começo, ela só viu Giovanni como um desafio. Como ele ficaria com um sorriso no rosto e não aquele aborrecido olhar e desinteressado observando o salão? Culpada porque, quando ele sorriu, tudo sobre ele gritou problemas e diversão, e ela não poderia deixar por isso mesmo.

Culpada porque ele deixou claro que era inalcançável, mas ela também. Ele só não sabia disso.

Deus.

Ela deveria ter deixado Giovanni Marcello em paz.

* * *

Eu não me arrependi de nada.

As últimas palavras de Giovanni ainda permaneciam no fundo da mente de Kim vinte e quatro horas depois que eles se separaram. Ela se sentia muito atordoada para pensar em muito mais. Ir para casa, para Vegas, era a última coisa que ela queria fazer.

Decisões a esperavam lá.

"Vai ser bom voltar para casa, você não acha?"

Urgh.

Onde estava a aeromoça com o vinho dela?

Kim esperava que os fones de ouvido do iPod em seus ouvidos e sua cabeça virada de frente para a janela fosse um sinal para seu pai de que ela não estava aberta a conversa fiada. Quando foi a última vez que ela conversou com ele? Eles mal toleravam um ao outro. Cinco horas e meia em um avião com seu pai era quase provável que um deles acabasse morto. Kim esperava que o vinho que a aeromoça traria com ela viesse em um copo de plástico ou quem morreria seria seu pai.

Nunz Abella poderia até ter ajudado sua primeira esposa a criar dois filhos, mas isso era o quão longe suas habilidades como pai iam. Bem, pelo menos para Kim. Nunz adorava o irmão mais velho dela, Cody. Ter os órgãos genitais certos no momento do nascimento certamente fez a diferença.

Kim suspirou quando seu pai cutucou seu braço com o cotovelo um pouco forte demais. "Kimberlynn?"

Urgh. De novo.

Ela odiava o seu nome completo. Era muito pretensioso e pomposo.

Kim puxou os fones de ouvido quando ele deu uma cotovelada nela novamente. "Mamãe teria amado a cerimônia. A igreja estava linda."

Nunz sorriu. A emoção mais genuína que Kim o viu exhibir em toda a

semana. Parecia que as personalidades de seu pai mudavam mais frequentemente quando mafiosos estavam por perto... ou melhor, um certo mafioso.

"Eu acho que ela, provavelmente, teria adorado o salão que escolheram para a recepção e festa", Kim adicionou para apaziguar a necessidade de seu pai para falar. "Foi mais do que suficiente para receber os convidados, de qualquer maneira."

"Eu sei. Essa exposição de arte era boa demais para deixar passar, apesar de tudo."

Kim fez uma careta para seu pai desgostosa. "Eu quis dizer a minha *mãe*, não a sua esposa. Cristal não saberia como apreciar nada, a menos que fosse comprado para ela."

"Kimberlynn, tenha um pouco de respeito. Ela é minha esposa."

Oh, não.

Ela não podia dizer o suficiente sobre o assunto.

Sua madrasta, Crystal, era má. Ela era uma mistura especial de interesseira e estúpida demais para dar crédito. E para tornar isso pior, o pai de Kim não esperou oito meses depois que sua mãe morreu de estágio quatro de um câncer de mama antes de se casar com a cadela. Respeito? Amantes não têm respeito.

Seu pai deixou o assunto para lá e mudou para outro pior. "Você falou com Fr...

"Não", Kim interrompeu bruscamente. "Por que eu deveria? Esta foi a única vez que eu poderia estar tão longe dele quanto possível por Deus sabe quanto tempo."

"Eu estava apenas pedindo para você puxar conversa. Jesus! O seu irmão não deu um comprimido para lhe manter calma nos voos? Tome um, Kimberlynn. Ou dois, até."

Certo. Remédio antiansiedade era exatamente o que ela precisava no momento.

Kim se voltou para a janela, ignorando seu pai.

"No salão, durante a recepção, eu não consegui encontrá-lo", Nunz disse calmamente, de repente interessado em suas unhas. "Eu queria apresentá-la a alguns amigos nossos. É raro uma filha conseguir ser colocada em um lugar com tantos de uma vez. Mas você desapareceu."

Mafiosos, ele queria dizer. Kim podia ler nas entrelinhas.

"Para onde, Kimberlynn?" Perguntou Nunz.

Kim se encolheu, mas pelo menos seu pai não podia ver. "Havia muitas pessoas. Eu me senti sufocada."

"Seu irmão disse que você estava na mesa de *blackjack* conversando com alguém."

Porra, Cody.

O bastardo teve sorte que ela não se virou e contou algo sobre ele. Kim amava seu irmão, mas ele estava muito ligado a seu pai para ver quão manipulador o homem poderia ser. Aos vinte e três anos, Cody ainda acreditava que seu pai era o mestre do maldito universo.

Kim não estava presa em um mundo desiludido como seu irmão.

"Eu joguei. Por quê?" Perguntou Kim.

"Apenas um jogo?"

"Eu estava contando as cartas como um truque para divertir a mesa."

"Em Vegas, você sabe que vai ter os dedos cortados, querida", disse Nunz com uma risada.

Kim estava ciente do que ser pega contando cartas em Vegas poderia resultar para uma pessoa. Realmente, ter os dedos cortados teria sido melhor do que o acordo que esperavam que ela fizesse. Foda-se seu pai por fazer uma piada sobre isso.

"Foi legal. Eu deixei a mesa ficar com a minha aposta para ser justa. Foi apenas por diversão."

"Mas você estava conversando com alguém", Nunz pressionou. "Seu irmão me contou. Ele não mentiria para mim, Kimberlynn."

"Eu já tenho vinte e um. Desde quando eu preciso de uma porra de um vigia?"

Os lábios de Nunz se apertaram em uma linha fina. "Você sabe desde quando. Não banque a estúpida comigo, menina. Diga-me com quem você estava conversando na mesa."

"Eu acho que foi o filho mais jovem do Marcello. Ele foi... respeitoso."

"Giovanni, você quer dizer", disse Nunz, suspirando.

"Ele prefere Gio, pelo que eu percebi", o irmão dela acrescentou de trás deles.

Adorável. Todo mundo estava querendo ouvir sua conversa.

"Você sabe o tamanho do sapato dele também?" Kim perguntou sem esconder o sarcasmo escorrendo nem por um segundo. "Talvez, para qual faculdade ele foi ou o seu tipo sanguíneo?"

"*Touché*. Alguém precisa de uma pílula contra cretinice."

"Você conhece as regras, Kimberlynn", continuou seu pai, não dando qualquer atenção à desavença dos irmãos. "Neste momento, você tem que ser cuidadosa sobre como você aparece. Havia muitas pessoas que vieram de Vegas para esse casamento. Foi uma pena algo ter surgido, e Franco estar ocupado nesse fim de semana, ou ele teria vindo para ficar de olho em você."

Kim estremeceu, a raiva fundindo-se ao medo. Sua vida tinha sido reduzida a ser vigiada. Sua cabeça recebia tapinhas como se ela fosse um cachorro quando ela fazia algo bom, e um dedo no rosto em negativa para repreendê-la quando ela fazia algo errado. Seu valor era determinado pela forma como ela aparecia em público, e seu remorso medido por suas ações

privadas.

Não foi nada mais do que um erro estúpido. Algo para impressionar seus amigos em seu vigésimo primeiro aniversário. Como ela deveria saber que o cassino específico era de propriedade de uma das principais famílias do crime em Las Vegas?

E daí se ela contou uma dúzia de jogos? Era apenas um par de cem mil. Nada comparado ao que o cassino normalmente perdia em uma noite. Eles, provavelmente, não teriam notado se Franco Sorrento não tivesse a reconhecido jogando no cassino do pai dele. Ele ficou de olho nela durante toda a noite. Kim não sabia quem ele era, mas ela gostou de estar chamando a atenção dele.

Cobras sempre eram charmosas. E, então, os bastardos estrangulavam sua presa até a morte antes de comerem.

Kim aprendeu rapidamente que seus erros naquela noite não tinham nada a ver com dinheiro. Suas ações estavam manchadas com desrespeito. Ela roubou de uma família *Cosa Nostra*. Nenhum pedido de desculpas a tiraria dessa. A influência de seu pai não significava nada, não que ele tivesse tentado ajudar.

"Eu não fiz nada de errado", disse Kim, preparando sua expressão. "Deixei-o na mesa, pai."

"Ótimo. Continue assim. Você só tinha que aguentar o fim de semana. Afinal, o seu tempo para tomar sua decisão está acabando." Em seguida, o pai riu. "Bem, não era realmente uma escolha, não é?"

"Não é engraçado", Kim disse suavemente. "Eu odeio esse homem."

"Já ouvi falar de ódio que se transforma em paixão. Talvez os seus sentimentos mudem."

Kim poderia provar a bile na parte de trás de sua língua. Doeu como nada mais e tinha sabor de vergonha. O interesse de Franco Sorrento nela não

era porque ela estava contando cartas e ele percebeu. Era porque ele gostou da aparência dela. Ele gostava que ela tivesse vindo de uma família semelhante à dele, então ela deveria saber como agir e se comportar. Ele gostou que ela não teria de ser treinada.

Era nojento.

A escolha de Kim era simples. Ela poderia se casar com Franco ou assumir a consequência que qualquer outra pessoa assumiria por roubar de uma família da máfia. E não seria apenas ela quem pagaria. Toda a sua família sofreria também.

O casamento era um peso enorme sobre os ombros de Franco. Recentemente, ele fez vinte e nove. Sua vida era *La Cosa Nostra*, o que significava seguir as expectativas do pai. O casamento era uma dessas coisas, tanto quanto Kim compreendia. Franco não estava interessado em ter um casamento de verdade, apenas um que ele pudesse manipular e controlar.

O que ele queria era uma boneca bem treinada. Um rosto bonito e uma boca fechada. Um corpo em sua cama, se ele sentisse a necessidade de usá-lo e uma figura apropriada ao lado dele para desempenhar qualquer papel que ele quisesse.

Franco repelia Kim. Boa aparência, riqueza e conexões não faziam nada para um homem horrível. Não importava. Kim não tinha escolha agora. Seu tempo de escolher havia acabado.

Capítulo Três

Gio poderia lembrar a primeira vez em que uma droga entrou em seu corpo. Não foi um erro ou mesmo uma escolha rebelde de adolescente. Não, não foi por essas razões. As más influências tinham corrido desenfreadas em torno dele, mas as drogas... eram só porque ele queria. Curiosidade, principalmente. Então ele continuou a alimentar a necessidade.

Maconha veio primeiro. Gio rapidamente aprendeu que ele não desfrutava da calma do efeito que a erva criava. Em vez disso, ele gostava de estar *chapado*. Voando alto, rolando alto. Ele não se importava muito como o sentimento era obtido, desde que fizesse a sua mente hiperativa cantar.

Houve uma vez, logo após seu décimo sexto aniversário, que Gio achou que seu pai, Antony, tinha finalmente percebido o abuso de substâncias do seu filho. Gio suspeitou que um de seus dois irmãos mais velhos teve uma mão em incitar as suspeitas de seu pai, nunca se passando na mente dele ser pego usando. Ter um chefe da máfia como pai não lhe dava chance de escapar com suas escolhas mais perigosas.

"Está pronto, Skip?" Craig perguntou a Gio, puxando-o de seus pensamentos.

Gio colocou o protetor bucal e bufou em resposta. Havia apenas algumas coisas que ele realmente gostava na vida. Foder, lutar, gerir os narcóticos nas ruas, disparar armas, e ser o Skip. Um capo para a *Cosa Nostra* de seu pai.

Ele lidava com muitas coisas ultimamente. Depois do casamento de Lucian, há três meses, as prioridades de todos mudaram. Às perguntas e as

expectativas começaram novamente. Cecelia, sua mãe, queria que ele se amarrasse. Seu pai queria que Gio fosse mais estável. Todo mundo estava preocupado. Era constante e irritante.

Gio estava no controle, porra! O uso das drogas estava controlado; ele mesmo tinha lidado com isso. Ele era bom. Sério. Sua vida estava bem do jeito que estava. Ninguém mais parecia ver isso.

Em algum lugar no fundo de sua mente, quando estava sóbrio, Gio poderia claramente sentir o zumbido que a linda loira deixou impresso dentro de suas veias três meses antes. Essa era a única coisa que ele não gostava de lembrar demais. Ele ainda tinha que entender essa sensação natural que ela o fazia sentir.

A luta de boxe improvisada era exatamente o que Gio precisava para colocar a cabeça no jogo antes da próxima semana. A reunião da comissão com todas as principais famílias mafiosas seria nada menos do que uma dor de cabeça. No melhor das hipóteses.

"Skip", Craig falou lentamente novamente. "Pronto?"

Jesus Cristo.

Ele não estava sempre?

Gio estava acelerado pelo ecstasy que tinha tomado mais cedo.

Sim, ele estava pronto.

* * *

"Mamãe não contratou uma faxineira para você?"

A última coisa que Gio queria ouvir em uma manhã de domingo era seu irmão mais velho. A violenta dor de cabeça não era castigo o suficiente pela tortura que ele fez seu corpo passar a noite anterior?

Aparentemente, não.

"Sério, este lugar está uma bagunça", disse Dante.

Um som alto seguiu a declaração de seu irmão. Dante tinha chutado alguma coisa no chão. Não havia nada que Gio odiasse mais do que as pessoas mexendo em suas coisas. "Não toque nas minhas coisas."

"Você tem coisas por toda a parte."

Gio abriu um olho e se arrependeu imediatamente. A dor de cabeça piorou. Gemendo, ele se escondeu sob o cobertor fino e virou-se no sofá para tentar voltar a dormir.

"Nunca deveria ter te dado às chaves."

Dante bufou. "Você diz isso como se não tê-las me impedisse de entrar se eu quisesse."

Gio odiava seu irmão um pouco mais sabendo que era verdade. "Saia da minha casa."

"Não é possível."

"Por que não?" Gio rosnou.

"É domingo."

"Estou ciente de que dia é hoje. E daí?"

"*Missa*, cara. E nesse ritmo, nós vamos chegar trinta minutos atrasados na missa. Mamãe vai surrar sua bunda se você não estiver sentado naquele banco, Gio."

Gio franziu a testa sob o cobertor. "Ela não recebeu o maldito memorando?"

"Ahn?"

"O Papa excomungou a máfia, Dante."

Gio ansiava para dormir em um domingo pela primeira vez na história. Ser católico para a sua família era sobre a religião e a imagem que isso fornecia ao público. Elas eram boas, as pessoas tementes a Deus. Certamente, não a família do crime *Marcello Cosa Nostra* que governava mais de sessenta

por cento de Nova York com punho de ferro.

"Ela se convenceu de que isso não se aplica a nós", disse Dante levianamente.

Essa atitude despreocupada e feliz de seu irmão fez Gio querer se levantar e acertar Dante nas bolas. Ninguém deveria estar feliz em um fodido domingo de manhã.

"Jesus, irmãozinho." Dante puxou o cobertor de Gio. "O que diabos você fez com você?"

Gio apertou os olhos, desejando afastar a luz novamente e que sua memória voltasse. Nada veio à mente. "Eu não sei do que você está falando."

"Mamãe vai te matar", Dante adicionou como se fosse um simples comentário.

"Pelo que?dormir?"

"Não, esse olho preto e lábio cortado. Ser visto na igreja parecendo ter passado por alguns rounds e fedendo desse jeito também."

Gio gemeu, finalmente lembrando de sua luta de boxe de fim de noite na academia e a festa antes. "Eu acho que não irei à missa."

"Onde está Cain?" Perguntou Dante.

Cain, o Rottweiler e amoroso companheiro fiel de Gio, era a única coisa que poderia fazê-lo se levantar. Hoje não era exceção, mesmo com sua ressaca furiosa.

Gio assobiou, sentando-se de frente ao sofá. Correndo os dedos pelo cabelo marrom escuro e curto, ele podia sentir os restos de seu suor e luta. Nojento — era assim que ele se sentia. Um banho, sem dúvida, estava na lista.

Nem dois segundos depois, uma forma preta e escura se sentou no chão ao lado de Gio. Cain bufou seu hálito quente. Grandes olhos negros observavam seu mestre com expectativa. Gio tinha certeza de que havia uma

ponta de culpa por trás do olhar. O Rottweiler, no ponto de vista de Gio, era diferente de qualquer outro cão ou animal que já conheceu. O cachorro agarrou o coração dele com sua forma peluda. Claro, ele poderia ser um filho da puta bravo quando Gio precisava que Cain fosse, mas, por outro lado, ele era um bebezão.

"Você estava na minha cama de novo, não é?"

Cain bufou em resposta, cutucando o nariz ao longo do jeans de Gio.

"Provavelmente, tem seu cheiro agora, seu bastardo."

Dante riu baixinho. "Pelo menos, ele não estragou suas coisas."

Ainda.

Era apenas uma questão de tempo antes que o cão começasse a manifestar seu desejo pelo seu mestre em formas mais destrutivas.

"Se você não tirar essa bunda desse sofá e se arrumar para a missa, você vai estar em mais merda do que já está", Dante avisou.

Foda-se esse dia.

* * *

"Pare de pegar no meu pé", Gio disse bruscamente, esquivando-se do polegar com saliva de sua mãe. O que havia com as mães italianas e seus filhos? Não importaria se ele tivesse quarenta anos, ela ainda iria tratá-lo como um bebê. Gio não sabia como seus irmãos aguentavam esse absurdo. "Estou bem, *mamãe*."

Cecelia Marcello estalou a língua censurando. "Pare com isso, Giovanni. Seu pobre olho precisa de gelo. Que tipo de mãe eu seria se eu não me preocupasse? *Buono Dio*, você não pode ficar longe de problemas pelo menos por um dia?"

Não.

Porra. Ele desejou que a sensação de náusea no estômago fosse embora. Terminar a missa sem vomitar tinha sido um milagre. O ecstasy não se misturou bem com o licor que ele tomou após a luta. Gio sabia que não era bom misturar essa merda com álcool, de qualquer maneira.

Controle-se, Gio disse a si mesmo. Ele tinha essa merda sob controle.

"Eu estou bem", ele repetiu quando Cecelia tentou passar seu polegar na bochecha dele novamente. Sério, essa merda era nojenta.

"Sério? Porque a cor verde que você está ostentando não parece nada..."

"Giovanni David Marcello!"

Gio suprimiu um tremor em seu nome completo saindo da boca de seu pai. Eles estavam em um lugar público, nos degraus da igreja, e seu pai não era de dar uma surra verbal na frente de todas as pessoas tementes a Deus. Afinal de contas, eles viam essas pessoas todos os domingos, e os Marcellos tinham uma reputação a zelar.

Mas quando Antony o pegasse sozinho, não seria a mesma história.

Merda.

Dante estremeceu por seu irmão mais novo e, gentilmente, puxou o cotovelo de sua mãe para levá-la pelas escadas da igreja. Então, por cima do ombro, Dante murmurou, "apenas sorria e acene".

Certo...

"Meu carro, agora", Antony rosnou em voz baixa.

Gio se encolheu. "Dante me trouxe. Meu telefone está no carro dele. Assim como o meu casaco."

"Você pode pegá-los no jantar esta noite."

O olhar de Antony esfaqueou Gio para que ele não sugerisse que a ordem dele estava em discussão.

Ainda assim, Gio tentou. "Você não veio com a mamãe?"

"Dante vai levá-la para casa. Pelo menos, dois dos meus filhos são

responsáveis o suficiente para que eu possa contar com eles para fazer as coisas sem eu ter que pedir ou verificar depois, a cada fodido segundo, sem me preocupar quando não for necessário."

Porra. Isso estava se transformando em um dia ainda pior.

"Pai..."

"Vá. Para. O. Meu. Carro. Gio."

Cada palavra tinha sido proferida entre os dentes cerrados. Gio não estava lidando com Antony, seu pai, mas sim com Antony, seu chefe. Isso não traria nada de bom. Antony era tranquilo quando se tratava de Gio e os negócios. Gio era um bom capo. Um dos que mais ganhava em sua família *Cosa Nostra*. Antony tinha seu temperamento e poderia se transformar em um chefe criminoso frio, o qual todo mundo teria medo em um piscar de olhos. Gio não era exceção a isso.

"Tudo bem", disse Gio, descendo os longos degraus da igreja enquanto seu pai seguia atrás com raiva.

No carro, o silêncio era ensurdecedor. Antony não desligou o motor, em vez disso, agarrou o volante e olhou do lado de fora, como se ele quisesse que o mundo o engolissem inteiro.

Gio decidiu que ele deveria falar ou a raiva de seu pai cresceria até que ele explodisse. "Eu não sabia que viria para a igreja hoje, depois da coisa toda com o Papa."

"É claro que viria", Antony murmurou com som de escárnio. "Sabe quanto dinheiro meu que vem desta igreja vai para o Vaticano? Um monte, Gio. Pode ser para caridade, mas confie que o Papa está pegando sua fodida parte. A igreja sempre funcionou dessa maneira. É tão corrupta como tudo neste mundo maldito. Nós somos católicos, filho. Sempre seremos católicos, sendo mafiosos ou não. Nós vamos à igreja como sempre fizemos, independentemente das opiniões que saem da Itália."

Antony olhou para Gio de lado, suspirando. "Seu olho está horrível. Aprenda a usar corretivo para não preocupar sua mãe. Você, pelo menos, ganhou?"

Gio bufou. A diversão se desvaneceu rapidamente. Ele não conseguia lembrar se ele tinha ganhado a luta de boxe ou não.

"E aí?" Perguntou Antony.

"Eu..." Gio não queria admitir a sua perda de memória a seu pai.

"Oh, Gio."

"Provavelmente", Gio disse para desviar o súbito interesse de seu pai olhando para ele como se ele fosse um menino perdido. Quando Antony o tratava como uma criança precisando de atenção extra ao invés de um homem que queria ser deixado em paz, Gio sentia vontade de vomitar. "Eu costumo ganhar."

"Giovanni."

Gio olhou para fora da janela, evitando seu pai. "O quê?"

"O negócio está indo bem e as ruas ainda são o que você quer fazer, certo? Eu posso descobrir outra coisa se não for."

Era tudo que Gio sempre quis fazer.

"Eu amo fazer isso. Você sabe disso. Eu não vou voltar para a faculdade aos vinte e cinco. Isso não vai acontecer."

"Imaginei", Antony respondeu, franzindo o cenho.

As ruas, e ser um capo eram as únicas razões de Gio não ter recebido sua herança, como seus irmãos. Antony exigiu que seus filhos tivessem uma educação e uma carreira que não envolvesse a máfia para receber sua herança. Gio abandonou a faculdade dois anos depois de iniciar e colocou toda a sua energia e tempo em ser o Skip.

Claro, seus irmãos eram financeiramente melhores que ele, mas Gio não queria viver o mesmo tipo de vida de luxo que Lucian e Dante tinham.

Além disso, suas contas no exterior tinham o suficiente para mantê-lo confortável.

"Você deve se orgulhar de mim, sabe", disse Gio, tentando conter o seu nível de voz e a emoção. "Eu trabalho duro pra caralho. Eu me sustento. Eu tenho feito isso desde o dia que abandonei a faculdade. Eu não pedi nada a você. Eu fiz isso porque isso era o que você queria que eu fizesse."

Antony sacudiu a cabeça, tristeza colorindo seus familiares olhos verdes. "E você mal conseguiu manter sua cabeça acima da água durante todo o tempo, Gio. Você não sabe como é para sua mãe e para mim. Preocupar-se constantemente. Eu não quero me preocupar com você, filho. Eu quero que você seja capaz de ser um adulto o tempo todo, e não apenas parte dele."

Isso chateou Gio como nada mais. Ele não queria ouvir mais uma palestra. "Porra, estou de saco cheio dessa conversa."

As mãos de Antony bateram no volante com tanta força que algo estalou. Se era o carro ou um osso, Gio não tinha certeza. Seu pai nem sequer pestanejou. "Quanto tempo você vai fazer isso? Andar em um nevoeiro o tempo todo. Viver uma vida arrogante nas ruas. Sei que você quer fazer as coisas do seu próprio jeito. Não significa, necessariamente, que você vai ser como Dante ou Lucian. Droga, Gio, eu percebi isso há *anos*."

Antony suspirou duramente. "Talvez, se eu não precisasse me preocupar com o seu jeito de fazer as coisas, eu poderia ficar bem em acreditar em você quando você diz que está bem e gostaria de ser deixado em paz. Eu continuo lhe perguntando o que você precisa para levá-lo a um lugar melhor, mas você nunca parece ter resposta para mim. O que você precisa, Gio?"

Reprimindo sua raiva, Gio disse: "Você fala como se eu estivesse rastejando no fundo do poço aqui."

"E você está?" Antony perguntou em voz baixa.

"Não!"

"Então por que eu sinto que seria melhor ligar para essa clínica de reabilitação no México todo dia, Gio? Por que a sua mãe continua exigindo que eu o pressione?"

A testa de Gio franziu. "México?"

"Há uma clínica lá. Seus métodos não são... não são aceitáveis nos Estados Unidos. É por isso que eles estão localizados no México, onde as leis são menos rigorosas."

"*Cristo!*"

"Não gosto disso", Antony murmurou sob sua respiração. "Eu não o colocaria em um lugar onde a sua segurança estivesse em risco."

"Você não vai me colocar em porra de lugar nenhum!" Gio latiu de volta.

Antony pigarreou, dando de ombros. "Esse é o método que eu mencionei. Você não tem escolha. Você nem seria avisado. Eu não preciso me preocupar com a política de leis sobre colocá-lo em um programa. Você vai forçado ou não, mas, de uma forma ou de outra, você vai e você vai ficar. Você vai ficar limpo e saudável nem que leve seis meses ou dois anos. E eles o enviam de volta para casa. Simples."

Por que isso pareceu uma ameaça?

A raiva e a descrença fervendo através de Gio fizeram suas mãos tremerem. "Eu não sou um viciado fora de controle só porque eu gosto de festejar e me divertir. Eu me cuido muito bem."

"Então vai funcionar. Parabéns, Gio. Muitos conseguem."

"Essa porra é ridícula."

"Eu não disse que eu liguei pra lá, ainda não."

Novamente com as ameaças veladas.

"Não jogue esses jogos comigo, pai. Diga o que você precisa dizer e

acabe logo com isso."

"Seja honesto comigo pelo menos uma vez, Gio. Algo que talvez eu possa trabalhar. Se isso começa a afetar os negócios..."

"Eu estou bem. Só porque você sente que falhou em alguma parte, não atire isso nas minhas costas. O que você quer ser, o meu pai ou o meu Don? Eu estou de mãos atadas, Antony."

Os dedos de Antony agarraram o volante até ficarem brancos. "Você é um bom capo, Gio."

"Obrigado pelo memorando que eu não precisava."

"Mas você não foi um bom filho por um longo tempo."

Ai.

"A reunião com a comissão é na próxima semana. Eu preciso que você participe sem problemas, Gio. Eu não posso admitir que as pessoas vejam as rachaduras na fundação da minha família. Estou cansado de jogar jogos. Você quer que eu faça uma escolha, então eu vou fazer. Você quer que eu o trate como eu trato todos os outros, então eu vou fazer isso. Esteja lá com o seu irmão e sóbrio."

"E não foda com isso ou o México será a última coisa com que você vai se preocupar", Antony terminou antes de ligar o carro. "Está claro o suficiente, Giovanni?"

Gio pensava assim.

"Como cristal."

Capítulo Quatro

"E isso, — Dante levantou, seu ponteiro vermelho circulando todo o distrito de Nova York — vai, naturalmente, ser nosso."

"Claro", veio uma resposta nitidamente irritada da esquerda de Gio.

"Você está tendo problema com o território que tem sido meu desde sempre porque eu trabalho melhor do que você, e continuará sendo assim, e tem contatos que mantêm os oficiais longe?" Perguntou Antony, voltando-se para olhar para o amigo Don. "Porque, se sim, podemos voltar a discutir os quarenta quarteirões que eu entreguei no ano passado por respeito e bondade do meu coração muito negro."

O chefe à esquerda de Gio tossiu desconfortável. "Fique com o distrito, Antony. Só estou dizendo, você está falindo algumas das famílias menores fazendo-as pagar um preço muito alto para trabalhar no seu território."

"Essa é a vida", Antony respondeu indiferente. "Se eles não conseguem se manter ou descobrir uma maneira melhor para trabalhar, isso não é problema meu. Eu não tenho nenhum problema em removê-los dessa forma. Mesmo que, assim, leve mais tempo. Terei prazer em assumir os capos de Arturo e suas ruas quando ele finalmente sucumbir ao inevitável."

"Eu não disse que era Art..."

"Por favor, não me trate como uma idiota, Carl. Eu não sou um de seus filhos. Sei exatamente de quem você está falando. Eu só não dou a mínima. Se ele quiser ter sucesso, então ele precisa trabalhar para isso."

Gio suprimiu seu sorriso com o tom de seu pai. Era uma mistura de não-foda-comigo e eu-vou-te-arruinar. Essa era a atitude habitual de Antony quando se tratava das reuniões da comissão. Não tinha havido um chefe dos

chefes em décadas, até onde Gio sabia, mas seu pai estava muito próximo disso. Ser a família dominante dava aos Marcellos essa vantagem.

A reunião da comissão era um evento delicado e cuidadosamente planejado. Não era tarefa fácil colocar os principais seis chefes do crime da América do Norte na mesma sala com os seus associados sem que os policiais descobrissem. O local era cuidadosamente escolhido para garantir que não houvesse escutas, e aqueles que podiam voavam para a cidade em particular. Aqueles que vinham de fora da cidade faziam check-in em hotéis usando nomes falsos e mantinham o máximo de discrição.

Era uma arte fazer o trabalho e mantê-lo confidencial.

A Comissão era composta por seis chefes. Todos trouxeram pelo menos um homem, embora alguns tenham trazido dois ou três. Era esperado que os chefes discutissem questões que tinham surgido durante o ano passado e novos negócios. Se eles fossem convidados a virem, os consiglieres e subchefes falariam em nome de seus chefes também. Não era, de forma alguma, aceitável para um capo como Gio enfrentar qualquer um em discussões de negócios, a menos que o seu parecer fosse solicitado ou que a palavra fosse especificamente dirigida a ele.

Dos seis chefes, cinco eram Dons para suas famílias *Cosa Nostra*, e apenas um era considerado líder próprio. A Chicago Outfit nunca aceitou plenamente as regras e crenças de *La Cosa Nostra*, mesmo com sua herança principalmente italiana. O líder era uma boa voz para os pequenos sindicatos que trabalham ao redor dele, então seu assento na comissão foi dado.

A família Guzzi veio de Ontário, Canadá. O chefe desse setor sempre se sentava à ponta da mesa com seu consigliere e falava muito pouco, a menos que precisasse de algo diretamente de outra pessoa, o que era raro. Ele era o mais fácil de lidar dos seis, francamente.

Havia três principais famílias de Nova York, incluindo a família

Calabrese, a família Donati e os Marcellos. Eles tomavam um lado inteiro da mesa. As três famílias aprenderam a trabalhar juntas ou enfrentariam as consequências de uma sangrenta guerra do centro da cidade entre eles. Havia algumas famílias menores que trabalhavam dentro e ao redor de cada grande família — sempre pagando dívidas — por isso, independente do território em que estavam, essa grande família falava por eles.

Todos os anos, na reunião da comissão, eles se sentavam para redesenhar linhas de território em um mapa de Nova York. As linhas raramente mudam, mas, ocasionalmente, eram necessárias para simplesmente provar algo. Esse sempre era um bom lembrete de qual família detinha o maior território também — os Marcellos.

Então, havia uma grande família de Vegas que estava sentada em frente aos Marcellos com a Chicago Outfit ajudando a preencher seu lado.

Maximo Sorrento, ou Max, como ele preferia, se sentou em frente ao pai de Gio na grande mesa. O *Sorrento Cosa Nostra* era a terceira maior família do crime italiano na América do Norte. Maximo mais do que ganhou seu lugar na comissão.

Maximo era um bom chefe. Ele geria sua família duramente, sem perguntas e sem aceitar desculpas. Gio seria ridículo se não reconhecesse todo o bem que Maximo fazia quando se tratava de ser Don para sua família.

Havia apenas uma coisa que Gio não gostava sobre a família Sorrento. Ou melhor, uma pessoa. O único filho de Maximo.

"*Come stai*, Gio?" Perguntou Franco.

A mandíbula de Gio se contraiu ao seu nome sair da boca daquele desgraçado. "*Bene*. Você?"

Educação era um traço que a mãe de Gio tinha ensinado a todos os seus filhos, e ele odiava que este era um daqueles momentos em que ele tinha que ser legal. Havia muitos mafiosos importantes lá para Gio mandar Franco ir se

foder.

"Nada mal. Os últimos meses têm sido interessantes. Certamente ativo, de qualquer maneira. Eu não posso dizer que estou particularmente aborrecido. Desculpe ter perdido o casamento de Lucian. Ouvi dizer que foi... enorme."

"Foi", Gio respondeu.

Dante estava sentado ao lado de Gio em silêncio. Sem dúvida, seu irmão mais velho estava tão tenso como uma pedra e pronto para explodir como um fio desencapado se necessário. História era uma grande forma de prever resultados futuros. Se a história tivesse alguma coisa a dizer sobre as últimas interações entre Gio e Franco... isso não acabaria bem.

Franco Sorrento era um idiota da pior laia. Superior. Mimado. Favorecido. Do que quer que alguém quisesse chamá-lo o homem era. Talvez Gio pudesse lidar com a sua arrogância se Franco, pelo menos, tentasse esconder isso às vezes. O cara jogava as coisas em cima dos outros como se não tivesse outra maneira de fazer isso. Franco assumiu a história de seu pai e mais respeito que merecia lhe proporcionou alguma liberdade.

Não deveria. Essa merda tinha que ser merecida. Franco não merecia.

Gio estava prestes a lembrar o idiota o porquê disso.

Franco também tinha o mau hábito de abrir o bico para as pessoas que ele não tinha absolutamente nenhum controle. Em sua própria maldita família, essa merda poderia funcionar, mas não quando se tratava de outra pessoa. Esse comportamento vinha acontecendo durante o tempo em que Gio conseguia se lembrar, no entanto.

Sucesso em Vegas não significava muito em Nova York.

Era lamentável Antony ser tão bom amigo de Maximo como ele era, porque Franco precisava seriamente ser posto em seu lugar... ou talvez ser tirado de seu pedestal completamente. Gio, de bom grado, faria isso.

"Pare de agir como se você fosse saltar de sua cadeira", Dante assobiou para Gio quando Franco se virou para ouvir o seu próprio pai falar. "Acalme-se, cara."

A antipatia de Gio pelo homem do outro lado da mesa não era um grande segredo.

"É um bom negócio", disse Maximo para Antony. "Venho tentando algo novo, de qualquer maneira. Sua família predomina, então é bom que eu lhe ofereça a oportunidade de trabalhar comigo."

"Eu vou pensar sobre isso", Antony respondeu. "Parece pequeno, porém. Você sabe como eu não me envolvo em um absurdo como esse. Pouco lucro para um monte de trabalho. Eu teria que colocar alguém em Vegas por um tempo. Eu não sei quem eu estaria disposto a enviar para lá, não importa como isso funcionaria para eles estando no seu território."

"Mas isso cresce rápido", disse Maximo com um sorriso. "E nós resolveremos as pequenas coisas como sempre fazemos."

"Eu gostaria de experimentar. Ou, pelo menos, enviar alguém para dar uma olhada por um mês ou dois e ver como isso vai funcionar", Paulie, o consigliere de Antony, disse a seu chefe. "De qualquer forma, só observar antes de investir dinheiro não acarretará perdas para nós."

Do que diabos eles estavam falando mesmo?

Gio tinha estado tão focado em manter a calma ao redor de Franco que ele se esqueceu de prestar atenção nas pessoas falando. Claramente, eles tinham passado de falar sobre a demarcação de território em Nova York para relações comerciais. Merda.

"Gio tem algumas participações em alguns cassinos menores por lá. Não é, cara?" perguntou Dante.

Gio não queria seu nome sendo colocado em algo que ele não conhecia. E Vegas não parecia divertida no momento. "O quê?"

"Preste atenção, Gio. Você está deixando a peteca cair", disse Franco, com um sorriso brincando no canto dos lábios.

Porra. Gio mal conseguiu manter essas palavras dentro de sua cabeça sem deixá-las para fora de sua boca. Se olhares pudessem matar, a cabeça de Franco teria feito parte da arte conceitual na parede atrás dele.

Gio sempre apreciaria uma boa arte.

Olhando para Franco, Gio disse: "Quatro cassinos. E são, em sua maioria, pequenas ações. Nada enorme. Certamente, não grande o suficiente para que eu tenha alguma palavra a dizer nisso."

"Você ainda tem negócios lá, no entanto", disse Antony. "Pode ser a sua desculpa para passar um tempo em Las Vegas."

"Por que eu iria querer ir para Vegas?" Perguntou Gio. "Eu perderia um monte de dinheiro aqui se passasse até mesmo um mês fora da cidade."

"Lucian seria melhor, se você estiver pensando em enviar um capo de sua confiança", Franco fala. "Ele tem um gosto melhor para carros importados. Ele entende o valor e o aprecia. Gio ainda está pensando pequeno. Que pena, eu achei que ele teria alcançado seus irmãos a essa altura."

Gio o encarou contido à mesa. Merdas como essa sendo atiradas eram o motivo pelo qual ele desprezava Franco. O idiota não tinha absolutamente nenhuma ideia do por que Gio havia escolhido viver a sua vida desse jeito. Não havia competição entre os irmãos Marcello pessoalmente ou nos negócios.

Antes que Gio pudesse mandar Franco engolir a porra da sua opinião, Antony disse, "Lucian está casado há apenas três meses. Eu não vou enviá-lo para longe de sua nova esposa agora. Ele trabalha duro e merece uma folga de vez em quando."

"Eu concordo", disse Maximo. "Eu não tive a chance de dizer a ele que

a minha esposa adorou o casamento, a propósito. Tivemos que sair naquela noite. Infelizmente, eu não posso deixar as coisas sem supervisão em casa por muito tempo."

Gio sorriu, rindo baixinho com a visão de Maximo dando a seu filho um olhar aguçado. Obviamente, o mais jovem Marcello não era o único com problemas à mesa. Franco não estava agradando seu pai. Isso nunca foi uma coisa boa no mundo de Franco.

Não demorou muito para que as conversas dos homens se virassem para o lado dos negócios. Gio tentou manter sua atenção voltada para os assuntos em questão, mas o seu tédio rapidamente o apanhou, e ele se desligou.

"*Nah*, as Ilhas Cayman são, de longe, o melhor local para esconder dinheiro no estrangeiro."

"Eu concordo", disse Dante. "Menos custo quando é mascarado em uma conta legítima, e com isso acabam sendo sempre a primeira escolha. Honestamente, eles não dão a mínima de onde vem o dinheiro, desde que eles sejam pagos para guardá-lo."

Gio suspirou desejando poder ir embora. Enquanto os maiores problemas eram tratados pela primeira vez na reunião da comissão, os menores, que não eram realmente problemas que precisavam de atenção, poderiam demorar uma eternidade.

Outra conversa chamou sua atenção, mas pouco.

"Talvez", disse Antony, soando quase entediado. "Eu vou pensar nisso, Maximo. Franco estava certo sobre Lucian ter um melhor respeito por essas marcas de carros, mas poderia ser bom para Gio ficar algum tempo longe da cidade."

Ah, de jeito nenhum.

Gio se forçou a ficar quieto.

"Falando sobre passar algum tempo longe da cidade, — disse Maximo, excitação inundando seu tom — o que estará fazendo em alguns meses, velho amigo?"

"É difícil dizer", Antony respondeu. "Se for algo importante o suficiente, eu poderia resolver algumas coisas. Não poderia ser por muito tempo, é claro."

"Que tal um casamento? Isso é importante o suficiente para você?"

Antony riu. "Quem está querendo se amarrar?"

"Meu Franco", Maximo informou.

Franco não pareceu dar a seu pai qualquer atenção enquanto Max discutia as núpcias por vir. Era como se o assunto não lhe interessasse ou simplesmente não era importante o suficiente para chamar sua atenção. O casamento seria um evento importante para a família Sorrento. Tão grande quanto o de Lucian tinha sido para os Marcellos, mas por razões completamente diferentes. Lucian foi o primeiro da família Marcello a se casar, enquanto Franco era o único filho de seu pai.

Não importava. Gio não conseguia se acostumar à ideia. Quem diabos se casaria com aquele idiota? Não era como se Gio fosse um santo, mas Franco superava no quesito mulherengo. Gio ouviu as histórias sobre como Franco tratava as mulheres. O cara poderia ser um pouco bruto. Gio se sentiu mal pela mulher que foi colocada nessa bagunça.

"Quem é a garota de sorte?" Perguntou Antony.

Gio não sabia como ele conseguia não zombar.

Sortuda. Claro.

"Eu não sei se você a conheceu pessoalmente ou não", Maximo respondeu. "Comecei dando a Franco um pouco mais de liberdade com algumas das famílias nos negócios e foi assim que ele se deparou com a jovem. Eu sei que você não gosta da família, mas é a filha de Nunz Abella, na

verdade."

Gio ouviu os dentes de seu pai rangerem a dois assentos de distância. Se houvesse qualquer coisa que poderia colocar a ira de Antony de zero a sessenta, era o nome de Nunz.

"Não leve isso como algo pessoal se eu recusar o convite, Max. Você sabe como me sinto sobre esse homem."

"Eu não levaria, dada a história. Mas não poderia, pela minha família, deixar isso pra lá por um dia? Para o bem da nossa amizade."

Todos os olhos na sala se viraram para Antony, a pergunta deixando implicações pesadas. Aceitar a posição de alguém e tolerar perto era uma coisa, mas o que Max estava pedindo implicava em um sentimento de perdão. Não era tão fácil, e o Don Sorrento deveria saber disso antes mesmo de sugerir o que ele sugeriu.

"Antony não concede misericórdia, mesmo que seja conquistada", Terrance, o líder da Chicago Outfit disse, com uma pitada de diversão em sua voz. "Eu deveria saber. Nós não tivemos uma boa conversa em dois anos depois da nossa pequena confusão.

"Aquilo não foi uma confusão", Dante respondeu, seu olhar atravessando a mesa. "Seus homens, conscientemente, usaram nossas portas de acesso sem permissão e, quando confrontados, mataram três soldados do meu irmão para tentar esconder o que tinham feito. É um fodido ultraje você ainda se recusar a pedir desculpas."

"Eu não lhes dei ordens para fazer nada daquilo, então um pedido de desculpas de mim é inútil."

Dante sorriu. "E é exatamente por isso que nossas famílias não tiveram uma boa conversa em dois anos."

Antony, como o Don cavalheiro que ele era, nem sequer deu atenção. Em vez disso, ele olhou para Maximo e suspirou. "Você está me colocando

em uma posição de merda aqui, Max."

"Como assim? Nós estamos tendo uma conversa amigável sobre as coisas", Maximo disse calmamente.

"Meus sentimentos sobre Nunz e seus constantes esforços para me irritar, de alguma forma, são conhecidos publicamente. O homem é uma cobra." Antony se recostou na cadeira e cruzou os braços. "Não, isso é uma palavra muito boa. Ele é um verme, sempre tentando se meter nas coisas que não são da conta dele. É bom ver que há pelo menos um Don nesta sala que respeita a posição que lhe é devida nesta mesa. Você pode apostar que ele nunca me respeitou assim."

"Minha família..."

"Não tem nada a ver com você ou sua família, o que você está bem ciente", Antony interrompeu bruscamente. "É o fato de ele casar a filha dele, mesmo que seja com seu filho. O fim do jogo permanece o mesmo. A filha está sendo casada em uma família *Cosa Nostra*. O foco está na família dela por causa de sua posição. Eu não posso apoiar alguém que ignora ostensivamente meu posto quando estou ao lado dele."

"Certamente, poderíamos falar sobre isso a partir de um ponto de vista da amizade, e não do negócio, Antony."

Gio arriscou olhar para seu pai. Antony estava sentado ereto com a mandíbula tensa, mas um olhar indiferente.

"Claro que podíamos, Max. Mas, nesse caso, talvez, você devesse ter me cedido a cortesia de discutirmos em privado antes de tentar me encurralar nisso perguntando nesta reunião. Agora, não vamos conversar sobre isso. Se você quer misturar seu sangue e negócios com Nunz Abella, sintase livre. Eu, no entanto, lavei as mãos para aquela confusão há muito tempo."

Terrance riu baixo. "Se é assim que você se sente sobre um homem que diz não ter nada a ver com a morte de três de seus homens, eu odiaria ouvir

como você realmente se sente sobre mim, Antony."

Gio estremeceu, desejando estar em qualquer lugar, menos nesta sala.

Antony se virou lentamente para olhar para o líder da Chicago Outfit com uma expressão vazia. "Não sinto nada quando se trata de você, Terrance. Se você seguisse as regras de *La Cosa Nostra* como todo mundo nesta sala, eu prometo que o sentimento não seria o mesmo."

"Como assim?"

"Você teria sido um homem morto há muito tempo. Considere a sua vida um bônus meu e nada mais."

Isso ia ser um dia longo do caralho.

* * *

Gio jogou o resto do cigarro no chão, assobiando para Cain fazer o que tinha que fazer e voltar para o Escalade. Ele não se atreveu a deixar o cachorro em seu apartamento, sozinho o dia todo. Não, só se ele quisesse encontrar coisas destruídas quando chegasse em casa.

Cada hora ou algo assim, a reunião da comissão fazia uma pausa curta. Essas pausas permitiam que Gio saísse e deixasse Cain descer do veículo para correr e fazer as suas coisas. O ar frio de janeiro encontrou as bochechas expostas de Gio.

"Vamos, Cain!" Gio gritou, observando quando o rabo abanando desapareceu na parte de trás do Mercedes de Dante.

"Você tem mais alguns minutos antes deles começarem de novo."

Franco se aproximou do Escalade, inclinando-se contra o veículo com o ombro apoiado. Gio se absteve de mandar Franco desencostar de seu veículo antes dele arranhá-lo. Por pouco.

"Obrigado", Gio respondeu.

De repente, Gio sentiu vontade de acender outro cigarro. Tirando um Marlboro, ele acendeu e inalou, permitindo que a fumaça tirasse um pouco do estresse do dia.

"Esse é o mesmo SUV do ano passado?" Perguntou Franco, olhando para o Escalade de Gio.

"Eu comprei no ano passado", respondeu Gio. "Ele ainda está novo."

"Já está na hora de trocar, cara."

Gio revirou os olhos, dando outra tragada no cigarro. "Eu não coleciono carros como o meu pai. Eu não preciso de uma frota de veículos. Um é suficiente."

"Claro, mas algo novo sempre é bom para os olhos também."

"Não para mim."

"Você pensa pequeno", disse Franco, repetindo a frase do início da reunião.

Gio encarou Franco irritado. A maioria de suas conversas no passado eram geralmente cheias de desprezo. Ele não entendia por que Franco queria ficar de conversa fiada. A indiferença de Gio deveria ter sido dica o suficiente de que ele não estava querendo levar adiante uma conversa educada com o homem.

"O que você quer, Franco?" Perguntou Gio, imaginando que ele deveria ir direto ao ponto.

Franco deu de ombros, tirando as mãos dos bolsos. "Tentando ser legal, Gio."

"Por quê?"

"Dante ainda é solteiro, não é?"

O que diabos o status de relacionamento de seu irmão tinha a ver com a conversa atual?

"E daí?" Perguntou Gio.

"Parece que este ano a paciência de Antony está menor do que a habitual. Quanto tempo antes dele se cansar desse comportamento? A posição de Lucian pode ser um pouco mais frágil para a comissão agora que ele está tendo um caso com uma estranha. Dante evita a ideia de se casar o tempo todo. Você está se divertindo muito jogando em seus territórios."

Ok, agora Gio estava realmente irritado com Franco xeretando por aí. Sem mencionar que houve uma série de informações que Franco simplesmente jorrou e não tinha nada que ter jorrado, de qualquer maneira.

"De alguma forma, tive a sensação de que você acabou de insultar todo homem em minha família em menos de cinco segundos. Eu sugiro que você cale a boca enquanto está ganhando."

Franco sorriu. "Estamos ganhando, não estamos?"

"Perdão?"

"Os Sorrentos, estamos ganhando. Pode não parecer, mas estamos nessa direção. Eu odiaria pensar que uma mudança de poder poderia ser necessária, mas é difícil não sentir isso no ar. Afinal, a família dominante não tem que ser de Nova Iorque."

Gio fez uma careta. "Vá para o inferno, Franco. Você está extrapolando."

"Estou? Você acha que ninguém reparou que Lucian não compareceu a sua primeira reunião da comissão em anos, pouco tempo depois do seu casamento? Ou o fato de que Antony nem sequer se preocupou em abordar o assunto de escolher um sucessor para os Marcellos? Então, tem você."

"E quanto a mim, Franco?"

"Merda. Não pude deixar de notar o quão agitado você fica por qualquer coisa. Aposto que ainda desfruta de uma boa festa como você sempre fez. Há um centro de reabilitação em seu futuro, Gio?"

A mandíbula de Gio endureceu. Ele estava farto de Franco tentando

irritá-lo. Seus nervos estavam tensos o suficiente sem esse idiota sobre ele.

Assobiando acentuadamente, Gio chamou Cain para o Escalade mais uma vez. O cão veio e Gio abriu a porta do lado do passageiro. Cain saltou e Gio rolou a janela até a metade antes de fechar a porta. Apesar de estar frio lá fora, Gio deixou o Escalade ligado para Cain não congelar. Se alguém fosse capaz de roubar o seu veículo com Cain dentro, o filho da puta sortudo poderia ficar com ele.

"Obrigado pela conversa, Franco, mas terminamos aqui. Eu não tenho tempo para suas bobagens."

Franco se afastou do veículo, dando um passo para mais perto de Gio até que os dois homens estavam a uma certa distância. A proximidade incomodou Gio, mas ele não demonstrou isso. Franco levantou a sobrancelha desafiadoramente.

Gio sabia que era melhor não cutucar o urso. Era exatamente o que o idiota queria, e Gio se recusou a fazer isso. Além disso, Antony não ficaria satisfeito se Gio fizesse besteira depois de sua conversa na semana anterior.

"Quando a mudança no poder começar a acontecer, — e vai — vai te corroer saber que serei eu tomando as principais decisões nessas reuniões, e não um de seus irmãos inúteis. Afinal de contas, nós nunca fomos amigos como os nossos pais são, e eu não fui criado para bancar o bonzinho como você."

Gio ficou imóvel, imperturbável. "Claramente, você não me conhece. Você não me assusta, Franco. E se você insultar um dos meus irmãos de novo, eu vou, com prazer, me certificar que a última coisa que você sentirá gosto é do metal da minha arma quando eu empurrá-la em sua fodida garganta."

Franco se aproximou ainda mais de Gio, mas ele não teve a chance de avançar além disso. Cain estava na janela aberta em um piscar de olhos.

Mostrando os dentes, saliva voou, e os latidos guturais eram altos o suficiente para alertar qualquer ser vivo perto de Gio a se afastar. Cain transformou-se em uma besta negra pronta para matar em um piscar de olhos. O focinho do cão abria e fechava a apenas centímetros da cabeça de Franco, as patas do tamanho de um pires arranhando o buraco, como se fosse impulsionar-se para frente do veículo.

"Merda!" Franco não perdeu tempo em se afastar rapidamente. "Vira-lata do caralho."

Gio estendeu a mão para acariciar Cain, acalmando o ruído do cão. Cain não tirou os olhos de Franco. Era divertido ver um pouco de choque e medo nos olhos do idiota.

"O que eu disse ainda permanece, Gio", Franco murmurou. "Sua família está perdendo."

"Se você ao menos soubesse o que está falando. Marcellos não são bonzinhos, Franco", disse Gio com um sorriso. "Somos muito sujos para isso."

Uma vez que Franco estava fora de vista, Cain se acalmou completamente.

"Esse é meu bom menino", Gio elogiou o seu cachorro, coçando sob o pescoço do animal. Cain ofegou, seu rabo cortado e grosso mexendo tão rápido quanto dava. "Vou pensar em deixá-lo usar os meus sapatos como brinquedos de mastigar apenas por aquele showzinho."

"Você lidou bem com ele. Vou atribuir isso a você estar sóbrio e capaz de pensar em suas ações antes de você reagir." Antony saiu de um lugar escuro, cortando a ponta de seu charuto apagado antes de colocar no bolso do terno. "Obrigado por não fazer uma bagunça."

Gio não estava nem um pouco surpreso quando seu pai fez sua presença conhecida. Em vez de concordar com a avaliação de Antony, Gio continuou a

acariciar Cain através da janela. "Há quanto tempo você estava escondido lá atrás?"

"Tempo suficiente", Antony respondeu vagamente. "Eu precisava de um charuto depois de ter conseguido não matar alguém lá dentro. Franco estava certo; minha paciência está no limite esse ano."

"Eles estavam te pressionando", disse Gio. "Dante até mesmo falou um par de vezes para desviar a conversa, e ele nunca faz isso."

"Verdade." Antony suspirou, inclinando a cabeça na direção que Franco tinha ido. "Eu vejo que Franco ainda continua mimado e superior, mesmo para um homem adulto."

"Quão bons amigos você e Max são?"

"Temos uma longa história, então eu diria que somos muito bons amigos, Gio. Mesmo que ele, ocasionalmente, me tire do sério, eu confio nele."

"Mesmo depois do discurso de Franco?"

"Franco não é o pai dele. Assim como quando um de vocês três falam, vocês não estão falando para mim."

Gio assentiu. "É verdade."

"Max não tem intenção de deixar o cargo de líder de sua família tão cedo. Posso garantir isso. Franco fala como se ano que vem ele fosse se sentar na cadeira de seu pai. Eu odiaria ser o homem que acorda em uma manhã e descobre que o seu filho tem planejado algo contra ele."

"Sim, mas isso é preocupação para Max, e não para nós."

"Não necessariamente", disse Antony sob sua respiração. "Estou muito desconfortável com Franco focado em nós, como se houvesse algo que ele não está dizendo."

"Ele só fez isso para me irritar. Ele faz isso todo ano."

"Você pode estar certo, Gio, mas eu não quero correr o risco de você

não estar."

Gio não estava gostando de onde isso estava indo. "O que você vai fazer sobre isso, então?"

"Eu? Pouco. Tem muita coisa acontecendo aqui para acompanhar." Antony deu de ombros, sorrindo. "Você, por outro lado..."

"Qual é, pai", Gio disse com um gemido. "Eu te disse lá dentro..."

"Desculpe, Gio. As coisas estão estranhas aqui. Adicione o fato de que Franco vai subitamente se casar com a filha de Nunz, seja lá quem diabos ela for, e ele nem sequer reage à notícia de seu próprio casamento, está tudo errado. Só porque ele está crescendo e se estabelecendo não lhe garante automaticamente a posição de seu pai. Franco sabe disso. Algo não está certo para mim. Eu nunca ignorei meus instintos antes e por uma boa razão."

Gio queria que ele os ignorasse agora mesmo se isso significasse o que ele estava imaginando.

"Deixe isso pra lá. Não é da nossa conta, pai."

Antony lançou a ele um olhar, calando Gio. "Pode ser, meu filho. Não olhe somente do lado de Sorrento. Há uma razão para ele ter se concentrado em nós. Se Franco tiver coragem de agir contra seu próprio pai, o que irá impedi-lo de tentar algo contra os Marcellos?"

"Nada", Gio disse calmamente.

"Exatamente. Vá para Vegas, Gio. Max já imagina que eu vou te enviar pra lá para sondar o investimento de exportação de carros de luxo, de qualquer maneira. Se Franco fizer algum movimento, você estará bem no meio de alguns dos caras dele. Esses idiotas falam. Eles não conseguem manter a boca fechada. Se algo acontecer, ou estiver começando a acontecer, você vai ouvir alguma coisa. Eu quero saber o que está acontecendo em Las Vegas."

"Você percebe que você está me metendo com o cara que eu acabei de

ameaçar matar, certo?"

Antony riu. "Eu acredito que você vai ficar longe de problemas."

Gio, com certeza, sabia que não.

Capítulo Cinco

Kim deixou a porta do lado do motorista do novo Mercedes bater mais forte do que o necessário. O carro tinha sido um presente de Franco, só que ela não queria nenhum presente. Presentes eram, geralmente, porque queria ou precisava.

Kim não queria nem precisava de um carro novo.

Franco achou que seu anterior Mazda não era bom o suficiente para ser dirigido pela sua futura esposa. Kim achou o novo carro malditamente pretensioso, dado o fato de que ela não era de mostrar a riqueza da qual tinha vindo, e ela não gostava de pessoas chamativas para começar.

Bem, seu *noivo* não se importava nem um pouco.

Depois de mais uma discussão sobre sua falta de classe e o comportamento que ele considerava adequado, o Mazda dela desapareceu do estacionamento de seu quarto do dormitório na manhã. O novo Mercedes apareceu em seu lugar.

Havia pouca coisa a ser dita para uma mulher irritada. Qualquer homem com um pinga de autopreservação sentiria isso vindo de uma milha de distância e correria tão rápido quanto poderia para ficar longe da confusão que se aproximava. Não Franco.

Não fazia diferença quão lógica à explicação de Kim fosse ou quão educadamente explicava a ele, Franco era tão estúpido quanto um bloco de madeira. O que ele queria era o que ele queria, e o que ele considerava adequado era exatamente o que Kim seria, ela gostando ou não.

O carro era uma das muitas coisas com que Franco teve problema. Rapidamente, as roupas de Kim vieram a ser examinadas por ele. Em vez de

jeans skinny e camisetas para os dias que ela passava na faculdade, de repente, vestidos eram equipamentos permanentes em seu guarda-roupa. Então, ele começou a murmurar sobre sua aparência. O jeito que ela usava o cabelo solto. Ou o fato de que o batom vermelho dava a impressão de que ela estava muito solta.

O que quer que diabos isso significasse.

Kim estava farta disso. O controle estava sufocando-a. Ela estava morrendo.

A voz na parte de trás da mente de Kim foi rápida em apontar que as ações de Franco e comportamentos eram um típico abuso. Emocionalmente e mentalmente, ele estava quebrando Kim de pouco a pouco.

O pequeno círculo de amigos da faculdade de Kim tinham se distanciado nos últimos três meses, irritados com sua falta de presença física e intelectual. Eles não sabiam mais quem ela era por causa das suas mudanças na aparência, demonstrações súbitas de riqueza, e os dois homens enormes de Franco que raramente saíam da sua cola.

Ela se sentia como nada mais do que a porra de uma concha que só sabia sorrir e acenar nas horas certas, mas raramente falava ou dava uma opinião. A jovem animada e descontraída de vinte e um anos de idade estava agarrando-se desesperadamente às aulas da faculdade e dormitório, porque era o último resquício de liberdade que lhe restava.

Muito em breve, isso acabaria também.

Cada parte de Kim que fez dela quem ela era, Franco estava levando para longe. Claro, Franco não tinha colocado um único dedo sobre Kim no sentido físico, mas ele não precisava. A ameaça de que ele poderia fazer era alta e clara.

Havia, definitivamente, um lado perigoso em Franco que, ocasionalmente, aparecia o suficiente para assustar Kim. Era como se fosse

uma raiva cozinando que fervia logo abaixo de sua superfície e, quando estimulada do jeito certo, explodia como um vulcão. Kim tinha testemunhado a raiva de Franco em raras situações quando ele não sabia que ela estava lá. Ou talvez ele soubesse e não se importasse.

Poderia ser uma arma apontada para o rosto de alguém, a mão de Franco acertando alguém até o chão, ou palavras violentas que causavam arrepios subindo pela espinha de Kim.

Cristo. Ele a estava matando.

Kim suspirou, mudando sua bolsa de ombro enquanto parava na garagem da casa de seu pai. Não era como se ela quisesse ter outra conversa inútil com Nunz, mas que escolha ela tinha?

Ela precisava de algum tempo longe de Franco, no mínimo. Certamente, seu pai poderia dar isso a ela. Nunz lhe dava a ilusão de que ele se importava com ela.

Dentro da casa, Kim encontrou seu pai no andar de cima, no escritório. Ela esperou enquanto Nunz terminava a conversa que estava tendo ao telefone. Encostado na porta do escritório, ela acenou para seu irmão mais velho, mas não muito mais que isso.

O relacionamento entre irmãos que tiveram uma vez não era o mesmo desde seu noivado com Franco. Não era muito bom antes, mas estava ainda pior agora. Cody achava que o casamento era uma coisa incrível para ela e sua família. Só Kim achava que não.

"Teve aula hoje?" Perguntou Cody.

Kim deu a seu irmão um olhar. "Três aulas e um grupo de estudos."

Ela não se preocupou em explicar que ela terminou suas duas outras aulas de inglês avançado, não dando a mínima para Franco exigindo que ela desistisse da faculdade completamente. Na opinião dele, sua esposa não precisava se preocupar em estudar, já que isso não seria colocado em uso. O

que ele precisava era que sua esposa ficasse em casa, fazendo o que ela precisasse fazer lá.

Jesus.

O pensamento fez Kim sentir náuseas.

"Você vai para a casa de Franco mais tarde?" Perguntou Cody.

Kim assentiu. Claro que ela iria para a casa de Franco depois que ela conversasse com o pai. Era sexta-feira, não era? Isso significava que ela tinha que saber quais eram os planos de Franco para eles no fim de semana. Esperemos que nada. Ela não conseguiria suportar outra rodada nos braços dele em algum evento ridículo.

"Ei!"

Kim mordeu o interior da bochecha para não mandar seu irmão deixá-la em paz. "O que, Cody?"

"Fale comigo. Nós nunca conversamos."

"Eu me pergunto por quê." Kim murmurou.

Cody não respondeu o comentário. "Se importa se eu pegar uma carona com você até o Franco?"

"Por quê?"

"Há um convidado de New York dando uma olhada no negócio do pai e Franco faz parte disso. Eu preciso estar atualizado ou, pelo menos, fazer parte das discussões."

Kim soltou um suspiro. "Onde está seu carro?"

"No conserto. A porra do cão de alguém não saiu do caminho a tempo e detonou o radiador ontem."

Ótimo.

"Sério que ele tem um convidado de New York por lá hoje?" Kim perguntou em voz baixa, dando a seu irmão um olhar que ela esperava que expressasse seu descontentamento.

Cody deu de ombros. "Um convidado, pelo que ouvi. É só ficar longe disso. Não prestar atenção, você sabe."

Kim fez uma careta para o teto.

Franco não conseguia manter o negócio longe de sua casa nem para salvar sua vida. Homens vinham e iam como se fossem os donos do lugar. Kim raramente se sentia segura na casa de Franco, e ela jamais ficaria lá sozinha, embora tentasse nem ir pra lá.

Ela, com certeza, não compartilharia o quarto dele. Kim estremeceu só de pensar. Por quanto tempo ela seria capaz de manter isso assim também?

Nunz finalizou a ligação. "Kimberlynn, o que é?"

"Eu preciso que você segure Franco um pouco", ela respondeu, indo direto ao ponto. "Ele poderia muito bem estar com as mãos em volta da minha fodida garganta aqui, pai. Eu não posso respirar ao lado dele e eu não estou indo bem."

Nunz se recostou na cadeira, os braços dobrados sobre o peito. "Você falou com Franco sobre isso?"

Kim sabia que ela estava quase perdendo o controle sobre suas emoções completamente. Ela respirou fundo, esperando que isso fosse ajudar a ansiedade, mas isso não aconteceu. Nada mais ajudava.

"Que bem fará se eu falar com ele, pai?" Perguntou Kim.

"Que bem fará se *eu* falar com ele, Kimberlynn?"

A mão de Kim segurou a bolsa com força, as unhas cortando a palma da mão. A dor aliviou a agitação interna por um breve momento. "Você sabe que eu não posso suportá-lo."

"Você fez a sua escolha."

Que escolha?

Kim sabia que falar com Nunz seria inútil. A completa falta de empatia ou preocupação de Nunz falava alto. Tinha sido assim toda a sua vida, mas,

desde a morte de sua mãe, isso só piorou.

"Você amava a mamãe?" Perguntou Kim.

A sobancelha de Nunz se arqueou. "Perdão?"

"Você me ouviu. Você amava a minha mãe?"

"Claro que sim, Kimberlynn."

"Todo o casamento ou apenas uma parte dele?"

"Ei, cuidado com a maldita..."

"Eu estou apenas querendo entender o total desrespeito que você sente por mim. Eu vim de você, Nunz. Você ajudou a me conceber. Eu sou uma parte de você."

"Eu não queria você", Nunz respondeu friamente. "Sua mãe queria mais filhos, eu não."

Este homem era gelo puro. Um bloco de gelo. Sem sentimentos. Nada. Morto.

Cody se levantou de sua cadeira, limpando a garganta. "Vamos, Kimberlynn. Vamos."

"Não, ainda não", disse Kim, evitando a mão estendida de seu irmão. "Você me jogou para a porra dos lobos aqui, Nunz. Em uma década, quando eu aparecer com hematomas no meu corpo e as crianças tiverem pavor de seu próprio pai, você ainda não vai se importar, não é?"

Nunz não respondeu, e Kim não esperou para ver se ele responderia.

No carro, Kim ligou o som tão alto quanto podia. Seu irmão deslizou para o banco do passageiro silenciosamente. Saindo da garagem, Kim deixou os pneus cantarem por toda a calçada. Ela precisava fugir daquele homem e seu horror o mais rápido que podia.

Cody se aproximou e baixou o volume. "Kim..."

"Não fale comigo agora", disse ela com os dentes cerrados.

"Ok, mas eu preciso que você saiba de uma coisa."

"Por favor, não defenda esse cara."

"Eu não vou."

"Então o que é?"

"Franco", Cody disse calmamente. "Eu sei que você acha que eu não me importo, mas isso não é verdade. Eu tenho um monte de merda a considerar, especialmente de onde eu preciso chegar. E é lá em cima, Kimberlynn. Eu quero chegar ao topo. Mas Franco... Se ele colocar a mão em você, eu vou matá-lo."

Estranhamente, apesar do quão distantes os irmãos eram, Kim acreditou nele.

* * *

Cody não ficou perto de Kim uma vez que chegaram na casa de Franco. Ele seguiu as vozes vindo do andar de cima enquanto Kim tirava os tênis e pendurava o casaco. Os dois homens sempre seguindo-a entraram na casa logo depois de Kim e Cody.

Ben e Lucas, os dois homens que Franco designou para ficarem de olho em Kim, passaram por ela no *foyer* sem dizer uma palavra. Não que ela se importasse, na verdade. Quanto menos atenção esses dois homens davam a ela, mais feliz ela ficava.

A cozinha era o único lugar na casa de Franco onde Kim se sentia confortável. Franco não sabia cozinhar. Ele preferia atirar no próprio pé a tentar fazer alguma refeição. Kim, por outro lado, achava cozinhar terapêutico.

Franco permitiu a Kim um pouco de espaço para respirar de sua reclamação constante e controle na cozinha. Lá, ele não encontrava falhas nas coisas que ela fazia. As queixas eram subitamente inexistentes. Quando ela

cozinhas, ele tinha o prazer de calar a boca e comer a comida.

Kim não tinha certeza se o fato de que ela poderia cozinhar ajudava em seu caso com Franco ou prejudicava. Pensando em quando ela fazia uma refeição grande o suficiente para alimentar todas as pessoas na casa, ela estava fazendo exatamente o que ele queria. Sendo a pequena dona de casa perfeita, bonita e quieta, nunca questionando a autoridade dele.

Mesmo assim, isso tirou Franco de suas costas. Kim estava disposta a usar isso para sua vantagem. Colocando sua bolsa no balcão ilha, Kim tirou seu laptop e ligou. Música rolou através do espaço. Ela manteve o volume na altura mínima para não chegar ao andar de cima.

Kim pegou as coisas dos armários, despensa e geladeira para começar a velha favorita refeição de sua família. Era uma caçarola composta de macarrão espaguete, tomates recém-cortadas, cebolas, cogumelos e aipo, um pouco de pasta de tomate, uma lata ou duas de molho, carne moída com tempero e queijo parmesão ralado por cima. Alimentaria quem estivesse lá hoje à noite, de qualquer maneira. Ninguém disse que tinha que ser particularmente saudável.

A carne moída dourava em uma panela no fogão enquanto Kim cortava os outros ingredientes. Ela não percebeu o tempo passar até que o forno apitou para sinalizar que estava pré-aquecido. Ela empurrou o prato da caçarola preparado lá dentro, fechou a porta do forno e se recostou ao balcão com um suspiro.

Havia algumas planilhas de uma de suas aulas em sua bolsa, mas Kim sabia que era melhor não fazer os trabalhos da faculdade enquanto ela estava na casa de Franco. Provavelmente, isso levaria a outra briga sobre a faculdade. Kim não queria isso esta noite. Ela só queria comer, descobrir se Franco precisava dela para o fim de semana, e então, dar o fora de lá e voltar para o seu dormitório.

Perdida em seus pensamentos, Kim não ouviu o conjunto de vozes se aproximando da cozinha até que eles estivessem no corredor.

"Algo cheira bem", disse Franco. "Acredito que sua irmã o trouxe então."

"Sim. Você deveria ter me ligado para isso", Cody respondeu.

"Por quê? Ele está apenas verificando algumas coisas e olhando os números. Não há nenhum negócio acontecendo. Você não era necessário. Não é verdade, Skip?"

"Mais ou menos."

Essas duas palavras enviaram uma mistura de pânico e desejo correndo por Kim como uma enchente. Meses se passaram desde que ela ouviu essa voz grossa e sombria — pouco mais de três meses, para ser exata. A voz dele ainda tinha o mesmo efeito louco por dentro, do mesmo jeito quando o ouviu falar na mesa de *blackjack*.

De imediato gravando em seus nervos.

Giovanni Marcello.

Oh, Deus.

Ela estava em tantos problemas.

As mãos de Kim agarraram a bancada com tanta força que seus dedos ficaram brancos com a pressão. Não havia lugar para ela se esconder para evitar que ele a visse. Suas habilidades de atuação eram péssimas, então as chances eram de que Franco logo percebesse que algo estava errado. Sem mencionar que Cody a tinha visto falar com Giovanni no casamento.

Merda. Merda. Merda.

Passos eram ouvidos do corredor, se distanciando até que Kim não pudesse ouvi-los mais.

"Por que ele o chamou de Slip, Marcello?"

"O Skip", Giovanni corrigiu. "Em Nova York, é um termo de rua para

capo. Pode haver muitos capos em uma família, mas há poucos que lidam com as coisas importantes, que cuidam do pessoal e tudo o mais. Esses seriam eu e meu irmão. Isso é porque Franco está tentando agir como se ele me quisesse perto dele para salvar a cara do pai enquanto nós resolvemos este negócio. Respeito, sabe."

"Ah", Cody compreendeu.

Isso era ruim. Kim tinha certeza de que não iria vê-lo de novo depois de seu encontro de uma vez só. Ela vivia em Las Vegas e ele, em New York, pelo amor de Deus. Quais eram as probabilidades?

"A comida está pronta?"

A cabeça de Kim se ergueu com a pergunta de Franco, tirando-a de seu estupor. Quando ele tinha vindo pelo corredor? Pelo menos, seu irmão e Giovanni ainda estavam falando baixinho onde eles não podiam vê-la. Ela estendeu a mão e desligou a música em seu laptop.

"Uh..."

"E aí?" Franco perguntou novamente.

"Quase."

"Há o suficiente para alimentar sete pessoas, incluindo você?"

Kim lançou a ele um olhar. "Sim, Franco. Fiz um monte."

"Só para saber. Ponha a mesa, Kimberlynn."

Kim estava congelada no lugar enquanto Franco desaparecia na entrada. Ela não podia nem se forçar a pensar e, muito menos, pegar os pratos dos armários.

"Fique para o jantar, Skip", ela ouviu Franco dizer.

"*Nah*, eu tenho coisas para pôr em dia", Giovanni respondeu.

Por um breve momento, Kim se sentiu aliviada que os dois poderiam se safar dessa. Não durou muito tempo. A próxima declaração de Franco parecia atada a algo que ela não conseguia decifrar.

"Certamente não é importante o suficiente para que você se recuse a comer à minha mesa, não é?"

"Não, acho que não."

"Ótimo. Venha conhecer minha noiva antes de comer."

O coração de Kim parou quando os três homens entraram na cozinha. Ela não podia virar a cabeça e ver a expressão de Giovanni por medo do vômito subindo ameaçar fazer uma aparição.

"Giovanni, esta é a minha noiva, Kimberlynn Abella."

Kim tinha certeza de que seus pulmões pararam de funcionar quando ela encontrou o olhar de Giovanni do outro lado da sala. Surpresa e raiva passaram pelas íris verdes dele enquanto a olhava de cima a baixo, como se não acreditasse no que estava vendo.

"Oh, eles já se conhecem", Cody disse rapidamente, folheando um arquivo em suas mãos. "Esqueci de mencionar."

A cabeça de Franco virou para que ele pudesse perfurar Kim com um olhar. "Perdão?"

O aborrecimento que apareceu no tom de Franco gelou Kim. O homem não conseguia esconder seus ciúmes. Se havia alguma coisa que ele mais odiava, era algum homem chegando muito perto de Kim.

"Kimberlynn?" Perguntou Franco.

Kim não podia falar. Se alguma vez ela precisou de tempo, agora era hora.

"Kim", Giovanni disse calmamente, sua mandíbula apertada. "Sim, nos conhecemos no casamento do meu irmão."

O olhar de Franco estreitou. "É mesmo?"

Kim soltou uma respiração lenta e ofereceu um sorriso que ela esperava não ser tão falso. "Desculpe, estou um pouco avoada hoje. Sim, nos conhecemos quando eu estava em Nova York com o pai e Cody."

"E?"

"E o quê?" Kim perguntou a Franco.

"Você não me contou sobre conhecer alguém da família Marcello enquanto você estava lá."

"Precisava?" Kim esperava que fingir ignorância fosse funcionar. Esse era o seu pobre plano, de qualquer maneira. "Eles tinham um cassino e aconteceu de eu arrancar dinheiro dele na mesa de *blackjack*."

"Da mesa inteira, não só o meu, e foi apenas uma rodada", Giovanni retificou, a testa arqueada.

"Exatamente." Kim deu a Franco outro sorriso, encolhendo os ombros. "Eu não acabei muito com ele."

Isso pareceu agradar Franco o suficiente para levar seu escrutínio desconfortável para longe de Kim. No entanto, não o impediu de acrescentar, "a última vez que foi pega contando cartas não a ensinou nada, Kimberlynn? Eu certamente teria achado que sim."

Kim escondeu as mãos apertadas por baixo da bancada. Com as costas de Franco viradas para ela, Kim encontrou o olhar de Giovanni novamente. Não havia nenhuma dúvida sobre isso, o homem estava chateado. Kim claramente o tinha colocado em uma posição desconfortável. Se a estranha conversa no corredor era qualquer indicação, Franco e Giovanni não gostavam um do outro.

Kim não conseguia afastar os olhos de Giovanni. Observá-lo trouxe memórias de dedos provocando seus seios, uma boca aquecendo a sua carne, e um corpo forte pressionando seu corpo menor em um colchão. Apenas a voz dele enviou arrepios correndo através de seu sangue. Ela não queria pensar nessas coisas quando Franco estava a dois metros de distância.

Ainda assim, as memórias não iam embora. A jaqueta de couro que Giovanni usava estava aberta, expondo a camisa gola v que ele usava por

baixo que estava apertada contra o peito, lembrando Kim das tatuagens escondidas sob o tecido. O jeans de lavagem escura que ele usava abraçava os quadris musculosos, levando o olhar de Kim para sua virilha.

Oh, Deus... Isso era muito ruim.

O ar pressionou o peito de Kim. Embora ninguém mais na sala parecesse notar seu deslize, Giovanni tinha. Ele estava completamente parado, as mãos apertadas em punhos em seus lados. Kim mordeu o interior de sua bochecha, precisando da distração. Ela estava grata que a atenção de Franco tinha sido desviada por uma pergunta que Cody estava fazendo sobre algo no arquivo que ele ainda segurava.

Isso não durou muito tempo.

"Kimberlynn, você já está pondo a mesa?"

Kim saiu de sua névoa, movendo-se para guardar seu laptop e bolsa. "Dê-me dez minutos para finalizar a comida."

Não fez nenhuma maldita diferença Giovanni estar lá ou não. Não importava que o efeito que tinha sobre ela em Nova York fosse o mesmo com ele de pé a apenas alguns metros de distância. O que aconteceu entre eles aconteceu, e agora tudo estava acabado. Kim tinha um papel a representar. Ela ignorou o olhar intenso observando cada movimento dela e fazendo seu coração bater ainda mais rápido enquanto trabalhava.

Era hora de fingir novamente.

Capítulo Seis

Kim não era uma boa atriz. Ela fazia careta toda vez que Franco dirigia até mesmo um olhar em sua direção. Ela se transformava em gelo quando ele a tocava. E, quando Franco fez, tocou em Kim, Gio queimou por dentro.

Jesus amado, o que eu fiz desta vez?

Traição pesava dentro dela, deixando para trás um gosto ruim. Kim mentiu para ele em Nova York. Ou melhor, escondeu algo extremamente importante no que dizia respeito ao seu status de relacionamento.

Não era como se Gio fosse um maldito santo. Ele, certamente, não mexia com as mulheres que eram prometidas aos homens feitos^[4]. Gio estava em tanta merda que ele podia sentir seus olhos escurecerem. Havia algumas regras na *La Cosa Nostra*, muito estimadas, aliás. Dormir com a mulher de um cara era uma delas — algo bem *grande*.

Kimberlynn fodida Abella.

Gio ainda não podia acreditar nisso. Seu pau, por outro lado, não conseguia parar de pensar nisso. Estar na mesma sala com Kim trouxe à tona aquela noite mais uma vez. De costas para a parede com as pernas bem torneadas em torno da cintura dele, seu corpo curvado sobre a cama com a mão enterrada no cabelo dela.

Cristo, ele ainda podia ouvir a forma como o nome dele soava na boca dela. A loucura intensa que ele experimentou quando ela estava perto não se desvaneceu nem um pouco. Gio não podia evitar olhar através da mesa. Kim estava olhando para ele, mas ela desviava o olhar com a mesma rapidez.

O prato de caçarola e espaguete na frente dele quase tinha sumido. Kim sabia cozinhar, se isso lhe rendeu quaisquer pontos para compensar a merda

no qual ela o colocou.

Meio que rendeu, sim, sua mente sussurrou.

Ele estava muito sóbrio para lidar com este absurdo hoje.

Conversas em baixo tom fluíam entre os homens. Muita conversa, na opinião de Gio. Era uma vergonha ouvir algumas das discussões em torno dele. Negócios na mesa de jantar eram inúteis. Gio não se preocupou em se juntar. Ele manteve um olho em Kim. Era como se ele tivesse que lembrar constantemente ao seu cérebro e seu corpo que ela ainda estava lá.

Ela. *Kim*.

A garota que tinha atormentado seus sonhos e pensamentos por três meses. Gio não conseguia se lembrar de quando um caso de uma noite só o tinha deixado tão completamente ferrado da cabeça antes.

Gio tentou, Deus sabe que ele *tentou*, arrancar a garota de seu sistema. Droga nenhuma era tão excitante. Nem ópio, comprimido ou baseado em seu sistema chegava perto. Nenhuma bebida poderia atordoá-lo da mesma forma; isso só o deixava de ressaca na parte da manhã e não do jeito que ela tinha feito. Quanto às mulheres... Gio tentou, também, apenas para descobrir que ele não conseguia fazer isso.

Isso era inútil ou ele que era.

A ponta da unha do polegar de Kim estava entre seus dentes e seu cotovelo estava sobre a mesa enquanto ela olhava fixamente para a parede. Inquietação era clara em seu rosto. Incomodava Gio por razões que não conseguia explicar.

Franco percebeu a distração de Kim com os convidados na mesa. Muito baixo para ninguém ouvir, Franco sussurrou algo para Kim que a fez endireitar as costas e dar um leve aceno em resposta. Sua atenção estava de volta nas pessoas à mesa, mas um vazio tomou conta enquanto ela olhava através de Gio para a parede atrás dele.

Essa não era a garota de Nova York que Gio conheceu e não conseguia entender. Algo estava errado. Como diabos ela tinha se metido com Franco Sorrento? Gio não dava a mínima para a garota ser filha de Nunz Abella. Kim era muita areia para o caminhãozinho de Franco. Desde o curto período de tempo que ele passou com ela, Gio percebeu que ela era um espírito livre e um pouco selvagem. Inferno, a garota tinha apenas vinte e um anos. Por que ela estava se casando antes mesmo de terminar a faculdade?

Gio se lembrou das histórias que ouviu sobre Franco e mulheres. Desgosto e preocupação apertaram seu peito enquanto pensava em Kim entrando nessa bagunça. Foi isso que aconteceu; ela estava tão apaixonada que não conseguia enxergar o idiota que ele realmente era?

Balançando a cabeça para clarear os pensamentos, Gio empurrou o prato vazio e se virou para o irmão de Kim ao lado dele. "Há quanto tempo Franco está com a sua irmã?"

Agora ele estava apenas punindo a si mesmo, claramente. Qualquer pessoa com algum sentido não faria esse tipo de pergunta, certamente não quando não tinha nada que estar perguntando. Especialmente agora que ele sabia sobre o... noivado.

"Cerca de três meses", Cody respondeu, mexendo em seu telefone.

"Não, quero dizer juntos, garoto. Não noivos."

Cody largou o telefone. "Como eu disse, cerca de três meses."

A testa de Gio franziu. Três meses? Claro, ele tinha visto um amor acontecer rápido assim com Jordyn e Lucian, mas Gio tinha certeza de que era um caso especial. "Então, depois do casamento do meu irmão foi quando eles se conheceram?"

"Eles se conheceram um pouco antes. O noivado veio depois."

"Hum."

Pelo menos, isso tirava Gio de alguns problemas, por enquanto.

Cody deu de ombros. "Os negócios, você sabe."

Então Gio entendeu. *Negócios*. Não era de admirar que Kim estivesse infeliz ao lado de Franco. Não há um pinga de amor entre os dois e, provavelmente, nunca havia tido. O noivado era um negócio. O casamento nada mais que um arranjo.

Kim concordou com isso.

Por quê?

Bom *Deus*. Gio se sentiu mal. Ele só tinha estado em Vegas por duas semanas e já queria dar o fora o mais rápido que pudesse.

* * *

Cody não era tão ruim. O garoto era jovem, quase a mesma idade que Gio, então ele tinha um pouco mais de tempo para chegar onde ele precisava estar. Franco o apresentara anteriormente como amigo dele, o que significava que ele ainda era um homem não feito. Gio não conseguia entender porque Nunz não tinha dado isso ao filho ainda. Sendo filho de um Don, era quase um direito adquirido. Gio entrou com dezessete, o mais jovem de todos os seus irmãos a seguir a Omertà^[5].

Era uma bosta Cody ser filho de Nunz, já que Gio tinha imaginado que o cara seria como o substituto de um de seus irmãos, provavelmente, ficar sobre suas asas para treinar para *la famiglia*. Era claro que ele queria estar com a família.

Gio olhou para as fotos coloridas mais uma vez. Carros do mais alto nível de luxo que só os ricos podiam pagar olhavam de volta para ele. Cada foto tinha uma nota adicionada ao canto inferior esquerdo. Era uma lista de todos os detalhes do carro e localização.

"Quantos estão em garagens vigiadas?" Perguntou Gio.

"Desse lote?" Cody deu de ombros. "Dez... doze se os proprietários estiverem fora da cidade. Eles não voltarão até a próxima corrida, no entanto."

Gio assentiu. Ele estava realmente meio impressionado com o plano para ser honesto. Era perigoso, com certeza. Se fosse feito corretamente e eles parassem por um longo período de tempo, Cody estaria olhando para uma grande quantidade de dinheiro de carros de luxo roubados e prontos para serem exportados.

Infelizmente, não era o tipo de negócio que Antony Marcello gostava de se meter. Havia muito trabalho envolvido com uma grande quantidade de homens. Antony preferia trabalhar com o mínimo de pessoas necessárias quando era sobre misturar negócios com outras famílias e gostava das coisas simples.

Isto não era nada simples.

No entanto, Gio se lembrou do por que estava em Las Vegas, em primeiro lugar. Antony tinha certeza de que algo ruim estava prestes a acontecer na família Sorrento e ele não queria que isso desencadeasse uma reação em sua família no futuro. Estudar a exportação dos veículos de luxo roubados era apenas uma fachada. Ele precisava disso apenas para que ninguém se perguntasse por que ele ainda estava por perto se os Marcellos não estavam interessados no negócio.

"É muito cara de *60 Segundos* [\[6\]](#)", disse Gio, rindo.

Cody revirou os olhos. "Claro, claro. Já roubou um veículo deste tipo de calibre e saiu limpo? Não é tão fácil como eles fizeram parecer."

"Eu não duvido... e sim, eu já fiz isso."

"Sério?"

"Sim. Sempre que perguntam ao meu pai por que ele mantém sua frota de veículos em um armazém, tudo o que ele faz é apontar para mim." Gio

sorriu, acrescentando: "Era como um jogo para mim conseguir roubar dele sem as chaves. Realmente o irritava, no entanto."

Gio folheou as fotos novamente, parando em um Lamborghini laranja brilhante. Era uma cor horrível para o carro. Gio apontou um dedo para a foto. "Este aqui, eu vou fazer. Só para ver se eu ainda tenho o dom."

Cody riu. "Toma."

"Então, é Franco que vai executar este show, certo?"

"Na maioria das vezes. Maximo faria, mas ele está ficando fora disso. Algo sobre Franco precisar andar com as próprias pernas e parar de usar Max como apoio. Você não ouviu isso de mim, no entanto."

"Claro, entendi", Gio murmurou. "E o seu pai?"

"Ele conseguiu isso para mim", disse Cody, não entrando em mais detalhes.

O que Gio não entendia era como Franco e Nunz Abella se uniram para colocar algo como isto em movimento, ou por que Franco iria querer isso. Os Sorrentos tinham mais homens que o suficiente, influência e dinheiro para fazerem o esquema sozinhos. Eles certamente não precisavam de um peixe pequeno — ou melhor ainda, uma cobra — como Nunz sujando as mãos para ele. Isso simplesmente não fazia sentido.

Antony estava certo. Algo estava acontecendo.

Gio perguntou brevemente se o arranjo do casamento tinha algo a ver com isso, mas sabia que não devia perguntar. Ele já tinha questionado Cody o suficiente sobre o tema. Ele não queria levantar suspeitas sobre seu interesse.

"Tudo bem, eu preciso voltar para o meu hotel. Tem sido um longo dia de merda, e eu preciso de um cigarro."

"Eu que sei", Cody concordou.

Sabe nada, pensou Gio.

Gio tirou a foto do Lamborghini da pasta, dobrou-a e empurrou-a no

bolso de trás da calça jeans. Amanhã ele andaria pela cidade e conferiria o carro. Melhor estar preparado.

"Onde está Franco?" Perguntou Gio, sabendo que ele precisava ser respeitoso e se despedir, mesmo se o outro homem não desse a mínima para isso.

"Ou lá em cima no seu escritório, ou importunando a minha irmã", Cody respondeu.

Gio pegou seu telefone celular e perguntou a Cody qual era o número seguro para usar quando ele precisasse entrar em contato com ele. Cody deu o número e Gio escreveu uma mensagem no celular para ser adicionado mais tarde. "Eu vou te ligar quando eu precisar de instruções para levar o carro para o lugar certo, sim?"

"Parece bom."

Gio saiu em busca de Franco. Não demorou muito para que ele o encontrasse ainda na cozinha com Kim. Gio tinha sido rápido ao sair da mesa depois que ele tinha acabado de comer, e enquanto os outros homens comiam sua comida, ele agradeceu pela refeição como deveria fazer.

Nem Franco nem Kim notaram Gio do lado de fora da entrada da cozinha. A tensão óbvia entre os dois lá dentro parou Gio.

"E o que diabos é isso, afinal?" Perguntou Franco, acenando com a mão para cima e para baixo na direção de Kim. "Eu pensei ter deixado claro, Kimberlynn. Você está uma bagunça. Não é assim que eu espero que você se vista quando você entra na minha casa."

Gio sentiu algo doloroso travar sua garganta. Kim estava uma bagunça. Ela parecia ter sua idade em jeans skinny e uma camiseta da Henley. Jovem e linda.

"Sim, você deixou perfeitamente claro que eu preciso me parecer com uma boneca, Franco. Eu entendi, tudo bem. É sexta-feira, e eu passei o dia

todo na faculdade e metade dele no grupo de estudo. Dê-me um tempo."

Franco estendeu a mão e agarrou uma mecha de ondas soltas do cabelo de Kim. Uma bola quente de ciúme rodou na barriga de Gio com a visão. O jeito que Franco puxou o cabelo de Kim quase parecia de brincadeira, exceto porque ela se encolheu com o gesto.

"Quero esse seu cabelo penteado, não solto como se você não desse a mínima. Certifique-se disso na próxima vez que eu a vir. Entendeu?" Franco exigiu.

Os olhos de Kim endureceram. "É, eu entendi."

"E sobre este grupo de estudo..."

"Eu preciso abrir mão dele", disse Kim, seu tom afiado. "Eu trabalhei duro para entrar no programa de matemática. As outras aulas acabaram, assim como você queria. Eu não vou desistir disto também."

Franco soltou o fio de cabelo de Kim, os braços dobrados sobre o peito. "Não?"

"Não."

"Então, você precisa encontrar um grupo de estudo diferente, imediatamente."

"Por que, Franco? Esse grupo tem os melhores alunos do programa."

"Não é como se você fosse usar qualquer coisa que você aprendeu", Franco respondeu. "Todo o dinheiro que você recebeu do seguro da sua mãe é um desperdício do caralho agora. Ache outra coisa para mantê-la entretida durante o dia."

Kim bufou. "Como o que, fazer sua comida ou criar um clube de scrapbooking do caralho?"

"Você que disse, não eu, Kimberlynn."

Gio não gostou de para onde a conversa estava indo. Ele sabia que era melhor não escutar, mas ele não podia se afastar. Talvez a maneira aborrecida

com que Kim tratou Franco tinha derretido este terrível olhar de derrota. Como se o cara tivesse apenas acabando com ela, sem sequer encostar um dedo nela.

Era uma pena. Esta menina... esta louca, bela garota que foi a primeira pessoa a realmente fazer Gio se sentir vivo em muito tempo, parecia esmagada. A dor bateu em seu coração. A visão era nauseante.

"Que tal isso — disse Franco com escárnio — você pode dar o fora do grupo de estudos ou eu vou tirar alguém de lá para você."

Kim deu um passo para trás. "O quê?"

"Craig é o nome dele, não é? Foi isso que eu ouvi."

"Craig é um amigo, Franco."

"Um amigo com quem você saiu para tomar um café dois dias consecutivos essa semana."

"Ele estava me ajudando com as equações diferenciais para uma folha de cálculo que eu precisava terminar!"

"Baixe essa maldita voz", Franco rosnou. "Se você quer agir como uma vadia mimada em qualquer outro lugar, sintase livre. Nesta casa, vai se comportar como você sabe que precisa se comportar. É muito simples. Você sai do grupo ou eu vou tirá-lo. E por tirá-lo, eu certamente não quero dizer dar a ele uma opção para vê-la na sala de aula no dia seguinte. Você me entendeu, Kimberlynn?"

Gio não conseguia ver mais. Recuando para as sombras do corredor longe da vista da cozinha, ele suspirou profundamente. O que diabos ele iria fazer agora? Sabendo o que ele sabia, Gio se sentia perturbado.

"Vou deixar o grupo de estudo", ele ouviu Kim assobiar. "Mas você pode ir direto para o inferno."

"Não, obrigado, querida. Já estou com calor o suficiente de onde eu estou, de pé. Não se esqueça, Lucas e Ben nunca estão muito atrás. Vejo você

amanhã à noite."

Gio não se moveu de seu lugar contra a parede quando Kim saiu da cozinha com sua bolsa na mão. Ela não o percebeu imediatamente, mas, quando o fez, ela parou na calçada. Kim não olhou nos olhos dele.

Olhe para mim, Gio pediu em sua mente.

Ela era boa demais para o homem na cozinha; valia mais do que ações a sufocando até o vazio. Por que ninguém lhe tinha dito isso?

O olhar de Kim subiu. A dureza com a qual ela tinha olhado para Franco desaparecera. Um lampejo de raiva tinha tomado o seu lugar. Franco, claramente, não tinha tomado toda a força de Kim ainda. Havia partes dela que queriam lutar.

Gio queria perguntar se ela estava bem, mas ele não teve a chance. Tão rápido como olhou para ele, ela estava indo para a direita sobre a calçada. Ele esperou até que a porta da frente batesse antes de entrar na cozinha para enfrentar Franco.

Franco estava debruçado sobre o balcão, balançando a cabeça. Sem dúvida, o cara estava chateado. Gio sabia só de olhar. Ele estava grato por Kim ir embora a tempo porque, ao que parecia, Franco não estava prestes a se segurar mais.

"Estou indo", disse Gio.

"A comida estava boa para você?" Perguntou Franco, seu comportamento mudando em um instante.

"Perfeita. Kim é uma boa cozinheira."

"Humm. Fale com ela se você quiser que algo seja feito de forma diferente. Eu não me importo."

Gio levantou uma sobrancelha. "Minha mãe me disse uma vez que nenhum homem inteligente deve dizer a uma mulher o que fazer em sua cozinha e, se eu quisesse algo diferente, era para eu me levantar e fazer

sozinho.

"Minha noiva não é a sua mãe."

"Ainda bem."

Franco não parece notar a observação de Gio. "Mulheres do caralho. Elas são como cavalos, só precisam ser amansados. E essa... essa está perto disso."

Gio atingiu seu limite com esse comentário. Ele, definitivamente, estava muito sóbrio para esta merda.

* * *

Gio parou seu carro de aluguel perto dos degraus da entrada do que ele assumiu ser o dormitório de Kim. Pneus cantando ecoaram no estacionamento escuro. Inclinando-se sobre o assento, Gio abriu a porta do passageiro. Uma Kim chocada estava apenas a alguns centímetros de distância.

"Entre, *Tesoro*."

Kim olhou dentro do carro. Medo e incerteza brilharam em seu olhar. "O quê?"

"Entre no carro. Se apresse."

"Eu não posso..."

"Se você está preocupada com aqueles dois idiotas que Franco colocou para seguir você, eles tomaram um desvio para o Starbucks ao virar a esquina. Sabendo que leva uma eternidade para passar pelo drive-thru, nós temos cerca de três minutos antes deles voltarem. Entre no maldito carro, Kim."

O aperto que ela tinha sobre sua bolsa aumentou. Kim olhou ao redor do estacionamento, passando de um pé para o outro como se não pudesse se

decidir. Gio não tinha tempo para suas batalhas internas.

"Ou entre, ou recue, *Tesoro*."

O olhar de Kim se estreitou quando ela o examinou sob a luz do teto do carro. "Você está chapado? Porque essa é a única razão que eu poderia usar para explicar por que você está me pedindo para entrar em seu carro no momento."

"Ainda não, mas estou pensando em ficar", respondeu Gio.

A honestidade era a melhor política, afinal de contas.

Gio deu de ombros, acrescentando: "Pensei que você poderia conhecer algum lugar para festejar."

"Eu?" Perguntou Kim inocentemente.

"Essa doçura toda era supostamente para funcionar em mim? Você esqueceu que eu sou o cara que passou horas me divertindo com você em um quarto de hotel e muito pouco desse tempo foi gasto com a gente vestindo roupas."

Kim não piscou diante de sua atitude bruta. "Essa é uma má ideia."

"Você não é um anjo, Kim. Eu não estou pedindo que você seja um. Eu só quero que você entre no meu carro e faça algo divertido. Se você pensar sobre isso, você meio que me deve."

"Chantagem?"

"Tique-taque. Quanto tempo você acha que tem antes daqueles idiotas de Franco estacionarem aqui e a verem conversando com alguém em um carro escuro? Eu estaria disposto a apostar que quando ele ouvir isso, você vai ser submetida a outro de seus discursos como o de antes."

A mandíbula de Kim cerrou. Sim, Gio a acertou em cheio com essa.

"Entre", Gio exigiu.

"Fazer algo divertido, não?"

"Isso é tudo. Vou levá-la para longe de qualquer que seja essa loucura

que ele enfiou dentro de sua cabeça por uma noite. Quando você disser que acabou, acabou. Eu vou trazer você de volta para cá e ninguém vai saber nada sobre isso.

"Eles não podem me ver voltar, Giovanni."

"Eles não vão."

Kim jogou sua bolsa no carro e entrou sem um único olhar para trás.

Capítulo Sete

Kim não tinha ideia do que ela estava fazendo. Estar no carro de Giovanni era loucura. Ela não estava apenas brincando com fogo, não. Ela estava dançando sobre brasas vermelhas com os pés descalços.

Seu corpo inteiro estava hiperconsciente da presença de Giovanni. Ela podia sentir o cheiro dele. A mistura de homem, cigarro e couro. Deus, era como um chute em seus sentidos, derrubando-a com excesso de desejo. Ela tinha que ter cuidado. Os riscos eram fáceis de aceitar quando as chances estavam ao seu lado, mas Kim não tinha certeza se elas estavam com Giovanni Marcello.

"Isso é estúpido."

Giovanni bufou. "Você tem vinte e um anos. Isto é o que você deveria fazer. Agir de forma estúpida. Ser imprudente. Se divertir um pouco."

"Claro, mas, provavelmente, não com um cara que eu fodi e, definitivamente, não quando eu tenho um noivo."

"Provavelmente, não", Giovanni ecoou. "Por que você não me disse, afinal?"

"Eu não estava noiva até então. Por que é que isso importa?"

"Oh, não importa, *bella*. Importa da mesma forma que eu preciso evitar a porra de uma bala na cabeça. Você deveria ter me dito quem você era e me dado a opção de salvar a mim mesmo do problema que eu estou lidando agora."

"Problema. Obrigada por isso."

"Você não é o problema. *Isto é*. Eu não sei o que diabos você tem, mas eu não consigo esquecer você. Eu tentei. Você ainda está lá. Ficou presa na

minha cabeça, e eu gosto de ter você lá. Você me nocauteou em um piscar de olhos. Esse é o problema."

Kim não entendia. "O que quer dizer com eu te nocauteei?"

Gio lançou um olhar em sua direção antes de voltar para a estrada. O olhar era tudo, menos passivo. Ele estava preenchido com um calor que acertou seu peito, tirando a ansiedade se construindo e substituindo-a por algo semelhante à emoção e desejo. Ele se amontoou até o ponto entre suas coxas, fazendo seu estômago revirar em antecipação.

Jesus. Kim ainda queria este homem. Era, provavelmente, a coisa mais estúpida que ela quis em sua vida, considerando a posição em que estava. Conhecendo as tendências ciumentas de Franco, Kim estava sendo uma completa idiota por sequer pensar em Giovanni como ela estava fazendo.

"Sim, isto", disse Giovanni sob sua respiração.

"O quê?"

"Isto", ele repetiu com firmeza. "Esse ar preso em seu peito e suas mãos apertadas em seu colo. Não consegue olhar em minha direção sem pensar em tudo. Eu sei, então não banque a estúpida comigo, Kim. Eu, tampouco, posso tirar você da minha cabeça. Você deveria ter me dito quem você era."

Apesar de sua raiva, ele manteve seu tom calmo. Kim não tinha orgulho da maneira como se sentia sobre seus segredos. "Eu não acho que faria diferença. Nós não iríamos nos encontrar novamente."

"Olha como deu certo para nós dois."

"Sim, eu percebi isso uma hora atrás. Por que seguiu Ben e Lucas para encontrar meu dormitório se você não quer ter nada a ver comigo?"

Giovanni sacudiu a cabeça. "Eu não disse isso; eu disse que você deveria ter me dado a escolha. Eu nunca disse que eu teria me afastado."

Assim como ele não estava correndo o mais rápido que podia para ficar longe agora, pensou Kim.

Claramente, Giovanni era do tipo que gostava de correr riscos. Ao contrário dela, ele não parece pesar os pontos positivos contra os negativos. Nova York foi um exemplo perfeito. Ele não questionou o convite dela; ele queria algo e fez.

"Como você descobriu qual era o edifício do meu dormitório?" Perguntou Kim.

"Por sorte. Eu estava logo atrás dos idiotas de Franco, e eles estavam na sua cola antes de pararem no Starbucks. Eu só entrei no primeiro lote e a vi caminhar até a entrada.

"Justo. Você realmente quer festejar?"

"Foi o que eu disse, não foi? Não em um clube. Passei cinco dias por semana nesses fodidos lugares trabalhando. Não é divertido para mim, é um trabalho. Pense em algo novo, *Tesoro*."

"Eu posso fazer isso. Há um lugar no centro da cidade", disse Kim, descansando as costas no banco. "É difícil achá-lo, a menos que você já tenha ido. Por fora, parece um armazém. É o que eles querem. Anonimato. Não há um lugar para estacionar. A maioria das pessoas vem andando ou pega um táxi. Eles não anunciam; eles querem um certo tipo de gente que quer um determinado tipo de festa, e eles, definitivamente, não querem a polícia estragando a diversão."

"Clandestino, então?"

"Sim. Era o que você estava procurando?"

Giovanni sorriu, aquecendo o sangue de Kim instantaneamente. "É exatamente o que estou procurando."

* * *

Pulse estava lotado. O lugar era um ponto de acesso para as pessoas que

queriam se divertir do jeito que queriam. Luzes eram inexistentes, além de alguns holofotes. Havia tinta néon escura do chão ao teto. Escadas levavam a um nível superior. A música nunca parava, o que significava que as pessoas também não. Já que havia um bar, mesas tinham sido espalhadas ao longo das paredes agora com garrafas de água fechadas em cima.

Não era um grande segredo por que Pulse era tão popular na rede clandestina de frequentadores do clube. Para aqueles que realmente querem festejar, seja lá o que eles queiram beber, cheirar ou fumar para levá-los até lá, eles podiam fazer livremente. A água ajudava os frequentadores a não ficarem desidratados em qualquer estado em que estivessem.

Uma mão na parte inferior das costas de Kim a fez lembrar da presença de Giovanni. Não que ela pudesse esquecer que ele estava ali. Cada maldita polegada dela sabia disso.

"Isso está bom?" Kim perguntou em voz alta para ser ouvida sobre a música tocando.

"Sim, muito bom", Giovanni respondeu. "Perfeito."

Giovanni não deixou seu lugar atrás de Kim enquanto ela fazia seu caminho para o bar. Os organizadores estavam por toda parte. Escondidos em cantos escuros, lá em cima olhando para baixo, e todos os pontos entre eles. O local já estava quente. Era disso que ela gostava em Pulse. Sem preocupação, julgamento ou incômodos. Todo mundo queria se divertir.

No bar, Kim bateu os nós dos dedos no balcão para chamar a atenção de um dos três bartenders.

"O que você bebe?" Kim perguntou a Giovanni quando ele se inclinou de costas para o bar, sua frente para a multidão.

"Eu não estou aqui para beber. Peça o que quiser. Assumo que eles só recebam em dinheiro vivo."

"Claro", respondeu Kim. Sem dizer uma palavra, a mão dele

desapareceu no interior de sua jaqueta de couro apenas para reaparecer com um pequeno rolo de notas que ele entregou a ela. Kim pegou o dinheiro com hesitação. "Você não precisa pagar para mim, Gio. Você não vai beber."

Giovanni sorriu. "É Gio agora?"

Kim não estava inteiramente certa do porquê ela usou a versão mais curta do nome dele. Talvez porque ela ouviu sendo usada por outras pessoas. Esse era um Giovanni que ela não conhecia. Um que ela poderia, eventualmente, ser capaz de separar do homem que ela conhecia. De qualquer maneira, era uma forma de não se meter em mais problemas. Um jeito de merda, a propósito.

"Todo mundo te chama assim", explicou Kim.

"A maioria, com certeza."

"Eu também ouvi a coisa toda de Skip. Parece que há algumas pessoas que o conhecem por ele também."

Giovanni olhou para ela de lado. "Mas não você."

"Eu não consigo ver esse funcionando para mim, de qualquer maneira. Ele não se encaixa."

"Você não precisa", disse Giovanni voltando-se para encarar a multidão. "Skip é um bandido, um gangster, porque ele precisa ser. Claro, ele é muito parecido comigo, mas não é tudo a mesma coisa. Eu preferiria se você não tivesse que conhecê-lo, ou melhor, esse lado meu. É por isso que você não consegue vê-lo e não precisa."

Kim não sabia o que dizer sobre isso.

Giovanni não lhe deu a chance de pensar mais. A bartender esperou Kim pedir o que queria, e a garota parecia estar com a paciência no limite. "Escolha suas bebidas, e eu vou pagar, gostando ou não."

Quando Giovanni se afastou do bar, Kim perguntou: "Onde você está indo?"

"Este lugar não está no lado legal da lei, obviamente. Eu disse que queria me divertir, então eu vou me divertir."

Kim podia ler nas entrelinhas. "Fica no andar onde ninguém para de se mexer."

"Bom saber", Giovanni murmurou, tirando o paletó e entregando a Kim. Ele facilmente tirou algumas notas da mão dela. "Porque eu estive ansioso por duas semanas para ter um encontro com Molly^[7]."

* * *

"Você confia em mim?" Perguntou Giovanni, sua boca tão perto do ouvido de Kim que os lábios dele quase encostavam.

"Eu ainda não tenho certeza", Kim respondeu honestamente, girando em sua banqueta para encará-lo.

Giovanni segurava uma garrafa aberta de água na mão. Ele tinha sumido por vinte minutos, pelo menos. Tempo suficiente para Kim tomar três rodadas de gim-tônica e encontrar um lugar para se sentar no bar.

Kim deu a Giovanni outro olhar, o melhor que pôde no local predominantemente escuro. O sorriso preguiçoso, as feições calmas e olhos pesados mostravam que ele deveria ter encontrado o que estava procurando na multidão. Qualquer pessoa que não sabia de nada, provavelmente, pensaria que ele estava apenas relaxado. Não Kim. Ela tinha estado lá, feito isso, e não se lembrava de ter gostado muito.

Giovanni absolutamente adorava o estado em que estava. Uma aura casual e confiante fluía dele. Os braços cruzados sobre o peito largo estavam relaxados ao invés de tensos. A expressão de desprezo que ele costumava carregar foi substituída por um jeito brincalhão que ele direcionou inteiramente a ela.

Kim foi atraída pela postura que ele usava antes, mas ela gostou desse lado despreocupado — ou era descuidado? — dele, também. Mesmo que tivesse sido causado por algo antinatural. Ele estava sexy em seu jeans de lavagem escura e camisa cinza de gola v. A penumbra da sala sombreava seus traços fortes e o fazia parecer mais misterioso. Certamente, adicionava ao apelo perigoso que ele usava como uma segunda pele.

Giovanni se aproximou muito do corpo dela para que o calor dele dançasse ao longo da pele dela quando ele colocou a garrafa de água no bar. Então, quando o calor da palma dele roçou ao longo de seu pescoço de forma inesperada, Kim mal conseguiu segurar o gemido em seu peito.

Ela estava tão ferrada.

"Então, você confia em mim?" ele perguntou novamente.

"Eu devo?"

Giovanni riu. "Provavelmente, não."

A mão de Giovanni deslizou sob a jaqueta de couro dele que Kim usava, parando para se agarrar a sua cintura. Ela não queria esquecer o casaco em algum lugar ou que ele acabasse sendo roubado. Era mais quente do que o inferno no lugar com a jaqueta, mas Kim não iria tirá-la quando usá-la a cercava do cheiro de Giovanni, deixando-a selvagem.

Evidentemente, Kim estava falhando em afastar seus pensamentos mais lascivos.

A mão na cintura dela apertou, o polegar dele varrendo sob a bainha de sua camisa para escovar contra a pele arrepiada. Uma batida pulsante passou de seus dedos para o corpo dela, uma sensação chocante enrolando em sua cintura. Isso lembrou Kim da sensação de estar vestindo nada e ter cada polegada dele rodeando-a totalmente.

"O que você está fazendo?" A garganta de Kim parecia arranhada com sua proximidade.

Giovanni soltou a cintura de Kim só para beliscar seu queixo entre o indicador e o polegar. Ele inclinou a cabeça dela para cima, travando o seu olhar com o dele. "Eu gosto de vermelho em seus lábios."

"É mesmo?"

"*Humm*. Seu cabelo solto assim é melhor do que preso. Mais fácil de colocar minhas mãos em torno dele."

Kim riu levemente, seu nervosismo tomando conta. "Pare com isso. Você está chapado."

"E sendo honesto", Giovanni respondeu. "Você não é uma bagunça, Kim. Ter vinte e um significa que você ainda pode fazer loucuras, cometer erros e descobrir em qual direção você quer ir. Não deixe que ele tire as coisas que a fazem ser quem você é."

O peito de Kim doía em saber que Giovanni ouvira cada pedaço da conversa abusiva e controladora de Franco anteriormente. Ela suspeitava, mas suas palavras confirmaram. Isto iria, provavelmente, ser ruim para os dois, e ela não se importava. "Eu estou tentando não deixar."

"Ótimo. Abra essa boca bonita, *Tesoro*, e deixe-me ajudá-la a esquecer disso."

Giovanni traçou o lábio inferior dela com o polegar, mantendo aquele olhar intenso sobre ela o tempo todo. Por sua própria vontade, a boca de Kim abriu e, quando os dedos dele pararam no meio do lábio inferior, ela sentiu o dedo tocar sua língua.

Ele parecia estar observando sua expressão com mais interesse enquanto fazia um semicírculo em sua língua. Confiança, ele tinha dito. Kim se lembrou desse gosto adoçado artificialmente de um comprimido que começou a se dissolver quase imediatamente quando misturado com sua saliva.

Não seria a primeira vez que Kim tomava algo aqui no Pulse sem

primeiro saber o que era. Era estúpido? Completamente. Excessivamente irresponsável e impensado ao ponto da insanidade. Oh, ela estava ciente do quão idiota era, mas ela não conseguia dar a mínima.

O encontro anterior de Kim com Franco a deixou em um lugar terrível, onde a única coisa com qual ela poderia lutar contra ele era com suas ações. A intenção implacável de Franco em prender e sufocá-la em uma vida com ele a deixou querendo se rebelar mais frequentemente do que ela queria admitir.

Drogas eram perigosas, não havia dúvida sobre isso. Saber disso não a impediu de engolir o dedo de Giovanni ainda segurando a metade de um comprimido em sua língua. Kim não iria se incomodar em punir a si mesma se isso significasse que iria se sentir bem. Amanhã, ela iria lidar com as consequências de sua loucura. Hoje à noite, ela só queria se divertir. O futuro que ela tinha pela frente seria nada além de tortura.

O gosto de Giovanni misturado com o gosto da pílula. Rapidamente, a pílula se dissolveu completamente, e ele retirou o dedo de sua boca. Kim engoliu o pedaço que tinha sobrado.

"Molly", explicou Giovanni. "Você já usou antes?"

"Um par de vezes", admitiu Kim.

"Ótimo, então eu não preciso explicar o que vai fazer com você. Apenas metade, considerando a hora, e você precisa estar bem de manhã." Giovanni acenou para ela. "Isso te dá meia hora..." Ele tocou os lábios dela com dois dedos, como se estivesse considerando seu sabor levantando, ao mesmo tempo, uma sobrancelha. "Vinte minutos, e você estará voando."

"Com você."

"Isso assusta você, *Tesoro*?"

"Longe disso."

O sorriso de Giovanni era malandro. "Ótimo. É sempre melhor voar a

dois."

* * *

A música tinha se transformado em uma criatura viva, respirando por Kim. Todos os sons reverberando simplesmente não faziam o barulho de uma melodia pulsante, não, eles literalmente estavam vivos. A partir das pontas dos dedos até a Molly rastejando por suas veias, os sons vindos dos alto-falantes ao redor dela vagaram sobre sua consciência e pelo seu corpo como a experiência era para ser.

Nada tinha sido tão sublime.

Nada, exceto as mãos quentes de Giovanni explorando a extensão de sua pele sob a parte superior de sua blusa de alça fina. Em algum ponto, o ar tinha ficado quente demais para Kim e, depois de tirar a jaqueta de couro, ela descartou a camisa da Henley.

Ela não podia suportar não ter o cheiro de Giovanni em torno dela, então ela rapidamente arrancou o casaco de volta e o vestiu mais uma vez. Estranhamente, o calor dentro do local não a alcançou novamente, mesmo com o couro pesado.

Murmúrios flutuavam ao redor, mas Kim realmente não ouviu. O movimento era constante. Leve. Corpos. Sombras. Sons. Até mesmo a música parecia fios finos balançando em sua visão. Bom Deus. Era glorioso.

Ela sentiu a sensação de felicidade enchendo-a por completo. Nada era um incômodo. Tudo era inteiramente bom. O escovar mais leve em seu corpo a fez querer mais do sentimento. Ela não conseguia o suficiente.

As mãos de Giovanni deslizaram até a cintura da calça jeans de Kim, seus dedos cutucando a pele exposta, onde sua jaqueta levantou. Atrás dela, o corpo dele se mexia com o dela ao ritmo da música bombeando através do

assoalho. Ele a empurrou com mais força contra ele para que sua bunda estivesse firme contra sua virilha, ela estava de costas para seu peito e sua cabeça estava enfiada na junção do pescoço e ombro dele. Calor inundou seu estômago, mas não do tipo ruim.

A maneira que Giovanni balançava com seus movimentos era viciante e seus nervos estavam praticamente querendo explodir do seu sistema por causa disso. Ele dançava como ele fodia. Controlado e confiante. Confiante e sem pressa, a menos que ela quisesse mais. Kim se encaixava nele perfeitamente. Ela ficaria feliz em ficar perdida assim. Sem necessidade de voltar para a vida que a esperava.

Giovanni passou seu cabelo solto por cima do ombro direito enquanto os lábios dele sussurravam levemente em toda a volta de seu pescoço. Apenas o raspar de sua boca sobre sua pele enviou desejo por Kim. Ela não podia suportar não ser capaz de sentir o corpo do homem que a segurava, então ela se virou. Giovanni ajustou seu aperto em seus quadris, mantendo-a em movimento junto com a batida.

Sob a camisa dele, onde as mãos dela estavam, seus músculos saltaram com o toque. Um gemido gutural saiu do peito dele, indo direto para o seu núcleo. Kim olhou para cima para ver os olhos verdes encarando-a com um olhar predatório. Como se ele a quisesse.

Cristo. Era lindo. *Ele* era lindo... de uma forma que a fazia doer.

Um pensamento passou por sua mente tão fugaz que ela quase o perdeu. Quase.

Qual seria a sensação de ser apenas dele?

As mãos de Kim, ainda sob a camisa de Giovanni, se esgueiraram para suas costas. Gentilmente, ela raspou as unhas ao longo da parte inferior de suas costas para ver qual a reação ela poderia tirar dele ao fazer isso. Giovanni estremeceu.

"Você é inebriante, sabe", disse ele em voz baixa.

A boca de Kim estava seca. "Sou?"

"Para mim. É perigoso."

Kim estava ciente que a Molly em seu corpo estava tendo um efeito sobre sua atração e fome por Giovanni. Não era a única razão. A substância reforçava a luxúria que ela já sentia. O problema era que ela o queria muito antes de engolir o comprimido e iria continuar querendo-o quando o efeito fosse embora.

Ela o teve e já sabia o que ele poderia fazer. Kim queria novamente.

Dedos hábeis e fortes seguraram a cintura dela. Faíscas de desejo estouraram na pele de Kim. As sensações viajaram rapidamente, como um relâmpago, diretamente para seu sexo. A pulsação começou lá, embora ela estivesse fazendo o seu melhor para ignorá-lo.

"Eu quero tocar em você", disse Giovanni, as palavras quase desaparecendo no vácuo de sons em torno deles.

Tanto para ignorar o que seu corpo estava dizendo. Com apenas essa afirmação por si só, o corpo inteiro de Kim parecia pulsar junto com seu sexo. "Já está."

"Não, não do jeito que eu quero."

Se ele queria falar de coisas perigosas, essas palavras certamente eram. A partir do momento que Kim começou a sentir os efeitos iniciais da droga, Giovanni tomou conhecimento. Ele a manteve perto dele, cuidando dela enquanto o efeito atingia o pico. Apesar das danças inocentes e alguns toques, ele não tinha cruzado todas as linhas.

Não na mente de Kim, de qualquer maneira.

"Onde você quer me tocar?" Perguntou Kim, sabendo muito bem que ela não deveria.

"Você realmente quer saber?"

Essa era uma pergunta carregada. Eles pararam de dançar. Kim não tinha ideia de que horas eram. Com o efeito da Molly, os segundos, minutos, horas tendiam a se misturar até que realmente não existisse mais nada.

Giovanni levantou uma sobrancelha escura. "Eu tenho que te levar de volta em breve."

Kim não pensava assim. "Não, eu quero saber onde você quer me tocar."

"Todos os lugares que eu já toquei, *Tesoro*. Tudo de novo. Só para ver se minhas memórias do seu corpo e os sons fazem qualquer justiça. Eu não acho que eles fazem, mas não me impediram de pensar nisso. Muito."

Uma onda de prazer correu através de Kim com sua admissão. Ela gostou inteiramente do fato de que ele pensava nela — fantasiava, até. Ela já tinha quebrado todas as regras estabelecidas esta noite. Mais uma iria realmente fazer diferença para as coisas que ela tinha feito?

"E se eu quiser?" Perguntou Kim.

"Que eu te toque?"

"Eu quero mais do que apenas um toque." Um caroço se alojou em sua garganta, ameaçando calá-la, porque ela sabia que o que estava fazendo era errado. Kim o forçou de volta para baixo. "Muito mais."

"Você está chapada", Giovanni respondeu. "Isso é tudo."

"Não o suficiente para me impedir de saber o que eu quero. Estou ciente de que é estúpido. Eu apenas não me importo."

"Pare. Kim, você não entende o que isso..." Parando, Giovanni engoliu em seco, sua língua espreitando para fora para molhar seu lábio inferior. "Porra. Eu nunca tive a pretensão de ser bom. Pelo menos, eu sei exatamente o que está vindo para mim neste momento."

Kim não tinha certeza se ouviu corretamente. "O quê?"

"Vamos."

Giovanni agarrou o pulso de Kim com força. Puxando-a para perto, eles passaram rapidamente pela multidão de pessoas. Quando ele finalmente parou, Kim não tinha certeza em qual parte do clube estavam. Ela não teve tempo para descobrir antes de estar sendo virada rapidamente. As costas de Kim encontraram uma parede. Giovanni a prendeu no lugar. Escuridão rodeava mais lá do que no chão e, mesmo com alguns clientes por perto, ninguém prestava atenção neles. Giovanni passou a jaqueta de couro pelos braços dela até que a peça tinha se amontoado. Com a jaqueta nos quadris e emaranhada em torno de seus pulsos, Kim não conseguia levantar os braços.

Isso, efetivamente, a manteve imóvel sob as mãos de Giovanni de repente vagando. Calor desceu para seu sexo apertando quando uma das mãos dele acariciou o seu corpo até seus dedos deslizarem sob o cetim do sutiã, circulando em torno de seu mamilo duro, fazendo-a se arrepiar com uma febre ardente. A outra mão dele veio para o botão da calça jeans dela, seus dedos se curvando ao redor do botão de metal antes de abri-lo.

"Diga aquilo de novo", Giovanni exigiu com a voz rouca. "Diga-me o que você quer."

"Toque-me."

A parede texturizada arranhava suas costas e ombros enquanto Giovanni pressionava-a com mais força contra ele. O toque inocente de mais cedo não parecia nada com isso. Sua intenção era deliberada e clara em seus olhos. Suas mãos já estavam descendo para o seu destino e o corpo e a mente de Kim cederam.

Esmagada, não poderia descrever adequadamente o jeito como Kim se sentiu. Era como se todos os lugares em seu corpo de repente fossem um fio, indo direto para sua boceta e clitóris. Cada polegada de seu corpo respondia às mãos e dedos dele se movendo sobre sua pele como carícias doces, apesar de estarem fazendo quase absolutamente nada. Com a luxúria furiosa, o

desejo girando e seu sangue correndo com a necessidade, ela achou que ficaria absolutamente louca se ele não lhe desse mais.

Algo semelhante a um grito sufocado fez seu caminho para fora de sua garganta apertada quando os dedos dele deslizaram mais para baixo da linha da calcinha.

"Você está molhada para mim, *bella mia*?"

Sim. A calcinha que ela usava estava certamente arruinada com sua umidade. Suas coxas tremiam e seu jeans fez pouco para oferecer a ela qualquer coisa para a dor em seu clitóris. Kim poderia apenas acenar como se ela não confiasse que sua voz funcionaria e, muito menos, que seus pulmões trabalhassem.

"Ela está... *encharcada*", disse Giovanni. Dois de seus dedos deslizaram ao longo de suas dobras carnudas, espalhando sua excitação sobre os dedos dela e sua entrada. O choque imediato de prazer do contato em seu sexo era surpreendente. Quase como um orgasmo fora de alcance. "Você quer que eu te faça gozar aqui com todas essas pessoas nos observando?"

"Eles não estão..."

"Alguns, provavelmente, estão, e eles são o tipo de pessoa que fica apenas observando os outros", ele murmurou quando dois dedos acariciaram dentro do canal apertado dela. "Você está muito focada no que estou fazendo para notar."

Kim não negaria isso. Os dedos de Giovanni começaram a acariciar suas paredes internas, seus fluidos umedecendo a calcinha ainda mais com cada impulso. Ela inclinou seus quadris na mão dele para mais. A sensação de seus dedos fodendo com ela fez coisas más com seu corpo. Com a mão lutando contra o aperto de sua calça jeans, Giovanni manteve um ritmo lento e tortuoso, movendo os dedos para dentro e fora de seu sexo. Sua palma encostou no clitóris dela, atrito suficiente para aliviar sua dor.

Kim choramingou com os dentes cerrados. Gritos estavam tentando passar pela sua garganta, mas ela forçou o impulso para baixo. Giovanni se inclinou para ela, retirando a mão de sua camisa para colocá-la na parede ao lado de sua cabeça, mantendo Kim escondida da vista dos outros.

"Dio, você é boa pra caralho, Kim. Quente e apertada."

Cada palavra foi pontuada por outro impulso de sua mão. Os murmúrios de Giovanni em seu ouvido tomaram conta de seus sentidos como uma onda. Apenas o som deixou sua boceta apertando em torno dos dedos dele com a pressa de um orgasmo que ela não tinha percebido que estava vindo até que ele estava lá.

Quando ela gozou, Kim enterrou o rosto na curva do pescoço de Giovanni para abafar o barulho que ela não conseguiu conter. Uma vez que os tremores de seu clímax diminuíram, ele retirou as mãos do seu jeans e puxou a blusa dela para baixo, o suficiente para cobrir o botão desfeito. Em seguida, ele ajeitou o casaco de volta sobre os ombros dela sem dizer uma única palavra.

Tão doce que era quase doloroso, Giovanni acariciou sua bochecha com a dele e acalmou a pele de repente sensível de Kim. Cada escovar macio de seu rosto no dela fez Kim se mover para a frente, mais perto de seu calor e abraço. A mão dele na parte inferior das costas dela a manteve imóvel por um momento.

"Você quer que eu a leve de volta para o seu dormitório?" Perguntou Giovanni.

A resposta de Kim foi instantânea e segura. "Ainda não."

"Nós poderíamos deixar por isso, Kim. Acabarmos, se é isso que você quer fazer. "

Por alguma razão, ela tinha sérias dúvidas de que seria tão fácil.

"Vamos ter mais uma noite, Gio."

O exalar pesado saiu de seus lábios cheios, soprando contra o rosto dela. "Você tem certeza?"

"Sim."

"Você já fodeu enquanto a Molly faz efeito?"

Kim balançou a cabeça, ainda se recuperando. O corpo dela estava cantando e voando alto, assim como seus pensamentos correndo e coração trovejando. "Não."

"Último aviso, então. Isso não foi nada. Você vai sentir como se estivesse se afogando, mas de um jeito bom."

Capítulo Oito

Todos os pontos onde dedos ágeis foram tocando em sua pele se transformaram em uma conexão direta até o pau de Gio. Kim tinha o deixado empurrá-la para o banco de trás do carro alugado que ele estacionou a um quarteirão de distância da Pulse. Ele não conseguia parar de tocar e explorá-la com as mãos e boca enquanto eles despiam um ao outro.

Quando Kim sentou sobre o assento escarranchada em cima de Gio, todo o ar no peito saiu. Uma das mãos dela se moveu entre seus corpos para acariciar seu pau enquanto a outra tocava o estômago dele para se apoiar. Perdido no sentimento da mão dela em torno de seu eixo, ele continuou a explorar suas curvas, lambendo e mordendo o ponto pulsando em sua garganta.

O que ele mais queria era beijá-la, então ele o fez. Dominando com o ataque de sua língua na dela, ele provou seu sabor e essência. Seus lábios pareciam sedosos, veludo nos dele. Ela já tinha gosto de sexo e mulher. Amargo e doce. Havia sal em sua pele e um calor em sua boca. Gio não poderia decidir qual gostava mais.

A redescoberta deles através de carícias e beijos deixou Gio se sentindo mais ardente do que tinha se sentido nos três meses desde que ele tinha transado com ela. O rubor rosado correndo sobre o corpo dela e o tremor em seu lábio inferior foram quase como um bálsamo para suas memórias. Ela era exatamente a mesma de antes. Tão perfeita. *Bellissima* em cima dele. Deus, como ele adorava isso.

Cada som baixinho que escapava dos lábios dela reverberava através de seu corpo, um atrás do outro. Gemidos suaves conforme ele passava as mãos

pela sua coluna. Choramíngos baixinhos enquanto seus dentes mordiam o pescoço e ombro dela. Sons ofegantes quando seus dedos cavavam os globos do traseiro dela para mantê-la em cima dele.

Os sons não eram apenas ruídos para ele, eram como música. A melhor música. Esse era o tipo de efeito que a Molly tinha sobre Gio. Era, provavelmente, por isso que ele não conseguia fazer uma pausa com a cadela por muito tempo. Dependência não chegava nem perto da experiência que ele tinha com a droga. Mais um toque não era suficiente. Os beijos precisavam ser mais duros. Adiar o orgasmo era difícil.

Estar com Kim não era nada como ele tinha tido antes. Estranhamente, enquanto isso ainda era predominantemente bom para Gio, quase parecia como se ele não estivesse drogado. Bem, pelo menos, não com a Molly. Ele sabia o que deveria sentir e os efeitos que ela deve ter tido sobre ele. Claro, eles ainda estavam lá, mas entorpecidos.

Sua mente e corpo, que normalmente ansiavam e se deleitavam em sexo quando ele estava fodendo, estavam totalmente focados em Kim. Era o que ela provocava nele, em suas mãos, o gosto dela em sua língua e seu nome na boca dela. Com a Molly rastejando através de seu sistema, ele deveria estar obcecado apenas com os sentimentos que ele estava experimentando, quão intenso eles eram e com a droga em si, não com a mulher em seu colo. Em vez disso, ele foi completamente apanhado em como estar com Kim o fazia se sentir e como qualquer coisa e tudo que ela fazia era tão incrível.

Era tão desconcertante como era completamente glorioso.

Gio esteve atrás desse sentimento a vida toda. Era o que ele tentava achar com cada substância que fumava e cheirava e todas as bebidas que ele tomava. A queimadura doce rolando em seu intestino, afetando sua mente tanto quanto o seu pau, era o que o levou a muitas manhãs de ressaca e noites esquecidas. O que Kim estava fazendo com ele apenas por estar com ele e

tocá-lo... Era isso que ele queria, mesmo que isso fosse matá-lo.

"Onde você está?" Perguntou Kim, seus olhos azuis escuros pesados com a droga. "Perdido em sua cabeça?"

"Não. Aqui com você", disse Gio sabendo que era verdade. "Bem aqui com você, *Tesoro*."

Kim sorriu, seus lábios vermelhos e cheios de seu beijo. "Preservativo?"

"Sim, no meu jeans."

Kim soltou seu pau para pegar o jeans. Quando ela se virou para pegar a roupa pendurada no encosto de cabeça do assento do passageiro, Gio teve a oportunidade de admirar a curva de seu traseiro. Ele não podia evitar correr suas mãos sobre o traseiro dela. Kim estremeceu ao toque inesperado.

"Você é tão bonita", Gio disse, forçando sua voz a sair. "É louco o quão bonita você fica... especialmente nua."

Ela lançou a ele um olhar por cima do ombro, recatada e sexy. "Você me disse isso antes."

"Então eu estou dizendo a você novamente. Coisas bonitas devem sempre ser admiradas, Kim."

Uma expressão que Gio não conseguia decifrar passou pelas feições bonitas dela antes de desaparecer rapidamente. Kim se virou novamente para procurar a embalagem. Com ela ocupada, ele teve a oportunidade de se endireitar, então suas costas estavam para a porta, uma perna esticada através do assento, e a outra, descansando no piso do carro.

Não era como se o veículo fosse espaçoso, mas o sedan de quatro portas era grande o suficiente para se divertirem no banco de trás, desde que tudo fosse simples. Gio não iria fazer nenhum truque com Kim. Ele só queria transar com ela. De preferência, logo, se o pulsar em seu pau fosse qualquer indicação.

Gio estava tão perdido apenas olhando para Kim que ele não percebeu que ela estava olhando para ele também. "Deus, você me olha como..."

"Como o quê?"

Kim limpou a garganta, parte da nebulosidade se afastando de seu olhar. "Eu nem sei."

Gio, sim. Kim era a água e ele era o homem morrendo de sede. Não era tão difícil de descobrir. "Você achou?"

Kim acenou com a embalagem de alumínio entre eles enquanto montava nas coxas dele mais uma vez. Ela não perdeu tempo, rasgando o pacote e rolando o preservativo em seu comprimento. Gio gemeu com a sensação que a ponta dos dedos dela criava em sua virilha e as faíscas de prazer se enrolando em torno de seu pau enquanto ela lhe encobria com o látex. Só de vê-la colocar o preservativo nele foi o suficiente para deixá-lo mais duro que um fodido aço.

Enquanto os dedos provocantes dela dançavam de volta até o seu comprimento, Gio fechou os olhos e soltou outro som que parecia quase bruto. Como algo tão simples poderia ser assim, tão bom? As mãos de Kim repousaram sobre suas coxas, ao mesmo tempo em que a ouviu se sentando no assento, movendo-se para baixo de suas pernas.

Instantaneamente, os olhos de Gio se abriram. "Kim..."

Calor úmido cercou a cabeça do seu pau, afastando seus pensamentos e voz. Tudo o que ele ia dizer foi abafado pelo aperto de seus músculos e garganta quando o ar assobiou entre os dentes cerrados de repente. A língua talentosa de Kim girava em torno da ponta de seu pau antes que ela o levasse ainda mais fundo em sua boca.

Gio estava totalmente perdido. O zumbido se construindo em seu peito vibrava na parte inferior do seu eixo da melhor maneira. A língua dela estalou provocando a veia pulsante na parte inferior do seu pau enquanto ela chupava

forte, os dedos envolvendo a base. A outra mão de Kim estava na coxa dele, suas unhas marcando sua carne o suficiente para manter sua atenção exclusivamente sobre ela.

Kim o chupou devagar, tomando seu tempo para deixá-lo sentir toda a sua boca. A cabeça dele caiu para trás contra a janela, sua respiração vindo em lufadas pesadas. Gio não poderia se lembrar de outra mulher que tivesse sido tão boa em um boquete com os olhos abertos, observando-o através de cílios grossos.

Era ridículo o quão sexy ela ficava com seu pau na boca, sem pensar em como ele se sentia sobre isso. Se ele a deixasse continuar, Gio não iria durar.

"*Cazzo Dio...* Kim, você tem que..." Aqueles lábios vermelhos dela soltaram seu pau com um *pop*. "Eu não posso fazer isso agora, *Tesoro*. Você está me matando aqui."

Kim olhou para cima com uma sobrancelha levantada. "Fazer o quê?"

"*Isso*", Gio murmurou, acenando para ela. "Observar você me chupando assim. Eu não tenho controle com você. Venha aqui."

Afastando-se da porta do carro, Gio agarrou Kim ao redor da cintura com um braço e puxou-a para ele. No mesmo movimento, ele inclinou ambos os seus corpos até que as costas de Kim estavam contra o banco, e Gio pairava sobre ela. As coxas sedosas de Kim se abriram para ele parar entre elas. Ele foi para seu peito, beijando ao longo das ondas de seus seios e o contorno de seu estômago. Ele parou para dar a volta no piercing de umbigo dela com a língua, saboreando o metal da barra curva.

Gio empurrou as pernas dela para que se abrissem mais. Deixando as mãos vaguearem pelo interior de suas coxas, ele parou pouco antes de sua boceta. A umidade dela já estava molhando seu sexo. O cheiro almiscarado de sua excitação atingiu Gio no momento que ele lambia seu osso púbico.

Sob seu peso e boca, ela torceu no banco, suas coxas apertando-se.

"Santo inferno", Kim suspirou. "É como se eu estivesse quase *lá*. Eu entendi... o afogamento, sim. Eu entendo isso agora."

Uma risada sombria ecoou de Gio antes de ele baixar um pouco mais para morder sua coxa. Ele plantou um beijo no mesmo lugar, perto de seu sexo molhado, calmante afastando a ardência que sua mordida poderia ter causado. "Oh, eu sei. Mas vai ficar muito mais intenso."

Gio usou seus polegares para abrir os lábios carnudos de seu sexo, deixando um deles deslizar em seu núcleo úmido, sentindo como ela estava molhada para ele. Enquanto os dedos dela se enredaram no cabelo dele, ela suspirou suavemente. Seu liso e apertado canal abraçou o polegar dele quando ele puxou o dedo de seu sexo, espalhando seus fluidos em torno de seu clitóris.

Kim apertou duramente o assento no momento em que o polegar dele entrou em contato com o feixe de nervos. Só para vê-la fazer isso novamente, ele circulou seu clitóris um pouco mais lento na segunda vez. "Oh."

"Humm", Gio cantarolou baixinho, apreciando a reação dela. "Mais?"

Kim não respondeu, mas as mãos dela estavam se movendo novamente. Tocando em qualquer parte dele que ela pudesse alcançar; agarrando seus braços e, em seguida, puxando-o para cima. Ele segurou o rosto dela, capturando seu gemido com os lábios. Ele não deu a mínima para o gosto de látex na boca dela, só que sua língua bateu duro contra a dele de uma forma que o fez ansiar por ela ainda mais. Cobrindo seu corpo com o dele, Gio esfregou sua ereção ao longo da costura do sexo dela. As unhas de Kim cavaram deliciosamente em seus ombros, e seus saltos encontraram a parte inferior das costas dele.

Não era que Gio não gostasse de ter as mãos dela em seu corpo, porque ele, com certeza, gostava. Isso só contribuiu para as ondas de euforia se

apressarem a partir de suas veias para inundar seu pau. Infelizmente, isso ainda estava tendo esse mesmo efeito sobre ele como a boca dela, fazendo com que seu controle vacilasse e se quebrasse debaixo de sua necessidade.

"Confie em mim, sim?" Perguntou Gio.

Kim balançou a cabeça, seu cabelo derramando-se sobre o assento enquanto ela inclinava seus quadris em seu pau novamente. "Sim, Gio. Sempre."

Gio agarrou a primeira peça de roupa que sua mão encontrou no chão. Era a calcinha azul de Kim de renda. Perfeito para o que ele precisava. A testa de Kim franziu em sua confusão quanto Gio torceu o tecido mais e mais no meio até que apenas dois círculos pequenos permaneceram. Com uma mão, ele prendeu seus pulsos na palma da mão antes de movê-los para trás de sua cabeça.

"O que você está fazendo?" Perguntou Kim, com um sorriso sexy nos lábios.

Em vez de responder, Gio estendeu a mão e acionou o mecanismo de travamento na porta. Então, ele usou a mão livre para envolver a parte torcida da calcinha em torno da maçaneta da porta antes de prender os pulsos de Kim nos pequenos círculos. Independentemente de quão duro ela puxasse as restrições temporárias, a porta não desbloquearia.

As fechaduras de segurança para crianças tinham mais do que um benefício.

Imediatamente, Kim tentou arrancar as mãos das algemas improvisadas. A ação fez com que seu corpo se esfregasse contra o pau dele. "Giovanni!"

"Confie em mim, *Tesoro*", ele repetiu. "Eu quero que você sinta comigo esta noite. Isso ajuda."

Kim afundou no couro do banco, ainda mantendo a tensão na calcinha

enquanto ela puxava. Gio tinha tempo para voltar a redescobrir a extensão do corpo dela com os dedos e boca enquanto ela estava completamente sob a sua misericórdia. Toda a sua atenção estava em Kim; os ruídos que ela fazia quando sua língua se estendia para lambe sua carne e os espasmos e saltos de seus músculos quando ele encontrava um ponto particularmente sensível com as mãos.

Lentamente, Gio provocou seu corpo. Ele nunca deu a Kim exatamente o que ela queria, mas sempre chegava perto o suficiente para deixá-la saber que estava mais do que ciente do que ela desejava. O tempo não importava muito para Gio. Segundos e minutos passavam despercebidos. Havia um pico particular que queria que Kim chegasse a partir da substância ainda fluindo através de seu sangue apenas por ter sido tocada por ele, nada mais.

Não demorou muito tempo para chegar lá.

Respirações ofegantes saíam de Kim cada vez que os lábios de Gio pousavam em sua pele. Ela moveu seu corpo para encontrar sua boca. Suas costas arqueavam para fora do assento, braços puxando as restrições, segurando-as até que seus pulsos ficaram cor-de-rosa por causa da pressão.

"Cristo, Gio... *por favor.*"

"*Hum*, o quê?"

Kim respondeu com algo ininteligível, fazendo Gio sorrir. Ela era tão incrivelmente linda com seu cabelo despenteado, lábios vermelhos mordidos de seus próprios dentes e suor salpicando sua pele. Apesar do quanto Gio gostava de provocá-la, não poderia esperar mais. Pairando sobre ela novamente, ele pegou a boca aberta de Kim em um beijo enérgico quando posicionou seu pau em sua entrada com a mão e empurrou para dentro.

Calor sedoso o envolveu imediatamente. O prazer de entrar nela sem aviso e ouvindo seu grito quebrado de surpresa esquentou sua virilha. Isso disparou diretamente para seu interior, derramando ondas de luxúria e êxtase

em suas veias. Todos os músculos das paredes internas dela apertaram em torno da intrusão de seu eixo, travando-o em suas profundezas.

Oh, sim... Kim tinha definitivamente atingido o pico que Gio queria que atingisse. Com um golpe de seu pau, a cabeça de Kim inclinou para trás, seus lábios abrindo quando ela sussurrou seu nome, a umidade de sua excitação se derramava em torno de seu eixo, absorvendo suas bolas. Ela gozou tremendo e atordoada com o primeiro orgasmo.

Gio tentou dar a Kim um momento para se recuperar, mas ele não podia. Enterrado até o punho dentro dela, seu próprio corpo estava exigindo que se movesse, o desejo do prazer lambendo seus sentidos. Seus impulsos não eram lentos, mas, também não eram apressados. Não havia necessidade de pressa. As terminações nervosas hipersensíveis abaixo de sua pele já estavam como fios desencapados. Gio enganchou uma perna dela em torno de seu quadril, deixando seu pau chegar ainda mais fundo dentro de sua boceta.

Enredando os dedos nos dela, Gio usou sua outra mão para estimular o clitóris inchado sob seu polegar. Kim estremeceu, gritando seu nome, quando as paredes de seu sexo apertaram seu pau no instante em que outro orgasmo se construía rápido dentro de seu corpo.

"Cristo, você está tão apertada em torno de mim... me ensopando, Kim", Gio murmurou.

Ela estava no precipício de um segundo clímax. Kim não precisava dizer, ele podia ver isso na forma como ela ofegava para respirar, mas não conseguia apanhar ar e suas coxas tremiam. Gio percebeu, então, que sempre que Kim estava debaixo dele, ele estava no céu.

"Oh, meu Deus, Gio..."

Kim ficou tensa, seu orgasmo se mostrando em suas feições. As unhas dela cortaram sua mão. O agulhão da dor manteve o controle de Gio da

pressão se construindo na base da coluna, o que assinalou sua própria libertação se aproximando. Ele não poderia gozar ainda. Mais um... Era isso que ele queria. Ver Kim se deixar ir assim só mais uma vez por causa do que estava fazendo com ela.

"Vai ficar melhor, Kim", Gio disse novamente. "Apenas *sinta*."

Gio se deixou perder no jeito que se sentia cercado por Kim. O corpo dela. O cheiro de seu sexo. Gemidos no ar úmido. Ela se contorceu sob seu peso, seus gritos ficando mais altos com cada toque de seu corpo no dela. A calcinha segurando seus pulsos acima de sua cabeça esticava mais e mais enquanto ela se contorcia, pedindo-lhe mais.

Quando o terceiro clímax de Kim rolou através dela, Gio não se segurou mais também. Nesse ponto, não era como se ele pudesse. Rápida e destrutiva, a liberação nublou todos os pensamentos até que nada tinha sobrado além da sensação bruta.

Sim, como afogamento, mas de um jeito bom.

* * *

"Sim... *Ciao*?" Gio murmurou para o telefone celular que ele mal conseguiu encontrar no piso do carro.

A luz brilhando através da janela do carro machucou seus olhos como nada mais, então ele cobriu os olhos com o braço. Estava um pouco frio no veículo, mas nada que não pudesse aguentar. Las Vegas em janeiro não era frio como o janeiro em Nova York. Era a única maldita coisa que Gio achava positivo em Vegas.

"Feliz aniversário, irmão mais novo."

Gio piscou ao ouvir o som da voz de Lucian em seu ouvido. Como tinha conseguido esquecer o seu próprio aniversário? Vinte e seis era muito

perto de trinta em sua opinião. "Obrigado."

"Você parece cansado", Lucian observou calmamente. "Celebrando a noite passada?"

Cansado não era uma palavra boa o suficiente para o que Gio sentia. Memórias da noite anterior passaram pela sua cabeça sem avisar. Ele não dirigia sob o efeito de drogas. Não depois de quase ter se matado há alguns meses. Levar Kim de volta ao seu dormitório com segurança e sem que um dos lacaios de Franco a visse fora do edifício não tinha sido difícil. Gio deu a ela um moletom com capuz para esconder seu rosto e cabelo, além de ela ter ficado com a jaqueta de couro dele.

Ele adorava aquela jaqueta. Não importava. Não de verdade. Ela ficava melhor em Kim.

Gio, nitidamente, lembrou-se de Kim mencionando ir de ônibus, mas ele foi inflexível sobre ter certeza de que ela voltasse bem. Ele não tinha parado de tocá-la o tempo todo. Seu rosto se aninhou no pescoço dela, os dedos traçando caminhos na parte inferior das costas dela. Era uma fodida sorte a única mulher no mundo que poderia levá-lo de zero a sessenta e mantê-lo lá estar fora dos limites.

Então, ontem à noite foi um sonho, sua mente sussurrou.

Porque fora dos limites significa *fora-da-porra-dos-limites*, e Gio quebrou essa regra com um estrondo.

Gio se encolheu, sabendo que ele a fodeu de novo. Muito. Ele ainda sentia o cheiro de Kim no carro e o cheiro do sexo dela em sua pele. Banho, cigarro e água. Isso era o que ele precisava.

"Celebrando", Gio repetiu, olhando para o teto do carro de aluguel. "Algo parecido."

"Mamãe tem ligado para seu celular até cair. Ela acha que você está morto ou algo assim. Ligue de volta para ela, Gio."

Merda.

"São tipo onze horas da manhã aí. O que você ainda está fazendo dormindo?" Perguntou Lucian.

"Cale a boca, idiota", Gio resmungou. "Você não pode me incomodar quando eu nem estou no mesmo estado que você, Lucian. Tem que haver algum tipo de lei sobre essa merda. Vá encher o saco de Dante por um tempo."

"Ele tentou te ligar para te desejar um feliz aniversário também."

Gio resistiu ao impulso de atirar o celular pela janela e bater com a cabeça no assento. "Eu não estou de bom humor agora."

"De ressaca?"

Isso e muito mais.

"Eu odeio Vegas", Gio disse ao invés. "Como está o meu menino?"

"Cain está bem, tanto quanto eu sei", Lucian respondeu. "Dante contratou uma garota para levá-lo para passear à tarde quando ele está trabalhando. Ele não quer passear de dia com Dante por algum motivo."

"Porque ele não sou eu."

"Sim, Dante sabe. Provavelmente, é por isso que ele está tendo paciência extra com ele."

Gio sentia saudade de seu cachorro como nada mais. Este seria o tempo mais longo que Gio tinha ficado longe de Cain. Cain não tinha o melhor comportamento quando seu mestre estava ausente, mas não fazia bem a ele voar. Gio percebeu isso depois de tentar levá-lo em uma viagem de fim de semana para Washington. Aparentemente, Cain tentou matar qualquer um que se aproximasse de sua gaiola durante as mudanças de voos.

"Como foi o Maine? Jordyn está bem depois de conhecer o pai?"

Gio e Lucian não tinham tido a chance de falar sobre as novidades quando seu irmão voltou de sua viagem ao Maine depois da reunião da

comissão. Jordyn, a esposa de Lucian, não tinha estado na mesma sala que seu pai biológico em mais de uma década.

"Está bem, considerando as circunstâncias", Lucian respondeu, mas algo triste vinha de seu tom.

"Na verdade, me parece que alguém roubou seus balões de festa."

Lucian riu. "Muito tempo perdido para Jordyn, isso é tudo. Ele tem um casal de filhos mais velhos, uma vida própria, e ele se afastou do passado. Jordyn não teve nada daquilo, nem mesmo ele. Foi difícil para ela esquecer seu ressentimento, mesmo que ele não tivesse muita culpa."

"Não a culpe por ter sentimentos, Lucian."

"Eu não disse isso."

"Ótimo. Mamãe está chateada comigo?" Gio perguntou quando ele enfiou a mão no bolso da calça para procurar uma caixa de metal pequena que sabia que estava lá.

Gio finalmente tirou a caixa de seu jeans. Abrindo a tampa, um baseado e um par de cigarros olharam para ele. Em vez de acender o baseado como ele queria primeiro, ele apoiou a caixa em seu estômago enquanto ele continuava a conversa com seu irmão.

"*Nah*, apenas preocupada, como eu disse." Lucian suspirou profundamente. "Ela acha que você está evitando-a ou algo assim porque é seu aniversário e ela vai te paparicar."

Bem, a preocupação de sua mãe não estava totalmente longe da realidade. Gio não estava ignorando suas ligações, mas a sua preocupação constante o irritava mais do que nunca.

"Eu estava dormindo, cara."

"Tanto faz. Só ligue para ela, Gio. E não seja um idiota quando ligar. Até que ela tenha alguns netos para amar, nós somos a melhor escolha. O que está acontecendo em Las Vegas, de qualquer maneira? O pai está sendo

discreto como o inferno. *Dio*, eu odeio quando ele faz essa merda."

Gio levantou uma sobrancelha com a admissão de seu irmão sobre seu pai estar de boca fechada. Não era como se Antony não explicasse as coisas. Era outro indício de que a intenção de seu pai ao enviá-lo para cá tinha sido mais sobre sua amizade com Maximo do que sua preocupação com Franco fazendo algum tipo de movimento pelas costas dos Marcellos futuramente.

Mesmo assim, Gio não viu problema em dizer a Lucian. "Até agora, nada. Franco disse algo estúpido para mim e para a comissão sobre os Marcellos aquém no poder. Antony não gostou e enviou-me para cá para ficar de olho em Franco sob o pretexto de fazer negócios."

"Quão perto você está dos caras de Franco?" Perguntou Lucian. "Quero dizer, eles vão falar de negócios de verdade perto de você, ou apenas fingir que você é um estranho?"

"Eu jantei na casa dele ontem. É perto o suficiente para você?"

"Quase lá. Escutar e não falar pode ajudar você, Gio. Eu sei que esse tipo de coisa é difícil para você, mas faça isso funcionar. Tente não matar Franco enquanto você está nisso, sim?"

Gio bufou. Sua antipatia por Franco era clara, mesmo por telefone. Provavelmente, não ajudava o seu caso que Franco tivesse uma nova razão para Gio odiá-lo. Essa razão era Kim. "Sim, eu estou fazendo o meu melhor a esse respeito. Por hoje, ele ainda está respirando. Filho da puta de sorte."

Pegando o baseado da caixa de metal em sua barriga, Gio girou entre os dedos, tentando decidir se ele queria acender ou não. A maconha iria curar o sentimento de merda dos resquícios da Molly, mas a ideia de estar chapado simplesmente não atraía Gio."

Isso não era ele. Que diabos estava acontecendo com ele?

"Você está bem?" Perguntou Lucian, aparentemente percebendo o silêncio de seu irmão mais novo.

"Sim, eu só..."

"Fala logo, Gio. Alguns de nós têm empregos reais para ir hoje."

"Eu trabalho, e você sabe disso. Vegas não é um período de férias para mim. Você pode chupar minha bola esquerda por esse comentário."

"Não, mas obrigado pela oferta. Sério, o que está acontecendo?"

Gio suspirou. Ele precisava falar, mesmo que ele não pudesse ser cem por cento sincero sobre sua situação atual. Lucian era o melhor de seus dois irmãos para conversar sobre o tipo de merda que Kim o fazia sentir. Dante era tão frio como gelo no departamento de emoções quando se tratava de mulheres.

"Conheci uma garota", Gio disse vagamente.

Lucian se engasgou na outra extremidade. "*O quê?*"

"Aham, mas mantenha a boca fechada sobre isso."

"Sim, claro. Qual é o nome dela?"

"Não importa agora."

Gio jogou o baseado de volta na caixa, fechou-a e colocou no bolso. Sentado em uma posição vertical no assento, ele esfregou círculos em sua testa. Droga. Ele provavelmente deveria ter pegado um táxi de volta para o hotel em vez de dormir no carro. A dor em seu pescoço era de matar.

"Então você conheceu uma garota sem nome. É tudo o que vai me falar?" Lucian perguntou em tom de brincadeira.

"Ela é *bellisima*, cara. Pernas compridas. Olhos azuis. Uma doçura com a quantidade certa de sarcasmo abaixo da superfície para te deixar louco."

"Soa como alguém que você gostaria."

"Fiquei com ela duas vezes, e eu já estou pensando em um terceiro round, Lucian."

"Ela chamou sua atenção, entendi."

"Sim", Gio murmurou na palma da mão.

Gio não dormia com a mesma garota mais de uma vez se ele pudesse evitar. As pessoas poderiam rotulá-lo como mulherengo por causa disso, mas isso era problema delas. Ele não estava a fim de encontro, e amigos com benefícios não dava certo. Sentimentos tendem a se enrolar e nunca mais desenrolar. Gio não queria enganar uma mulher, pois não seria justo com ela, então era mais fácil simplesmente evitar isso completamente.

"Qual é o problema, Gio?"

Além de Kim ser inatingível? Além do fato de que ele fez com ela valesse a pena levar um tiro, estando mais do que pronto para outra sessão? Ele não poderia dizer isso a Lucian, apesar de tudo.

"Eu não sei", Gio resolveu dizer.

Seus pensamentos tropeçaram de volta para as primeiras horas da manhã quando ele deixou Kim no estacionamento de seu dormitório. O capuz do moletom que ele deu a ela mantinha seu rosto oculto e o que ele usava protegia o dele. Não era isso que a impedia de ser vista, como ele estava pensando. Era o braço em volta dos ombros dela, segurando-a perto enquanto seus dedos entrelaçavam com os dele. E ele deu um beijo de boa noite suavemente em seu rosto.

As palavras finais de Kim a ele, antes que ela deslizasse para os dormitórios despercebida, não foram o que Gio queria ouvir. Ele não podia nem deixá-las atravessar sua mente sem a sua ira faiscar. Não era culpa dela, não realmente.

"Ela me faz querer ser carinhoso", disse Gio.

Lucian limpou a garganta. "Eu não sabia que isso era uma coisa ruim."

"Não é."

Ou não seria, se Kim não estivesse noiva de um homem feito. O que ele tinha feito ao mexer com ela? Talvez ele quisesse morrer.

"Apaixonar-se é uma merda assustadora", disse Lucian.

"Especialmente, para homens como nós."

O olhar de Gio parou na calcinha que ele usou para conter Kim ainda envolta em torno da maçaneta da porta. "Eu não estou apaixonado."

Era a verdade.

Mas ele apostava que seria malditamente fácil.

Capítulo Nove

"Nós não podemos fazer isso novamente."

"Por que concordou em se casar com ele? O que ele tem que você quer?" Perguntou Giovanni. "Conte-me."

Kim deu um passo para trás para longe de Giovanni, precisando do espaço entre eles para limpar a cabeça. "Eu sinto muito. Nunca mais, Gio. Por favor, entenda o porquê."

"Kimberlynn!"

Kim afastou seus pensamentos ao ouvir a voz chateada vindo de fora da porta do banheiro. "Estou quase terminando, Franco."

"Depressa, querida. Você vai nos atrasar."

Perfeito. Outra coisa para adicionar à pilha de merda em sua vida hoje. Kim mordeu a língua duramente. Era a única coisa impedindo-a de latir para Franco que foi ele quem exigiu que ela trocasse o vestido... duas vezes.

Normalmente, Kim não se importaria em se arrumar, mas o pai de Franco e a madrasta os convidaram para jantar em um restaurante conhecido por suas exigências do código de vestimenta. Realmente, isso para dizer o mínimo. O lugar era trezentos dólares o prato.

Kim não queria ser rude, mas a comida chique que Franco apreciava não era do seu gosto. Suas preferências eram simples. Massa ou hambúrguer. Enquanto ela pudesse comer usando jeans. A reserva de jantar com os Sorrentos não ia ser agradável.

Kim arriscou outro olhar para o seu reflexo vaidoso. Inclinando o queixo para cima e para o lado, ela podia ver claramente a marca vermelha que Giovanni tinha deixado atrás de sua orelha direita. Tinha se passado

quase uma semana desde que ele deu a ela aquele chupão e a maldita coisa ainda não tinha ido embora. Em vez disso, ele serviu como um lembrete de sua estupidez e falta de controle toda vez que ela prendia seu cabelo ou olhava-se no espelho. Pior era o fato de que Kim não conseguia parar de olhar para ele ou tocá-lo, quase como uma compulsão.

Kim tirou um pequeno frasco de corretivo de sua bolsa. Seu cabelo estava meio para cima e metade para baixo, ela não estava preocupada com o chupão ser notado, mas ela não queria correr esse risco. Esfregando em um pequeno ponto, a maquiagem em tons de pele fez a mancha vermelha desaparecer. Infelizmente, tocando o único local onde a boca de Giovanni marcou seu corpo, seu sexo apertou com a necessidade, em resposta. Deus, ela não precisava dessas memórias agora.

O chupão não era a única coisa que Giovanni tinha deixado para trás. O vestido que Franco, finalmente, decidiu ser bastante apropriado para ela usar fez pouco para esconder os arranhões em seu ombro. Quando Giovanni empurrou Kim contra a parede áspera no Pulse, ela raspou a pele. A maioria das escoriações estavam curadas e não doíam. Kim esperava que Franco não notasse. Ela não tinha desculpa para explicar as marcas.

"Apreste-se, Kimberlynn, ou eu vou entrar para arrastar você", Franco avisou.

Kim jogou o corretivo de volta em sua bolsa, ajeitou os cachos loiros que passara horas fazendo com uma prancha e virou-se para sair do banheiro. Franco estava do lado de fora da porta com uma expressão frustrada e seus sapatos de couro brilhantes batendo no piso de madeira.

"Está bom?" Perguntou Kim, apresentando a nova roupa ao Franco com todo o falso entusiasmo que conseguiu reunir. Não era muito boa.

"Bom o suficiente", Franco murmurou. "Melhor do que os outros dois pedaços de lixo."

"Foi você quem comprou os outros vestidos, Franco."

"Bem, eu não gosto deles agora. Eles mostram muito. Pelo menos, com esse, você parece mais velha e não..."

"Como uma estudante universitária de vinte e um anos de idade que eu sou?"

A sobancelha de Franco arqueou. "Exatamente. Não há nada de errado em querer que você aja como uma adulta madura. Ou, pelo menos, uma mulher adequada o suficiente para ser minha esposa. E não me interrompa novamente, Kimberlynn. Eu não suporto essa merda. Pegue seu casaco, e eu a encontro lá fora."

O teto viu o peso do olhar ameaçador de Kim quando Franco valsou pelo corredor e para fora de sua vista. Não querendo ouvir mais queixas, ela não perdeu tempo em pegar o casaco do armário do corredor e sair de casa.

A pessoa falando com Franco na garagem não era quem Kim esperava ver. Seu coração saltou para a garganta. Giovanni não notou Kim, mas Franco sim. Ele acenou com a mão, como se para acelerá-la. A ação de Franco chamou a atenção de Giovanni em sua direção.

Resumidamente, seus olhares se encontraram e, quando Giovanni a olhou de cima a baixo, Kim sentiu um arrepio se espalhar ao longo de todo o seu corpo. Tão rapidamente como ele olhou para ela, ele desviou o olhar com desdém. Kim tinha certeza de que havia raiva em seus olhos e ela não sabia por quê.

Foi só então que Kim notou o brilhante Lamborghini laranja estacionado ao lado da estrada com o motor ainda ligado. A cor era feia como o inferno. Kim não estava inteiramente certa de como agir ou o que dizer para Giovanni quando ela parou ao lado de Franco, então ela resolveu por um educado, "olá, Gio."

Giovanni sorriu, mas não soava verdadeiro. "Kim. Prazer em vê-la

novamente."

Franco não percebeu a estranheza. "Sem problemas para fazer isso, então?"

"Não. Cody ganha o crédito por isso", disse Giovanni, voltando-se para lançar um olhar por cima do ombro para o carro. "Não desligue o laptop ou o transmissor; você não vai conseguir fazê-lo funcionar novamente."

"Entendi. Quanto custou o sistema eletrônico para fazer ligar?"

Giovanni deu de ombros. "Cerca de setecentos mais ou menos, o que vale a pena considerando o que você vai ganhar. O laptop e o transmissor podem ser reutilizados, desde que eles continuem com a conexão Wi-Fi. A programação é brincadeira de criança. A entrada sem chave não é segura se tudo é executado por comprimentos de onda transferíveis. Imagino que alguns de seus homens esteja usando a mesma configuração para os outros."

"Quanto tempo até que alguém perceba?"

"Uma hora, mais ou menos. Finalize isso o mais rápido possível."

Kim não tinha ideia do que eles estavam falando. Ela iria tentar descobrir.

"De onde veio isso?" Perguntou Kim, apontando para o veículo luxuoso.

"Gio o pegou para mim", Franco respondeu vagamente. "Achei que poderia ser legal ir para o restaurante com ele antes que desapareça. Meninas bonitas devem ser levadas em carros bonitos, afinal de contas."

Que diabos Franco está tentando dizer?

"Desaparecer?"

"Cuide das suas coisas, Kimberlynn", Franco a repreendeu.

Kim engoliu sua irritação. "Nós vamos nos atrasar, Franco."

"Tanto faz." Franco apontou o queixo para a Lamborghini. "Entre no carro e me dê um minuto."

"Tenha uma boa noite, Kim", Giovanni disse quando ela começou a se afastar.

Seu tom ainda era como mel para seus sentidos. Essa raiva que ela pensou que tinha testemunhado em seus olhos antes desapareceu, substituída por outra coisa. Kim se forçou a não reagir e agradeceu a ele antes de sair. Quanto mais distante de Giovanni ela estivesse, melhor ela poderia respirar.

A primeira coisa que Kim notou dentro do Lamborghini foi o pequeno laptop de aparência estranha da caixa preta com uma antena no console central. Ela não entendia os códigos correndo abaixo da tela. A falta de uma chave na ignição era estranha. O carro estava quente. Kim não queria estar em qualquer lugar perto dele, mas ela não tinha muita escolha.

Kim olhou para fora do para-brisa quando a porta se abriu e Franco deslizou no assento do motorista sem dizer uma palavra. Ela teve um vislumbre de Giovanni caminhando para um carro mais abaixo na rua que parecia ser o seu carro alugado. Como ela não tinha notado ele estacionado lá no início do dia?

Deus, ela estava tão distraída ultimamente. Estava sendo ridícula. De alguma forma, ela precisava descobrir uma maneira de tirar Giovanni da sua mente.

Franco passou o olhar pelo laptop. "Você vai fazer perguntas?"

"Não."

"Boa menina."

Kim fez uma careta longe dos olhos dele. Ótimo. Ela era tratada como um filhote de cachorro. Ele poderia muito bem apenas acariciar sua cabeça e acabar com isso.

Quando Franco entrou na rua e começou a se mover pela estrada, o veículo parou bruscamente, levando Kim para frente no banco. "O que diabos é isso?"

"O que, Franco?"

"Seu ombro!"

Kim tentou não estremecer. Ela deveria ter colocado o casaco em vez de apenas estar segurando-o. "Nada, apenas um pequeno arranhão."

"Como isso aconteceu?"

"Eu caí", disse Kim, usando a primeira desculpa que podia pensar. "Caí na escada no meu dormitório. Está tudo bem."

Franco ficou olhando para ela como se fosse a pessoa mais estúpida na terra antes de dizer: "Então, esperar que você ande sobre dois pés e não se machuque está fora de questão, eu acho."

"Foi um acidente."

"Eu não preciso de uma esposa machucada, Kimberlynn. Eu espero que você cuide de si mesma."

Com isso, Franco continuou dirigindo o carro para longe do estacionamento. Por um curto período, Kim foi dispensada da atenção e briga dele. Não durou tempo suficiente.

"Pelo menos, ele é bom para alguma coisa. Eu não achei que ele pudesse pegar o carro. Eu esperava que ele não conseguisse por uma questão de humor. Certamente, o pai dele o teria tirado do problema se tivesse acontecido. Quem iria imaginar que ele era tão bom com essa merda tecnológica."

Kim fez uma careta. "Giovanni?"

"Quem mais? Sim, aquele idiota." Franco bufou, empurrando o pedal do acelerador com mais força. "Meu pai acha que ele é um menino de ouro."

Inveja era um monstro terrível para cutucar. Franco não conseguia esconder a dele.

"E eu não gosto quando ele faz isso", Franco acrescentou mais silencioso.

"Faz o quê?"

"Chama você de Kim como se fosse seu amigo. Eu não gosto disso. Isso precisa parar."

"É o meu nome", Kim disse suavemente, querendo aliviar sua ira antes que ela se transformasse em suspeita. "Eu me apresentei a ele dessa forma."

"Não, seu nome é Kimberlynn. Eu prefiro. Você não precisa ser amiga de um homem como Giovanni Marcello. Ele não é um dos meus amigos, então eu não quero vê-lo como um dos seus também."

Kim suspirou derrotada. O laço invisível em volta do seu pescoço apertou. "Tudo bem, Franco."

* * *

Maximo Sorrento era intimidante para Kim. Alto, ele poderia deixar alguém nervoso apenas com seu silêncio. Mesmo que ele sempre tivesse sido educado e respeitoso com Kim, ela se perguntou se isso era apenas a sua natureza ou uma cortesia para seu filho. Afinal, Kim tentou roubar centenas de milhares de dólares do homem.

Franco deixou claro que Maximo era inacessível em relação ao relacionamento de fachada deles. Kim não queria ser uma preocupação para o homem. Maximo não queria tomar conhecimento da forma como os dois manipulavam seu negócio, ou melhor, como Franco tratava Kim. Pelo menos, era assim que Franco fazia parecer. Ela se perguntou se Maximo realmente aprovava o noivado.

Kim gostava de observar Franco se contorcer sob o olhar atento de seu pai. Era um ponto positivo sobre estar na companhia de Maximo. Franco também tendia a esquecer de Kim na presença de seu pai.

Isso não significava que ela estava totalmente confortável sentada à

mesa de jantar com Maximo e sua esposa Corrine, porque ela, com certeza, não estava. Não quando o tema da conversa era o casamento que estava a menos de dois meses de distância.

"Rosa-claro e preto, então?" Perguntou Corrine.

Kim assentiu com a cabeça, desejando que o nó na garganta fosse embora. "Sim."

"Pelo menos, você não vai de rosa choque", Franco disse enquanto cortava um bife que era pequeno demais para ser considerado carne. "Seria algo como um baile por todo o lugar."

"Mesmo que ela tivesse escolhido essa cor, é o dia dela, filho", Maximo respondeu, uma sobrancelha grossa arqueada enquanto tomava seu vinho. "Deixe a mulher aproveitar o dia dela."

"Eu estava dizendo..."

"Você só precisa colocar um smoking, aparecer e sorrir para as câmeras. Deixe-a escolher o que quer que a faça feliz e não reclame sobre a cor de seu colete e gravata. É um pequeno preço a pagar."

A apreciação de Kim por Maximo aumentou um nível ou dois.

"Você já encontrou seu vestido?" Perguntou Corrine.

"Ainda não. Eu não tive tempo."

Além disso, essa era uma das maiores coisas que ela temia. Fazia tudo real. Kim conseguiu se afastar da maior parte da preparação do casamento, permitindo que Franco contratasse um coordenador de eventos. Kim só precisava dar sua aprovação.

"Você teria muito mais tempo se você cancelasse o resto de suas aulas na faculdade", Franco respondeu.

A mandíbula de Kim se retesou, mas ela se absteve, lembrando a ele que esse tema não era o objeto de discussão.

"Você não está com fome, Kimberlynn?" Perguntou Maximo. "Você só

remexeu na sua comida."

Kim resolveu pôr um sorriso falso enquanto todos os olhos na mesa viraram para ela. A última coisa que ela queria fazer era ser desrespeitosa com essas pessoas. Não era a culpa deles que Franco a obrigara a ficar noiva dele e, para todos os efeitos, eles nunca a tinham feito se sentir fora do lugar.

"Foi um longo dia, Maximo, isso é tudo."

"Você deveria descansar mais", disse o homem mais velho com um sorriso. "As mulheres merecem tempo para relaxar. Franco, você não permitiu a essa pobre garota um tempo longe de você para descansar?"

Franco bufou. "Não há nada acontecendo para que ela precise descansar. Muito menos de mim."

Kim quase engasgou com o vinho que ela estava engolindo. A implicação nas palavras de Franco era clara como o dia. Não havia nenhuma razão para que ela precisasse descansar de Franco porque não havia nada acontecendo entre eles que justificasse isso. Definitivamente, não algo sexual.

Ela não podia acreditar que ele declarou abertamente desse jeito. Para seus pais e em um lugar público, nada menos. Os seus assuntos pessoais ou a falta deles não eram da conta de ninguém. Humilhação inundou Kim. Ela aceitou muito abuso de Franco quando sentia que não havia outras opções por causa da situação em que ela estava metida, mas isso não ficaria assim.

"Franco, já chega", Kim sussurrou asperamente. "Pare com isso."

"O quê? É verdade. Eu, com certeza, espero que você não seja tão fria depois do casamento como você é agora."

Talheres ruidosamente acertaram os pratos de cerâmica em torno da mesa. Corrine, que estava sentada na frente de Kim, guinchou com descrença.

"*Cristo, Franco!*" A advertência de Maximo chamou a atenção de várias pessoas nas mesas próximas.

A primeira coisa que Kim pôde pensar em fazer era se levantar da

mesa. Ela precisava sair para esfriar a raiva fervendo e deixar a humilhação diminuir. Uma mão firme em seu pulso foi a única coisa que a deteve.

"Kimberlynn..."

Kim agradeceu Franco com um olhar que o impediu de dizer outra palavra. Ele soltou o braço dela. Ela, sinceramente, esperava que sua fúria estivesse brilhando forte o suficiente para ele entender que tinha passado dos limites.

"Por favor, com licença", disse Kim, mantendo um tom calmo enquanto pegava sua bolsa do bolso de sua jaqueta. "Eu preciso usar o banheiro feminino."

A última coisa na mente de Kim era o banheiro. A primeira porta de saída que ela achou, ela abriu. Ela levava a um beco onde Franco estacionou o Lamborghini quando chegaram. O carro tinha sumido.

Kim segurou a garganta com uma mão, inclinando-se sobre os joelhos. Era assustador quão sufocada e oprimida ela sempre se sentia. Fingia com Franco porque ele exigia dela, era duro o suficiente, mas isso tinha sido algo completamente diferente. Ela engoliu em seco, tanto quanto seus pulmões podiam aguentar, precisando respirar para afastar o pânico e raiva. Seus olhos ardiam segurando as lágrimas, e sua garganta se fechou ao redor dos soluços tentando se liberar.

Quem era ela? Desde quando um homem como Franco tinha esse tipo de efeito terrível sobre ela? Ela sempre foi independente e orgulhosa, mas agora ela se sentia fraca. Ela não podia imaginar estar casada com ele para o resto de sua vida.

Kim preferiria morrer. Bem, essa era sua única outra opção.

Deus, ela odiava Franco por fazer isso com ela.

"Problemas no paraíso, *Tesoro*?"

A voz grossa e inconfundível de Giovanni Marcello enviou uma nova

rodada de histeria ameaçando puxar Kim para baixo. Santo inferno! Esta porra de dia poderia ficar ainda pior?

"O que você está fazendo aqui?" Perguntou Kim, as costas retas, limpando as bochechas para se livrar de quaisquer lágrimas que possam ter escapado. Ela tentou não olhar para o homem encostado na parede de tijolos no beco, falhando miseravelmente.

"Eu queria ter certeza de que seu noivo faria o que eu disse para ele fazer e se livrasse do carro assim que ele chegasse aqui. Demorou demais, na minha opinião. Eles levaram daqui um par de minutos atrás.

O constrangimento de ter testemunhado o ataque de pânico de Kim subindo suas defesas. "Você não tem outro carro para roubar para Franco?"

Giovanni riu, jogando a ponta de um cigarro no chão. "Não, a Lambo era só por diversão. Eu não vou fazer o trabalho de Franco. Entregá-lo a ele foi o suficiente de um aborrecimento que eu não queria lidar, mas a *garota* dele precisava passear nele, eu acho."

A garota dele?

"Eu não sabia nada sobre o carro até que eu saí", disse Kim.

"Descobriu isso quando você perguntou de onde veio e olhou para ele como se fosse a coisa mais feia ao redor. Ainda me irritou como nada mais."

A raiva que Kim pensou que ela tinha visto de relance nos olhos de Giovanni antes de repente fez muito mais sentido. Não era só raiva, era *ciúme*. Isso deixou seu coração ainda mais instável. A única razão pela qual ele teria que ficar zangado com ela era se ele se sentisse traído por ela de alguma forma.

Kim não podia se dar ao luxo de ficar lá e pensar sobre isso. Doeu e a deixava muito confusa. "Eu tenho que voltar para Franco."

Giovanni cantarolou baixinho. "Faça isso, Kim."

Ela jurou que uma pitada de tristeza coloria suas palavras. Ela não

podia pensar nisso. Giovanni era inalcançável. Era melhor deixar isso claro antes que ela deixasse seus sentimentos fugirem.

Quando Kim estendeu a mão para a porta de saída para abrir de novo, ela o ouviu perguntar: "Atrás de sua orelha... ainda está aí?"

Subconscientemente, Kim cobriu o chupão o qual ele tinha perguntado com as pontas dos dedos, sentindo um calor subir em sua pele. O desejo que Giovanni criou dentro dela disparou diretamente entre suas coxas inesperadamente.

"Está lá, não está?" Perguntou Giovanni.

"Sim", Kim disse suavemente, certa de que ela podia sentir o calor de seu olhar nas costas dela.

"Quando você toca nele, você sente como se a minha boca, dentes e língua estivessem em você de novo?"

Kim mordeu a bochecha dela, mas a palavra saiu de sua boca por vontade própria. "Sim."

"Tenha uma *boa* noite, Kim", Giovanni murmurou.

* * *

A mesa estava vazia, além de Franco quando Kim entrou na sala de jantar. Ela parou na sombra do corredor, observando enquanto Franco permitia que uma ruiva bonita na mesa ao lado rabiscasse algo com delineador preto no interior de seu pulso. Jogando para a menina uma piscadela e um sorriso que parecia encantador, Franco sentou-se reto em sua cadeira como se nada tivesse acontecido.

Kim inalou tão profundamente que queimou seus pulmões. Não era a primeira vez que acontecia de flagrar Franco e outra menina. A primeira vez que ocorreu, a menina ainda estava nua e de joelhos, com o pau de Franco em

sua boca, na verdade. Perguntar a Franco o porquê só ensinou a Kim a se meter nas suas próprias coisas.

O que aconteceu entre ela e Giovanni deveria ter deixado Kim se sentindo suja, ou, pelo menos, mal por trair Franco. Ela não podia sequer conseguir sentir um pouco dessas sensações. Por que ela faria, quando ele nem sequer se incomodava em esconder sua infidelidade? Não seria surpresa para ela se ele já tivesse filhos espalhados por toda Vegas.

Endireitando sua coluna, Kim se aproximou da mesa como se ela não tivesse visto nada. "Onde estão o seu pai e Corrine?"

Franco acenou, um nome e número de telefone rabiscados de preto aparecendo em seu pulso antes de desaparecer. "Ele está com raiva de mim pelo que eu disse, me forçou a pedir desculpas e saiu. Ele te pediu desculpas."

Kim não disse nada; ela não sabia o que dizer.

"Eu imagino que você queira as minhas também?" Perguntou Franco, de pé.

Franco estendeu o casaco de Kim, e ela o deixou colocar sobre ela. A maneira como suas mãos pousaram sobre os ombros dela poderia ter parecido afetuosa a qualquer outra pessoa no restaurante, mas o peso de seus dedos cavando em seus ossos não era nada disso.

"Eu não vou querer que você peça desculpas se você continuar fazendo comentários como esse", disse Kim.

Franco teve sorte que Kim não tinha soltado os cachorros em cima dele como ela queria fazer. As consequências teriam valido a pena por humilhá-lo na frente das pessoas ao seu redor como ele tinha feito com ela. Infelizmente, Kim estava muito cansada para brigar de novo.

"O mesmo para você", Franco respondeu, erguendo uma única sobrancelha. "Porque você deve saber que uma vez que nós estivermos casados, querida, eu espero que você aja como uma esposa adequada em

todos os aspectos, incluindo o meu quarto."

Bile surgiu na parte de trás da língua de Kim com o pensamento.

"E você não querer realmente não vai me parar", acrescentou.

Capítulo Dez

"Como estão as coisas?" Perguntou Antony.

"Bem", Gio respondeu, mantendo um olho nos rapazes depenando a Lamborghini, em nada além de peças de reposição.

Normalmente, Gio teria lavado as mãos para o negócio. Ele tinha ficado curioso sobre o quão rápido eles poderiam desmontar um carro, então ele foi ver.

"Você está trabalhando", disse Antony.

"Algo assim. Desarmar os alarmes de seus carros veio a calhar para mim."

Antony riu. "Você é um merdinha, Gio. Você parece... bem, filho."

A testa de Gio franziu. "O quê?"

"Sóbrio."

Oh.

"Fico feliz", Antony acrescentou. "Talvez Vegas tenha sido o que você precisava, afinal de contas."

Após a festa na semana anterior, Gio não teve o menor interesse em se drogar ou beber. Isso teve pouco a ver com Vegas. Por que ele ficaria doidão? Ele não precisava sentir nada. Droga, ele estava sentindo muito do jeito que estava; amarrado em um milhão de nós frustrados. Pensar em Kim o manteve dessa forma. Se drogar não afastaria essas lembranças. Apenas deixaria isso muito pior.

"Sua mãe sente sua falta terrivelmente", disse Antony.

"Eu sei. Ela me disse isso quinze vezes na semana passada no meu aniversário."

Antony riu. "Ela quer que eu te mande de volta para cá no próximo voo."

"Ainda não", disse Gio.

Ele ainda não estava pronto para ir.

"Bem, é sua escolha. Como vai o negócio por aí?"

"Mesma coisa. Está quieto. Franco, definitivamente, tem o controle desta merda com os carros.

"Controle completo?"

"Parece que sim", Gio respondeu.

"E Nunz está envolvido?"

"O filho de Nunz, basicamente. Ele põe a mão na massa, quero dizer. Ele é um garoto do bem, mas seu pai é um fodido preguiçoso."

Antony cantarolou em acordo. "Quem está pagando as dívidas se dois chefes estão envolvidos?"

"Ambos. Max fica com uma parte e o filho de Nunz paga a parte para seu pai, do lado das suas coisas também."

"Muitos chefes", Antony observou.

"Sim. Três chefes sendo pagos não deixa nada no final. Quer dizer, há um bom dinheiro aqui, mas é muito trabalho. Max não parece interessado em executá-lo, então eu não entendo por que ele ofereceu o negócio a você."

"Possivelmente, porque Franco pediu. Franco, provavelmente, achava que eu estaria mais disposto a considerar uma oferta de seu pai do que dele."

"Especialmente com Nunz envolvido."

"Max não me disse que Nunz estava envolvido", disse Antony. "Não antes da reunião da comissão. Ele só falou em relação à menina de Nunz casando com Franco."

Como Gio não tinha percebido isso? Antony estava certo. Maximo não disse nada sobre Nunz e o esquema dos carros. Durante um par de reuniões

curtas com Maximo, o homem não tinha mencionado Nunz ou os caras do homem também. Na verdade, o único cara de Nunz que estava trabalhando no esquema era Cody.

Será que Maximo sabe que Nunz estava ficando com uma parte do lucro dos carros?

"Gio, — perguntou Antony — você desligou, filho?"

"Não, só estou pensando."

"Dê-me mais detalhes."

Gio não tinha certeza se deveria. Ele não sabia se suas suposições eram verdade. "O filho de Nunz... Cody, ele tem vinte e três anos e ainda não é um homem feito."

"E daí?" Perguntou Antony, parecendo entediado.

"É incomum. Quero dizer, ele está nos negócios da família, mas ele não está com a família."

"Talvez seja por que não é na família que ele quer estar", Antony sugeriu. "Se eu tivesse uma escolha, Max seria o chefe que eu gostaria de relatar."

Bem, merda... Gio não tinha pensado nisso.

"E enquanto nós estamos falando de Max, eu ouvi que você tem um convite para jantar em duas semanas."

Gio se encolheu. Antony estava falando sobre a festa de noivado de Kim e Franco. Aparentemente, o casal ainda precisava de uma. Gio não estava planejando ir.

"Eu estava pensando em pular isso, na verdade", disse Gio. "Não é a minha praia."

"Eu prefiro que você não faça isso", Antony respondeu. "Coloque um terno e vá. Recuso-me a mostrar o rosto nesse casamento, então enquanto você está aí, faça isso por mim. Para alguns, isso vai parecer que eu o enviei

no meu lugar. Compromisso."

"Mas..."

"Não há *mas*. Vá.

"Certo."

* * *

"Estou feliz que você pôde vir, Skip."

Gio se forçou a sorrir para Maximo. Foi o melhor que ele poderia dar. Maximo entregou a Gio um copo de conhaque.

"Devemos sentar e conversar em breve", disse Max. "Eu tenho uma proposta para você."

"Dê-me uma data e hora", respondeu ele.

Gio olhou para o líquido de cor escura rodando no copo para permitir que o aroma da bebida fluísse para cima. Cognac era um licor que Gio geralmente apreciava. Era uma experiência, não apenas um prazer. Ele não queria conhaque esta noite. O que ele precisava era algo que pudesse tirar da sua mente a bela loira no braço de Franco.

Kim parecia estar se divertindo. Gio sabia que não era bem assim. Sorrisos falsos e olhos que nunca deixavam Franco. Era tudo falso. Afinal, Gio fez Kim sorrir e beijou esses lábios sensuais. Ele tinha visto seus olhos brilharem com diversão e escurecerem em luxúria. Gio lhe deu crédito para esta noite, porque era difícil de dizer.

Gio só tinha estado na casa da família Sorrento por menos de uma hora, mas ele estava louco para ir. A vibração constante sobre o casal doce fazia a bola doentia se misturar fortemente com ciúme e raiva crescendo dentro dele.

Poderia ter ajudado se Gio conseguisse não olhar para Kim, mas ele não podia parar. Impulsivamente, seu olhar vagava na direção dela. Ele a

pegou olhando em sua direção também. As chances eram de que ela não soubesse que ele iria estar aqui esta noite.

Deus sabia que ele, com certeza pra caralho, não queria estar.

"Giovanni?"

Gio limpou a garganta, apertando a haste do copo. "Sim, Max?"

"Eu sei que este não é um encontro Marcello..."

"Não é muito diferente."

"As pessoas são", o Don Sorrento disse simplesmente. "Você parece distraído."

"Eu estou." Gio olhou novamente na direção de Kim. Felizmente, ele percebeu seu deslize e acrescentou: "Cecelia está me perseguindo para voltar para Nova York."

"Ah, bem, isso é porque você é o filho mais novo." Maximo riu, erguendo seu copo em direção a Gio. "Beba, é uma bebida de vinte anos que não deve ser desperdiçada. E você é um homem de vinte e seis anos de idade que não deve ser também. Misture-se, Skip. Tenho certeza de que você vai encontrar uma garota bonita que chame sua atenção. Vegas tem as mais belas.

Pena que uma já chamou. Ela simplesmente não estava disponível.

* * *

Levantando o copo, Gio tomou um gole do conhaque de uma maneira que ele sabia que era desrespeitoso com o licor. Ele deveria ter tomado seu tempo para apreciá-lo, mas ele só queria a queimação que ele oferecia. Era seu quinto copo em menos de uma hora. Uma sensação de garras rastejou sobre sua pele. O álcool estava começando a fazer um efeito. Na verdade, ele não deveria beber, mas ele não tinha mais nada melhor para fazer.

Assim como seu último par de semanas, resumindo.

Gio se encontrou tentando tirar Kim de seu sistema durante toda a maldita semana. Apesar de a primeira vez com as mulheres, drogas e álcool ter falhado, ele não iria por este caminho dessa vez. O trabalho era seu foco. Aproximar-se dos lacaios de Franco, manter um olho sobre os carros sendo desmontados e recuperar o atraso com alguns dos gerentes dos clubes em Nova York. De manhã até a noite, Gio não parava. Ele também não conseguia parar de pensar.

Em Kim.

Tão ferrado.

"Então, Franco, você está pronto?" Gio ouviu Maximo perguntar de algum lugar da sala.

"Eu acredito que sim", disse Franco, sorrindo. "Kimberlynn?"

Kim parecia confusa, mas sorriu de qualquer maneira. Gio escorregou para um canto, bebendo o resto do conhaque. Ele não tinha ideia do que estava prestes a acontecer com Franco e Kim na frente de todos os seus convidados, mas algo pesou em seu coração como um peso morto.

Franco tirou uma caixa de veludo preto dos bolsos. De todos os encontros que Gio teve com Kim, esta foi a primeira vez que ele percebeu que ela não usava anel de noivado no dedo. Aqui... agora, de pé na frente dela, em uma sala cheia de pessoas. Foi quando ele, por fim, notou.

Um breve lampejo de pânico e ressentimento se escondia nos olhos de Kim com um riso nervoso quando um anel ostensivo demais para uma mão pequena como a dela foi apresentado. Gio não poderia prestar mais atenção. Seu peito doía terrivelmente, e o conhaque não estava ajudando.

Um cigarro e uma mijada era o que ele precisava.

Cigarro primeiro. Mijo depois.

* * *

Gio levou um tempão lavando as mãos depois de usar um banheiro no segundo andar. Todos os banheiros no andar de baixo estavam ocupados. O andar de cima estava fora dos limites, mas ele não se importava.

Olhando fixamente no espelho, ele percebeu que seu olhar estava lento e uma vermelhidão preenchia o branco de seus olhos. Gio deveria ter parado com o licor; o seu nível de álcool no sangue era alto demais para ele poder dirigir. Ele teria que chamar um táxi e voltar para pegar o seu carro amanhã.

Ótimo...

Pelo menos, a probabilidade de Kim estar na casa da família Sorrento amanhã era quase nula. Franco tinha sua própria casa, onde ele poderia ficar com Kim. Era um pequeno milagre trabalhando em favor de Gio. Além disso, tudo mais em sua vida parecia estar se rompendo.

Kim estava feliz com Franco de uma maneira que Gio não podia ver? Talvez tenha sido a atenção de antes que deixou o olhar dela inquieto. Havia problemas óbvios com as tendências controladoras de Franco, mas Kim parecia ser forte o suficiente para lidar com ele se necessário. Duas semanas antes, brilhou na mente de Gio quando ele a testemunhou quase tendo um ataque de pânico no beco atrás de um restaurante.

Isso não era normal.

Nada fazia muito sentido para Gio quando considerava as coisas que cercavam Franco e Kim. Não era como se Nunz Abella tivesse poder de verdade para forçar sua filha a um casamento arranjado, ele era peixe pequeno em um mar grande. Isso fez Gio pensar que talvez houvesse algo que Kim queria de Franco. Mesmo se a relação não fosse saudável, ela ainda estava com ele e estava indo adiante com os planos de casamento.

Ela concordou com o casamento, afinal de contas.

Por que Gio não conseguia esquecê-la?

"Cazzo", Gio xingou sob sua respiração, exalando duramente. Ele revirou os ombros para tentar se livrar do estresse. Não funcionou. Ultimamente, nada funcionava. "Ela vai me matar."

Gio ficou reto, tomando uma respiração mais profunda para seus nervos de aço. Ele tinha que se manter firme tempo suficiente para se despedir dos Sorrentos, por uma questão de respeito... e da porra do casal feliz. Depois, chamaria um táxi e levaria sua bunda meio bêbada para a cama.

A porta do banheiro se abriu. Obviamente, ele estava mais embriagado do que ele achava se ele esqueceu de trancá-la. Infelizmente, a pessoa que entrou e fechou a porta, trancando-a como ele deveria ter feito, em primeiro lugar, não era quem ele queria ver.

Kim não percebeu Gio enquanto seus ombros tremiam e ela enfrentava a porta. Gio não tinha a menor ideia de como eles continuavam a acabar em situações como esta. Claramente, havia algum poder superior nisso. Quem mais poderia dar um jeito nisso?

Esses pensamentos amargos derreteram enquanto Gio olhava Kim por trás novamente. Ele se acalmou sem saber o que fazer. Algo estava errado. As mãos dela tremendo estavam pressionadas na porta, e os tremores chocalhavam seu corpo sob o vestido de seda que ela usava. Ela inclinou a cabeça, soluçando baixinho.

A atenção de Gio foi atraída para o anel em seu dedo. Embora o anel não fosse o que o incomodava mais. Manchas vermelhas estavam espalhadas em seu pulso claro, quebrando-o. Com as marcas parecendo cinco impressões digitais, ele nem sequer teve que adivinhar o que eram e saber quem as tinha colocado lá era inútil também.

Nem precisava perguntar, ele sabia, porra. Raiva derramou em seu sangue como lava quente.

Virando-se rapidamente, Kim puxou o anel em seu dedo para retirá-lo, mantendo os olhos para baixo o tempo todo. Lágrimas riscavam até seus lábios onde os dentes estavam cerrados. A joia atingiu a parede atrás de Gio com um barulho sólido.

"Merda!" Gio xingou. O maldito anel quase acertou sua cabeça por um par de centímetros. "Já jogou beisebol, *Tesoro*?"

Kim olhou para cima, encontrando os olhos de Gio. Constrangimento e agonia rastejaram sobre suas feições bonitas. Novas lágrimas revestiram seus cílios inferiores antes de cair. "Meu Deus! Saia agora!"

Gio piscou, surpreso com sua súbita veemência. "Eu estava aqui primeiro."

"O andar de cima é..."

"Fora dos limites. Sim, eu sei. Assim como você, mas isso não me impediu. Caso você não tenha notado, eu tenho problemas sérios em seguir regras."

Kim o encarou. "Saia, Giovanni."

Não, ele não achava que ele poderia fazer isso. Não depois do que viu. Esses pensamentos confusos que ele tinha anteriormente sobre Kim e Franco estavam circulando. Nenhuma mulher queria mãos sobre ela de forma abusiva.

"Franco a machucou", disse Gio, apontando para o braço dela.

Imediatamente, Kim escondeu as marcas em seu pulso esquerdo com a mão direita. "Não é nada, eu só..."

"Caiu, bateu em uma porta ou acordou com isso... O que é? Dê-me uma desculpa. Vamos, me diga uma muito boa. Há milhares de outras mulheres que justificam o abuso todos os dias, então por que não você?"

O lábio inferior de Kim tremeu, mas Gio não cedeu.

"Que tal pular a desculpa de como você acabou com hematomas,

porque nós dois sabemos como, e começar a explicar e defender o comportamento dele em vez disso. O que aconteceu; você o desrespeitou, o irritou, ou xingou ele com essa sua boca? Merda, talvez você tenha batido nele."

"Gio, por favor."

"Porque nenhuma dessas coisas é desculpa para ele pôr as mãos em você assim. Não mesmo. Nenhum homem tem o direito de ferir uma mulher. Eu nunca faria isso com você", Gio terminou, sua voz afiada como uma navalha.

"Por favor, pare", Kim sussurrou.

"Por que ele a machucou?"

"Deixe isso pra lá, Gio."

"Fale ou eu irei atrás dele. Você não vai gostar do que vai acontecer depois."

"Não." A cor sumiu do rosto dela. "Gio, você não pode. Ele é ciumento e vingativo o suficiente. Fazer isso só iria piorar as coisas."

"De mim?" Perguntou Gio.

Franco não tinha nenhuma razão para se sentir preocupado com Gio e Kim tendo algum tipo de relacionamento. Bem, mais ou menos, mas Franco não sabia disso. Exteriormente, Gio não dava nenhuma indicação de seu interesse por Kim ou do fato de eles terem transado.

"De você, do cara na rua, e do velho que se senta no banco do lado de fora da biblioteca."

Ah. Gio entendeu. "Então, qualquer pessoa com um pau."

"Eu sei que é ridículo."

"Será que seu pai sabe que ele faz esse tipo de merda com você?"

Kim balançou a cabeça, recusando-se a tirar os olhos do chão. "O que acontece entre mim e Franco é somente da nossa conta. Maximo não se

envolve."

"Foi isso que Max disse ou Franco?" Porque Gio tinha bastante certeza de que Maximo não se posicionaria com o fato de Franco fazer uma besteira dessas.

"É assim que sempre foi", Kim disse suavemente. "Meu pai não se envolve, assim como o dele. Eu posso lidar com Franco, ok? Esta foi a primeira vez que algo assim aconteceu."

"Mas não será a última. Se ele fez isso uma vez, ele vai fazer de novo. As possibilidades são de que ele vai ficar cada vez mais violento. E não é a primeira vez também", disse Gio, inclinando a cabeça para o lado. "Você se esqueceu de quando eu estava no corredor e o ouvi a repreendendo como se você fosse menos do que nada para ele. O jeito que você se vestia, a forma como você se comportava, ele está acabando com tudo que não considera adequado. Quer saber, Kim, isso não é diferente. O efeito pretendido é o mesmo — vitimizar, controlar e isolar."

"Eu sei."

Essa indiferença fez Gio querer vomitar. "Eu não faço a menor ideia de por que você quer se casar com ele se é isso que ele faz com você."

"Porque eu fiz uma escolha. Eu tenho que segui-la. Você tem que entender a situação em que estou."

Gio suspirou, sentindo-se mais incerto do que já se sentiu em toda a sua vida. Ele queria descobrir exatamente o que ela queria dizer com escolhas, mas esta noite não era a melhor noite para forçá-la. Outra briga não era o que Kim precisava. Gio não seria o responsável por lhe causar mais dor.

"Deixe-me ver seu pulso, *Tesoro*."

"Você não tem que se preocupar. Estou bem."

Certo. Ele não podia deixar de se preocupar quando ela parecia tão triste e quebrada. Gio cruzou a curta distância entre eles e agarrou seu braço,

inspecionando seu pulso. As contusões provavelmente ficariam por vários dias se a sua cor e tamanho eram qualquer indicação. Gio deixou os dedos sobre as marcas dolorosas, tristeza crescendo em seu coração. Ela não merecia esse tipo de abuso.

Se Kim fosse sua noiva... Não, Gio não podia terminar esse pensamento. Ele se recusava.

"Eu não queria um anel", Kim disse calmamente.

"Por que não? Quero dizer, você está noiva. É parte do pacote para a maioria das mulheres. Elas passam anos se perguntando como o anel ficaria nelas."

"Eu não sou a maioria das mulheres. Eu sou eu."

E ela, com certeza, era algo mais.

"Entendi", disse Gio com um sorriso.

"Eu sei que parece estranho, mas eu não uso um monte de joias e um anel de diamante enorme não combina comigo. Franco não queria pôr alguma coisa em mim que não fosse mostrar a sua riqueza, mas ele parecia bem depois que eu continuei negando. Tudo bem para mim se ele escolhesse qualquer tipo de anel que ele quisesse que eu usasse, mas não um anel de noivado."

A compreensão de Gio apareceu com rapidez suficiente. "Então, ele lhe deu um na frente de todos para que você não pudesse recusar."

"Sim. Depois, eu o levei para a cozinha e perguntei por que ele fez isso quando ele sabia que não era o que eu queria. Franco ficou irritado, chamou-me de ingrata, agarrou meu braço e me sacudiu. Ele me disse para parar com isso, então eu vim para cá me acalmar e, em vez disso, tudo o que eu podia fazer era chorar. Eu não posso acreditar que eu deixei aquele bastardo inútil me fazer chorar.

"Kim..."

"Todas aquelas pessoas lá em baixo, elas não sabem nada sobre mim. Elas, provavelmente, achariam que eu era uma inútil, uma garota fraca porque eu chorei por algo tão estúpido."

Gio não concordava com nada disso. "Primeiro de tudo, não é estúpido. O que ele fez foi inaceitável em mais níveis do que você está mesmo ciente."

Como a regra da *Cosa Nostra* que exigia que todas as esposas de homens feitos fossem tratadas com respeito. Ser noiva de um homem era tão bom como estar casada em seu mundo. Afastando esses pensamentos, Gio continuou: "Você não é inútil, e você certamente não é fraca por chorar. Essas pessoas não conhecem você, porque você não as deixa. Não há nada de errado com isso. A escolha é sua se você permite ver o que está abaixo de sua superfície. As pessoas mais fortes são as que lutam e vencem guerras que ninguém mais consegue ver."

Um calor correu pelo braço de Gio. Só então, ele percebeu que estava cobrindo os machucados dela com os dedos como se quisesse fazê-los desaparecer. Inconscientemente, ele esfregou o polegar através de sua pele.

"Você é uma mulher incrivelmente bonita, inteligente e preciosa, Kim. Você merece mais do que isso, e você sabe disso."

"Obrigada", Kim disse tão baixo que ele se esforçou para ouvir.

Antes que Gio pudesse colocar uma distância segura entre eles para limpar seus pensamentos, Kim plantou um beijo na parte inferior da mandíbula dele. Gio desejou que ela não tivesse feito isso. Quando era sobre ela, nada era simples ou claro para ele. Havia tantos tons de cinza confundindo o que era certo e o que era errado sobre a sua situação e os sentimentos por Kim que ele não sabia que direção tomar.

O beijo não poderia ser apenas um beijo. Não foi nada mais do que uma breve reunião de seus lábios na pele dele, um gesto de gratidão, mas, ao mesmo tempo, não era. Cada parte do Gio sentiu essa leve carícia. Todo seu

corpo reagiu ao que deveria ter sido uma ação inocente.

"Eu vou te beijar."

Foi o melhor aviso que podia lhe dar, porque ele não tinha mais controle. O licor, a sua situação, seu coração batendo louco e confuso... tudo se juntou para Gio. Deixar para trás essa situação era nada mais do que seus desejos egoístas.

A boca de Kim ainda estava tão perto que ele podia sentir o calor de sua respiração em sua mandíbula. Ela não tinha ouvido seu aviso ou não se importava. Gio esperava que fosse o último dos dois. Virando a cabeça ligeiramente, ele sentiu os lábios de seda escovarem ao longo do canto da boca dele. Então, ele se virou completamente, respondendo ao beijo.

A boca dela tinha gosto de brilho labial e vinho. O que começou lento, rapidamente se aqueceu quando Kim soltou um gemido suave. Ele a beijou com mais força, cravando sua língua no calor daquela boca deliciosa e agarrando sua cintura. As costas de Kim bateram na porta com um baque, mas o barulho não impediu suas mãos errantes. Ela empurrou a jaqueta dos ombros dele antes de começar a puxar a camisa enfiada na calça. Ela desabotoou a calça sem remover os lábios da boca dele. Ele soltou a cintura dela tempo suficiente para deixar a jaqueta cair no chão.

Não era o lugar certo. Era muito perigoso. O zumbido baixo da festa e dos convidados lá em baixo viajava para cima pelo chão. Qualquer um podia ouvir e pegá-los.

Quando a mão de Kim entrou em sua calça e cueca boxer, esses pensamentos se afastaram. A suavidade confortável de sua palma o cercou, e ela acariciou seu pau semiduro. Ele soltou um gemido estrangulado, desfrutando do prazer que sua mão lhe deu. Demorou pouco tempo para que seu pau engrossasse sob sua atenção.

A voz estupidamente irritante na parte de trás da cabeça de Gio não se

calava. Ele não deveria estar fazendo isso com Kim de novo, independentemente de quanto ele a queria. E bom Deus, ele a queria.

"Sim, você deve, porque eu quero você também", Kim sussurrou, fazendo Gio perceber que ele expressou seus pensamentos em voz alta. "Foda-me, Gio. Aqui, nesta casa."

Doce Cristo, se seu pau pudesse ter ficado mais duro, ele ficaria só de ouvir isso.

Gio não perdeu tempo em puxar Kim da porta e a curvar bruscamente sobre a bancada do banheiro. As mãos dela agarraram as torneiras da pia, seus gritos silenciosos manifestando-se quando ele puxou o vestido para cima.

Não havia nada para esconder a carne cremosa de sua bunda sob a seda. Apenas um pedaço de renda branca que ele não iria sequer considerar digno de ser chamado de roupa íntima. Não cobria coisa nenhuma. Ele parou seus movimentos bruscos apenas tempo suficiente para apalpar seu traseiro, puxando a bunda dela em sua virilha. Sob suas calças, sua ereção dura contra o tecido encaixava-se entre as bochechas do traseiro dela, perto o suficiente para aliviar a dor latejante em seu eixo.

"Dio, eu nunca vou cansar de olhar para o seu doce traseiro, Kim."

"Vamos, então", Kim murmurou, olhando por cima do ombro para ele. "Foda-me."

Gio não precisava de mais incentivo. Era totalmente estúpido e imprudente. Um desejo de morte de sua parte. Vergonhoso para sua família e a crença que ele carregava da *Cosa Nostra*. Isso não o impediu de puxar a calcinha dela até os joelhos antes de baixar as próprias calças e libertar sua ereção com a palma da mão.

Usando o polegar, Gio espalhou a gota de pré-sêmen da cabeça de seu pau. Ele não disse uma palavra quando deslizou a ponta ao longo de suas

dobras lisas, espalhando-as. Kim gemeu quando ela tentou empurrar contra seu pau. Toda vez que ele trazia a ponta para sua entrada, ele flexionava para frente apenas o suficiente para deixá-la senti-lo ali, abrindo-a. A umidade de seu sexo manchava seu pau; a boceta dela brilhava com excitação. Com a mão na parte inferior das costas dela, ele manteve seu corpo para baixo na bancada para que ela não fosse capaz de se mover.

"Você quer que eu a foda aqui?"

"Gio, por favor", Kim lamentou.

Gio sentiu que tinha que dar a ela uma última chance de voltar atrás, ou talvez ele estivesse tentando se dar uma. Era diferente estar fazendo merda sorrateira como eles tinham feito antes, isto era um nível totalmente diferenciado de descuido. Sem arrependimentos. Gio tentava nunca tê-los. Ele não queria que isso se transformasse em um, mas ele não tinha certeza se isso iria para qualquer outro lugar.

"Eu preciso de um sim ou não", disse Gio, ainda varrendo seu pau entre suas dobras.

"Sim. Jesus Cristo, *sim*, Gio."

Isso foi o suficiente para ele. Gio soltou base de seu pau ao mesmo tempo em que ele flexionava para frente novamente. Com um impulso rápido, ele afundou os vinte e dois centímetros em sua boceta apertada. Não houve resistência do seu corpo. Ela sempre parecia se encaixar como uma luva quente e molhada. Um aperto do paraíso. A força do empurrão e sua virilha encontrando a bunda dela fizeram Kim se levantar nos dedos dos pés em seu salto agulha, soltando um grito de felicidade. As mãos dela voaram para o espelho para se manter estável.

Gio congelou, não só pelo seu grito, mas pelo calor sedoso em torno do seu comprimento. Sem preservativo. Nenhum. Fodido. Preservativo. Ele queria a mandar ficar quieta, mas as palavras ficaram presas em sua garganta,

e a respiração se alojou em seu peito como alcatrão.

"Gio?" Um tremor balançou a voz suave de Kim.

"Eu..."

Não, as palavras ainda não vinham. Era difícil se concentrar enquanto ele estava enterrado em Kim, sentindo cada contração e vibração de suas paredes ao longo de seu pau. Estar dentro dela, inseguro e natural, literalmente colocou sentido em Gio. Ele não conseguia respirar quando sentiu o sexo dela flexionando-o, segurando-o. Tudo... Puta que pariu, ele sentiu tudo.

"Sem camisinha", ele finalmente falou, lutando contra a vontade de começar a entrar e sair de Kim.

Não que isso importasse agora, ele sabia. O que foi feito, foi feito. Não era o fato de que ele estava transando com Kim sem proteção que o deixava chocado, mas sim o fato de isso acontecer tão facilmente, e ele ainda não tinha considerado usar algo. Deus, o que essa mulher estava fazendo com ele?

"Eu estou limpa, Gio", disse Kim, passando um olhar por cima do ombro com os olhos pesados. "Eu prometo. Por favor, não entre em pânico e me foda."

"Eu não estou em pânico."

Não muito, Gio se corrigiu internamente.

Provavelmente, não era o melhor momento para lembrar Kim que esta era a primeira vez que ele tinha fodido sem camisinha. Em vez disso, Gio, lentamente, puxou para fora do seu sexo até que apenas a cabeça de seu pau estivesse em seu interior. Ele observou, completamente absorvido e encantado com seus sucos encharcando seu comprimento. A forma como ele se sentia era indescritível. Tão surpreendente.

"Espere", Gio resmungou.

O reflexo de Kim no espelho mostrou sua confusão. "O quê?"

Gio não respondeu; ele entrou em seu corpo novamente. O pouco de autodomínio ele tinha se foi com aquele impulso. Algo dentro dele estalou, como um cão que viveu toda a sua vida amarrado finalmente saindo da corrente. Seu ritmo com ela era punitivo, totalmente inflexível. Gio não pensou, ele só se mexia. Ele só queria senti-la. Todas as vibrações de seu canal abraçando-o, seus fluidos cobrindo seu pau enquanto ele a fodia.

Uma das mãos dele agarrou a cintura dela, puxando-a de volta para satisfazer cada impulso que seu pau exigia. A outra, encontrou seu pescoço, seus dedos enrolados nas mechas de cabelo que caíam do coque dela.

"Oh, Deus... Giovanni, isso", Kim suspirou. Gio podia sentir a sua frequência cardíaca correndo como uma louca pelo pulsar em seu pescoço. "Tão, tão bom."

A aspereza do sexo não pareceu incomodar Kim nem um pouco. Um arrepio cobriu os ombros dela quando ela olhou para Gio no reflexo do espelho, aqueles lábios rosados dela se abrindo, gritos baixos. O ritmo frenético a manteve nas pontas dos pés, as coxas batendo no balcão. Não havia dúvida de que o vestido de seda dela estaria amarrotado e terrivelmente enrugado quando Gio acabasse com ela.

As unhas de Kim arrastaram pelo espelho, as mãos cerrando firmemente. Ela inclinou a cabeça para baixo, usando os punhos para amortecer o rosto na superfície dura quando cada estocar do corpo dele encontrando o dela a empurrava para o vidro.

"O que você quer?" Perguntou Gio, sua voz grossa. "Diga-me como você quer que eu te foda, *Tesoro*. Diga-me como você está perto de gozar em todo meu pau.

"Tão perto... perto para caralho. *Più duro, più veloce*", Kim assobiou por entre os dentes cerrados.

Mais forte, mais rápido, ela disse a ele.

"Oh, eu posso fazer isso."

Gio soltou sua cintura para agarrar a parte interna da coxa dela. Levantando a perna alto o suficiente para que o joelho dela estivesse descansando em cima do balcão, ela se abriu ainda mais para ele. Deu a Gio a melhor vista do seu comprimento dolorosamente duro desaparecendo em sua boceta. O novo ângulo permitiu que o pau de Gio afundasse ainda mais e que ela o encontrasse a cada impulso. Isso ficou ainda melhor para ela, pois as paredes quentes de seu sexo apertaram enquanto seus fluidos desciam sobre seu pau. A cabeça de Kim foi jogada para cima, os olhos arregalados quando ela soltou um sussurro estrangulado com o nome dele.

Cada polegada dele sentiu que o clímax dela estaria ali em um instante, sugando-o e ordenhando seu pau. A pressão que ele não tinha percebido que estava se construindo em sua coluna vertebral e virilha se soltou sem aviso. O orgasmo de Gio veio com força sobre seus sentidos, cegando-o com faíscas de cores atrás de suas pálpebras fechadas. Ele a segurou firmemente contra sua virilha enquanto ele derramou profundamente em seu sexo.

De alguma forma, Gio conseguiu abaixar e enterrar o rosto no lugar entre os ombros de Kim para abafar seu grito, puxando a perna dela para baixo do balcão ao mesmo tempo. Eles dois tinham sumido da festa por muito tempo, então ele, relutantemente, puxou para fora do êxtase que era sua boceta. A mão de Gio estava em seu pescoço, tremendo com a intensidade ainda balançando ao longo de seu corpo. Ele lutou para recuperar o fôlego, sentindo seu próprio gozo escorrendo onde seus dedos ainda estavam apertando, o interior da coxa de Kim.

Silenciosamente, Gio ajustou a calcinha de Kim, beijando as covinhas acima de seu traseiro antes de colocar o vestido de volta no lugar. Ela não se moveu do seu lugar inclinada sobre o balcão.

"Você está bem?" Perguntou Gio.

"Sim", disse Kim, a voz mais fraca do que ele gostava.

Kim finalmente se ergueu do balcão, seu olhar varrendo o chão do banheiro. Gio não sabia o que ela estava procurando até que ela finalmente encontrou e pegou. O anel que ela jogou fora tão odiosamente antes foi colocado de volta no dedo sem qualquer hesitação. O sentimento de raiva correu através do sangue de Gio, mas, dessa vez, ele sabia que não tinha nada a ver com o conhaque de mais cedo, ou a forma como Franco tratava Kim. Não, Gio estava furioso consigo mesmo e... inferno, com *Kim*.

"Só isso?" Gio perguntou, sem se preocupar em esconder a raiva em seu tom. "Você me deixa foder você e então, você coloca o seu anel de volta assim?"

Kim o olhou com cautela. "Gio..."

Gio não quis ouvi-la. Nenhuma de suas desculpas, ele simplesmente não queria ouvir.

"Isso não pode acontecer novamente", disse Kim, engolindo em seco quando ela passou os dedos debaixo de seus olhos. "Eu sinto muito."

"Não brinca", Gio rosnou. "Isso é algum tipo de jogo para você?"

"Eu deveria te perguntar isso também. Porque sua maneira de agir, às vezes, faz parecer como se eu fosse nada mais do que uma boa perseguição para você, e o prêmio sempre acaba sendo uma foda gostosa."

Ela estava corada, suada, a maquiagem borrada, e tão bonita. Mas ele estava tão chateado com ela também. Usado, era como Gio se sentia. Como se Kim tivesse acabado manipulando ele.

"Você consegue se lembrar de quem você era antes que ele lhe dissesse o que você precisava ser?"

"Vá se ferrar. Só porque você me fodeu não significa que você me conhece", Kim murmurou maldosamente. "Não pense que você tem alguma

ideia do que eu estou passando."

Mas ele queria saber... tudo sobre ela. Por que ela não podia ver isso? Kim não queria ver isso claramente. O que ela queria era um fodido abusador com problemas de poder e, talvez, uma ou duas fodas com Gio.

Raiva queimava Gio novamente, rápido e cruel como suas próximas palavras. "Não durma ao lado dele esta noite com meu gozo ainda entre suas coxas, Kim. Franco é um idiota, mas ele não é um idiota completo."

Kim suspirou, sua mão subindo para cobrir os lábios trêmulos enquanto suas costas atingiam a parede atrás dela. As observações dolorosas tinham voado para fora da boca de Gio antes que ele pudesse parar a si mesmo, e ele queria poder levá-las de volta no momento em que as disse. Não importava. As ações dela eram claras o suficiente para ele. Eles tinham acabado, e o que aconteceu entre eles de novo, esta noite era apenas um joguinho para ela. Nada mais do que vingança. Gio não seria seu brinquedo quando ela precisasse ferir Franco.

"Vá para o inferno, Giovanni."

"*Tesoro*, dê uma boa olhada em mim. Você já me colocou lá."

Capítulo Onze

Gio ignorou as náuseas rolando em suas entranhas quando ele pagou o motorista de táxi e saiu do carro. Ele esperava poder pegar o carro alugado e voltar para o hotel para dormir. Ele não tinha conseguido descansar depois que deixou a casa dos Sorrento na noite anterior.

A sensação de mal-estar que ele sentia tinha pouco a ver com o licor que tomou, mas sim com o desgosto que sentia por si mesmo. Gio fez uma careta com a visão de um luxuoso SUV familiar estacionado perto de seu carro alugado. Ele assumiu que Franco e Kim teriam ido para casa depois da festa, mas, aparentemente, não.

Que sorte.

Não querendo ficar tempo suficiente para que alguém o notasse, Gio destravou seu carro.

"Giovanni, achei mesmo que era seu carro."

Gio se encolheu com a voz alegre de Maximo vindo de trás dele. Virando-se, Gio observou como o homem acariciou sua esposa na bochecha antes de deixá-la entrar em um sedan escuro. Maximo fez o seu caminho até a entrada de automóveis.

"O que você vai fazer esta manhã, Skip?" Perguntou Maximo.

"Dormir", disse Gio. "Esse é o plano, de qualquer maneira."

"Você já comeu?"

Gio podia mentir, mas ele já tinha feito isso o suficiente recentemente. "Ainda não."

Maximo assentiu, virando-se com um aceno. "Vem. Kimberlynn fez comida. Adoro a minha esposa, mas ela é horrível na cozinha. É uma das

únicas coisas que me faz sentir falta da minha ex-esposa."

Gio não poderia recusar a oferta, não importava se ele queria ou não. Era rude negar a um Don, especialmente quando se tratava de algo como um convite pessoal em sua casa. Gio poderia ter dobrado as regras, mas havia algumas que ele sabia que não devia cruzar.

Antony não iria gostar de descobrir que Gio evitou um chefe.

"O que ela cozinhou?" Perguntou Gio, arrastando-se lentamente atrás de Maximo.

Ele não sabia mais o que perguntar.

"*Dolce Cristo...* tudo."

* * *

Maximo não mentiu. A comida distribuída na cozinha era suficiente para alimentar dez pessoas, pelo menos. Havia alguns retardatários andando ao redor da casa. A comida não iria para o lixo. Gio reconheceu os homens como os idiotas de Franco e um par de capos de Maximo.

Kim mal tinha conseguido segurar o choque e raiva ao ver Gio. Educadamente, ela disse olá quando ele entrou, mas essa foi à extensão da sua interação.

Dois homens que Gio conhecia apenas como Ben e Lucas, amigos de Franco e os caras que mantinham uma estreita vigilância sobre Kim, estavam sendo ruidosos e antipáticos em seus assentos. Eles não poderiam ser muito mais velhos do que Gio, mas eles estavam agindo como pré-adolescentes, jogando pedaços de comida um no outro do outro lado da mesa.

"*Cazzo*", Maximo latiu, fazendo com que ambos saltassem. Gio se inclinou como se nada tivesse acontecido para pegar um waffle de um prato. "Parem com essa merda antes de eu chutar seus traseiros para fora da minha

casa. Bando de *stolti*."

Maximo lançou um olhar maligno por cima do ombro para seu filho, que parecia despreocupado pelo tumulto que seus homens estavam fazendo. Muito baixo para os idiotas na mesa ouvirem, ele perguntou: "Giovanni, você foi apresentado a Ben e Lucas corretamente?"

Gio percebeu a escolha cuidadosa das palavras. "Não."

"Estes *cafones* são amigos de Franco. Eles já estão cientes de quem você é."

Gio deu um único aceno em resposta. Ambos eram homens não feitos e, pela maneira que Maximo os tratava, eles iriam continuar assim por um tempo.

"Desfrute de um pouco de comida antes de começar o seu dia, Skip", disse Maximo. "Eu tenho que fazer um par de ligações, mas eu volto logo."

Maximo não tinha saído da cozinha nem por cinco segundos antes de Franco girar em sua cadeira. Gio sabia o que estava por vir. Franco era previsível. Odioso.

"Seu pai vai querer entrar nos negócios com os carros ou não?" Franco exigiu. "Porque eu estou começando a ficar inquieto com você ao redor dos meus caras o tempo todo. Achei que você tinha a sua equipe para lidar em casa. Sem dúvida, seus irmãos estão, mais uma vez, fazendo o seu trabalho. Como sempre, eles são estúpidos para isso."

Gio não estava com vontade de jogar o jogo de comentários sarcásticos de Franco.

"Primeiro de tudo, ninguém cuida das minhas coisas além de mim. Segundo, eu achei que tinha deixado claro sobre o que aconteceria se você insultasse outro homem na minha família."

Para fazer um ponto, Gio removeu a arma que ele comprou de um negociante alguns dias antes da parte de trás da calça e a colocou sobre a

mesa, na vista de qualquer um na cozinha. Ele queria deixar Franco fazer o que ele quisesse. Gio agarrou uma faca de cima da mesa, mergulhando-a na manteiga antes de espalhá-la em seu waffle. A maneira mais fácil de irritar Franco era agindo como se ele não importasse.

"E, por último", Gio continuou sugando a manteiga de seu dedo mindinho. "Eu não falo de negócios com uma mulher no alcance da voz."

"Kimberlynn não é uma idiota, Gio. Ela sabe o que se passa por aqui e, se ela não sabe, ela vai saber agora ou mais tarde."

Kim não disse nada quando ela pegou os ovos no seu prato. Gio não entendia como ela poderia deixar Franco falar assim com ela, muito menos falar como se ela nem estivesse lá.

"Eu não disse que sua noiva era uma idiota. Kim não pode se envolver na discussão, e nós sabemos disso. Você pode não se importar com isso, mas eu acho que é absolutamente desrespeitoso excluir alguém de uma conversa quando poderíamos evitá-la completamente. O fato é: eu não falo de negócios com as mulheres ao redor."

O olhar de Franco se estreitou em Gio. "Você percebe a quem esta casa pertence, não é?"

"Seu pai me convidou para entrar, e não para falar sobre seus esquemas. Além disso, eu não tenho nenhuma dúvida que Maximo concordaria comigo."

"Eu não..."

"Não o que, Franco? A menos que a conversa envolva diretamente algo a ver com Kim, nós não precisamos estar tendo-a enquanto ela está aqui. Você sabe como eu sei."

Franco bufou como um touro irritado. O tolo gostava de falar merda, mas ele não gostava de ouvir.

Gio virou em sua cadeira farto desse papo. Ele deu uma mordida no

waffle, degustando o gosto da canela explodindo em sua boca. A comida era ótima. Mesmo estando chateado com Kim, ela deveria saber que ele apreciava sua refeição, então Gio acrescentou: "Minhas desculpas, Kim, a comida está deliciosa."

"Obrigada", Kim disse calmamente.

Claramente, Franco não tinha gostado de ter sido colocado em seu lugar. "Eu só vou estar tranquilo quando você estiver em sua própria fodida cidade, Gio."

"O sentimento é mútuo", Gio resmungou enquanto dava outra mordida no waffle.

* * *

A porta que ligava a casa à garagem abriu, permitindo que Kim passasse por ela silenciosamente antes que ela se fechasse sem barulho.

"O que você está fazendo?" Perguntou Kim.

Gio ergueu o cigarro aceso.

"Não. Quero dizer o que você está fazendo *aqui*."

"Vim pegar meu carro", disse Gio, erguendo uma sobrancelha. "Eu bebi muito na noite passada. Eu não achei que você estaria por aqui."

"Eu não tinha escolha, Franco queria ficar."

"Não dou a mínima."

Kim se encolheu com seu despendimento. "Sobre a noite passada..."

"Não se preocupe", Gio murmurou, exalando uma nuvem de fumaça para o ar. "Acabou. Isso é o que você quer. Acabou."

Merda. Ele queria poder convencer sua cabeça e coração disso também.

"Eu nunca disse..."

"Você não precisou, Kim. Você não pôde nem mesmo esperar que eu

estivesse fora de sua vista antes de colocar a porra do anel de volta em seu dedo."

"Pare de me interromper, Giovanni. Você é muito rápido em apontar para outra pessoa quando estão me insultando e sendo rudes comigo, então pare com isso."

Gio limpou a garganta, sabendo que ela estava certa. "Peço desculpas."

"Obrigada. Por que você ainda está aqui?"

"Acabei de te falar. Meu carro."

"Aqui não. Em Las Vegas."

"Por causa dos negócios. Goste ou não, *Tesoro*. É por isso."

E você, sua mente acrescentou.

Gio, gostando ou não, ele ainda estava lá por causa dela também. Negar isso era inútil.

"Você não precisa estar aqui, apesar de tudo. Franco não calava a boca depois que você saiu da cozinha, então eu já entendi. Você não está interessado em nenhuma oferta que eles estão oferecendo, então por que você ainda está realmente aqui?"

"Negócios", repetiu Gio.

A mandíbula de Kim ficou tensa. "Você não pode ficar longe de mim enquanto você faz isso? Deve ser um grande jogo para você me ver pisar em ovos."

Na verdade, não. Isso estava trucidando sua alma.

"É isso que você pensa, que eu gosto de ver aquele desgraçado desfilando com você como se você fosse um troféu?" Gio perguntou abruptamente. "Tirando você da prateleira quando é conveniente e colocando de volta até você acordar?"

"Por que não? Você já teve sua chance comigo."

"E eu voltei para mais!"

Kim deu um passo para trás. "O que você acabou de dizer?"

"Eu voltei para mais", Gio repetiu baixinho, dor atando suas palavras. "Depois que eu soube quem você era e o que você escondeu de mim, eu ainda queria você. Eu queria a conhecer."

"Tanto faz, Gio."

"Eu não estou mentindo. Este não é um jogo para mim, Kim. Você não é a única pisando em ovos em torno destes malditos homens. Estar com você, depois de saber quem você era e que Franco era seu noivo, eu ferrei tudo fazendo isso."

Gio soltou uma risada amarga, jogando o cigarro em uma lata. "Onde foi a garota que conheci em Nova York? Confiante e viva. Jogando sem dinheiro e mantendo uma conversa inteligente o tempo todo. Ela não teve medo de me convidar para o seu quarto de hotel. Manteve-me acordado por dias atrás do barato louco que nunca senti antes."

"Eu não posso ser essa garota aqui, Giovanni."

"Então você seria apenas um rosto bonito sem cérebro no braço de Franco?"

"Eu não tenho escolha!"

Lá vai ela usando essa palavra novamente.

"Por que não? Você é uma mulher adulta. Seu pai nem é importante o suficiente para arranjar um casamento entre você e Franco sem o seu consentimento."

"Não é tão simples assim. Você não sabe por que eu vou casar com ele?" Kim perguntou em voz baixa.

"Obviamente, não. Eu jamais ficaria na mesma sala que o seu pai, e Max não fala sobre coisas pessoais."

"Você realmente não sabe."

Gio deu de ombros. "Não. No começo, eu pensei que você tinha se

apaixonado muito rápido por Franco sem saber como ele era e não conseguia sair dessa. Você não seria a primeira a cair nas armadilhas dele."

"E então?" Perguntou Kim.

"Quando me disseram que era um acordo, não havia nada para eu pensar. São negócios. Se ninguém fala sobre isso e não envolve a minha família, eu não tenho o direito de perguntar. Eu suspeito que eles tenham lhe dado uma escolha..."

"Uma *escolha*? Não havia escolha!"

Gio olhou cautelosamente para a porta fechada. "Baixe a voz, Kim. Hoje não é o dia que eu quero perder minha vida."

Kim cutucou o piso de cimento com o tênis. "É isso o que aconteceria pelo que você fez comigo?"

"Num piscar de olhos."

"Não importa que você seja... você?"

"O que, um príncipe da máfia? Franco também é. Só porque o meu último nome é Marcello não significa que eu vou ser tratado de forma diferente de qualquer outra pessoa. Eu tenho que seguir as mesmas regras que eles. Eu sou o filho de um Don da *Cosa Nostra*, mas isso não me faz a prova de balas."

"E quanto a mim?" Perguntou Kim, seus olhos encontrando os dele.

"Isso, provavelmente, seria deixado para Franco decidir, mas a história diz que as chances são nada boas. Nem preciso dizer que seria ruim pra caralho, *Tesoro*."

"Eu odeio aquele homem", Kim sussurrou aflita. "Eu nunca quis me casar com ele."

Gio cantarolou depreciativamente. "Eu percebi isso, toda vez que ele se aproximava ou tentava tocar em você, você congelava como um bloco de gelo. Então eu não consigo entender por que você não se recusa, de modo que

não me deixa em lugar nenhum."

"Ele não faz."

"Perdão?"

"Tocar-me", explicou Kim. "Nunca."

Gio inclinou a cabeça em admissão. Estranhamente, a satisfação lhe encheu ao saber que não partilhava Kim, por assim dizer. Ele afastou esses pensamentos rapidamente.

"Por que ele não quer ou por que você não o deixa?"

"Principalmente, por minha causa", disse Kim. "Eu não sou esposa dele ainda, então ele não chega a me usar como um brinquedo pessoal. Franco tem *amantes* suficientes espalhadas em Vegas para mantê-lo ocupado. Ele está bem em estar assim, por enquanto."

"Até o casamento."

A mandíbula de Kim cerrou. "Sim."

"O que acontece depois?"

"Espero que ele já tenha feito em outro lugar antes de chegar em casa."

"Isso é nojento, Kim. É isso o que você quer, ser um fodido buraco para preencher quando ele sentir necessidade?"

Kim engoliu em seco. "Não."

"E aqui está você com o anel dele na mão."

"Porque era isso — disse Kim, levantando o dedo com o anel — ou enfrentar as consequências que considerava adequadas por roubar cem mil dólares de sua família."

Gio abriu a boca para falar, mas nada saiu.

"Um mês antes de eu ter ido para Nova York para o casamento do seu irmão, eu completei vinte e um. Meus amigos acharam que seria divertido ir até um cassino. Eu pensei que poderia ser um bom show para eles me verem contar algumas mesas com o resultado das probabilidades. Eu me encontrei

em um escritório com Franco. Ele sabia quem eu era sem que eu mesma tivesse que dizer alguma coisa.

"Franco te deu a opção ali?" Gio perguntou confuso.

"Não, ele colocou a proposta de casamento sobre a mesa uma semana depois. Naquela época, meu pai estava envolvido. Seria uma vergonha terrível para a minha família. Meu erro lhe custaria muito. Oh, mas *havia* como corrigi-lo." Kim bufou, balançando a cabeça. "Tudo o que eu seria para ele era uma maneira mais fácil de que seu pai o pressionasse menos. Eu era italiana e bonita. Católica, uma família afiliada, bem-criada. Eu serviria. Ele tinha uma lista sobre mim e quem eu era, Gio. Franco me reconheceu a partir do momento que eu entrei naquele cassino, e ele me queria."

Gio ainda estava tentando entender o fato de que Kim roubou um monte de dinheiro de uma família *Cosa Nostra* e conseguiu sair viva. Aparentemente, seu silêncio chocado não era o que Kim queria.

"Acho que faz muito mais sentido para você agora, Giovanni. A melhor coisa que você pode fazer é se afastar de mim e se esquivar da bala o mais rápido que você puder. Não só sou uma prostituta, mas eu sou uma ladra também. Meninas estúpidas, como eu, merecem o que vem para a gente."

Gio empacou. "Eu..."

"Não se incomode. Você é o mesmo que o meu pai e Franco. Você apenas tem um sobrenome diferente."

Com isso, Kim girou nos calcanhares, indo em direção à porta. Gio se afastou da parede, cobrindo a distância entre ele e Kim com dois passos longos. Ela guinchou de surpresa quando ele pegou seu pulso na palma da mão e a girou para encará-lo. Gio prendeu Kim na parede da garagem ao lado da porta em um segundo. Lágrimas desciam por suas bochechas.

"Eu não sou como eles", Gio rosnou.

"Não é?"

Os dentes de Gio cerraram. Ele estava muito próximo ao corpo de Kim, mas ele não podia se afastar. Ele se aproximou; sua perna entrou entre as dela para mantê-la no lugar. Deus, ela poderia irritá-lo tão rápido quanto ela poderia excitá-lo. Apesar de que essa situação o deixava aflito, era terrível e atraente ao mesmo tempo.

"Eu entendo, Kim. Eu lido com homens maus. Inferno, *eu* sou um homem mau. Eu sou uma parte do mundo que te ferrou. Você me vê sendo respeitoso com Max, mas eu sou assim com ele porque mereceu isso na *Cosa Nostra*. Isso não significa que eu tenho que concordar com ele e, certamente, não significa que eu tenho que respeitar seu fodido filho.

A umidade nos cílios dela caíram. Gio usou seu polegar para enxugar as lágrimas. "Não chore, *Tesoro*. Isso me mata por dentro de um jeito que você nem imagina. Coisas bonitas não devem chorar."

"Pare de dizer essas merdas." A fungada escapou de Kim quando ela se afastou de seu polegar pela segunda vez. "*Dio*, pare de me tocar, Giovanni."

Gio odiava que suas emoções traíssem a sua rejeição quando a tristeza o inundou. Algo dentro dele não lhe permitiria deixá-la ir.

"Fala que roubar foi um erro", Gio disse calmamente.

"*Foi*. Meu pedido de desculpas significa menos que nada para Franco. Que diferença faz?"

Gio observava atentamente, à procura de qualquer cintilação de engano. Não havia nenhum.

"Não faz diferença para mim", Gio disse finalmente. "Há um milhão de outras coisas que poderiam ter sido feitas para resolver isso, especialmente na sua família. Sinto que isso é o que Franco decidiu e que seu pai simplesmente o deixou fazer."

Talvez Gio não fosse da velha escola o suficiente para entender o conceito, mas um casamento arranjado com a finalidade de punir alguém

parecia errado.

"E eu jamais pensei que você fosse uma prostituta por causa das coisas que aconteceram entre nós, Kim. Eu jamais iria, não sobre você."

"Por que você ainda está aqui em Vegas?" Kim perguntou novamente. "Diga-me a verdade."

"Por causa de você", disse Gio, ainda observando-a intensamente. "Odeie ou me ignore se isso é o que você precisa fazer, mas não posso deixá-la ser entregue a ele como um prêmio. Você vale muito mais do que seu último nome, *Tesoro*."

"Continue me chamando assim e vou fazer você querer ter parado."

Gio riu sombriamente. "Não vai acontecer. Eu acho que combina com você. Um tesouro raro que eu gostaria que ficasse comigo."

"Bem, isso não ajuda essa loucura que se passa na minha cabeça sempre que você está por perto!"

"Você faz isso comigo também, Kim. Deixa-me assim. Estúpido. Imprudente. Você me faz pensar que estou ficando louco."

"Deixando você louco? Olhe para mim, Gio! Eu deveria me casar em menos de dois meses e, em vez disso, a única coisa que posso pensar é você."

"Kim..."

"Não", ela respirou, finalmente, empurrando-o longe o suficiente para se afastar. "Precisamos parar com isso. New York era uma coisa, mas isso é um erro. Um bem grande. Eu não quero ter que pagar por isso quando eu já pago o suficiente."

Gio compreendia onde Kim estava querendo chegar, mas não podia acabar assim. Não agora que ele sabia o que ele sabia. "Eu não posso fazer isso."

Kim ainda não tinha se afastado dele completamente antes de Gio estar de costas para a parede novamente. As palavras que ele precisava dizer não se

formavam, então ele a beijou ao invés. Duramente, ele cobriu a boca de Kim com a sua, querendo que ela sentisse toda a mistura confusa de emoções que ela criou dentro dele. Como a mágoa e raiva que ele tinha sentido com as ações e receios dela e o desejo que lutava uma guerra constante. O impulso insano de estar mais perto dela, mas, ao mesmo tempo, o desejo de mantê-la longe.

Fodam-se as regras. Elas nunca fizeram a mínima diferença para ele quando queria algo antes. Gio queria Kim. Isso era tudo o que havia para ele.

Kim respondeu ao beijo, os lábios se abrindo para permitir a entrada no calor doce de sua boca. Gio podia sentir o sabor do café em sua língua. Ele adorava a maneira como as unhas cravaram em sua camisa, torcendo-a no lugar. Dentes raspavam a sua mandíbula. Uma das mãos dele se entrelaçou no cabelo dela, seus dedos se enredaram nas mechas sedosas enquanto a outra, levantou a perna direita dela para que envolvesse em torno de seu quadril. Os azuis de seus olhos escureceram na garagem mal iluminada. As mãos dela iniciaram uma nova trilha sob a sua camiseta, suas unhas marcando a cintura dele.

Um *flashback* da noite anterior cintilou na memória dele. Foi tudo muito parecido. Eles corriam riscos estúpidos em um lugar assim. Por todo lugar, Gio se sentiu superaquecido e com tonturas. A sensação foi instantânea, e a única coisa que ele precisava fazer era tocar esta mulher para sentir isso.

"Eu não posso fazer isso", disse Gio, repetindo suas palavras anteriores. "Eu não quero te deixar. Eu *tentei*, porra."

"Por favor, não deixe isso mais difícil para mim."

"Não. Eu quero você." Gio acariciou a bochecha dela com seu nariz. "Negue que você me quer também. Dê-me uma razão para ir se é isso que você realmente quer."

"Eu..." Kim manteve a boca fechada.

"Você não pode dizer isso", Gio sussurrou.

Kim chorava baixinho. "Não, mas isso não faz diferença, e você sabe disso."

Isso doeu.

Gio colocou um beijo suave na testa dela, sentindo-a estremecer em resposta. "Faz para mim, *Tesoro*."

Quando a respiração e o corpo dele finalmente se acalmaram, Gio deixou a perna de Kim voltar para o chão. Utilizando ambas as mãos, ele segurou seu queixo e virou o rosto para encará-la. Ainda havia água em seus olhos. Kim segurava os pulsos quando ele a beijou com ternura.

"Dê-me um dia", disse Gio, relutantemente se afastando.

Kim piscou, confusão alinhando sua testa. "Para quê?"

"Nós."

"Não há nenhum nós, Gio."

"Mas pode haver. Eu quero saber se poderia haver. Apenas um dia, isso é tudo que estou pedindo."

"E depois?" Perguntou Kim.

Gio não sabia; ele só sabia que tinha que descobrir. "Diga-me que você não quer saber o que é isso, e eu vou embora amanhã."

As emoções de Kim vacilaram em seu rosto. "Gio..."

"Apenas me diga."

A porta que dava para a casa abriu, e Gio não conseguiu se afastar de Kim em tempo suficiente para fazer a sua posição parecer inocente. Não que isso tivesse importância. Gio sabia exatamente como Kim parecia. Como se ele estivesse acabado de estar sobre ela.

Merda.

"Kimberlynn, onde diabos você está? Franco está procurando..."

As palavras de Ben foram cortadas ao mesmo tempo em que a porta se fechou atrás dele. Gio sentiu os dedos de Kim apertarem sua camisa. Se fosse possível, Gio tinha certeza de ter ouvido o coração dela saltar em sua garganta como seu estômago estava caindo no chão.

Merda. Merda. *Merda.*

"Que porra é essa?" Ben sussurrou.

Gio se virou para olhar o homem, sentindo-se como se estivesse assistindo a si mesmo de cima, e não no momento. Um milhão de pensamentos passaram pela mente de Gio em um nanossegundo, mas apenas um se destacou.

Ben não é um homem feito.

Era uma coisa importante saber no mundo *Cosa Nostra*. Ser feito ou não poderia salvar a vida de um homem bom ou acabar com a de um estúpido. Gio não precisava de permissão se algo viesse a acontecer com o cara. Ele só precisava de uma maldita boa desculpa para fazê-lo.

Gio se irritou com o dedo apontando para seu rosto. Parecia uma arma carregada pronta para explodir. Resumidamente, ele considerou as pessoas na casa. Eram todos homens, e todos eram afiliados de alguma forma ou de outra a Maximo. Se alguma merda acontecesse, eles não iriam falar.

"Você é um homem morto", Ben cuspiu. "Espero que tenha gostado da vagabunda, filho da puta."

Se Gio precisasse de qualquer outra razão para fazer o que ele estava prestes a fazer, Ben chamando Kim de prostituta era uma. Raiva correu pelo sangue de Gio como um veneno, acordando cada polegada dele para longe do estupor chocada de antes. Ele não queria que Kim testemunhasse isso, porém.

Que escolha ele tinha? Nenhuma.

O punho de Gio socou o lado com uma força brutal; seu corpo indo em direção a Ben ao mesmo tempo. Kim não tinha soltado Gio, então ela foi para

frente com ele. Ben não teve tempo de se mover antes que o punho de Gio acertasse seu rosto, um barulho nauseante após o impacto do golpe. Sem equilíbrio por Kim estar ao seu lado, Gio esbarrou em Ben, levando o homem ao chão de cimento.

Kim recuou para fugir da briga, o som de seu grito assustado reverberando na cabeça de Gio. Gio estava focado no rosto sangrando preenchendo sua visão. Uma bota desembarcou nas suas costelas, tomando o ar de Gio, mas a dor mesmo mal foi percebida através de seu medo e raiva.

Gio não tinha tempo para brincar. Havia muitas pessoas dentro da casa e os gritos do idiota, provavelmente, já estavam chamando atenção. Se havia uma coisa em que Gio era particularmente bom, era em chutar o traseiro de alguém. Ben tentou revidar. Era inútil. Gio já estava em cima dele, com os punhos pousando com força em golpes rápidos, fazendo com que a parte de trás do crânio de Ben saltasse do chão de cimento. Usando todo seu peso para prender o homem no chão com os joelhos contra o peito, Gio foi finalmente capaz de apanhar ar.

"Não sou eu o homem morto", Gio disse quando ele agarrou a camisa de Ben e puxou o homem atordoado do chão. "Mas você, com certeza, é."

Quando Gio estendeu a mão para a arma em suas costas, ele sabia que não havia outra maneira de contornar isso. Era Ben ou ele. Ben ou Kim. Gio sabia quando ele pegou a arma, destravou a segurança e puxou o martelo que ele ia ter que dar uma desculpa muito boa para sair dessa. Mas valeria a pena.

Ben ou Kim? Merda. Essa era uma escolha fácil.

Gio não pestanejou quando ele pressionou o cano na testa do homem. Os olhos de Ben se arregalaram de medo. O gatilho recuou sob o dedo de Gio facilmente e rápido. O coice da arma não o incomodou. Ele estava muito ocupado observando o impacto da bala entrando entre os olhos do homem, sangue e cérebro voando para o chão e até na parede quando ele atirou. Gio

não sentiu nada, além da dormência varrendo seus sentidos. De alguma forma, seu punho soltou a camisa ensanguentada de Ben, o corpo caindo no chão com um baque surdo. Os sons de uma dúzia de pés correndo pelos corredores da casa trouxe Gio de volta à vida.

O suficiente para fazê-lo ficar de pé, de qualquer maneira.

Limpando a boca com o braço para se livrar do gosto de sangue do outro homem, Gio se virou para ver Kim contra a parede. Suas mãos estavam na boca; marcas de dentes em seus dedos. Ela não tinha fechado os olhos.

"Sinto muito", Gio sussurrou.

Kim balançou a cabeça freneticamente, mas não disse nada.

Quanto mais perto os passos ficavam, mais tenso Gio se tornava. "Aja de maneira histérica."

Kim sufocou uma risada. "*Agir?*"

Havia uma pitada distinta de medo quando ela olhou para ele. Gio não poderia evitar perguntar se o que ela acabara de testemunhar era a única coisa que ela não podia aceitar. Se fosse esse o caso, Gio iria deixá-la continuar com a vida como ela queria e sob nenhuma circunstância ele iria permitir que ela se machucasse por causa de suas escolhas.

Kim gaguejou em suas palavras, ainda olhando para Gio. "V-você... você..."

"Eu vou lidar com isso", disse Gio, colocando a arma de volta em seu lugar. "Está bem."

"Não é bem. Ele está... *morto!*"

"Sinto muito que você acabou vendo isso, mas se você não quiser que o resto das pessoas nesta casa saibam por que fiz isso, você precisa ir junto nessa. Ok?"

Kim assentiu. "Ok."

"Ótimo."

A porta da garagem se abriu, e quatro homens tropeçaram sobre o corpo enquanto os outros paravam no corredor.

Olhos passaram entre o homem morto no chão, Gio de pé ao lado dele e Kim contra a parede.

Franco foi o primeiro a falar; os punhos voando quando ele mergulhou em direção a Gio. "Seu filho da puta!"

Gio mal conseguiu sair do caminho de Franco. "Espere um..."

"Cale a boca, Marcello", Franco rosnou. Em seguida, se virou para latir para um dos homens ainda de pé na soleira da porta. "Tire ela daqui!"

Gio não conseguia pensar rápido o suficiente para encontrar palavras que acalmassem Franco. "Escute-me."

Outro punho atacou Gio, mas ele se esquivou facilmente. Franco, finalmente, agarrou Gio quando ele recuou para o lado do carro de alguém. Assim como Gio tinha feito mais cedo com Ben, ele se encontrou olhando para o cano de uma arma.

"Não machuque ele!" Kim gritou.

Franco rangeu os dentes, não tirando os olhos de Gio nem por um segundo. "Eu disse para tirarem ela daqui!"

"Ele a atacou, o que diabos mais você queria que eu fizesse?" Gio perguntou baixinho, sua voz e pensamentos colidindo de uma vez para fazê-lo falar e sair da situação. "Deixasse que ele a estuprasse? Olhe para ela, cara. *Olhe para ela, porra.*"

Franco empurrou Gio no carro, a arma sem se mover. "Você está mentindo."

"Estou?"

"Não me toque, Lucas", Kim gritou do outro lado da garagem. "Ele fez isso por mim, Franco. Por *mim.*"

Algo nas palavras de Kim ressoaram em Gio. Ainda havia uma pitada

de medo e choque em sua voz, mas havia um pouco de compreensão também.
Por ela.

"Filho, — Maximo disse, quase em advertência — eu acho que você pode querer ouvir o que sua noiva está dizendo."

Gio não respirava enquanto Franco o segurava. Ele começou a falar novamente, mas a arma ainda não tinha se movido de seu rosto. "Eu estava fumando e a ouvi gritar. Abri a porta e o vi em cima dela. Ela não parecia querer essa merda, ok? Eu fiz o que tinha que fazer."

O olhar de Franco se estreitou antes de olhar para Kim.

Gio sabia exatamente o que Franco estava vendo. Kim desgrenhada, seu cabelo uma bagunça por causa das mãos de Gio, sua blusa amassada e a maquiagem arruinada pela boca dele e lágrimas. Parecia que a história dele era verdade assim como teria sido se tivessem contado a verdade.

"Kimberlynn?" Perguntou Maximo.

Kim soluçou. "Por favor, não o deixe machucar Gio, Max. Ele fez isso por mim."

"Ben não faria..."

"Ele fez!" Kim interrompeu desesperadamente, calando Franco. "Por que eu mentiria sobre algo assim, Franco?"

"Eu não sei", Franco murmurou, baixando a mão que segurava a arma para o rosto de Gio.

Franco continuou a olhá-lo enquanto Gio ajeitava sua camisa e se afastava do carro.

Franzindo a testa, Franco se virou para Kim. "Você não iria, eu suponho."

"Não, eu não iria", Kim respondeu suavemente.

"Eu vejo que fiz a escolha certa em não ter o tornado um homem feito, então." Maximo suspirou, dando mais um passo para o lugar. "Você fez uma

terrível bagunça na minha garagem, Skip. Ela precisa ser limpa antes que a minha esposa chegue em casa de sua aula de ioga.

"Minhas desculpas", Gio respondeu.

"Agradeça a Giovanni por ajudar sua noiva quando ela estava precisando, Franco", Maximo exigiu.

Gio não precisava ser capaz de ler mentes quando Franco se virou, aborrecimento torcendo seu rosto uma careta. "Obrigado, Gio."

"Sem problemas."

Brevemente, Gio encontrou os olhos de Kim sobre o ombro de Franco quando ela foi levada para a casa. Os outros homens estavam muito focados no corpo e discutindo como eles iriam se livrar do problema para notá-la olhando de volta para Gio.

"Eu vou te dar um dia", Kim mexeu os lábios.

Com isso, o coração de Gio começou a bater novamente.

Capítulo Doze

Com a cabeça baixa, Kim teceu por entre a multidão de estudantes universitários, reunindo-se no corredor da ala leste. Ela tinha deslizado para fora da sua primeira aula de trinta minutos antes que ela terminasse, incapaz de se concentrar no professor.

Hoje era igual a todos os dias durante a semana passada. Kim não deveria estar surpresa em não ter ânimo. O cansaço a deixou incapaz de dormir, os pensamentos constantes interrompendo sua vida. Sonhar a atormentava.

Sangue no chão. O cheiro de pólvora queimando seus pulmões. Os dedos de um homem que havia tocado nela puxando um gatilho. Olhos verdes se tornando vidrados, todas as suas emoções se foram. Era ininterrupto e recorrente. Ela ainda tinha as marcas de mordida nos nós dos dedos de seus dentes perfurando a pele da mão.

Um homem perdeu a vida por causa de Kim.

Por ela.

Estranhamente, ela foi rápida sem se corrigir sobre isso toda vez que passava por sua cabeça. Sem dúvida, se Ben tivesse alertado alguém sobre Kim e Giovanni, ela teria sido a pessoa a sair da casa em sacos de lixo. Giovanni, também.

A morte, de uma maneira ou outra, teria sido inevitável, mas causada por um descuido estúpido de Kim. Ela não tinha autocontrole e, quanto mais perto ela estava Giovanni, mais ela se sentia como ela mesma. A atração dentro dela para procurá-lo naquela garagem, mesmo sabendo que ele provavelmente ainda estava com raiva e ressentido com ela, era tão forte que

ela não podia ignorar.

Kim perguntou a Giovanni por que ele ainda estava em Vegas, mas ela sabia a resposta antes mesmo que ele respondesse. Por ela.

Tudo isso era por ela.

E, no entanto, aquele homem que ela assistiu matar outro ser humano... por ela... era uma pessoa completamente diferente. Mas não era, ao mesmo tempo. Era algo que Kim não conseguia fazer o seu coração e mente entenderem.

"*Tesoro.*"

Kim parou abruptamente. Tinha sido uma semana tranquila, basicamente. Giovanni não tinha se feito presente, intencionalmente ou não, em qualquer um dos lugares que Kim poderia estar. Mas esse apelido e essa voz eram inconfundíveis. Ela não tinha certeza se ele estava tentando dar a ela espaço para respirar, ou ele, simplesmente, não teve chance de ficar sozinho com ela.

Honestamente, Kim não sabia como ele planejava ficar sozinho com ela, já que ela não conseguia ficar um dia inteiro sozinha.

"Atrás de você, *bella ragazza.*"

Kim ficou tensa, apertando ainda mais sua bolsa.

"Você tem medo de mim agora?"

"Não", Kim respondeu com sinceridade.

"Você pode continuar andando se é isso que você quer", Giovanni disse calmamente enquanto as pessoas passaram por Kim. "Eu entendo, e eu não vou incomodá-la novamente."

Ela não hesitou em se virar diante de um sombrio Giovanni. Ele usava um jeans e uma jaqueta de couro nova. Debaixo do braço, estava um capacete, enquanto no outro, pendia de sua mão uma mochila preta. "Você não me incomoda."

Não de uma forma ruim.

Um sorriso fraco levantou o canto da boca dele. "É mesmo?"

"Não", Kim murmurou. "E..."

"*Hum?*"

"Eu acho que tenho que te perguntar algumas coisas sobre..." Kim parou, lembrando-se de onde estava. "Bem, sobre você e o que aconteceu."

Giovanni assentiu uma vez. "Vem, então."

Kim seguiu atrás de Giovanni até que chegaram a um corredor que estava tranquilo e oferecia mais privacidade. Ele colocou suas coisas no chão, encostando na parede, e cruzou os braços. "Você não está dormindo."

"É tão óbvio?"

"Você parece cansada e não tem feito nada durante toda a semana ou ido em qualquer lugar, a não ser na casa de Franco."

Kim fez uma careta. "Como você sabe disso?"

"Fiquei preocupado com você, então eu queria ter certeza de que você ia ficar bem. Eu não acho que você está bem, mas você está escondendo bem."

O ar ficou preso na garganta de Kim. Ela não estava com raiva dele por segui-la, mas sim confusa em como ele a fazia se sentir. Era mais uma demonstração de seu nível de preocupação com ela, mesmo que ela não estivesse oferecendo isso de volta.

"Engraçado, Franco não tem notado nada", disse Kim, sabendo muito bem que ela soou amarga. "Ele não fala sobre isso, e eu suspeito que ele não quer que eu pergunte a ele sobre isso também."

"Ele deixou você sozinha", Giovanni respondeu dando de ombros. "Ele seria estúpido por não ver seu estado, mas ele é completamente incapaz de ter empatia com a situação por causa de quem ele é. As possibilidades são de que o jeito dele de corrigir o problema é deixar você se virar da forma como

quiser."

"Você acabou de defender Franco?"

Giovanni suspirou. "Não Franco, especificamente, mas como... um homem feito. Eu não estou dizendo que é o jeito certo, mas é como ele foi ensinado a lidar com isso. Não falar sobre isso, essa merda acontece, então, é só seguir em frente. É melhor superar isso do que ficar prolongando quando não há nada que pode ser feito."

Kim se encolheu. Isso era uma coisa horrível de saber. "Assim como você. Feito, quero dizer. Você, com certeza, se preocupa."

"Com você, com certeza", Giovanni disse, sorrindo ligeiramente. "Sobre Ben, muito pouco. Se é uma situação de, ou eu, ou eles, eu sempre vou me escolher. Mesmo se for egoísta e por minha causa. É assim que esta vida funciona. Se um homem quer viver, ele precisa estar ciente dos jogadores ao seu redor. Mas, não foi só sobre mim ou sobre ele; era sobre você também. Eu tinha uma escolha, eu escolhi e agora acabou."

"Isso é... Eu nem sei."

"Eu não vou pedir desculpas por ter feito aquilo, se é isso que você está procurando de mim. Embora vá pedir desculpas por você ter visto."

Kim limpou a garganta sentindo-se desconfortável. Ainda havia perguntas e pensamentos rondando sua cabeça. Ela precisava acabar com elas. "Você ficou olhando também. Você não piscou ou mesmo desviou o olhar quando você fez aquilo."

"Isso te incomoda?"

"Mais ou menos", admitiu Kim. "É como se você fosse insensível a tudo. Sim, Gio, isso me incomoda um pouco. Não pode me culpar por isso."

"Eu não faria isso, *bellissima*. Eu não sou insensível, como você colocou. Eu só tenho uma maneira diferente de olhar e lidar com as coisas que aparecem. Eu não consigo desviar o olhar quando eu puxo o gatilho; meu

pai me ensinou a não fazer isso. Está enraizado em mim por ser um Marcello."

"O quê? Por quê?" Deus, isso era ainda mais terrível de considerar.

"Porque se eu acredito que tenho o direito de tirar a vida de um homem, então eu deveria dar a ele o respeito de vê-lo morrer."

"Oh."

"Não é a resposta que você estava esperando, não é?"

Não, não era. Kim achava que seria uma lição para endurecer a visão dele sobre um ato violento e amenizar as emoções, então ele não tinha que sentir qualquer coisa a respeito disso. Ela, certamente, não achava que uma palavra como respeito caberia na equação.

"Como você se sente?" Perguntou Kim.

"Você realmente quer saber?"

"Eu perguntei, não foi?"

Giovanni soltou um suspiro irregular. "Entorpecido. Preocupado com você. Com medo de não ser capaz de nos tirar da situação. Mas ao fazer aquilo? Nada além de distanciamento."

Às vezes, a honestidade vinha com uma dor contundente.

"Como você se sente?" Perguntou Giovanni, levantando uma sobrancelha, mas mantendo sua expressão em branco.

"Terrível. Culpada. Tudo, menos indiferente."

"Você sabe, isso não é uma coisa ruim. Eu prefiro que você sinta alguma coisa do que nada."

"Mas você não", Kim ressaltou.

"Não, eu disse que eu não sentia nada *fazendo* aquilo. É depois, quando acaba e as pessoas se vão, que eu tenho tempo para pensar. Muito tempo, na verdade. Dado o fato de que eu sei o que teria acontecido se eu não fizesse aquilo, eu estou bem por seguir em frente. Esse sou eu, Kim. É quem eu sou.

Se você não consegue entender e aceitar isso, porque isso não vai mudar nunca, deixe-me saber agora."

"Eu entendo, mas eu não gosto."

"Eu não disse que você tinha que gostar", Giovanni respondeu rapidamente. "Qualquer outra coisa passando pela sua cabecinha?"

Talvez. Kim não tinha certeza de mais nada.

"Ninguém fala sobre ele. Ben, eu quero dizer", Kim explicou a expressão confusa de Giovanni. "Ele era o melhor amigo de Franco e Lucas. Eu acho que Lucas cresceu com o cara, na verdade."

"E agora é como se ele nunca tivesse existido", Giovanni completou.

"Sim. Eu só não entendo."

"Porque o que eu disse que ele fez com você, faz com que qualquer simpatia ou pesar que alguém pudesse sentir por ele fosse vergonhoso. Essencialmente, para eles, foi desonroso, uma morte justa e, pelos princípios *Cosa Nostra*, seu nome nunca deve ser trazido novamente."

"Mas foi uma mentira."

"Eu não sei o que você precisa que eu diga para diminuir a culpa que sente, mas não foi sua escolha, *Tesoro*. Eu fiz isso, não você."

"Por mim, no entanto."

"Por você, sim", Giovanni concordou. "Diga-me do que você precisa de mim."

"Que eu pare de me sentir culpada", Kim sussurrou. "Eu não sou como você."

"Ok." Giovanni se abaixou e pegou a mochila preta. "Você me prometeu um dia. Eu ainda tenho isso?"

"Lucas está lá fora como ele sempre está. Eu não posso simplesmente sair com você."

"Deixe-me cuidar disso", disse Giovanni com um sorriso malicioso.

"Eu vou poder ter o meu dia ou não, Kim?"

Que tipo de mulher era Kim por não olhar Giovanni de forma diferente de como olhava antes? Sua atração ainda era forte. Seus sentimentos estavam tão intensos e confusos como nunca. Ele ainda a fazia se sentir segura e confortada.

"Ok", disse Kim, afastando seus pensamentos. "Um dia."

"Ótimo. Aqui."

Kim pegou a mochila que ele ofereceu, abrindo-a para encontrar alguns itens familiares. Um par de jeans dela, uma camiseta Henley e a jaqueta de couro de Giovanni que ele deixou com ela. Kim olhou para os itens, incerteza fluindo fortemente em suas veias.

"Isso é meu", disse Kim, sentindo-se idiota por afirmar o óbvio.

"Entendi. Ele quer que você pareça e aja como uma dona de casa de dezenove anos dos anos cinquenta. Eu prefiro a Kim de vinte e um anos de idade, em seus jeans e minha jaqueta de couro. Além disso, se você não notou os capacetes antes." Giovanni apontou para os dois capacetes pretos no chão. "Montar em uma moto com um vestido não é tão divertido como se poderia pensar. Os saltos podem ficar, no entanto."

Kim lançou a ele um olhar sujo. "Como você pegou minhas coisas?"

"Eu não vou fingir que sou um bom homem, Kim, mas sou terrivelmente bom em abrir fechaduras. Eu não vasculhei suas coisas, se isso ajuda. Apenas peguei o que eu sabia que você precisaria. Eu não queria correr o risco de Lucas subir para o seu dormitório depois da bagunça enorme para ver se você está lá."

"Depois... Do que você está falando?"

Giovanni sorriu. "Depois que eu puxar o alarme de incêndio e enviar todos neste prédio para o estacionamento de uma só vez."

"Gio!"

"Ei, vai funcionar."

Kim balançou a cabeça, curiosa sobre os capacetes. "Onde você conseguiu a moto?"

"Negocieei no carro alugado por um dia. Já ficou muito reconhecível agora que eu estou com ele faz algumas semanas. Você acabou com as perguntas, *Tesoro*?"

"Por enquanto."

Giovanni acenou para o banheiro feminino mais à frente. Kim entrou sem questionar.

* * *

Lake Mead tinha sido sempre o lugar favorito de Kim desde que ela era uma menina. Sua mãe gostava das montanhas e de velejar, então sua família passava algumas semanas no parque nacional todo ano.

As boas lembranças que o parque criava eram aquelas não contaminadas pela vida. Antes de sua mãe morrer de câncer e Nunz realmente se esforçar para fingir que ele se importava com sua única filha. Quando Kim e Cody ainda se amavam, quando eles caminhavam pelas trilhas juntos durante todo o dia e observavam o céu à noite em cima das montanhas.

Ela ficou surpresa que, mesmo sem saber que era um lugar que amava, Giovanni a levou até lá. Uma curta viagem de barco mais tarde, eles estavam desfrutando da privacidade de uma enseada isolada ao longo da costa.

"Kim?"

"*Hum.*" Ela olhou para Giovanni quando ele jogou uma pequena pedra na água. "Sim?"

"Você apagou e então, você sorriu um pouco. Sobre o que era tudo isso?"

Ele estava olhando para ela?

Kim aprendeu que Giovanni era um homem curioso. Ou talvez apenas curioso sobre ela. Ela não se importava em falar sobre isso, mas ela estava um pouco surpreendida por que tudo que ele parecia querer fazer era conversar. Todas as outras vezes que eles ficavam sozinhos, algo físico ocorria. A atração oprimia a necessidade de falar. À exceção de um beijo em sua bochecha quando ele a ajudou a sair do barco quando eles chegaram na enseada, Giovanni não tinha tentado fazer nada.

Não que Kim estivesse reclamando. Ele era refrescante.

"Qual é o seu objetivo hoje?" Perguntou Kim, cruzando as pernas em estilo indiano sobre o cobertor que ela espalhou mais cedo. Ela não estava completamente pronta para responder a pergunta dele, então ela esperava que a mudança de assunto funcionasse tempo suficiente para levar a mente dele longe disso.

"Para nós, você quer dizer?"

"Acho que sim", disse Kim. "Nós, você, ou sei lá o quê."

"Eu não tenho nenhum", Giovanni respondeu, pegando uma segunda pedra para atirar.

"Você deve querer algo de mim."

Giovanni congelou no meio do arremesso. "É assim que as pessoas em sua vida fazem você se sentir, *Tesoro*?"

"Desculpe?"

"As pessoas que a rodeiam — é assim que elas fazem você se sentir? Como se você devesse a elas algo apenas por ter o prazer de sua companhia? Se assim for, isso é uma maldita vergonha."

Kim não conseguiu falar por um momento. Franco havia a alienado da vida que ela gostava tão severamente que todos ao seu redor agora a faziam se sentir indesejada, de uma forma ou de outra. Inferno, mesmo antes de

Franco haviam pessoas como essas em sua vida. Seu pai, o mais importante.

"Às vezes", admitiu Kim calmamente.

Giovanni franziu a testa enquanto olhava a água calma. "Em todas as vezes que eu estive perto desde que vim para Vegas, você nunca pareceu mais relaxada do que está agora. Eu sei que, quando voltar, você não vai continuar assim. Então, eu vou apreciá-la; isso é tudo."

"E você não espera ou quer que algo aconteça entre nós?" Kim pressionou.

"Eu devo? Kim, eu não a conheço. Quer dizer, eu conheço *você*", disse ele, um sorriso se formando. "Sei as coisas que muita gente provavelmente nunca vai saber, mas eu realmente não sei quem você é. Sua cor favorita, animal, ou estação do ano. Aqueles tipos de coisas que são pequenas e insignificantes para outras pessoas, mas que eu quero saber."

"Por quê? Não são pequenas, considerando que eu ainda estou noiva..."

"Nada sobre você é sem importância para mim", Giovanni interrompeu ferozmente. "Independentemente desta farsa com Franco."

Oh. *Bem*.

"Azul... Como o céu fica depois de uma tempestade. Cavalos, mas os selvagens; eles são selvagens e belos, não param pela vontade do homem. E inverno. Apenas em Vegas, porque nunca é muito quente ou muito frio, mas apenas na temperatura certa."

Giovanni sorriu. "Como agora."

"Sim, como agora." Kim enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de couro de Giovanni. Ela teve o cuidado de mantê-la escondida e nunca usava por medo que Franco ou um de seus seguranças pudessem identificá-la. "O que mais quer saber?"

"Tudo", Giovanni murmurou, o som fazendo a pele de Kim formigar. "Quero saber o que a fez sorrir um minuto atrás."

Como ela deveria negar depois do que ele disse? "Minha mãe amava este lugar."

"Oh. É mesmo?"

Kim assentiu. "Ela amava a natureza. Uma típica mãe italiana, sempre metendo o nariz onde não pertencia e achando que ela sabia mais, quer alguém se importasse ou não. Estar aqui me faz sentir falta dela e lembrar dela, tudo de uma vez. Ultimamente, tanta coisa aconteceu que eu não tenho sido capaz de me sentar e pensar sobre ela como eu costumava fazer."

"Eu sinto muito. Eu não tive a intenção de te deixar triste, querida."

"Eu sei. Este foi provavelmente o melhor lugar que você poderia ter me trazido, Gio."

Giovanni soltou a terceira pedra que ele pegou e veio se sentar ao lado de Kim. "Você deve se parecer muito com ela, porque você não se parece nada como seu pai."

Kim bufou, deitando de costas e apoiando as mãos sob a cabeça. "Ainda bem."

"Eu não vou negar isso. Qual era o nome da sua mãe?"

"Lina."

"Não valorizo minha mãe como deveria. Cecelia é uma mulher incrível, mais do que posso explicar. Às vezes, eu acho que ama meus irmãos, pai e a mim demais. Ela vai nos amar até a morte, não importa o que façamos ou o que somos."

"Eu vi o seu pai com ela no casamento. Eles estavam dançando e sussurrando como se ninguém estivesse por perto. Foi doce."

Giovanni riu. "Doce não é uma palavra descrever Antony Marcello."

"Ele é assim com ela."

"Ele é", Giovanni repetiu calmamente. "Se eu precisasse de um exemplo de como amar uma mulher, meu pai é um bom. Ele sempre foi

dedicado e fiel a Cecelia. Nunca houve qualquer outra pessoa para ele. Respeito e admiro-o por isso, mas eu não entendo como uma pessoa pode deixar alguém de joelhos assim. Ou não entendia, eu acho."

Kim lançou a ele um olhar, confuso. "Não. Isso significa que você entende agora?"

"Isso significa que, quanto mais você fala, mais eu aprendo."

A resposta só deixou o coração de Kim apertado dolorosamente no peito. Giovanni imitou a posição de Kim sobre o cobertor, permanecendo em silêncio. Kim queria, desesperadamente, afastar sua mente do território perigoso o qual estava próxima. Como seria fácil amar o homem ao lado dela.

Giovanni era sujo, imperfeito e perigoso. Ele fez coisas terríveis e vivia uma vida ruim por trás da superfície de sua boa aparência e atitude encantadora. Ele era mais do que essa pessoa também. Giovanni a fazia se sentir bonita apenas em olhar para ela; ele não tinha que dizer uma palavra. Mesmo que tenha testemunhado do que ele era capaz, não se sentia insegura em sua presença. A atenção que lhe dava a fazia se sentir querida por um momento, como se ela fosse a coisa mais importante em sua vida.

Como ele conseguiu isso, Kim não entendia.

"O que você quer fazer depois da faculdade?" Perguntou Giovanni, afastando Kim de seus pensamentos. Ela estava grata pela distração. "Uma graduada em matemática como você quer entrar nos negócios e gestão, finanças, ou trabalhar em estatísticas. Nada disso grita Kim para mim."

"Provavelmente, porque todos eles me fazem querer fugir gritando."

"O que sobrou?"

"Educação", disse Kim, virando-se para olhá-lo e apoiando o queixo na mão. "Minha mãe dava aula de história e inglês no ensino médio. Ela amava seu trabalho, e ela passou isso para mim. Eu me destaquei em matemática e inglês, então parecia o certo. Algo que eu pensei que eu poderia gostar de

fazer para os próximos cinquenta anos da minha vida."

"Você continua tendo a minha atenção, então não tenho dúvidas de que você vai manter os adolescentes focados. Os meninos, com certeza."

"Obrigada por isso. E você?" Perguntou Kim, estendendo a mão para cutucar seu ombro com a ponta dos dedos. "Faculdade?"

Giovanni fez uma careta. "Desisti. Na época, não era minha praia, e eu não conseguia trabalhar o suficiente para me manter."

"O que você estava estudando?"

"Eu estava trabalhando no sentido de lei com foco na defesa criminal."

Kim rolou de volta para sua posição anterior, seu riso se espalhando pelo ar. "Oh, meu Deus, isso é demais. Eu deveria ter percebido."

"Combina com minha família, eu sei", disse Giovanni, mas sua diversão se foi rapidamente. "Meu pai ficou chateado quando eu saí. Não falou comigo por um mês, mesmo quando eu estava sentado bem na frente dele. Eu ainda acho que ele não me perdoou completamente por isso."

Kim fez uma careta. "Mas ele está feliz com o que você está fazendo agora, certo?"

"Eu acho que sim, em alguns aspectos. Ele está satisfeito que eu estou trabalhando por conta própria e sendo bem-sucedido nisso."

"E seus irmãos?"

"Na gestão de negócios, finanças e desenvolvimento", respondeu Giovanni. "Eles se graduaram na Cum Laude e mal piscaram um olho ao fazê-lo."

"Oh." Kim mordeu o lábio, considerando suas próximas palavras cuidadosamente. "A pressão deve ter sido difícil por ser o mais jovem, quaisquer que fossem as expectativas que as pessoas tinham para *la famiglia*, e o sucesso de sua família como um todo. Quer dizer, os Marcellos são um Império, certo?"

"*Cosa Nostra* foi tão fácil quanto respirar para mim", Giovanni respondeu suavemente, virando-se para olhar para ela. "Foi a única coisa que eu nunca questioneei. Eu não precisei. Era todo o resto que pesava. Às vezes, ainda pesa se eu deixar. Eu não sou Lucian ou Dante, e você está certa em assumir que um monte de gente em volta de mim achou que eu não seria diferente deles."

"Como foi crescer como um príncipe mafioso?"

Giovanni revirou os olhos, sorrindo novamente. "Como se a minha vida já tivesse sido bem planejada antes mesmo que eu soubesse o meu nome."

"Ai."

"É o que é, Kim. Eu cresci em uma influente família extremamente rica, com toda uma subcultura me rodeando. Mesmo que não pareça, eu estava grato."

Kim estendeu a mão para pegar a dele descansando em seu próprio estômago, entrelaçando os dedos com força. Parecia certo querer uma parte dele mais perto, mas ela se recusou a se debruçar sobre ele e, em vez disso, aproveitaria o dia que lhe deu para fazer o que quisesse dela.

"Você não parece com ele, você sabe", disse Kim.

"*Hum?*"

"Um garoto rico mimado com um complexo de superioridade."

A risada de Giovanni ressoou em um estrondo, e ele puxou o braço de Kim delicadamente, pedindo a ela que entrasse em seus braços. Envoltos em seu calor e cheiro, Kim se abaixou, descansando a bochecha no peito dele. Ela deslizou a mão sob a jaqueta e camiseta, vagando ao longo dos cumes de seus músculos abdominais antes de passar o braço em torno dele.

"Você é outra coisa, *mia bela*", disse Giovanni quando suas risadas acalmaram.

"Boa, eu espero."

"Perfeita." Giovanni suspirou, seu braço vindo para descansar na parte inferior das costas de Kim. "Depois de hoje, o que você precisa de mim, Kim? Diga-me o que você precisa, e eu vou fazê-lo."

Kim sabia o que queria: Giovanni. Ele também era uma fantasia, mas muito melhor do que o que ela precisava, que era para permanecer viva. A única maneira de fazer isso era se curvar à vontade de Franco, incluindo o casamento.

"Eu preciso que você fique longe", Kim sussurrou, os olhos ardendo enquanto as lágrimas brotaram. "Eu não vou conseguir fazer o que eu preciso se disser o contrário. Eu vou continuar lhe machucando, porque eu continuo querendo você."

O aperto de Giovanni aumentou. "Ok."

"Eu sinto muito."

"Não, eu entendo. Acredite em mim, eu entendo, *Tesoro*."

"Eu não quero outras pessoas sendo trazidas para minha bagunça ou acabando feridas por meus erros. Antes era apenas com Cody e eu que tinha que me preocupar, mas não quero pensar no que aconteceria se ele descobrisse sobre nós."

"Porque há um", disse Giovanni baixo.

"O quê?"

"Um nós. Alguma coisa, seja lá o que isso for. Há um. Apenas demorou um pouco mais para você descobrir do que eu."

Não, Kim sabia. Era simplesmente mais fácil ignorar a admitir.

"E se eu descobrir uma maneira de..."

"Por favor, não traga 'e se' e possibilidades. É muito mais fácil lidar com toda esta situação se eu for realista e não me iludir."

Giovanni engoliu em seco. "Tem que haver alguma coisa que te leve para longe dele, Kim. Não me diga para não procurar, mas vou te dar espaço

enquanto eu faço isso."

"E se, ao tentar, você e eu morrermos no processo?"

Giovanni correria esse risco? Kim não tinha certeza.

"Fique comigo esta noite", disse Giovanni em vez de responder a sua pergunta. "Eu não estou pedindo para que nada aconteça, só que você fique. Eu sei que você vai ter que ouvir muita coisa dele quando você não aparecer depois que suas aulas acabarem, ou sei lá o que, mas..."

Kim não se importava. "Eu vou ficar."

"E eu vou adicionar o meu número no seu telefone antes de voltar", acrescentou, suspirando pesadamente. "Se ele colocar as mãos em você novamente, você me liga, não importa o quê. Prometa-me, Kim."

"Eu vou ligar."

Giovanni se levantou, suas mãos puxando a cabeça dela para que ele pudesse pressionar um beijo suave em seus lábios. Era tão doce que doía. Kim se derreteu na suavidade do beijo. Quando ele se afastou, ela queria puxá-lo de volta. "Você sabe, eu aprendi, há muito tempo, que respirar não fazia uma pessoa se sentir viva. Mas você tirou o ar dos meus pulmões, e nunca me senti mais real."

"Eu nunca deveria ter me aproximado de você em Nova York", disse Kim, desejando que ela não tivesse o arrastado para a sua vida de merda.

"Eu estou tão feliz que você fez."

Capítulo Treze

Gio se sentiu atordoado enquanto tentava se concentrar na conversa com Maximo. O homem estava pedindo uma reunião desde que Gio veio para Vegas. O mínimo que ele podia fazer era oferecer o respeito de sua atenção. Infelizmente, seu foco estava em outro lugar inteiramente.

"Eu não deveria nem mesmo precisar perguntar."

Gio arqueou uma sobrancelha. "Perguntar o quê?"

"Se você possivelmente pensa em ficar em Vegas um pouco mais", disse Maximo.

"Perdão?" Gio não achava que tinha ouvido o Don Sorrento corretamente.

"Deixando de lado as diferenças que você e meu filho têm..."

"Não são apenas diferenças, Max. É um desprezo mútuo que está enraizado como nada mais. Nós nos suportamos quando precisamos, mas é preciso cada pedacinho de esforço que eu tenho para fazê-lo."

Maximo riu, inclinando-se para trás na cadeira. "Franqueza é uma das suas melhores qualidades."

"Engraçado, meu pai acha que eu falo demais e ouço pouco."

"Para ele, você provavelmente faz mesmo. Antony pensa de uma maneira peculiar sobre essas coisas."

"Quanto tempo você quer que eu fique?" Perguntou Gio, o fundo de sua mente concentrando-se na possibilidade de estar mais perto de Kim.

Mesmo que ela não o quisesse, Gio sentiu que tinha de cuidar dela. Mantê-la segura e ficar de olho no temperamento de Franco. Para Gio, ele estava dançando em uma linha fina entre o desejo e obsessão.

O viciado dentro de Gio ansiava desesperadamente por Kim. Almejava

o perigo ao redor dela. Precisava da agitação. Queria o barato.

Como isso era saudável?

Amor.

É o que ele dizia a si mesmo. Não era o mesmo tipo de barato. Era melhor.

Amor...

Não ajudava que Kim não conseguisse compartilhar esses sentimentos, mesmo que Gio tenha percebido os dele há pouco tempo. Ele estava farto de fingir que Kim não possuía todas as partes dele, boas e más. Eles viviam dentro dele como se fossem sua própria entidade, cada vez mais fortes, assumindo suas células, uma por uma, e fazendo cada segundo do seu dia um inferno.

Eles eram como o céu também.

Ela fez isso — Kim.

O amor é louco assim. Toma tudo de você. Tudo que Gio fazia agora era dar.

Ele precisava disso de Kim também. Ela só não o faria. Mas, pensando bem, Gio não tinha dito a Kim a extensão de seus sentimentos. Não era bastante óbvio? *Cristo*, ele estava arriscando sua vida cada vez que ele olhava na porra da direção dela.

"Skip?"

Gio trouxe seus pensamentos para o primeiro plano, encolhendo-se. "Desculpe. Eu estou meio avoado hoje, Max. Talvez outra hora seja melhor para essa conversa."

"Não, agora é uma boa hora", disse Maximo, inclinando-se para descansar os braços sobre a mesa. "Algo tem distraído você, Skip... ou melhor, alguém?"

Gio tossiu, afastando sua surpresa. "Uh, não. O prazer não se mistura

bem com o negócio. Eu não deixaria tampouco."

Ele era um baita mentiroso. Gio odiava mentirosos.

"Ah, isso deve ser o que o seu pai quer dizer quando diz que você vive em seu mundo e quer executá-lo com suas regras, então."

"Antony fofoca demais", Gio respondeu, endurecendo.

"É conversar com um velho amigo, não fofocar. Afinal, tanto Antony quanto eu temos uma coisa em comum além da *La Cosa Nostra*, e isso nos mantém em contato e mais próximos do que a maioria dos outros chefes de família em anos."

A curiosidade levou a melhor sobre Gio. "O que é?"

"Nós dois temos um filho que sempre foi particularmente difícil do seu próprio jeito."

Gio estava começando a acreditar que seu pai tinha uma razão mais pessoal para mandá-lo para Vegas que apenas Franco. Uma que girava em torno da amizade de longa data de Antony com Maximo e o respeito e lealdade que tinha pelo homem. Antony não fazia amigos com facilidade, ou melhor, não se importava em fazer. Os que ele tinha, ele mantinha perto e protegia ferozmente.

"Como eu estava dizendo, — Maximo continuou, olhando Gio com cuidado — talvez um par de mais alguns meses. A metade de um ano, no máximo."

"Por quê?" Perguntou Gio. "Você não precisa de um capo extra. Você tem caras mais que suficientes cuidando das suas coisas. Os Sorrentos não precisam de um Marcello se metendo em seus negócios. E, francamente, eu não preciso ou quero problemas."

"Isso não é o que eu preciso, também."

"Eu sinto que você está falando em círculos."

Maximo riu. "Não é fácil admitir que eu poderia ter alguns problemas

na minha família que precisam ser corrigidos porque eu os deixei prolongar por muito tempo. Você entende o que estou dizendo, Giovanni?

Sem dúvida. "Franco."

"Horrível, não é? Eu supus erroneamente que o meu filho iria amadurecer, por assim dizer. Ele está falhando miseravelmente."

"Miseravelmente é uma forma interessante de colocar isso."

"Como você colocaria, então?" Perguntou Maximo.

Claramente, Maximo não estava satisfeito com Franco, mas Gio não queria ultrapassar os limites com o homem. Não levaria a qualquer lugar bom. Gio decidiu ir com a abordagem óbvia. Uma que qualquer pessoa que tenha entrado em contato direto com Franco teria experimentado.

"Ele é difícil nos dias bons, com pouca reverência e gratidão por sua posição. Franco não acha que ele tem que ganhar o respeito; ele apenas espera receber porque você é o pai dele. Eu queria saber se ele já teve que trabalhar para alguma coisa em sua família porque ele, certamente, não acredita nisso agora."

"Ele tem que se comportar de certa maneira com os caras dele, assim como eu faço com os meus, mas ele é totalmente abusivo com eles na maioria das vezes", Gio continuou, descansando para trás. "Aqueles homens — os caras *dele* — precisam ter uma razão para ou gostar dele ou temê-lo, mas não pode ser porque ele é um maldito idiota. É uma coisa de respeito tanto para eles como é para ele. Ganhar isso daqueles homens é vital. Algum dia, a maneira como ele os trata vai chutar a bunda dele."

"Seu pai estava certo. Você é difícil de lidar quando você quer, mas você é incrivelmente bom no que faz. Inestimável foi a palavra que ele usou, creio eu."

Bem, era bom saber que Antony tinha algo decente a dizer.

"Eu não entendo o que seus problemas com Franco têm a ver comigo,

Max."

"Bem, eu estou te pedindo para prolongar a sua estadia para que o meu filho possa aprender um pouco a respeito da posição que é esperada que ele preencha."

"Franco está em uma posição mais alta do que eu", Gio apontou. "E isso gera todo esse maldito problema. O fato de estar onde ele está, significa que ele não se importa com o que alguém abaixo dele pode ter para ensinar ou oferecer."

"Eu estou ciente", Maximo respondeu devidamente. "Eu achei, e erradamente, que a subida rápida dele daria a chance de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Preciso de alguém como você, uma pessoa que tira Franco de sua zona de conforto, para lembrá-lo por que ele está onde ele está em primeiro lugar."

"Alguém como eu", Gio ecoou.

Maximo deu de ombros. "Você está perfeitamente contente de estar onde você está. A expectativa de subir ou sentir que tem mais direito ao império de sua família não o preocupa. Você pode ser um príncipe da máfia, mas você sempre vai ser um capo em primeiro lugar. É onde você é melhor, e você sabe disso. Em algum lugar ao longo das linhas, Franco esqueceu quem ele é e no que ele é bom. Eu gostaria que você o lembrasse."

"Franco e eu conseguimos manter uma aparência digna quando precisamos, mas eu duvido que vá durar se você me pôr na cola dele."

"Ele não terá escolha", disse Maximo suspirando. "É hora de eu colocar Franco em uma posição onde ou ele nada, ou afunda. Deus sabe que eu tinha que fazer isso."

"Eu não sei", disse Gio sentindo-se inseguro.

A ideia de ter que lidar com Franco mais do que já estava lidando deixou o estômago dele irritado. Por outro lado, Kim entrou em seus

pensamentos, e Gio não poderia imaginar deixá-la para trás.

"Preciso de tempo para pensar sobre isso, Max. Eu tenho a minha família a considerar também."

O líder Sorrento deu um único aceno de aceitação. "Vou aceitar isso. É mais do que o que eu tinha antes."

Gio se levantou da cadeira. "Nós estamos..."

O telefone na mesa tocou, interrompendo a tentativa de Gio de sair. Por respeito, Gio acenou para que Maximo atendesse a chamada antes de terminar a conversa. Maximo atendeu ao telefone no segundo toque.

"*Ciao?*" Um momento passou e Gio soube imediatamente que algo estava errado pela forma como os olhos de Max se estreitaram e os ombros ficaram tensos. "Por que você faria isso, Franco?"

Gio se encolheu com o veneno no tom de Maximo.

"Dê aquela garota um pouco de espaço para respirar, filho." Maximo ficou em silêncio, balançando a cabeça. "O que você quer que eu faça, hein? Você fez isso, Franco. Não se esqueça, isso era o que *você* queria. Sugiro que, nesse tempo, você a deixe em paz e fique longe por um tempo. E não, você não vai enviar seus caras atrás dela. Ela vai voltar quando ela estiver mais calma. Deixe que ela tenha tempo para fazer isso."

Maximo desligou o telefone sem dizer mais nada.

Gio sentiu uma pressão desconfortável no peito. Um sentido iminente de medo subiu por sua espinha. "Tudo certo?"

"Não", Maximo rosnou com raiva. "Outro erro do meu filho."

"Franco se casar com Kim, você quer dizer?"

Gio tinha tido a impressão de que Maximo estava de acordo com o casamento arranjado. Maximo não falava sobre assuntos pessoais — hoje foi uma exceção surpreendente — então era apenas uma suposição por parte de Gio. O homem parecia nada satisfeito atrás de sua mesa.

"Os dois são pessoas apaixonadas", Maximo murmurou, olhando para o telefone em sua mesa como se ele quisesse que ele desaparecesse. "Infelizmente, você precisa do tipo certo de paixão para fazer com que as piores partes do casamento sejam suportáveis. Eles simplesmente não têm isso juntos. Os dois são uma mistura terrível de obstinação e ressentimento dos dois extremos."

Gio não podia deixar de defender Kim de alguma forma. Não era como se ela quisesse casar com Franco para começar. "Ela parece ser uma grande mulher, no entanto."

"Ela é... mas isso não significa que ela é ótima para Franco. Para alguém, eu não tenho nenhuma dúvida de que ela seria a esposa perfeita, amante e amiga que o homem precisaria. Mas não para meu filho. É uma pena que ele não consiga ver isso."

"O casamento é tudo ou nada", disse Gio. Estava na ponta da língua perguntar a Maximo como ele poderia aprovar o jeito que Franco tratava Kim, mas ele sabia que não deveria. Havia linhas que não podia atravessar, e essa era uma delas.

"Ou uma farsa", Maximo respondeu tristemente. "Há muito mais acontecendo entre os dois do que eu gostaria de admitir. Isso não vai acabar bem, mas eu não tenho certeza de quem é que vai acabar primeiro."

Isso era o que Gio tinha medo.

* * *

Gio estava perdido dentro de sua cabeça enquanto olhava para fora do para-brisa, ainda estacionado na frente da casa do líder Sorrento. Ele estava tentando decifrar partes de sua conversa com Maximo, mas se encontrou centrado demais sobre o telefonema antes de a reunião terminar.

O zumbido de seu telefone sinalizando uma mensagem recebida finalmente afastou Gio de seus pensamentos. Puxando o dispositivo do console central, ele leu a mensagem três vezes antes de entender.

Eu sei que é estranho eu lhe perguntar isso, estava escrito, mas você tem visto a minha irmã?

Gio franziu a testa, apertando o botão de ligar no número de Cody. Era estranho ele perguntar isso a Gio. Ele teve cuidado de esconder qualquer sugestão de seus sentimentos por Kim. Ele nem podia pensar no que poderia acontecer a ela se alguém descobrisse.

Cody atendeu no primeiro toque. "Ei, Skip. "

"Kim sumiu?" Perguntou Gio.

"Acho que sim," Cody confirmou calmamente. "O pai recebeu um telefonema um tempo atrás, perguntando se ela tinha aparecido aqui. Ela não apareceu. Eu apenas pensei em mandar mensagem para algumas pessoas e perguntar se elas a viram em algum lugar. Ouvi dizer que você esteve fora hoje e achei que talvez você pudesse tê-la visto, é isso."

"Ela não mora nos dormitórios da faculdade?"

"Uh, não mais."

Kim morava lá ontem quando Gio a levou para Lake Mead. Ela insistiu em morar no dormitório até o casamento, quando não teria escolha senão se mudar. Certamente, algo como isso não teria mudado em um dia.

Gio empurrou a preocupação crescente para longe e tentou parecer desinteressado. "Ah, é?"

Cody suspirou. "Eu não sei, de primeira, achei que Kim conseguiria lidar com Franco. Ela é teimosa pra caralho. Ela não precisou de um irmão mais velho superprotetor enquanto crescia, apenas de um parceiro no crime. Meninas como ela têm uma tendência de baixar a parede de um cara e o fazer sangrar."

Oh, Gio sabia disso. Cada parte daquela mulher estava nadando no seu sangue sem intenção de sair.

"Eu achei que ela poderia lidar com ele", Cody repetiu baixinho.

"Franco é... diferente."

"Ele é um idiota de primeira linha, você quer dizer."

"Basicamente", Gio concordou. "O que aconteceu?"

"É como extrair malditos dentes para conseguir tirar qualquer coisa dos caras de Franco, às vezes."

"Eles têm medo dele por todas as razões erradas."

"Sim", Cody concordou. "Eu fui até o dormitório de Kim. Uma das meninas que conhece ela estava lá. Ela disse algo sobre Kim voltar das aulas e encontrar o dormitório vazio e perder as estribeiras."

Gio revirou os olhos. "Este é outro dos truques dele, como quando ele trocou a Mazda dela para a Mercedes que ela odeia?"

"Como você sabe sobre isso?" Perguntou Cody.

Merda. Gio precisava ser mais cuidadoso sobre deixar escapar coisas que ele não deveria saber. "Ouvi falarem quando eu mencionei que o carro era bom."

"Oh. Bem, sim, claro. Aparentemente, Franco apareceu no dormitório logo depois da minha irmã e, quando ela se recusou a sair, houve um monte de gritos. A menina disse que ouviu algo sobre Kim ter sumido por um dia e noite. Então, Franco jogou o laptop dela por um lance de escadas."

"Por que ele faria isso?" Gio perguntou para parecer ignorante, mas ele sabia exatamente o porquê. Kim não recuaria sobre terminar a faculdade, então Franco estava empurrando-a nisso sem o consentimento dela. Mais uma vez. "Parece um pouco exagerado para mim."

"É uma briga contínua", Cody respondeu vagamente. "De qualquer forma, minha irmã pulou fora. Os caras de Franco foram impedidos pelo

segurança que foi chamado depois que a briga ficou muito alta."

"Então eles não conseguiram ficar na cola dela", disse Gio, preenchendo os espaços em branco. "Quando isso aconteceu?"

"Um par de horas atrás. Eu, provavelmente, não deveria estar preocupado, mas eu estou. Parece que alguma coisa está errada, e é mais do que Franco."

"Ela não está atendendo suas ligações?"

"Saiu sem a bolsa. Eu estou supondo que o celular está lá. Eu não sei onde diabos ela poderia ir que não precisaria de dinheiro para se manter oculta."

A cabeça de Gio estalou, a compreensão passando sobre ele. O céu já estava escuro lá fora, o que significava que os lugares para ela ir eram limitados. As chances eram de que ele sabia exatamente onde Kim estava se sua propensão a se rebelar contra os constantes pedidos de Franco fossem alguma indicação. Ela não precisava de dinheiro para soltar a raiva e deixar Franco puto. Afinal, Gio aprendeu, na primeira noite em que festejaram no Pulse, que ninguém precisava de um centavo para conseguir tudo o que quer, com exceção de bebidas. Se alguém estava drogado o suficiente ou de bom humor, entregava tudo o que tinha.

"Deixe-me saber se ela aparecer, e eu vou continuar de olho", disse Gio, já ligando o carro.

"Pode deixar. E, ei, obrigado, cara."

"Sem problemas."

Gio não achava que Cody continuaria agradecendo a ele se o garoto descobrisse a verdade.

* * *

Gio passava pelas pessoas no Pulse, evitando as mãos aleatórias tentando puxá-lo para dançar. Ele não estava no clima de festa.

Na verdade, agora que pensava sobre isso, ele não tinha estado no humor para se divertir por um longo tempo. Não tinha feito quase nada desde que tinha ido para Las Vegas também. Não desde aquela primeira noite em que tinha achado Kim, de qualquer maneira. A Molly que tinha usado aquela vez foi a última substância que colocou em seu corpo que não conhaque e cigarros.

Gio não conseguia se lembrar de ter ficado tanto tempo sem se drogar ou bêbado. Provavelmente, mais do que ele queria admitir. Era como se essa merda tivesse se tornado parte de sua identidade. Gio era o louco dos irmãos — sempre imprevisível e imprudente.

Uma parte distante dele riu e disse que estava no controle. A parte sóbria dele sabia que não era o caso. Pensando nisso com a cabeça limpa, Gio entendeu o que achou que estava fazendo, porque ele usar se tornou mais um hábito do que um prazer. Não fazia diferença se o hábito era um que ele não dependia para funcionar; a questão ainda era real.

Gio nem sequer teve que se perguntar o que tinha mudado para fazer com que as festas fossem desnecessárias em sua vida. *Kim*. Não era sempre sobre ela agora? Ajudou o fato de que nunca teve que se perguntar, por que gostava mais de usar, do que um estilo de vida festiva. Correr atrás do desejo de sentir algo diferente do tédio, tinha sido um passatempo seu desde sempre. Nada jamais era chato com Kim.

E inferno, ela o fez *sentir*.

Porra.

Ele, provavelmente, devia a algumas pessoas um pedido de desculpas ou dois.

Depois, Gio disse a si mesmo, ainda atravessando o mar esmagador de

pessoas em busca de Kim. *Lidarei com essa merda mais tarde.*

Um breve lampejo de azul e cabelo loiro chamou a atenção de Gio pelo canto do olho. Desapareceu em meio às pessoas quase que instantaneamente. Como se uma corda invisível tivesse sido amarrada em sua cintura e forçando-o a se mover, ele instintivamente mudou de direção e se moveu para o que — ou quem — poderia ter sido.

Jesus, ele esperava que fosse Kim.

De maneira alguma, Gio a devolveria para os abusos de Franco, mas precisava saber que ela estava bem. Para sua paz de espírito e para tirar essa dor do seu coração e peito, ele tinha que saber.

Quanto mais perto Gio chegava do local, mais as pessoas se mexiam com a música. Rápido, forte. Ele ignorou os frequentadores, escaneando os rostos em busca do que queria encontrar. Mesmo com a música vindo dos alto-falantes vibrando o assoalho. Sóbrio, Gio se sentiu sufocado pelas pessoas que o rodeavam.

Passando através de outra parede de corpos, ele viu Kim. Gio parou, todo o ar correndo para fora de seus pulmões com uma respiração dura. Alguém bateu em suas costas, fazendo-a tropeçar. Ansiedade sobrecarregou seus sentidos.

Cercada por uma multidão, havia três homens em especial com toda atenção sobre Kim. Mesmo com todos dançando, era mais do que apenas isso. Mãos foram desaparecendo sob seu vestido azul. Uma boca estava no pescoço dela, saboreando sua pele. O cara atrás de Kim tinha as mãos em suas costas, segurando-a.

A visão teria sido suficiente para Gio se virar e ir embora. Essa era a última coisa que ele queria ver, e uma sensação ainda mais dolorosa cortou seu coração. Algo impediu que ele fosse embora, apesar de tudo. A boca dela estava muito relaxada, parecendo aturdida, o olhar preocupado. Gio levou

apenas um segundo para perceber que o cara atrás das costas dela não estava apenas segurando-a, ele estava apertando-a.

Se ela estava drogada, era uma coisa. Mas ela parecia mais do que drogada.

Sem sequer pensar nisso, Gio passou forçadamente pelo resto das pessoas. A primeira coisa que ele fez foi bater com a mão aberta no lado da cabeça do cara com a boca na pele de Kim. O homem cambaleou e caiu no chão com um grito. A raiva pulsou através do sangue de Gio como uma droga só de pensar em outro homem tocando Kim.

Kim era dele.

Ninguém deveria tê-la como ele e, certamente, não quando ela estava muito drogada até mesmo para entender o que estava fazendo. Quando uma mulher estava muito chapada para compreender suas escolhas, um *sim* ainda era um enorme fodido não no mundo de Gio.

"Fique aí mesmo, ou eu vou te matar, idiota", Gio rosnou para o cara tentando se levantar do chão.

"Ei, ei..."

Gio girou sobre os calcanhares e empurrou o homem falando atrás dele. Desde que foram essas as mãos subindo sob o vestido de Kim, Gio não queria ouvi-lo, tampouco. Ele se aproximou dos corpos dançando atrás dele, atirando várias pessoas no chão com gritos de raiva e choque. No fundo, a segurança tinha finalmente tomado conhecimento da briga começando a tomar lugar no meio do local. Eles estavam se movendo em direção a ele rapidamente — vários deles.

Isso não impediu Gio.

Ele foi atrás do cara que estava segurando Kim por trás. O problema era que o fodido ainda estava segurando-a. Era a única coisa evitando que Gio partisse para cima do sujeito e quebrasse o crânio dele e todos os ossos da sua

própria mão no processo.

"Solte ela", Gio ordenou.

"Fique com ela", o cara resmungou. "Ela está tão fodida."

Os enormes olhos do cara, o olhar paranoico e as pupilas dilatadas disseram a Gio que ele estava, possivelmente, mais alto do que uma pipa. E, provavelmente, subindo mais. Gio não lhe deu atenção, simplesmente arrebatou Kim em seus braços e sentiu os joelhos cederem no momento em que ele tentou deixá-la ficar de pé sozinha. O medo correndo através de seu corpo se intensificou. Um choramingo escapou dos lábios dela. Ela estava encharcada de suor.

Os olhos dela quase não estavam abertos, mas, mesmo quando ela tentou abri-los, suas pupilas estavam tão dilatadas que ele mal podia ver o azul da íris. A respiração dela era dura — expirações rápidas, mas nenhum inalar real. Como se ela estivesse lutando para puxar o ar para dentro e fazê-lo ficar.

Gio pôs a palma da mão aberta no pescoço dela, sentindo um tremor balançando sua mão enquanto tentava sentir seu pulso. Não era como se ele tivesse que procurar para encontrá-lo. O maldito órgão estava batendo como um louco. Muito rápido para que fosse saudável.

"Deus, o que você fez? Ei, ei, ei", Gio entoou, puxando-a para embalá-la. "Abra seus olhos, *Tesoro*. Abra-os e olhe para mim. Você tem que ficar acordada. Você precisa disso, *baby*."

As palavras foram repetidas várias vezes, mas caíram em ouvidos surdos. Kim apenas piscou, aturdida. Ela nem sequer pestanejou quando ele rolou os nós dos dedos ao longo do esterno dela, uma ação que deveria ter sido especialmente dolorosa e irritante.

O pânico ficou ainda mais forte. Ele sabia o que era. Como poderia não saber quando ele passou a maior parte de sua vida se drogando e bebendo em

uma base regular? Kim estava tendo uma overdose ou estava perto disso. Não era tanto uma questão de se ela estava, mas quando. Porque, obviamente, ela tomou alguma coisa, ou várias, quando seu nível de tolerância não poderia lidar. O que ele precisava saber era a droga ou a combinação de substâncias que causou isso. Às vezes, o entendimento era a chave para manter alguém em alerta o suficiente para segurar a overdose.

E, às vezes, não.

"O que ela tomou?" Perguntou Gio, olhando para um homem que tinha estado com Kim e que não tinha dado o fora. A pessoa que estava segurando-a. As pessoas estavam em torno deles, encarando e parados. "Eu te fiz uma maldita pergunta! O que ela tomou?"

O cara deu de ombros. "Não sei, mas todo mundo está usando uns coquetéis bem fortes esta noite, você sabe. *Realmente* fortes. Ela vai ficar bem?"

Gio amaldiçoou em voz baixa, mantendo os dedos rolando firmemente ao longo do esterno de Kim. Ela finalmente reagiu à ação, tentando se afastar da mão dele, mas fracamente. Gio não iria soltá-la, e se a sensação dolorosa tinha deixado ela um pouco alerta, ele continuaria até que ela estivesse xingando-o e falando de forma coerente.

Coquetéis era um termo que Gio conhecia muito bem. Na maior parte, se referia a um usuário misturar ecstasy — Molly — com outro tipo de droga. Havia algumas combinações diferentes, e cada uma tinha um efeito diferente. Dependendo do tipo de viagem que alguém queria, era um tipo de mistura que usava para alcançá-la.

Houve muitas desgraças com pessoas que misturaram Molly e não tinham tolerância o suficiente para misturar substâncias. As chances eram de que o que quer que estivesse sendo entregue era o que a maioria das pessoas drogadas estavam usando. Se isso estava sendo distribuído livremente ou

sendo vendido por um preço baixo era mais fácil do que tentar procurar alguém que tinha exatamente o que você queria.

"Que tipo de coquetel?" Perguntou Gio.

"LSD e ecstasy", disse o rapaz.

Claro, pensou Gio, balançando a cabeça em direção a Kim.

Estavam misturando LSD e Molly. Qualquer pessoa com alguma experiência em drogas sabia que o certo era tomar o ácido primeiro e, cerca de uma hora depois, tomar um comprimido de Molly ou dois. O barato se alternava entre os efeitos psicodélicos que o LSD oferecia com intervalos de euforia que a Molly dava. Os cenários intensos do ácido eram intensificados pelas tendências emocionais do ecstasy. Não era muita surpresa que Pulse fosse um ponto de acesso para as pessoas que queriam se drogar. Entre a música, os efeitos de iluminação e os corpos em constante movimento, esse lugar era um sonho.

No entanto, era uma combinação que precisava que o usuário soubesse levar, ou então as consequências poderiam ser ruins. Essa mistura era conhecida por ter um efeito final como paranoia ao invés do barato emocionante que deveria ter sido.

Gio precisava tirá-la de lá e levá-la para algum lugar mais seguro e confortável. Em qualquer outro lugar, longe da hiperatividade extrema de Pulse. Uma pessoa não poderia se acalmar em um lugar que foi projetado especificamente para tornar a experiência o melhor que poderia ser. Kim era leve como uma pena em seus braços. O hotel que ele estava hospedado era a uns vinte minutos de carro de Pulse, e esse era o único destino em sua mente.

Um dos rapazes da segurança tinha uma ideia diferente. "O pronto-socorro mais perto está a quatro quadras de distância."

Gio ignorou a sugestão. Os hospitais estavam fora de questão. A última coisa que Kim ou Gio precisavam era que alguém descobrisse que isto tinha

acontecido. Eles, certamente, não precisam saber que foi Gio que encontrou Kim. Muitas perguntas seriam feitas.

"Não é possível levá-la lá", Gio respondeu, afastando-se da multidão.

"Ela, provavelmente, precisa..."

"Eu estou ciente do que ela precisa. E não é um hospital."

Capítulo Quatorze

Kim apagava e acordava. Havia partes em sua lucidez que ela entendia que alguma coisa estava errada; outras vezes, parecia que tudo ao seu redor estava errado; e o resto, ela não sabia absolutamente nada.

Seus pensamentos se moviam lentamente. Sua compreensão do que a rodeava era inexistente. Pouco fez sentido quando ela piscou e engoliu em seco, virou a cabeça para ver as cores se misturando, e então, piscou e engoliu em seco novamente. Um aperto no peito fez com que fosse difícil respirar, como se um elefante tivesse se empoleirado em seu corpo.

Elefantes não eram divertidos quando eles estavam sentados em alguém.

Ele precisava ir embora.

"Elefantes, é?"

Kim reconheceu a voz grossa do sexo masculino, mas não conseguia identificar quem era. De alguma forma, profundamente dentro de sua alma, ela sabia que era errado não saber a quem a voz pertencia. A voz levemente divertida tinha um leve toque de medo que enviou faíscas de pânico pela espinha dela.

Essa ansiedade deve ter aparecido no rosto de Kim. Calor pousou em seu braço, acalmando suas preocupações imediatamente. Foi só então que ela percebeu que o resto de seu corpo estava dormente, além do único ponto onde o calor estava florescendo e se espalhando. Ela se concentrou nesse sentimento, as cores clareando, e foi aí que ela começou a sentir que ia apagar novamente.

Não durou muito tempo. A picada subiu pelo seu braço. Era quente, um

sentimento maravilhoso que não deveria ser ruim a picou e, *ai...* doeu. Kim se encolheu para longe da sensação dolorosa.

"Desculpe, eu sei que dói. Eu não posso deixar você fechar os olhos de novo. Vai demorar para tirar você dessa."

A boca de Kim finalmente pareceu voltar na mesma velocidade que o resto do seu corpo e decidiu funcionar. "Ow."

Kim decidiu que ela odiava aquele calor junto com a voz familiar. Odiava.

"Ei. Não diga que você me odeia, *Tesoro*. Isso quebra a porra do meu coração como você nem imagina."

Uma pressão pontilhou em ambos os lados de seu rosto, deixando um rastro de calor sobre suas bochechas, afastando a dormência. Ela sentiu a cabeça sendo inclinada para o lado e para cima. Ela piscou repetidamente para afastar a vista embaçada. Uma mão estava segurando um volante; a outra, sua mandíbula. Olhos verdes a examinaram antes de voltarem para a estrada rapidamente.

Giovanni.

Alívio a encheu quando ela compreendeu.

Pulse brilhou em sua mente. Memórias que pareciam fotografias iam e vinham nos buracos de sua lembrança, cintilando uma atrás da outra. As palavras de Franco, a raiva dele e suas ações. Ela não desapareceria daquele jeito de novo, Franco prometeu. As luzes se movendo em torno dela, mãos tocando. O sabor amargo em sua língua.

Giovanni.

Algo ainda estava errado.

"Você vai ficar bem", Giovanni murmurou. "Só fique olhando para mim, *dolcezza*."

Ela o fez, mas as cores se misturaram de novo, ainda ameaçando levá-la

para longe.

* * *

Kim estava quente. Ela estava deitada em uma cama macia. O lugar era tranquilo, com exceção de sua respiração acelerada, e sua mente estava começando a se limpar da névoa, mas ela ainda estava *quente*. Quente demais. Desde as solas dos pés até a ponta dos seus dedos, um calor corria sobre sua pele. E suas mãos tremiam. Ou era seu corpo inteiro tremendo?

Jesus, o que havia de errado com ela?

Impulsivamente, Kim estendeu a mão para Giovanni, mas não encontrou nada. Ele não tinha saído do seu lado, tanto quanto ela podia se lembrar. Ele a ajudou com a paranoia sufocante, a voz dele reconfortante durante os delírios induzidos pelo ácido. Mas agora... onde ele estava agora?

Os lençóis sobre a cama eram brancos, as paredes marrons. Sua boca estava seca, mas seu corpo estava pegajoso. Ela não estava mais com medo, não com o cheiro de couro, cigarro e do homem em torno dela como conforto familiar. Kim olhou para seu entorno, era basicamente lençóis suados onde seu rosto estava descansando. Ela decidiu que se mover não era uma boa opção por causa de seu processo de pensamento lento e as tonturas bagunçando sua visão.

Com cada batida alta de seu coração, a temperatura no quarto só parecia aumentar até que Kim mal pudesse respirar. Porra, por que ela estava tão quente? E seu coração — ele estava correndo como um louco. Nada sobre isso estava certo.

"Gio!"

"Sim?" Sua resposta áspera a seu chamado veio de apenas um ou dois passos atrás dela. Kim se virou para o outro lado com grande esforço, cada

centímetro de seu corpo parecia pesar cem toneladas. Giovanni estava sentado em uma cadeira que ele deveria ter afastado da parede, mas ele parecia exausto, mesmo para a mente lenta de Kim. "O que é, *Tesoro*?"

Kim engoliu compulsivamente, sua garganta crua. Falar não era tão fácil como ela achava que era. "Eu estou... muito, muito..."

"Kim, *così fan tutte*", disse Giovanni, a nitidez da sua ordem em italiano para ela olhar para ele quebrando seu torpor. "Diga-me o que está errado."

"Quente. Eu estou quente demais."

Giovanni estava fora da cadeira em um instante e ajoelhado sobre ela na cama, sua rapidez piorando a tontura dela. Mãos que eram muito quentes em sua pele. Isso não fez nada para ajudá-la a se resfriar, pelo contrário, apenas a irritava até que ela estava xingando ele por deixá-la sozinha. Kim tentou afastar as mãos dele, mas falhou miseravelmente.

"Pare com isso, Giovanni, seu idiota. Eu estou quente, eu te disse."

"Pare você", ele rosnou de volta, calando Kim. "Você está queimando. Você não sente isso? Isso significa que você está melhorando, mas vai se sentir uma merda. *Cazzo*... Venha aqui."

Kim não poderia se opor ao que quer que fosse que ele queria, porque Giovanni saiu da cama antes que ela pudesse expressar seu descontentamento novamente. Embalada em seus braços fortes, o calor aumentou mais uma vez. Ela o chamou de um nome que ela, provavelmente, não faria de outra forma, ele simplesmente ignorou.

Poucos passos depois e a luz de um banheiro quase cegou Kim. Ela tentou afastar os olhos para longe da luz, mas era tarde demais. O dano foi feito. Náusea varreu suas entranhas tão rápido que ela não pôde sequer avisar Giovanni que estava chegando.

De alguma forma, ele pareceu saber.

Kim se encontrou com os joelhos no chão na frente do vaso sanitário. O braço de Giovanni se envolveu em torno de sua cintura, mantendo-a na posição vertical enquanto a outra mão se enrolou em seus cabelos, afastando-os de seu rosto. Vômito foi expelido no vaso de porcelana. Não havia muito para sair, mas doía como nada mais. As náuseas inabaláveis que seguiram o vômito foram ainda pior.

Definitivamente, não era tão ruim quanto a vergonha por tudo isso. Mais do que tudo, Kim queria se esconder. Ela sentiu como se ela precisasse rastejar para longe do homem que a segurava.

"Por favor, me deixe sozinha", Kim choramingou. "*Por favor.*"

A pressão das mãos de Giovanni em torno de sua cintura aumentou. "Está tudo bem. Está bem. Você está bem."

Kim balançou a cabeça enquanto as lágrimas caíam. Gentilmente, ele a embalou para lá e para cá, um som baixinho e suave vindo de seus lábios que pressionaram o ponto atrás da orelha dela. Por mais reconfortante que fosse, também quebrou seu coração para um milhão de pequenos pedaços. Ela nunca seria capaz de se reparar agora.

Ela estava tão apaixonada por este homem. Ela o amava como seus pulmões precisavam de ar e a terra precisava do sol. Kim sabia disso, ela simplesmente não conseguia lidar com a realidade. Porque amar Giovanni significava nada mais do que dor. Um sofrimento que ela não queria. Ela não podia tê-lo, não por toda a vida. Forçá-lo a se afastar e manter distância era mais fácil.

Deveria ter sido mais fácil dessa maneira. Uma ruptura simples. Mas não foi.

Kim era tão estúpida. Uma menina burra brincando em um mundo de adulto. Ela só chorou ainda mais por causa disso. "Por favor, pare..."

Giovanni suspirou profundamente. "Você está bem, pode se mover?"

Kim não sabia o que diabos ela poderia fazer, então ela não respondeu.

"Vamos, Kim, fale comigo. Você precisa esfriar. Você está superaquecendo e não é bom para as células do cérebro cozerem lentamente até a morte por causa de uma febre. Convulsão, é o que vai acontecer se eu não fizer a sua temperatura do corpo baixar rápido. Você entende isso? A porra de uma *convulsão*."

Como ele sabia dessa merda?

"Eu já cuidei da outra merda hoje à noite", Giovanni continuou atrás dela, "mas, se você tiver uma convulsão, vou ligar para os paramédicos. É muito perigoso. Eu não posso corrigir essa merda."

"Sim, tudo bem", foi a melhor resposta que Kim poderia dar.

Kim o deixou levantá-la do chão. Giovanni jogou água no lavabo rapidamente, ao mesmo tempo em que se levantavam. A vertigem e a tremeadeira que tinha experimentado antes retornou com força total. Kim não se incomodou em nem mesmo tentar se segurar. A forma sólida de Giovanni a ajudou a ficar de pé.

No fundo de sua mente, Kim estava ciente de que seus pensamentos e corpo estavam voltando lentamente. Ela não estava sendo atormentada por enxames de cores que não faziam sentido e só a assustavam. Não havia confusão nadando através de seus pensamentos. A lentidão ainda estava lá, e uma dor estava começando a acompanhá-la.

Esse calor, no entanto... ainda era tão sufocante como sempre.

"Respire", Giovanni ordenou a ela quando ele ligou o chuveiro. "E não como se estivesse correndo uma maratona, Kim. Você precisa retroceder. Ficar ofegante só faz sua frequência cardíaca aumentar. Ajuda-me um pouco aqui."

Kim tentou fazer o que ele sugeriu, mas não sabia se estava tendo sucesso ou não. Puxar o ar em seus pulmões não era nada. Ela puxava

oxigênio. Mantê-lo lá que era difícil. No momento em que ela inalou, ela imediatamente sentiu a necessidade de expulsá-lo para liberar a pressão em seu peito.

"Ótimo, está melhor. Pronta?"

Kim não entendia o que Giovanni estava pedindo a ela até que a água bateu nela. Não estava congelando, mas não era quente também. Ela se afastou da água fresca vindo do chuveiro, apenas para descobrir o rosto enterrado no peito de Giovanni. Ele não pareceu se importar, em vez disso a abraçou firmemente como a água molhando ambos.

Uma vez que Kim se acostumou com a temperatura, o alívio foi praticamente instantâneo. A sensação de resfriamento a deixou suspirando. Não demorou muito para que Giovanni estivesse afundando no chão do chuveiro, levando Kim com ele. Ela ficou enrolada em seus braços e deixando que a água fizesse seu trabalho enquanto seus pensamentos e coração continuavam a correr.

"Calma", Giovanni disse calmamente. "Eu sei que é difícil, mas você precisa relaxar um pouco. Você vai se sentir uma merda total e absoluta. Devagar. Sinta o seu coração, *Tesoro*. Está batendo muito rápido."

Kim não sabia como fazer o que ele pediu. Era impossível, dada à forma como ela se sentia. Todas as coisas estúpidas que ela tinha feito estavam voltando para ela. Claro, algumas de suas memórias das últimas horas estavam faltando, mas a maioria ainda estava lá.

"Vinte e um anos de idade e você vai acabar tendo um ataque cardíaco. O que você estava pensando?" Giovanni perguntou, seu aperto em Kim aumentando como se tivesse medo de soltá-la.

"Eu não queria sentir."

"Engraçado, isso é o completo oposto de mim." Giovanni fez um som que Kim não conseguiu decifrar. "Mas por causa dele, sério? Você quase se

matou por causa de Franco, Kim."

"É melhor eu fazer isso do que ele", ela respondeu sabendo muito bem como isso soou. "É muito mais rápido do que a maneira como ele está fazendo isso, eu acho."

"Jesus Cristo." A testa de Giovanni pressionou a parte de trás do pescoço dela, e ela jurou que podia sentir os dentes dele rangerem. "E o que acontece com o resto de nós?"

"Eu não sei..."

"Eu, Kim. E quanto a *mim*?"

Por uma fração de segundo, o coração em seu peito parou, junto com o ar dela. "O quê?"

"Deus, você não sabe o que faz comigo? Quando a encontrei do jeito que você estava, eu não consegui nem pensar. Tão fodida. Se eu não tivesse sido capaz de encontrá-la, havia uma boa chance de que você poderia ter uma overdose naquele lugar e ninguém teria notado até que fosse tarde demais. Por que você faria isso comigo?"

Ela realmente não tinha pensado nisso dessa maneira. Suas ações descuidadas pareciam muito mais egoístas agora. "Eu sinto muito."

"Sente mesmo?"

Kim não respondeu; ela não tinha certeza de como não sentir como se todo o seu coração e cada pedaço de sua alma, estivesse sendo quebrado por coisas completamente fora de seu controle. Não era culpa de Giovanni que ela estivesse tão viciada nele — amando-o e desejando-o — que até mesmo estar perto dele maltratava seu coração de um jeito que ela não aguentava.

O tremor em Kim aumentou, mas não era porque ela estava com frio. Giovanni a segurou mais apertado em seus braços, puxando-a para mais perto de seu corpo. Mesmo que doesse estar perto dele, ela descansou a bochecha no lugar onde seu coração batia debaixo e o deixou acalmá-la. Giovanni

estava claramente irritado e magoado com ela, mas ele ainda a segurava. Ele ainda a queria.

"Eu te amo, e você nem se importa, *Tesoro*. Comigo, você não se importa. Eu fico pensando que há algo entre nós, e foi a única maldita coisa me mantendo aqui, mas você não se importa nem um pouco."

Oh, Deus.

Ouvir que ele a amava era a melhor e a pior coisa que Giovanni poderia ter feito. O que ela deveria fazer?

"Eu me importo com você", Kim suspirou. "Eu só..."

"O quê?" Perguntou Giovanni. "Conte-me. Dê-me algo que me faça saber que eu não estou perdendo meu tempo aqui ou que toda esta loucura vale a pena."

"Amar você vai me matar, Gio."

* * *

O reflexo olhando para Kim no espelho era irreconhecível. Seu cabelo comprido estava embaraçado, uma bagunça de fios emaranhados. Havia um par de contusões em seus braços que ela não se lembrava e um arranhão em seu pulso. Ela não tinha ideia de como ele chegou lá. Algumas partes da noite anterior eram mais fáceis de lembrar do que outras. Sua tez pálida era doentia. Ela se sentia assim, honestamente.

Kim deixou a água fria da torneira encher suas mãos antes de espirrá-la sobre o rosto em uma tentativa de acordar. Ela já tinha feito gargarejo com metade da garrafa de enxaguante bucal para se livrar do gosto nojento de vômito.

Mais uma vez, Kim olhou para o espelho. *Quem diabos é você?* Era o único questionamento que ela pôde pensar em perguntar ao seu reflexo. A

repulsa e vergonha que sentia sobre seu comportamento imprudente eram profundas.

Quando ela acordou mais cedo, o quarto de hotel estava vazio. Kim não ficou pensando por muito tempo sobre o paradeiro de Giovanni. A nota que ele deixou na mesa de cabeceira explicava que ele tinha levado suas roupas para serem lavadas e logo estaria de volta. Kim só queria desaparecer. O constrangimento estava comendo-a viva. Enfrentar Giovanni a deixou com mais medo da agitação em seu interior do que até mesmo o pensamento de ter que voltar para Franco. Não porque ela achava que Giovanni iria machucá-la... ele jamais faria isso. As pessoas que amam não machucam as coisas que precisavam para viver.

Jesus amado.

Ele a amava.

Ela se lembrou vagamente de Giovanni despindo-a do vestido molhado depois que sua temperatura caiu bastante e era seguro sair do chuveiro. Ela conseguiu encontrar uma das camisetas dele quando ela acordou e, é claro, cheirava a ele. Um pouco mais de penitência para adicionar à pilha.

O pânico que ela tinha testemunhado nos olhos de Giovanni estava assombrando Kim. Era uma lembrança particular cercada pela escuridão da música reverberando em um clube que ela não conseguia se livrar. Independentemente do quanto ela quisesse.

Giovanni poderia não machucá-la, mas ela, com certeza, o machucaria.

A culpa era uma pílula difícil de engolir.

"Garota estúpida", Kim se repreendeu.

"Eu não quero que você se chame disso", disse Giovanni atrás de Kim.

Ela não o tinha ouvido entrar no quarto do hotel, mas a torneira da pia do banheiro ainda estava ligada, e Kim percebeu há muito tempo que Giovanni poderia ser muito silencioso quando ele precisava ser. Acrescente

isso a dor de cabeça pulsante na parte de trás da cabeça dela, e não era de admirar que ele a surpreendera.

Kim encontrou o olhar de Giovanni no espelho. Não houve julgamento olhando para ela. Nem um pinga de decepção ou até mesmo a raiva que ele tinha mostrado na noite passada. Empatia a olhava de volta naquelas íris verdes, e isso era tudo.

"Como você se sente?" Perguntou.

"Como se o inferno tivesse feito residência permanente no meu estômago e cabeça."

"Sim, eu sei." Giovanni riu, acenando com um saco de papel marrom em uma mão. Um saco de plástico estava pendurado na outra. "Eu trouxe analgésicos e Dramavit^[8]. Tome um e venha comer algo."

Com apenas a menção de comer, o estômago de Kim ameaçou revirar. Não era como se houvesse algo nele para ela expulsar, mas o pensamento de colocar algo em seu estômago apenas para que ela fosse fazer outra festa do vômito realmente não soava como uma ideia inteligente.

"Não, obrigada."

"Não era uma sugestão", Giovanni disse com firmeza. "Quando você mistura drogas como Molly e ácido, você deve, pelo menos, saber como cuidar de si mesma. Como comer antes de ficar chapada e ter certeza de que você tenha alguns nutrientes decentes em seu sistema no dia seguinte. Visto que você claramente não comeu ontem, já que tudo o que conseguia fazer era suspirar, você vai ter que comer alguma coisa. Vamos."

Kim suspirou sentindo-se muito derrotada física e emocionalmente para discutir com um homem teimoso. Uma pequena faísca de rebeldia ainda permaneceu, no entanto. "Não me trate como uma criança, Gio."

"Então não aja como uma, *Tesoro*. Pare com a teimosia. Eu sei exatamente como você se sente agora. Deixe-me cuidar de você, e nós vamos

resolver o resto. Ninguém sabe que você está aqui comigo, e, tanto quanto eu sei, Franco ainda não mandou os cães dele procurarem por você."

"O meu carro", disse Kim em um sussurro. "Está estacionado a alguns quarteirões da Pulse."

"Deixe Franco ou um dos homens dele encontrá-lo. Não ia levar a lugar nenhum, de qualquer maneira."

Os músculos de Kim protestaram quando ela ficou reta e se virou para encontrar o olhar de Giovanni. "Obrigada por... bem, salvar-me de mim mesma."

"Eu sempre vou te salvar, Kim. Tudo que você tem a fazer é pedir."

Havia muito mais, carregado nessas palavras simples, do que parecia na superfície. Por enquanto, era uma caixa de Pandora que Kim não tinha certeza se queria abrir naquele momento. Giovanni não lhe deu a opção de mantê-la fechada.

"Você quis dizer o que disse sobre me amar na noite passada?" Perguntou Giovanni.

"Sim, mas isso me aterroriza. O tempo todo eu estava falhando em agir como se eu não o amasse, até mesmo dentro da minha própria cabeça louca. Se eu não consigo me fazer acreditar nisso, como diabos eu deveria convencer as pessoas ao meu redor?"

"Nós vamos resolver isso", Giovanni disse simplesmente. "De alguma forma. Se é o que você quer."

"O que eu *quero*... Deus, Gio! Eu não quero te machucar, e eu não quero ser machucada por causa disto. É muito tarde."

"Como eu disse, se sou eu que você quer, nós vamos resolver, *Tesoro*. Por agora, venha tomar café da manhã comigo. Você vai se sentir melhor quando você colocar um pouco de comida no estômago e desfrutar de mais algumas horas de sono, eu prometo. Vamos agir como se ninguém lá fora

existisse por um tempo. Só eu e você, e pode ficar assim durante o tempo que você quiser."

"Ou, pelo menos, até quando eu tiver que voltar?"

A mandíbula de Giovanni endureceu. "Não se você for minha."

Ela era?

Capítulo Quinze

Kim ficou em silêncio enquanto remexia a comida em seu colo. O zumbido da voz do repórter falando na tela plana chamou sua atenção ou, pelo menos, era assim que parecia.

"Você não vai encher meu saco? Estou ficando impaciente esperando por isso."

"Eu acho que o que eu disse ontem à noite foi o suficiente", respondeu Gio.

Não que ele concordasse com as escolhas de Kim, mas quem era ele para julgar? Gio passou a última década de sua vida empurrando todo o tipo de substância em seu corpo só porque ele podia. Claro, ele tentou não ser pego em uma situação como na noite passada, mas isso não significava que ele conseguiu. Apenas querer se divertir muitas vezes se transformou em noites das quais ele não se lembrava e manhãs lutando para se manter acordado no chão do banheiro.

Dio buono. Controle e contenção? Maior merda que ele já disse.

Gio finalmente entendeu como as pessoas que se importavam com ele deveriam ter sentido observando enquanto ele jogava sua vida pelo ralo. Olhando para Kim do outro lado do quarto, ele não conseguia tirar a imagem do reflexo dela no espelho do banheiro da cabeça. Um olhar esmaecido pelo enjoo e fadiga. Os círculos escuros sob seus olhos. Hematomas em seu corpo. Arranhões em sua pele.

Gio conhecia aquela aparência muito bem e a ostentou muitas vezes. Não, ele não iria punir Kim. "Eu acho que Franco não aceitou muito bem sua ausência, hein?"

Kim bufou. "Não. Eu acho que a única coisa impedindo-o de realmente explodir foram as outras pessoas no dormitório."

"Se você quer me contar o que aconteceu depois da briga com Franco, estou disposto a ouvir."

"Como você sabe sobre Franco, afinal?"

"Seu irmão me ligou."

A cabeça de Kim se virou confusão em seu olhar. "Cody?"

"Ele é o único irmão que você tem, certo?"

"Mas Cody e eu, nós não... nós não somos..."

Gio franziu a testa enquanto Kim voltava às costas para ele novamente. "Cody se importa, se é isso que você está tentando dizer."

"Muito pouco", Kim murmurou.

"Eu acho que você está errada."

"Eu gostaria de estar, mas eu duvido. Cody é a cópia de Nunz. Tudo com que ele se preocupa é em subir no patamar."

Gio falou baixinho, ainda não acreditando. "Se ele não estivesse preocupado com os problemas que você está tendo com Franco, eu não acho que ele teria se metido na situação."

"Talvez ele tenha feito isso para cair nas boas graças de Franco."

"*Certo*. Baby, ninguém está nas boas graças de Franco, além de Franco. Cody está ciente disso. Ele, provavelmente, está em uma posição de merda entre o seu pai, Franco e tentar conseguir uma posição. Lealdade a você mostra a eles que ele não vai ser leal à família. Ele não pode evitar isso. Você ainda é a irmã mais nova dele."

"Uma posição?"

"Achei que você entendia um pouco como a *Cosa Nostra* funciona."

Kim deu de ombros. "Eu disse que sabia algumas coisas, não tudo."

Gio entendeu o que ela quis dizer. "Ter uma posição significa que ele é

um homem feito. Cody não conseguiu isso ainda, mas ele está muito envolvido no negócio. Não faz sentido para mim. Na idade dele e sendo filho de um chefe, ele deveria ser um homem feito. Em uma grande família como a minha, faria sentido se ele tivesse que esperar."

"Oh", disse Kim, dando a Gio uma visão de seu perfil e franzindo a testa. "Talvez o pai não ache que ele está pronto. Quantos anos você tinha quando você conseguiu?"

"Dezessete."

Kim olhou para ele, surpresa aparecendo em suas feições. "Mas você acabou de dizer que a sua família..."

"Eu sempre fui considerado um príncipe da máfia na minha família, assim como meus irmãos. Não é o mesmo que Cody. Nunz não tem influência o suficiente para fazer com que a entrada de Cody seja algo garantido. E, quando eu consegui, as pessoas poderiam ter achado isso, mas eu ainda trabalhava para isso todos os dias, mesmo depois. Isto é para sempre. Presumiu-se que eu iria conseguir quando eu quisesse, mas não é certo pensar que eu poderia manter isso pelas mesmas razões."

"Parece complicado", Kim murmurou.

"Mais do que isso. Na época, eu nunca pensei que iria encontrar algo que eu quisesse mais do que me tornar um homem feito. Eu cresci seguindo as regras da *Cosa Nostra* antes de precisar. Não me passou pela cabeça que eu poderia encontrar algo que valesse a pena quebrar as regras. Antes de você aparecer, na verdade."

O perfil de Kim desapareceu da linha de visão dele quando ela se virou e ficou em silêncio.

"Como você chegou tão longe ontem à noite, Kim?"

"Fui longe demais", ela respondeu fracamente. "Foi tudo."

"E na hora que você percebeu era tarde demais."

"Sim. Lamento muito, Gio."

Ele suspirou profundamente. "Eu sei."

"É café?" Perguntou Kim, olhando de canto para o copo na mão dele.

"É. Por quê?"

"É um café *bom*?" Perguntou Kim.

"Melhor do que a merda que eles servem no restaurante no térreo."

"Posso tomar, já que você está ocupado demais olhando para mim para beber?"

Gio riu por ter sido pego. Kim estava voltando à sua natureza sarcástica habitual. Isso era o que ele queria ver. Um pouco de vida nos olhos dela. Uma faísca em sua voz.

Acenando para o suco de laranja e garrafa de água ao lado dela na cama, Gio disse: "Beba um pouco disso. A última coisa que você precisa é de cafeína agora. Não é um nutriente."

"É, em pequenas doses. Não brigue comigo por causa disso. O café é minha tábua de salvação no período da manhã. Dê-me o café, Gio, ou então eu vou ser forçada a tomá-lo de você."

Gio sentiu o canto de sua boca subir em um sorriso. "É assim que você quer jogar?"

"É."

"E como exatamente você iria tirar isso de mim, *Tesoro*?"

Kim deu de ombros, olhando para a TV de tela plana. "Eu choraria e então, você entregaria para mim. A maioria dos homens não pode ver uma mulher chorando. Nem dá trabalho. Eu posso chorar facilmente."

"Eu achei mesmo que aquelas lágrimas eram falsas", Gio apontou.

"Não, não achou, não. Você se sentiria culpado e me daria o café, de qualquer maneira. Pode muito bem entregar logo e acabar com isso."

Gio riu, admitindo a batalha como perdida. "Certo."

Em pé, de seu assento na cadeira, Gio foi até Kim. Ele se aproximou e se inclinou por cima do ombro dela quando ele lhe entregou o café, querendo estar mais perto dela. Gio tentou ser adequado durante toda a manhã, não querendo, possivelmente, afastar Kim. Havia muito em jogo para os dois.

Mas Gio ainda a amava. Seus dedos doíam para tocar e segurá-la. Ele estava louco para beijá-la. Adorou como ela ficava engolida em sua camiseta, sentada de pernas cruzadas sobre a cama, mesmo, provavelmente, se sentindo confusa. Kim ainda estava bonita para ele, insanamente. Manter esses pensamentos e sentimentos escondidos para dar-lhe espaço era difícil.

Quando os dedos de Kim fecharam em torno dos de Gio segurando o copo, ela se inclinou o suficiente para beijar a bochecha dele. A ação era inocente o suficiente do lado de fora, mas falava alto. Um pouco da distância entre eles diminuiu.

"Obrigada", Kim murmurou.

"De nada. Iria esfriar. Eu tenho coisas melhores para fazer."

"Como me olhar?"

"Exatamente." Rapidamente, Gio deu um beijo no canto da boca dela. "Só pra deixar claro, — disse ele em seu ouvido — eu não me sinto culpado, porque eu jamais faria você chorar."

Gio ficou de pé, segurando o olhar de Kim por cima do ombro.

"Mas, — continuou Gio, encolhendo os ombros com firmeza — eu não faria nenhuma promessa de não fazer alguém que fez você chorar se sentir culpado. Ou matá-lo. Pode acabar acontecendo, dependendo do meu humor".

"Gio!"

"O quê? Só estou dizendo."

"Isso é terrível, Gio."

"O que é terrível é que você ache que eu estou brincando. Eu não estou."

Kim ficou séria, suspirando. "Sim, eu sei."

Gio percebeu, então, enquanto seus olhos azuis examinavam-no da mesma forma como ela sempre fez, que Kim o conhecia. Talvez até muito bem. Ela o testemunhou matando um homem e só uma semana depois passou um dia inteiro ao seu lado, antes de lhe dar uma noite com ela também. Kim compreendia Gio... estava ciente do que ele era, quem era ele e todas as coisas que ele era capaz. Ela não se importava, tampouco. Poderia ter sido insensato ou até mesmo pouco saudável, mas, se isso não fosse algum tipo de louco amor, Gio não queria saber o que era. Ele só queria Kim.

Kim se virou para ele na cama, colocando o café na mesa de cabeceira. "O que está acontecendo com você?"

"Você. Ultimamente, você é a única coisa que me mantém acordado à noite e atordoado durante o dia."

"Você não parece particularmente feliz ou chateado com isso, então eu não tenho certeza de como reagir a isso", admitiu Kim.

"Na maioria das vezes, nem eu mesmo sei como reagir a isso", Gio respondeu.

"Oh."

"Sim. Mas há um monte de coisas que eu sei quando se trata de você e de mim. A forma como me sinto sobre essas coisas são muito claras."

"Então me conte", disse Kim.

Gio decidiu dar a ela um vislumbre da guerra constante dentro de sua cabeça. "Você, usando minha camiseta, é absolutamente sexy. Eu acho que você está deliciosa, e eu daria qualquer coisa para tirá-la de você agora. Sério, qualquer coisa, Kim. Minha mão direita, se for isso que você quiser."

Alegria e desejo dançaram em seus olhos, mas Gio continuou. "Meus pensamentos, eles são todos sobre você. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, sem parar. Eu não posso nem colocar minha cabeça no jogo

ultimamente por causa disso. Eu posso provar você quando você está a dois metros de distância e sentir você por dias depois que você se foi. Isso é louco. Realmente me faz pensar que estou ficando louco."

"Gio..."

"Não, apenas ouça. Eu odeio Franco. Ele tem sorte de eu não o ter matado. Acredite em mim quando eu digo que esse pensamento esteve me assolando por pelo menos cinco anos antes de você aparecer. A maioria das pessoas apenas segue a linha do que é aceitável e supera suas merdas por causa disso. Franco é aquele garoto estúpido cutucando as pessoas, achando que ninguém pode tocá-lo."

"Se você se casar com aquele idiota, eu vou ser o responsável por queimar toda essa fodida cidade até o chão. Vou pintar o céu de laranja e vermelho. Aquele homem não sabe nada sobre você. Ele nem quer. O que ele quer é te moldar com os ideais dele. Então, sabe de uma coisa? Ele não precisa ter você. Ele não merece."

Gio suspirou, desejando que sua mente desacelerasse. "Mata-me ter que pensar onde você está dormindo à noite e se você está segura, porque você não está comigo. Quando alguém está olhando para você, sinto dor, e não de um jeito bom. E depois, tem a noite passada, Kim. Se você fizer aquele tipo de merda de novo, que Deus a ajude, porque vou lhe acorrentar a uma parede. Você não pode fazer esse tipo de coisa comigo, não se você me ama. Odeia-me, vá em frente e faça isso. Eu posso lidar com isso, mas se eu perder você... se eu perder você, *bella*..."

"Se você me perder, o quê?" Perguntou Kim sussurrando.

"Eu iria comer o cano da minha arma antes mesmo que seu corpo esfriasse."

"Não diga isso, Gio."

"Se há algo que eu sou, é honesto, Kim. Esta coisa aqui, tudo o que

somos, pode até ter me feito um mentiroso por um curto período de tempo, mas isso não vai ficar assim por muito tempo."

"Quer dizer que você não quer que isso continue assim", disse Kim.

Gio balançou a cabeça. "Não, eu quis dizer o que eu disse. Eu não vou ficar escondendo isso. Nós não deveríamos."

"Não é assim tão fácil, Gio."

"Vai ter que ser, caso contrário, um monte de pessoas irá se machucar. Eu não só vou queimar a cidade até o chão se você se casar com ele; eu vou queimar tudo para tirar você dessa também. Não há mais nada a dizer."

Kim estava certa, apesar de tudo. Gio, simplesmente, não queria admitir isso em voz alta ainda. Isso não importava para ele. O que importava era o que Kim queria.

"Diga-me o que você precisa que eu faça", Gio disse calmamente.

Kim riu friamente. "Como é que você não desistiu de mim ainda?"

"Eu gosto de coisas difíceis, mas, geralmente, isso tem me causado os problemas. Eu prospero no caos. Você é um furacão me jogando pelos ares. Pare de mudar o assunto. Você não respondeu."

"Eu não sei como me afastar dele", disse Kim. "O casamento está chegando. Por mais que seja ótimo pensar em apenas largá-lo e ir com você, nós dois sabemos que não é uma boa ideia."

"Não, não é", Gio concordou relutantemente. "Funcionaria por pouco tempo e, na hora de voltar, alguém estaria esperando. Isso não iria deixar minha família em uma posição muito boa também. Eu não vou fazê-los pagar por minhas escolhas."

"Erros", disse Kim.

"Talvez seja esse o termo que você deseja usar, mas implica lamentar."

"Você não lamenta?"

Incomodava Gio de uma forma que ele não conseguia nem explicar que

Kim perguntasse uma coisa dessas a ele. Talvez ele não tivesse sido claro o suficiente na noite anterior, ou talvez suas palavras ainda não estavam conseguindo alcançar seu coração teimoso. Deus sabia que ela poderia ser difícil. Era outra coisa que ele apreciava e adorava nela.

"Você sabe, muitas pessoas simplesmente desistiram de mim", disse Gio. "Eles não vão me pressionar; eles têm tentado por muito tempo sem sucesso. Eu estou cuidado do meu próprio mundo, fazendo minhas coisas e não me importo com as malditas opiniões de ninguém. Discutir comigo é inútil na maioria das vezes. Tenho muita certeza das coisas que eu quero."

"Seu ponto?" Perguntou Kim, levantando uma sobrancelha.

Aquilo ali era o ponto de Gio.

"Você acabou de provar isso. Alguém teria seguido em frente, sabendo que eu não iria ceder. Você não. Você discute comigo, me faz ter que me explicar. Não importa se eu quero ou não. Você me faz falar. É ótimo."

Kim riu. "Ótimo?"

Gio se ajoelhou à beira da cama, estendendo a mão para pegar o pulso de Kim e puxá-la de joelhos. A camiseta que ela usava subiu sobre as curvas de seus quadris e bunda. Precisando sentir mais dela contra as palmas das mãos, Gio soltou seus pulsos para roçar as mãos sob a camiseta. Calor dançou sob sua pele. Gio a puxou para mais perto, até que estavam a centímetros de distância.

"Para mim, você é perfeita."

Kim estremeceu quando as pontas de seus dedos roçaram ao longo das ondas de seus seios. "*Dammi un bacio*, Gio."

O italiano vindo de sua boca foi uma surpresa para Gio. E era muito excitante. Ele estava ciente de que ela era bem versada, mas ele raramente a ouvia falar no idioma. Um beijo foi o que ela lhe pediu. Tão simples, mas que o deixou mudo.

"Gio?"

"Um beijo é tudo o que você quer de mim, Kim?"

"Não", ela sussurrou. "Eu quero tudo."

"Mas você está com medo de que não haja um nós."

"Não significa que eu não quero isso, Gio."

Gio a beijou levemente, em seguida, mais fundo, quando os lábios de Kim se abriram para lhe conceder o acesso a sua boca doce. Seus dentes beliscaram suavemente o lábio inferior dele, enviando luxúria direto para seu pau. Os dedos de Kim acariciaram os braços dele e pararam na parte de trás do seu pescoço, enredando o cabelo na nuca.

"Você deveria falar italiano com mais frequência", disse Gio a Kim, deixando seus polegares pastarem sobre os picos duros de seus mamilos. Ele amava sentir os arrepios florescendo sobre sua carne. "Para mim, no entanto. Só comigo quando você fala desse jeito."

Uma única unha se arrastou para a parte de trás do pescoço dele, deslizando por baixo da camisa. "É?"

"*Aham.*"

"Eu posso fazer isso. *Spogliati, Giovanni.*"

As palavras enrolaram em torno de sua língua da forma mais erótica. *Tire a roupa*, ela disse a ele. Gio gemeu densamente, um som que se originou em algum lugar no fundo de sua garganta. "Jesus, sim, só para mim."

"Depressa", Kim ordenou de brincadeira.

Kim ajudou Gio a puxar a camisa dele por cima da cabeça. Ele se atrapalhou com o botão e zíper de sua calça jeans quando os lábios dela desabaram sobre os dele mais uma vez. Era uma pressão exigente de sua boca, e uma reivindicação de sua língua na costura dos lábios dele para que Gio se movesse um pouco mais rápido. O jeans foi chutado para o chão, e os dedos suaves dela estavam puxando sua cueca, empurrando-a para baixo

sobre seus quadris.

Quando eles atingiram o chão, Gio estava de volta na cama com os joelhos no colchão, agarrando a camiseta que Kim usava com seu punho. Grosseiramente, ele puxou o tecido para cima, o cume duro de seu pau caindo no estômago dela entre seus corpos. O atrito do movimento deles contra a carne sensível de seu eixo deixou Gio louco.

Chamas do desejo lamberam suas terminações nervosas. Kim abanou as chamas, a mão vindo entre eles para rodear seu pau em um punho apertado e bombear seu membro. Ela não afrouxou seu aperto até que o ar estava cortando por entre os dentes, seguindo um gemido áspero do nome dela.

"Quero isto fora", Gio grunhiu, puxando a camiseta ainda no corpo de Kim. "Ela precisa sair agora."

Ela o deixou tirar a camiseta, dando a ele acesso aos seus seios. Porra, ele amava os peitos de Kim. Os montículos rosados cabiam certinho nas palmas das suas mãos, e ela tremia toda vez que seus dedos brincavam com os botões cor-de-rosa de seus mamilos. Inclinando-se, os dentes dele mordiscaram a lateral de seu seio direito com força suficiente para deixá-la sentir uma picada.

Também foi o suficiente para deixar marcas perfeitas de seus dentes no corpo dela. Uma marca, pensou Gio. Ele iria deixar mais uma dúzia que só ele poderia ver no momento em que acabariam. Ela era dele, e ele queria que ela soubesse disso.

"Quem você quer, Kim?" Perguntou Gio, plantando beijos até a clavícula dela. "Diga-me de novo."

A voz dela estava grossa com desejo, mas ele ainda ouviu. "Você."

"Somente eu."

"Só você", ela repetiu.

No seu seio, Gio pegou a ponta de seu mamilo entre os dentes, rolando

a língua no pico duro. Cada polegada exalava um sabor diferente. Doce. Almiscarado. A essência distinta de Kim se misturava em seu paladar.

"Amo você em minhas mãos", disse Gio, levando as palmas das mãos até o contorno do estômago dela. "Macia, suave e tão gostosa para mim."

Kim choramingou, vibrando sob seu toque. Quanto mais perto ele chegava da sua boceta, mais intenso seu olhar se tornava. A súplica dela estava na ponta da língua. Ele podia ver na forma como ela o observava explorar seu corpo, e a ereção dele tocando o canto de seus quadris.

"O que você precisa, *Tesoro*? "

"Toque-me", Kim implorou. "Deus, toque-me, *por favor*."

"Eu estou."

"*Gio*, por favor."

"Use palavras", Gio exigiu. "Ou eu prometo que vou parar."

"Não, não pare", Kim se calou quando as pontas dos dedos dele acariciaram seu clitóris. A mão dela estava de volta no pau dele, acariciando-o com força enquanto a outra, agarrava o ombro dele. "Eu quero gozar, Gio. Foda-me e me faça gozar com os dedos."

Risos sombrios explodiram do peito dele. Havia algo bonito sobre essas palavras sujas saindo de uma boca bonita. Isso o excitou como nada mais. O pulsar no pau dele aumentou, endurecendo-o ainda mais.

"Isso era o que eu queria ouvir, Kim."

A nudez do sexo dela era seda sob as pontas de seus dedos quando eles mergulharam entre as dobras carnudas. Ela estava encharcada. Suas coxas estremeceram e se apertaram em torno de sua mão quando ele afundou dois dedos em seu núcleo apertado. A umidade do sexo dela escorreu pela palma da mão dele. Não havia nada como o cheiro de Kim. Gio adorava. Ela estava sempre molhada e pronta para ele, seu corpo disposto. Quanto mais perto ela chegava do orgasmo, mais forte era seu cheiro e mais ela molhava seus

dedos. Gio queria que o orgasmo dela chegasse rapidamente para que ele pudesse saborear a umidade dela em sua língua.

Gio fodeu a boceta de Kim com dois dedos, rápido e profundo. Deslizando um terceiro dedo, ele abriu os dedos quando puxava para abri-la e deixar sua entrada quente ainda mais cheia dele. Rápido, seu polegar acariciava seu inchado clitóris, esfregando para frente e para trás com cada impulso de sua mão no sexo dela.

"Deus, Gio... isso", Kim gemeu.

A mão dela rodeou seu pau e apertou com força suficiente para fazê-lo gemer. Suas unhas cravaram em seu ombro, certamente deixando marcas, linhas vermelhas. Gio não se importava de usar as marcas dela.

"Oh, eu sei exatamente o que você gosta, não é?"

"Sim."

Ela estava perto de gozar, os dentes arreganhados enquanto ela choramingava. Seus olhos azuis estavam abertos, encarando ele como um míssil. Gio manuseou seu pulsante clitóris ainda mais forte, sentindo seus quadris rebolando em sua mão com cada impulso.

"Quase", Gio murmurou, as paredes de seu sexo vibrando em torno de seus dedos.

"*Cristo...* Sim."

Curvando seus dedos para dentro, Gio procurou o local carnudo que fazia seus fluidos esguicharem e seu corpo tremer. Quando o grito saiu dos lábios dela, ofegante e alto, misturados com a tensão dos seus músculos, ele sabia que tinha encontrado. A mão dela o masturbava em seu ritmo, mas Gio não se importava. O que ele queria era vê-la gozar.

Empurrando naquele ponto de novo, a tensão irradiando de Kim pareceu romper de uma vez. O gemido de Kim ficou mais alto, a bochecha dela pressionada na dele. O cheiro picante dela molhou a palma da mão dele quando ela gozou, tremendo e murmurando seu nome contra sua bochecha. Gio retirou os dedos de seu sexo quando ela soltou seu pau.

A boca macia de Kim em cima de sua mandíbula o impediu de curvá-la e tomá-la como se fosse um maldito animal. Ela envolveu os dedos nos pulsos dele e trouxe seus dedos ainda molhados para seus próprios lábios. Gio observou, mudo, seu sangue vibrando com o desejo enquanto seus dedos desapareciam na boca dela. A língua girou em torno de dois dedos, levando consigo a umidade de seu sexo.

"Prove-me", Kim murmurou quando ele puxou os dedos. "Beije-me e me prove."

Ela não precisava falar duas vezes. Em vez de outro beijo esmagador como antes, ele tomou o seu tempo para amar a boca dela, provando sua excitação na língua dela. O sabor picante fez com que sua luxúria aumentasse tanto que tudo o que ele podia pensar era empurrá-la para a cama e foder com ela até que ele não conseguisse pensar em mais nada.

Ele parou de beijá-la para perguntar: "O que você precisa?"

"Voglio far l'amore con te", Kim disse suavemente.

Faça amor comigo.

Não foder. Nada sujo, rápido ou forte. Ela não quer ser usada e, realmente, Gio não queria usá-la. "Eu posso fazer isso, *amore*."

Gio ficou de joelhos, agarrando Kim ao redor da cintura e levantando-a para que ela ficasse em cima dele. Quando ela chegou ao seu colo, ela

posicionou o pau dele em sua entrada, levando-o todo o caminho enquanto se abaixava. As paredes de seu sexo se contraíram em torno do pau dele, prendendo o ar com força no peito quando ele se perdeu no sentimento dela nua em torno dele.

Por um momento, Gio segurou Kim pelo traseiro para mantê-la parada, seus dedos cavando o arredondamento suave da sua bunda. Ele só queria senti-la — o jeito como ela se encaixava perfeitamente nele, como sua boceta apertava o comprimento dele, enquanto o canal dela estava escorregadio e quente em seu pau. Nunca deixou de impressioná-lo como cada parte de si mesmo estava em sintonia com Kim quando ele a tinha assim. Consciente de seu corpo, seus sons, a forma como ela olhava e como se sentia. Era tudo dele, e ele sabia disso.

Gio sempre iria amar essa mulher, não importava o quê. O conhecimento era um bálsamo para as partes de sua alma que ele negligenciou por muito tempo.

Ainda com uma mão segurando o traseiro de Kim, Gio usou seu outro braço para embalar abaixo de sua parte traseira. Sem pressa e sem aspereza, ele começou a levantar o corpo dela em seu comprimento, lentamente, deixando-a descer na mesma velocidade. Os tecidos sensíveis do seu canal se contraíram e agarraram seu pau ainda mais forte.

Kim pegou o ritmo rapidamente, revirando os quadris em seu membro cada vez que ela descia em seu comprimento. Arrepios rastejaram sobre o seu corpo. Ela rapidamente enterrou o rosto na curva do pescoço dele, lágrimas de felicidade caindo contra sua pele. Uma das mãos dela estava emaranhada em seus cabelos enquanto a outra estava entre as omoplatas, e ele continuava com o mesmo ritmo lento.

"Gio, eu..." Kim parou quando um tremor rolou por sua espinha.

"Shhh", ele a acalmou plantando beijos no ombro dela até o pescoço.

A sua pele tinha gosto do sexo dele e dela. Um tipo totalmente diferente de febre tomou conta do corpo dela, levando-o com seu calor. Kim jogou a cabeça para trás, dando a Gio uma visão melhor de seu rosto quando se inclinou para segurar a mão dele subindo na parte inferior das costas dela.

Cor estava voltando para sua pele, tirando a palidez doentia que tinha estado incomodando-o por toda a manhã. Com os lábios entreabertos, o rosto corado e seu corpo curvado como um arco, ela estava linda pra caralho. Ela era tão incrivelmente sexy que doía olhar por muito tempo, embora ele não pudesse evitar olhar enquanto ela o montava.

"Vou gozar..." As palavras de Kim foram cortadas quando um grito alto acompanhou o pulsar da sua boceta no seu pau e as mãos dela cerraram. Tensão tinha deixado os músculos dela tensos como uma mola antes de tudo se libertar.

Gio observou o orgasmo transparecer sobre suas características, dilatando as pupilas e cerrando os dentes. As contrações do clímax dela desaparecendo foram direto para ele mais rápido do que ele esperava. Kim o empurrou do precipício com um beijo em sua boca, reivindicando ele mais uma vez. Gio gozou dentro dela o mais fundo que podia, segurando-a de forma confortável enquanto seus nervos cantavam com a liberação.

Era tão primal. Como se ele fosse colocar permanentemente a sua marca nela.

"Eu quero um nós", Kim sussurrou contra sua bochecha.

"Eu vou te dar um nós", ele prometeu.

De alguma forma. Mas, Gio ia começar dando a ela outra coisa primeiro.

Algo que ele nunca tinha dado a ninguém, porque não havia uma alma na Terra como ela. Ninguém possuía Giovanni Marcello como a mulher em seus braços.

"Ti amo tanto, Tesoro."

O sorriso de Kim estava radiante, suas palavras sem fôlego. "Eu também te amo."

Capítulo Dezesseis

Kim foi surpreendida, embora ela provavelmente não devesse, ao ver seu irmão sentado do outro lado da mesa de Franco quando ela entrou na cozinha. Havia três outros homens na mesa. Ela apenas reconheceu Lucas, os outros dois eram um mistério. Franco estava na frente da sala, murmurando ao telefone que segurava na orelha.

"Kimberlynn!" Cody meio que gritou quando a percebeu na entrada.

Várias cabeças se viraram na direção de Kim, incluindo Franco. A ansiedade em sua corrente sanguínea aumentou quando ele finalizou a chamada. Raiva estreitou seu olhar. "*Vaffanculo!* Vá ao meu escritório e saia da minha frente!"

"Acho melhor não", Kim disse suavemente.

Ela tinha a nítida sensação de que o resultado desta reunião seria melhor se fosse feita na frente de outras pessoas. A irritação de Franco começou a aparecer quando sua mandíbula endureceu.

No fundo de sua mente, Kim pensou em Giovanni. Como ele a manteve perto naquela manhã na cama como se sentisse que ela iria embora, apesar de que ele não teria como saber. Ela pensou em seus três dias tranquilos juntos em um quarto de hotel, onde foram capazes de fingir que o resto do mundo não existia e ela era só dele.

A promessa de Giovanni de se matar se algo acontecesse a Kim era demais para ela e seu coração partido. Ela não podia lidar com isso porque era exatamente o que ia acontecer no final. Sua morte era a única maneira de sair do acordo com Franco, e não seria Kim a tirar a vida de Giovanni.

Ela o amava. E ela o amava o suficiente para deixá-lo.

Kim esperava que ele entendesse. Giovanni fez o que tinha que fazer para que ele pudesse protegê-la, e agora ela estava fazendo o mesmo por ele. Isso não era diferente.

Ele poderia voltar para Nova York, para seus irmãos e pais que o amavam. A reputação que ele ganhou permaneceria intacta, em vez de manchada por eles estarem juntos. A mágoa e raiva dele iria desaparecer, eventualmente. Ele iria seguir em frente. Era assim que a vida funcionava. O tempo cicatrizava feridas, e a vida valia a pena viver. Giovanni merecia viver, então, independentemente de quanto ele a amava e a queria, Kim iria deixar que ele tivesse uma vida.

Quando ele saltou para o chuveiro mais cedo, Kim deixou o hotel.

"Há um táxi esperando lá fora", Kim informou a Franco. "Alguém tem de pagar a viagem."

Franco apontou o queixo na direção de Cody. "Cuide disso, Abella."

Cody olhou para sua irmã quando ele parou ao seu lado, a simpatia era visível. Kim pensou sobre o que Giovanni disse em relação ao seu irmão. Talvez ele estivesse certo. "Ei."

"Ei", Cody sussurrou, puxando a manga de sua camisa Henley. "Você está bem?"

Não.

"Ficarei", disse Kim, esperando que o seu sorriso aparentasse ser mais verdadeiro do que ela sentia.

"Tudo bem então. Queixo para cima."

Kim ajeitou os ombros e ficou um pouco mais reta para enfrentar Franco, uma vez que Cody havia desaparecido. "Você quer que eu peça desculpas?"

Franco bufou. "Isso é muito mais. Onde você esteve durante os últimos três dias?"

"Longe."

"Longe", Franco imitou. "Assim como quando você desapareceu da faculdade também. Eu adoraria saber como você continua desaparecendo no ar. Você mentiu para mim, Kimberlynn. Eu não gosto de mentirosos. Eu quero a maldita verdade, e eu quero *agora*."

Kim permaneceu calma. "O que você quer dizer?"

"Você me disse que tinha estado com uma amiga antes de sumir novamente. Você acha que sou idiota, garota?"

"Não."

Apenas egocêntrico demais para ver algo além de si mesmo.

"Deve achar se você acredita que eu não tenho conhecidos em todo canto. Olha, eu coloquei dois caras à sua procura e, enquanto eles fizeram isso, eles pararam para fazer a seus amigos algumas perguntas."

Kim ficou rígida, recusando-se a deixá-lo fazê-la chorar. "Eu não tenho amigos, Franco. Você fez com que todos se afastassem."

"Exatamente, mas você tem velhos amigos. Nenhum deles esteve com você e ninguém a viu também. Mas uma de suas amigas mencionou que ela notou você conversando com alguém que ela não reconheceu."

O medo subiu pela espinha de Kim com passadas punitivas. "Ela está

mentindo."

"Oh, eu duvido disso", Franco disse como se tivesse certeza. "Não é ela que tem tendência a desaparecer e esconder as coisas de você."

"Ou será que seus homens a assustaram, e ela disse qualquer coisa para que eles a deixassem em paz?"

Os lábios de Franco endureceram. "Vamos esclarecer uma coisa aqui. Você vai ser minha esposa, o que significa que você não conseguirá guardar segredos. E se isso quer dizer que tenho que te trancar dentro de uma casa para te impedir de fazer algo assim novamente, eu vou fazer. Em vez de um segurança atrás de você em um carro, ele vai se sentar ao seu lado no sofá, ficar na porta quando você cozinhar e esperar do lado de fora do banheiro quando você estiver lá dentro."

Kim soltou uma respiração instável. "Isso não vai acontecer novamente."

"Engraçado, eu não acredito em você. Você não me deu muitas razões para isso, e, para mim, é uma pena. Olhe para esta casa, Kimberlynn. O seu belo carro novo. Jantares que custam mais do que a maioria das pessoas neste país ganha em um mês. Roupas, sapatos, bolsas, joias em seu armário. Você não vê as coisas; você não se sente grata pelas coisas que você tem ao estar comigo?"

"Eu nunca pedi essas coisas."

Ou você, ela queria acrescentar.

Franco bufou sombriamente. "Você não é diferente de qualquer outra prostituta. Você pode esconder isso melhor do que elas, mas você é igual."

"Não me chame de prostituta, Franco", Kim disse calmamente, encontrando o olhar fixo dele. "Eu não sou uma de suas amantes, e você não

vai me tratar como se eu fosse."

"Então talvez você não devesse agir como uma. Eu só vou perguntar mais uma vez, Kimberlynn, e espero sua honestidade completa. Onde você esteve?"

"Longe", ela repetiu.

"Ok", Franco disse, balançando a cabeça. Então, ele se virou para Lucas, ordenando: "Traga para mim."

Lucas se levantou da mesa e saiu da sala antes que Kim pudesse pensar no que Franco estava tentando fazer. Enquanto ele estava fora, Franco acenou para a cadeira livre. "Sente-se, minha pequena e bela noiva, para que possamos ter uma conversa adequada."

Por que esse título parecia tão depreciativo quando ele falava?

Kim fez como Franco exigiu, esperando os dois minutos que Lucas levou para voltar. O item pendurado em seu braço fez o coração de Kim saltar em sua garganta enquanto seu estômago caía no chão. Depois de voltar de Lake Mead, ela não tinha pensado em esconder a jaqueta de couro de Giovanni, deixando-a pendurada sobre as costas da cadeira. Franco ou um de seus caras deve ter notado ela quando foram em seu dormitório.

Franco agarrou a jaqueta de Lucas e a atirou na mesa. "A quem isso pertence?"

"A mim", disse Kim, não mentindo completamente.

"É uma jaqueta masculina, Kimberlynn. Eu pensei que nós estabelecemos que eu não sou um idiota."

"Então, eu não posso ter uma jaqueta porque ela deve ser usada por um homem? Ela parece ser boa para uma mulher também."

Franco levantou uma sobrancelha. "E, ainda assim, eu nunca a vi usando nem uma única vez."

"Você queria que eu vestisse..."

"Eu estou ciente", ele interrompeu severamente. "Eu também estou ciente das coisas em seu armário em seu dormitório, o que tem e o que não tem lá. Estive observando você por muito tempo, antes mesmo do negócio do cassino, e você nunca a usou. Tem cheiro de homem, Kimberlynn. Ainda cheira ao dono. A quem isso pertence?"

Ele estava de olho nela antes de ser pega contando as cartas? Meu Deus, por quê?

O pânico de Kim se intensificou ainda mais. "Ela pertence a um amigo."

"Eu quero um nome."

"Você não terá um", disse Kim com um encolher de ombros. "Você pode pensar que eu não sou nada mais do que uma posse, Franco, mas eu não vou deixar que pessoas inocentes se machuquem porque você é insano pra caralho. É apenas uma jaqueta. Peguei emprestada porque estava frio e esqueci de devolver."

"Você não é uma boa mentirosa."

Kim colocou as mãos no colo, escondendo sua agitação. Ela estava contando que ninguém na sala tinha reconhecido a jaqueta como de Giovanni. "Prove que estou mentindo."

"O mesmo amigo com quem você desapareceu às duas vezes?" Perguntou Franco. A sugestão de uma ameaça afiou suas palavras.

"Não."

Franco se moveu tão rápido que era um borrão. Seus dedos agarraram a mandíbula dela, mantendo a cabeça parada e fazendo-a olhar diretamente para ele. Ela começou a sentir dor por causa de seu manuseio brusco, mas Kim nem sequer piscou para demonstrar isso.

"De novo, você é uma mentirosa terrível, Kimberlynn."

Franco forçou a cabeça de Kim para o lado, dando a ela uma visão de Cody inclinando-se na entrada para a cozinha. Uma fria indiferença coloria a expressão de seu irmão, fazendo com que o coração de Kim se contraísse dolorosamente. Ele nem sequer se importou com o que viu.

"Peça desculpas ao seu irmão por preocupá-lo com as suas infantilidades", Franco exigiu.

"Sinto muito, Cody", Kim sussurrou.

Antes que seu irmão pudesse responder, Franco virou as costas para ele novamente. A crueldade em seu olhar era algo que Kim havia se acostumado muito a ver, mas ainda a assustava da mesma forma. "Você está certa, eu não tenho provas. O que eu tenho é o suficiente para eu suspeitar e estar muito puto."

Sem aviso, Franco jogou Kim da cadeira, enviando-a pelo chão. A última coisa que ela queria era estar debaixo dele quando ele estava com raiva, então o instinto forçou Kim a se levantar, tão rápido como ela caiu.

Kim segurou a mandíbula, sentindo as marcas dos dedos dele já começando a se formarem. A fúria borbulhando em seu estômago parecia veneno quando ela o encarou desafiadoramente. "Não se atreva a me tocar de novo, Franco."

A bofetada veio tão rápida e tão forte em sua bochecha direita que Kim

não teve tempo de reagir. Mais uma vez, ela voou para o chão quando seus joelhos se dobraram por causa da força do golpe. Surpresa e dor foram registradas ao mesmo tempo. Seu grito ecoou na sala mortalmente silenciosa. O gosto metálico floresceu em sua boca — sangue. Kim cuspiu saliva vermelha no chão enquanto todo o seu corpo tremia.

Ele me bateu.

Kim não podia acreditar e, de repente, ela soube que sair do hotel tinha sido o maior erro que ela já cometeu.

Nenhum dos homens à mesa olhava para Kim. Mais sangue se juntou na língua de Kim, a dor latejando de um lado de sua mandíbula para o outro. Franco não a deixaria se levantar do chão uma segunda vez. Ele se inclinou para agarrar o rosto dela novamente, os dedos beliscando no local onde seu tapa tinha acertado.

"Alguém tocou em você, e eu vou descobrir quem, Kimberlynn. Eu posso não ter prova agora, mas eu vou. Quando eu tiver, eu ainda vou me casar com você da mesma forma como eu planejei. Meu lugar como o Don da minha família estará protegido, uma vez que meu pai se for. Então, vou acabar com você com uma bala como a cadela piranha que você é, antes de seguir normalmente."

Os punhos de Kim se fecharam em bolas apertadas contra o piso frio. Foi a única demonstração de medo que ela lhe deu. Ela não deixaria as lágrimas caírem. "Solte-me."

"Oh, eu vou." Franco olhou para ela, sua voz um sussurro. "Esteja grata que isso é tudo o que você terá depois do showzinho que você fez, querida. Se seu irmão não estivesse olhando, eu a levaria lá para cima e mostraria o que uma garota como você merece. Afinal, você já está dando para alguém

com o meu anel em sua mão. Por que não eu?"

"Meu pai quer que ela busque o resto das coisas dela em casa", disse Cody da porta, seu tom duro e frio. "O mais cedo possível. Palavras dele, não minhas. Ele não quer saber mais dos problemas dela."

Franco soltou Kim, ajeitando as calças. "Vou mandar alguém buscar."

"Na verdade, acho que ele quer falar com ela sobre essa porcaria que ela fez e ele está dando um jantar para a família da esposa dele, então ela deve estar lá para, pelo menos, mostrar a cara."

Franco suspirou, poupando um olhar para Kim. "Levante-se, Kimberlynn."

Kim fez o que lhe foi dito, não querendo arriscar receber outro tapa. "Mas o meu..."

"Cale a boca", Franco se virou para ela. "Cody, você precisará de Lucas com você ou você pode manter um olho nela sozinho?"

"Eu posso fazer isso sozinho", Cody assegurou.

"Ótimo. Kim, saia da minha frente antes que eu mude de ideia."

Kim tinha desaparecido da sala antes de sua próxima respiração, precisando sair da casa o mais rápido que podia. Pelo menos, ela se lembrou de pegar sua bolsa que alguém tinha deixado na porta da frente.

* * *

Cody não tinha dirigido nem por dez minutos de distância da casa de Franco antes que seu carro parasse na lateral da estrada. Kim estava

escondendo seu rosto machucado na mão, desejando que a queimadura em seus olhos fosse embora para que ela não chorasse. Humilhação e terror eram constantes em seu coração.

O som de um cinto de segurança desfivelando fez Kim recuar para longe de seu irmão mais velho. Ela não poderia nem mesmo olhar para ele e muito menos deixá-lo olhar para ela. Cody a surpreendeu quando ele se inclinou sobre o assento, e seus braços fortes a engoliram em um abraço.

"Eu sinto muito. Eu sinto muito, Kimberlynn. Desculpe, desculpe, desculpe", Cody gritou, segurando-a mais apertado enquanto as lágrimas finalmente caíram."

"O-o que você está fazendo?" Perguntou Kim, soluços presos em seu peito.

"Eu tinha que te tirar de lá, ok? Desculpe-me por não ter interferido, mas ele não teria permitido que eu te levasse para fora daquela casa se eu tivesse. A maneira como ele estava nervoso, ele provavelmente teria atirado em você e em mim. Você precisava dar o fora de lá. Eu não pude te *ajudar*. Desculpe-me."

Kim chorou ainda mais quando Cody limpou a umidade do rosto dela, sendo extremamente cuidadoso ao redor de suas contusões. "O que eu vou fazer?"

Cody puxou uma respiração dura. "É Giovanni, não é?"

Kim ficou imóvel, recusando-se a responder a sua pergunta. Bancar a muda parecia um plano melhor no momento. "O quê?"

"Gio. É com ele que você está saindo. Eu soube quando Lucas mostrou a jaqueta a Franco no outro dia, e, bem..."

"Bem o quê?"

"Eu perguntei ao taxista onde ele a pegou. Eu dei carona a Giovanni uma vez quando ele esteve aqui. Eu conheço o endereço do hotel onde ele está hospedado. Quanto tempo?"

"Nova York foi a primeira vez", Kim sussurrou.

"Oh, Kim."

"Eu o amo."

"Espero que sim", Cody respondeu suavemente. "Porque, de outra forma, acabar morrendo apenas por causa de uma boa foda parece realmente ridículo."

Kim riu friamente. "Você é um cara."

"Eu sei. É uma coisa de orgulho." Cody afastou o cabelo do rosto de Kim, enxugando mais de suas lágrimas no processo. "Merda, ele te machucou bastante. Eu sinto muito."

Ela se lembrou das palavras dele semanas atrás quando se dirigiam para Franco. Isso enviou uma onda de arrepios correndo por sua espinha. "Cody, você não pode voltar para lá e não fazer nada."

"Eu posso fazer qualquer merda que eu quiser."

"Não, você não pode. Você só vai arranjar problemas, ou pior."

Cody suspirou. "Kim..."

"Prometa-me, Cody. Eu sei como é importante ser um homem feito. Por favor, não estrague tudo pelo qual você trabalhou por causa de mim."

"Como você sabe sobre isso?"

"Gio explicou algumas coisas. Achei que você estava apenas sendo um idiota comigo por causa Nunz, mas não era nada disso. Você fazia o que precisava ser feito. Se eles soubessem que você era bom comigo, isso significaria que você não estava seguindo as regras da família. Por manter distância e me tratar friamente, você não teve que me machucar mais do que precisava. Agora eu entendi."

"Cristo." Cody balançou a cabeça quando ele se inclinou para trás em sua cadeira. "Ele esteve me usando contra você, não é?"

Kim assentiu. "Você, eu, meus amigos. Qualquer um, na verdade. Se fosse apenas eu, eu não me importaria se ele acabasse com isso e me matasse."

"Mas não é apenas Franco."

"Não, o pai dá opinião sempre que ele tem chance. Você já ouviu o que ele acha de mim."

"*Bastardos* do caralho."

"Cody, prometa-me", Kim exigiu novamente.

"Eu não posso fazer isso."

"Prometa-me!"

Cody levantou as mãos em sinal de rendição. "Tudo bem, acalme-se."

Kim afundou em seu assento, o peso maior saindo de seu peito. "Eu não deveria ter deixado o hotel. Preciso ligar para Gio."

Ela prometeu telefonar se algo físico acontecesse novamente. Giovanni, provavelmente, estava chateado como o inferno por ela por ter ido embora sem falar nada e, possivelmente, muito preocupado, mas ela não iria quebrar

essa promessa.

"Aqui." Cody arrancou o celular do suporte para copo, jogando-o no colo de Kim. "O número de Giovanni está como Skip. Diga a ele para a encontrar atrás do hotel, no estacionamento dos funcionários."

Pela primeira vez naquele dia, Kim fez a escolha certa. Uma que ela esperava que não rendesse a ela e a Giovanni uma cova improvisada.

* * *

Kim esperou enquanto Cody saía do carro para conversar com Giovanni em privado. Ela se remexeu na poltrona, sentindo ardentes olhos verdes observando-a de fora do veículo. Ele podia ver os hematomas no rosto dela ou o inchaço precisando de gelo?

Rapidamente, Kim olhou para cima bem a tempo de ver os dois homens ficarem frente a frente. Tão rápido como um relâmpago, o punho de Cody se levantou e acertou Giovanni, levando o homem ao chão. Todo o ar preso nos pulmões de Kim saiu em uma enorme lufada de ar. Pânico saturou suas entranhas, mas ela estava paralisada.

Quando Kim finalmente foi capaz de se mover, ela se atrapalhou com o cinto de segurança para soltar a maldita coisa para que ela pudesse sair do carro. No momento em que tinha destrancado e sua mão estava na maçaneta da porta, Giovanni estava de pé, um sorriso levantando o canto de sua boca enquanto ele limpava uma mancha de sangue dos lábios.

Os dois apertaram as mãos, ambos balançando a cabeça.

Kim sentiu como se tivesse acabado de desembarcar em quinta

dimensão.

Durante cinco longos minutos, Kim observou e esperou enquanto os dois conversavam. O olhar de Giovanni não deixou Kim nem por um minuto. Com certeza, a raiva estava lá, mas a preocupação estava clara. Culpa a inundou.

O que ela fez?

Finalmente, Cody voltou para o carro, entrando e fechando a porta. Sorrindo tristemente, ele disse: "Você sabe que eu a amo, sim?"

Kim assentiu. "Sim."

"Certo. Eu não vou vê-la de novo, porque, depois de hoje, você não vai voltar para cá. Eu não serei capaz de entrar em contato com você, se eu vou manter o meu lugar. A única coisa que podemos fazer é lhe dar o que há de melhor e esperar que você fique bem. Eu só queria ter certeza de que você sabia disso."

Kim não teve a chance de perguntar a Cody o que ele queria dizer antes de seu irmão se inclinar e abrir a porta. "Boa sorte, Kim."

* * *

Giovanni ficou em silêncio enquanto ele fechava a porta do quarto do hotel. Kim percebeu suas bolsas de pano na cama, embaladas e fechadas. Todas as suas coisas que tinham sido espalhadas por todo o grande espaço se foram também. O colchão tinha sido arrumado, uma pilha de cobertores e lençóis ao pé da cama. Parecia pronto para uma equipe de limpeza vir e preparar o espaço para o próximo hóspede.

"Você está indo embora?" Perguntou Kim.

Giovanni suspirou. "Não, nós estamos. Por esta noite, de qualquer maneira. Um novo hotel, então ninguém vai saber onde vamos ficar."

Kim forçou para que o nó da garganta descesse. "Eu sinto muito."

Giovanni a encarou, a umidade brilhando em seus olhos, fazendo o coração dela parar. Com dois passos, as mãos dele estavam embalando seu rosto com um toque suave, as pontas de seus polegares rolando sobre as maçãs do rosto. Kim não conseguia parar as lágrimas de caírem novamente. Beijos suaves foram plantados ao longo da costura de seus lábios.

"Olhe para você, *Tesoro*. Olhe o que ele fez com você." Giovanni beijou suas bochechas machucadas mais e mais, enxugando cada lágrima descendo por seu rosto. O coração de Kim quebrou um pouco mais quando sentiu as mãos dele tremendo. "Eu não posso acreditar que ele fez isso com você."

"Sinto muito", ela repetiu.

"Não se desculpe, só... Jesus Cristo, não faça isso comigo de novo. Eu não sabia o que fazer quando eu saí do chuveiro e você não estava aqui. Eu sabia, porém. Porra, eu sabia. Eu te amo muito, *bella*."

"Eu também te amo. Eu não deveria ter ido embora, Gio, mas eu pensei que se eu fosse, você estaria melhor. Salvo ou algo assim."

"Eu sei. Cody disse que três além dele e Franco estavam lá?"

Kim assentiu. "Eles não fizeram nada para me ajudar."

"Eles não podiam. Você os conhece?"

"Só Lucas, mas não os outros dois", ela respondeu.

"Ótimo."

"Como é que bom?"

Giovanni deu de ombros. "Eles provavelmente são homens de outra pessoa que estavam lá para alguma coisa. Isso significa que a lealdade deles não está em Franco e esse é um bom começo para mim."

"O que significa para você?" Kim perguntou em voz baixa.

"Preciso bolar um plano, então eu tenho que começar em algum lugar. Isso é melhor do que nada."

"Giovanni..."

"Por favor, não discuta comigo. Agora, a coisa mais importante é te manter segura."

Kim afastou a vontade de tentar conseguir mais informações, mas havia uma coisa que ela queria saber. "Cody disse que não iria me ver depois de hoje porque eu não iria voltar. Por que ele disse isso?"

"Eu disse a ele para fazer o que tinha que fazer para manter o lugar dele. Ele a ama. Ele também trabalhou incrivelmente duro para entrar na mira de Maximo Sorrento. Não devemos tirar isso dele."

"Entendi."

"Ele vai nos dar o resto do dia e da noite. Amanhã cedo, ele vai deixar Maximo — não Franco — saber que ele me viu buscá-la do lado de fora de uma loja de conveniência na parte da manhã depois que você o enganou. Tudo vai ser uma mentira, é claro, mas isso vai deixá-lo continuar com seu lugar e ajudá-lo ao mesmo tempo. Eu estou bem com isso."

"Mas Franco acha que eu vou voltar hoje à noite."

"Cody vai cuidar disso. Ele vai ligar e deixá-lo saber que você vai passar

a noite na casa do seu pai."

"Maximo vai falar com Nunz e então, ele vai saber que Cody mentiu."

Giovanni sorriu. "Essa é a questão. Cody me delatar pode ser a única coisa que vai morder a bunda de Franco. É o que eu venho tentando descobrir desde que eu estive aqui. Maximo não tem ideia de que Franco está trabalhando com Nunz nos negócios dele. Max acredita que Franco está fazendo tudo sozinho e Cody entrou depois da confusão com você."

Kim estava finalmente começando a entender. "Ele disse que estava de olho em mim antes de me pegar contando as cartas."

"Exatamente, porque ele estava usando as informações de Cody e passando-as para Max como se fosse dele. Cody o deixou fazer isso porque ele precisava do poder extra e isso o colocava em uma posição melhor em uma família maior."

"Eu realmente não entendo o que isso significa, Gio."

"Isso significa que Franco está trabalhando com outro chefe sem o conhecimento ou o consentimento do pai dele. Ele está pagando dívidas que deveriam ser de Max para o seu pai e mentindo o tempo todo. E eu suspeito que isso esteja acontecendo por um longo tempo. Franco precisa andar com os próprios pés de acordo com Max, mas o idiota não tem o intelecto para cuidar de tudo. É tão desrespeitoso para a família dele que eu nem consigo explicar."

"Além disso, — Giovanni adicionou quando ele limpou a umidade remanescente sob os olhos de Kim — faz uma pessoa se perguntar por que Franco faria isso tudo, a menos que ele acredite ter algo a ganhar. Eu suspeito que o casamento com você foi ideia de Nunz e uma maneira para Franco estar envolvido com sua família sem fazer Max suspeitar."

"Quando eu estava no chão..."

Giovanni se encolheu. "*Dio*, você não sabe como me mata por dentro ouvir isso."

"Desculpe, mas, quando eu estava no chão, ele disse algo sobre seu lugar como Don protegido, desde que ele estivesse casado comigo quando o pai dele morrer. Max não morreu, Gio."

"Não, mas acho que Franco quer que ele morra."

"O que fazemos agora?"

"Neste momento, você não faz nada, *Tesoro*. Nós vamos trocar de hotel."

"E depois?" Perguntou Kim.

"E depois eu tenho que ligar para meu pai e contar a ele o que eu fiz."

Capítulo Dezessete

"Pai, ei."

"Gio?" Antony perguntou na outra extremidade da linha. Seu pai pareceu surpreso ao ouvi-lo de início, mas a sua voz rapidamente se tornou preocupada por causa do estresse no tom de Gio. "O que está errado?"

"Eu fodi tudo."

Nada novo, certo? pensou Gio.

Jesus amado. Ele estava tão triste por fazer isso com seu pai. Muito.

Gio havia enganado seu pai sobre sua estadia em Las Vegas por um longo tempo. Antony assumiu que Gio estava indo bem, ficando longe de problemas e mantendo o olho nas coisas. Na maior parte, isso era verdade. Mas Gio deixou de fora a merda pessoal. Como Kim... e como ele amava aquela menina como um louco.

"Sim", Gio disse asperamente. "Eu realmente fodi tudo desta vez."

"Pode ser corrigido?" Antony perguntou em voz baixa.

"Eu não sei. Provavelmente, não. É ruim."

Gio simplesmente não podia deixar Kim sozinha. Esse era o problema. Ele ficava olhando para ela, apaixonado. Era impossível sequer pensar em deixá-la em Las Vegas para se casar com aquele filho da puta. Especialmente depois de ver os hematomas no rosto bonito dela.

Franco era incapaz de ser um homem bom e ele queria um brinquedo.

"Um a dez na escala ruim?" Perguntou Antony.

"Vinte", Gio respondeu encolhendo-se.

Gio esperou a raiva de seu pai ou a enxurrada de perguntas. Ele permaneceu em silêncio e se preparou para o impacto de mais uma má decisão que iria deixar uma bagunça para ser limpa. Claro, Gio poderia ter limpado suas bagunças, mas seu pai sempre sofria algum tipo de reação por causa dele.

Antony surpreendeu. "Fale comigo, *Tigrotto*."

"Merda. Não me chame disso."

"Você já tem vinte e seis anos, eu entendo. Você sempre vai ser meu filho mais novo. Eu sempre tive que correr atrás de você um pouco mais do que os outros dois, mesmo quando você chegava em minha cintura. Fale, Giovanni. Deixe-me sentir como se eu pudesse ajudá-lo pela menos uma vez, em vez de deixá-lo fazer tudo sozinho."

A pressão no peito de Gio diminuiu como se o ar tivesse saído. Do outro lado do quarto de hotel, ele podia ouvir o chuveiro de Kim ainda ligado, embora ela estivesse muito quieta lá dentro. Eles tinham ferrado com tudo, ele e ela.

"Eu não sei o que fazer", Gio sussurrou

Um leve barulho do lado da linha de Antony cessou quando Gio ouviu uma porta se fechar. "Tão ruim assim?"

"Pior."

Antony soltou um suspiro. "Apenas me diga que não foi porque você estava muito drogado para resolver as coisas, Gio."

"Sabe, seria mais fácil se fosse esse o caso."

Antony finalmente pareceu entender que isso não era um dos erros comuns de seu filho. "Eu posso corrigir isso, Gio?"

"Acho que não. Não é algo que você possa resolver com sua posição. Eu só... queria que fosse eu a contar."

Por um total de trinta segundos, Antony ficou em silêncio em sua extremidade. Então, Gio ouviu o barulho do laptop de seu pai sendo ligado. "O próximo voo para Nova York, você estará nele. Dê-me cinco minutos, e eu vou te comprar o bilhete."

Gio engoliu ar como se fosse uma droga. "Eu não posso."

"Por que diabos não?"

"Isso pode funcionar por um curto período de tempo, mas eu ainda tenho que responder pelo que eu fiz. E ela também, sabe? Eu tenho que ter certeza de que ninguém vem atrás dela por causa disso. Então eu não posso deixá-la aqui assim, pai. Esconder-me não vai corrigir isso, e os Marcellos não se escondem."

"*Ela?*" Perguntou Antony, surpresa iluminando sua voz.

"Eu..."

"O que você *fez*?"

Pela primeira vez em mais tempo do que Gio poderia se lembrar, ele queria rastejar para um canto e desaparecer. Houve muitas vezes em que ele decepcionou seu pai. Muitas vezes que ele quebrou as regras para benefício próprio. Isso ia quebrar qualquer fé que Antony ainda tinha em Gio. Iria destruir seu pai.

"Eu a amo", disse Gio, querendo falar isso primeiro. "Isso é o que é mais importante aqui."

Antony estava provavelmente chocado demais para responder. Pareceu incrivelmente bom para Gio dizer como ele realmente se sentia em voz alta para alguém que não fosse ele mesmo. Claro, ele disse a Kim repetidamente, uma e outra vez até que ela não pudesse duvidar da verdade em seus sentimentos. Isso, no entanto, era maior do que.

"Ela é inteligente e bonita." Gio inspirou outra vez, sentindo o peso em seu peito começar a diminuir novamente. "Ela é italiana por completo. Ela é uma louca sarcástica quando ela está entediada, independente como o inferno, e ela não aceita merda de ninguém. Ela faz muito bem para mim também."

"Bem como?" Perguntou Antony.

"Ela me mantém limpo."

"Gio, isso é..."

"Não, não é nada disso", Gio interrompeu seu pai rapidamente. "Não é alguma porcaria co-dependente. É natural, e ela me dá o que eu venho correndo atrás por anos. É como se eu não precisasse ou desejasse mais correr atrás porque ela já está aqui. Eu não posso explicar melhor do que isso."

"Então, por que não posso ligar para a sua mãe e dizer que ela pode finalmente parar de se preocupar com você?"

Gio soltou uma gargalhada, mas era tensa. "*Cristo*. Ela sempre vai se preocupar."

"Eu sei", Antony murmurou.

"Eu realmente fodi tudo desta vez", repetiu Gio.

"Sim, eu já ouvi isso, filho."

"Era inevitável. Não havia como contornar isso. Ela era minha, mas não era."

Gio suspeitou que seu pai precisasse de um minuto para processar suas palavras, então ele deixou Antony em seu silêncio. Todo o tempo, Gio ficou ouvindo o chuveiro para ver se Kim tinha terminado, mas ainda estava ligado. Além do som rítmico de sua própria respiração, todo o resto estava quieto. Quietos demais. Gio ficou inquieto de repente. Ele precisava fazer algo diferente de ficar sentado. Ficar sentado não iria mantê-lo vivo. O que manteria?

"Comece desde o início", Antony exigiu.

"No casamento de Lucian..." Gio não queria passar por todos os detalhes particulares daquela noite. Certamente, não por telefone, e não com o pai. Ele não tinha uma escolha.

"O que tem?"

"Eu a conheci lá. Era suposto ser uma coisa de uma noite, e eu teria ido embora antes do amanhecer. Ela nem sequer me disse seu sobrenome, então eu não sabia naquela hora."

"Eu ouvi alguma coisa", disse Antony.

"Sim, claro. Eu sabia que ela era *alguém*, eu só não sabia quem e não me importava para perguntar. Ela não era filiada a nenhuma família próxima porque eu conheço todos eles muito bem."

"Como você sabia que ela era alguém?"

"Porque ela me conhecia. Ou nós, eu acho. Ela não sabia detalhes, mas ela foi convidada para o casamento, o que deveria ter sido a pista número um."

Número dois teria sido o fato de que ela sabia quem eu era. Está claro o suficiente?"

Antony gemeu baixinho. "Estamos chegando lá. Quem é ela, Gio?"

"Na reunião da comissão."

"O que isso tem a ver com alguma coisa?"

"Franco — os Sorrentos. Max mencionou o casamento se aproximando com a filha de Nunz Abella. No casamento de Lucian, eles não estavam juntos, e eu não sabia. Eles não estavam oficialmente noivos até ela voltar para Vegas."

"Ela é a *noiva* de Franco?"

"Sim. Ou era, eu acho."

"Jesus Cristo." A respiração de Antony era alta no telefone, fazendo com que os alto-falantes crepitassem no ouvido de Gio. "Você fica dizendo a primeira vez. Não foi apenas uma vez, foi?"

"Não."

"E depois que você foi para Vegas, você sabia e fez de novo, não é?"

"Sim", Gio admitiu.

"Quanto tempo?"

"Tem sido constante desde que cheguei aqui. Sim, eu sabia. E eu não me importei."

"Giovanni David!"

"Eu sinto muito. Foi estúpido e irresponsável. Isso vai contra tudo o que você me ensinou. Eu sei que é ruim."

"É mais do que ruim, Gio", seu pai assobiou. "É um desastre do caralho. Eu não posso corrigir isso. Você entende isso? Isso não pode ser corrigido!"

"Eu sinto muito. Eu fiz uma escolha de merda e nos colocou nesta posição, mas eu não vou pedir desculpas por amá-la. Eu não posso fazer isso. Eu não me arrependo."

"Jesus, Gio", Antony murmurou, a raiva vazando de sua voz. "O que eu vou fazer?"

"Nada. Não há nada que você possa fazer. Eu sabia disso antes de eu ligar. Não importa. Você tinha que saber, e eu não queria que você recebesse um telefonema ou algo assim."

Antony engasgou com o ar. "Um telefonema. *Certo*. Porque agora eu tenho que me preocupar com a porra do seu corpo aparecendo em algum lugar em vez disso. Isto é passível de acontecer, Gio. Eles podem te matar, e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Eu não seria capaz de retaliar *depois* sem iniciar uma guerra. Você sabia disso quando você foi dormir com a noiva de um homem feito?"

"Quero dizer, se você fosse Dante ou alguém em uma posição mais elevada, eles teriam que passar pela comissão para ter certeza de que não atrapalharia nada. Então, talvez eu pudesse mexer os pauzinhos. Eu não posso com você. Eles não têm que trazer esse problema para a comissão, porque não é a mesma coisa. Você é apenas um capo, filho. Também não ajuda que você esteja em Vegas sobre as regras deles."

"Eu sei", disse Gio pelo que pareceu ser a centésima vez.

"Você é um bom capo, Gio!"

"Minha esperteza nas ruas realmente não vai fazer diferença aqui..."

"Não", Antony estalou. "Quero dizer que você é um bom capo. Você conhece as regras melhor do que ninguém. Você pode dobrar e violar todas as regras que o mundo de fora lhe dá ou ignorar completamente o que eu digo, mas as regras da *Cosa Nostra*? Gio, você poderia repetir elas para mim quando você tinha apenas treze anos. Você conhecia todas elas antes de entender o que elas *significavam*, antes de você e seus irmãos aceitarem a Omertà. Você queria isso, Gio. Você queria essas regras e essa vida."

"Elas eram a única coisa que eu sabia que você respeitava o suficiente para entender o peso, e você acreditava nelas", Antony continuou bruscamente. "Elas eram as únicas coisas com as quais eu não precisava me preocupar quando se tratava de você. Trair os mandamentos fundamentais da *Cosa Nostra* e as crenças da família? Meu filho? Nunca. Você não iria, porque você sabia, eu sei que você sabia."

"Eu fodi tudo", disse Gio através de dentes apertados. "Entendi."

"Não, parece que não. E eu não vou deixar você lidar com isso como se fosse qualquer outra coisa, porque não é. Você não vai me afastar e sair ileso como acontecia das outras vezes. Ouça-me, você quebrou as crenças mais fundamentais da *Cosa Nostra*. Você está em um território que não pertence a você. Você é um homem morto andando, Gio!"

Gio abaixou a cabeça e ele passou a mão sobre o rosto. Tudo o que seu pai disse era verdade. Ele não podia nem negar. "Eu vou dar um jeito. Vou pensar em alguma coisa. Eu vou acabar logo com isso. Eu preciso fazer isso."

Antony gemeu. "Você não entende."

"*Entendo*. Eu sei exatamente a posição em que eu estou agora. Não importa. Eu acabei de encontrá-la e eu não vou abrir mão dela."

"Franco..."

"É o maior idiota andando sobre a terra", Gio terminou por seu pai.

"Sinto muito", Antony murmurou. "Mas ela seria a esposa dele. O noivado é algo oficial. É como se fossem casados. Você conhece as regras, Gio. Você não deve olhar ou tocar na mulher de outro homem honrado. Você sabe disso."

"Ele bateu nela. Machucou e abusou dela. Porra, ele bateu no rosto dela e derrubou ela no chão na frente dos homens que não fizeram *nada*. É assim que ele trata algo maravilhoso. Isso não é honrado, e eu me recuso a seguir as regras que me colocam no mesmo patamar desse homem. Ele não merece o meu respeito."

"Eu prometi a sua mãe, Gio. Eu não posso quebrar minhas promessas a ela. Eu nunca quebrei."

"O quê?"

"Não faça isso comigo, ok? Não me faça quebrar uma promessa a sua mãe. Ela não pode enterrar um de seus meninos. Ela nunca me perdoaria. Pegue o voo para Nova York, e eu vou tentar lidar com o resto. Pelo menos aqui, Max e Franco tem que passar por mim primeiro. As chances são melhores para você aqui."

"Eu não posso fazer isso. Eu não posso deixar essa questão em aberto aqui. Kim nunca quis se casar com ele. Ela foi forçada porque cometeu um erro. Isso é tudo. Por favor, entenda."

Antony cantarolou. "Que tipo de *erro*?"

"Por que isso importa agora?"

Desviar do fato de que Kim havia roubado uma grande quantidade de dinheiro de uma família *Cosa Nostra*, mesmo que tivesse sido por acaso,

certamente não era a maneira de entrar nas boas graças de Antony. Havia apenas algumas coisas que seu pai tinha em alta consideração afinal de contas, e dinheiro estava no topo da lista."

"Porque eu perguntei", disse Antony com um ar de superioridade. "E agora, Gio, você me deve honestidade total."

Porra.

"Ela foi pega por Franco contando cartas no Royale Grace. Ela não estava ciente de que o cassino era propriedade de uma família associada. Ela conseguiu um pouco mais de duzentos mil. Franco precisava de uma esposa adequada, Kim tomou conhecimento do que aconteceria com ela por roubar, e o resto é história."

"E quanto a Nunz?" Perguntou Antony.

"Essa é a coisa estranha sobre isso, Nunz nunca reagiu ao erro de Kim."

"Deveria. Era sua filha, o que significa que era responsabilidade dele se certificar de que ela entendia as regras e conhecia as famílias associadas."

"Eu estou ciente", disse Gio. Suspirando, ele então passou a explicar a seu pai sobre as coisas que Franco tinha dito a Kim, a pequena informação que ele conseguiu de Cody, e o que ele pensou que tudo poderia significar. Antony ouviu tudo em silêncio. "Você me mandou para cá por causa da sua suspeita de que Franco pudesse estar maquinando contra o pai, e não contra a nossa família, não é?"

"Eu não gostei da maneira como ele falou", disse Antony em vez de responder de imediato. "Ele era muito arrogante com o pai ainda em seu lugar. Vocês três nunca falariam assim se estivessem com medo de que eu me voltasse contra vocês — todos vocês, eu poderia acrescentar. Eu gosto de

Max, então talvez eu fosse gostar de ter ele por perto por mais alguns anos."

"Max me convidou para ficar em Vegas por um par de meses mais para ajudar a endireitar Franco", acrescentou Gio.

"Isso diz muito sobre suas próprias incertezas, mesmo que ele não perceba o que está para acontecer."

Gio bufou. "Você ouviu Max na reunião. Ele está deixando Franco ter mais margem de manobra agora."

"E ele está sofrendo por isso. Ele também disse isso, filho. Acho que isso diz muito."

Antony riu.

A animação de Gio voltou. "O que diabos isso tem de engraçado?"

"Eu estava ocupado demais me preocupando sobre como manter as rachaduras na nossa família, para não aparecerem, que eu acabei nem vendo as rachaduras nos outros. Essas coisas fazem diferença, Gio. Elas se tornam grandes."

"Quão grandes?"

Antony respirou fundo. "Eu tenho que desligar o telefone agora, Gio. Você tem que resolver isso sozinho. Eu não posso ser seu pai aqui. Eu tenho que ser o Don Marcello. Você quebrou as regras, então agora você tem que descobrir uma maneira de corrigir isso."

"Pai..."

"Eu vou comprar um bilhete agora para o voo de 09:00h da manhã de Las Vegas para Nova Iorque. É o mais cedo disponível. Desculpe-me por isso. Não haverá nome no bilhete, só que ele está designado a um Marcello."

Alguém vai estar no aeroporto para pegar quem sair desse voo, e ele virá diretamente para a minha casa. Está claro?"

Era um gesto de paz, Gio reconheceu. Se ele não podia salvar a si mesmo, ele certamente poderia salvar Kim. Antony estava se oferecendo para ajudar.

"É, eu entendi. Algo mais?"

"Quanto tempo você acha que você tem agora?" Perguntou Antony.

"Até amanhã de manhã, com certeza. Franco esperava que ela voltasse hoje à noite, mas já cuidei disso."

"Se, como você diz, o amor é a coisa mais importante sobre ela para você, então você precisa mantê-la segura. Existem outras regras, filho. Você as conhece. Use-as."

"Eu vou considerar isso."

"Eu tenho que ir, Gio. Eu não posso me envolver nisso mais do que já estou. Vai levar anos para reparar o dano que você vai fazer entre você e as outras famílias por causa deste erro. Anos. Outros homens feitos terão dificuldade para confiar em você. Tudo no negócio vai ser muito mais difícil do que era antes quando se tratar de você. Não tenho dúvida de que você vai entender a gravidade de seus erros rapidamente. Seja cuidadoso."

O telefonema ainda não tinha sido desligado antes de Gio perceber o que seu pai estava dizendo. Anos. Antony disse que Gio teria que trabalhar durante anos para reparar sua reputação com a *Cosa Nostra* e com os outros homens feitos. Isso significava que seu pai acreditava seriamente que Gio iria sair dessa vivo.

Nem sequer importava. Gio tinha que bolar um plano agora e manter

Kim viva.

* * *

Um pouco depois, Kim finalmente saiu do banheiro. Apesar de ter se sentido tão inquieto quando ele estava no telefone com o pai, Gio tinha praticamente enraizando-se à beirada da cama, sentado ali com a cabeça entre as mãos. Seus pensamentos eram uma bagunça, seu coração disparado e seus pulmões não poderiam puxar ar suficiente, mas ele tinha um plano.

Era mais do que ele tinha uma hora atrás.

Kim estava na porta do banheiro, vestida com a mesma roupa da noite anterior. Fios molhados e ondulados do cabelo dela estavam de lado enquanto ela descansava seu quadril contra o batente da porta.

"Nós estamos em um monte de problemas, não é?" Ela perguntou.

Gio balançou a cabeça, olhando-a. O inchaço do hematoma em sua bochecha estava diminuindo. Ainda o irritava como nada mais só de olhar. Uma vermelhidão circulava seus olhos azuis. Ela tinha chorado, claramente. "Eu sinto muito."

"O que, por quê?"

"Eu a amo. Pessoas que gostam de outras pessoas não devem fazer coisas que as fazem chorar. Isso não é certo."

Kim inclinou a cabeça para o lado. "Você não me faz chorar."

"Não? Se você está chorando por causa da situação, eu nos coloquei nisso também. É a mesma coisa."

"Não", Kim disse calmamente. "Eu estava chorando por causa de mim, Giovanni. Porque se eu tivesse sido mais inteligente, eu poderia ter evitado tudo isso. Eu agi como uma menina estúpida, achando que eu era tão inteligente. Por que não me exhibir um pouco para os meus amigos? Eu sabia, não no sentido de quem era dono do cassino, mas o que eu estava fazendo."

"Mil pessoas entram em cassinos todos os dias e contam cartas. É um subproduto do negócio. O que você fez não foi nada novo. Além disso, eu tenho certeza de que se Franco não tivesse encurralado você no cassino, isso teria acontecido de uma maneira diferente. Ele tinha planos, isso é claro. E você não é estúpida. Eu não quero ouvir essa merda saindo da sua boca de novo."

Kim revirou os olhos, encarando-o. "Pare com isso, Gio."

Gio se levantou da cama, atravessando o quarto até que os dois estavam frente a frente, e Kim estava olhando para ele. "Estou falando sério. Você e eu somos algo. Nós vamos descobrir o que com o tempo, mas, agora, somos apenas algo. Então, de certa forma, isso meio que faz você minha."

"Estou começando a ficar cansada de todos estes homens achando que são meus donos. Ninguém me possui, Giovanni. Eu sou minha, porra."

"Não faz você menos minha, *Tesoro*."

Os lábios de Kim franziram, e Gio imediatamente quis beijá-la. Ele fez exatamente isso, inclinando o queixo com dois de seus dedos. Devagar, ele a beijou até que o estresse sumisse, sentindo a maciez de sua boca movendo-se com a dele até ela derreter em seu peito.

"Eu só quero ser eu", Kim sussurrou quando Gio descansou os lábios na testa dela.

"Comigo, você vai ser sempre o melhor de você. Eu prometo."

"Foi estúpido, apesar de tudo."

Gio deu de ombros. "E daí? Estúpido é um monte de coisas. Como um homem que quebrou as únicas regras que ele seguia na vida por algo bobo e louco como o amor e ainda não conseguiu encontrar um pingo de remorso por isso. Mesmo que isso o mate."

"O que vamos fazer?" Perguntou Kim.

Os ombros de Gio ficaram tensos. O medo se infiltrando na voz de Kim queimou-lhe a espinha. "Eu não quero que você tenha medo."

"Eu..."

"Não, ouça-me, por favor. Eu não quero que você tenha medo, Kim. Nunca. Nem hoje, ou amanhã, ou daqui a alguns anos. Não de mim ou de qualquer outro homem. Desculpe-me ter a colocado em uma posição onde você tem que se sentir assim. Você não merece isso, e eu deveria ter pensando melhor. Eu fiz, na verdade, mas eu não me importei. Errei. Vou começar a corrigir isso agora."

Kim ficou em silêncio.

"Você me ama, sim?" Perguntou ele, roçando o nariz ao longo da bochecha dela.

"Sim."

"Você vai me amar amanhã, em uma semana, ou no próximo mês, certo?"

Kim assentiu. "Um pouco tarde demais para negar. Qual é o ponto, Gio?"

Gio suspirou, desejando que seus nervos se acalmassem. Não era desse jeito que ele imaginava que iria propor. Literalmente. "Eu posso ter quebrado as regras, mas eles ainda têm de segui-las. Só porque eu traí as crenças da família por foder você, isso não me faz menos de um homem feito. Isso não altera os juramentos que fiz. Eles não podem tirar isso de mim, só acabar comigo. Você entende?"

Um tremor correu através de Kim. "Eu não gosto de onde isso vai dar."

"Você conhece as regras da *Cosa Nostra*?"

"Eu ouvi", ela confessou. "E, provavelmente, não deveria."

"Provavelmente, não", ele concordou. "Não tem nenhuma que acabe sendo mais importante que as outras. Elas são todas de mesma importância. Algumas podem ser mais flexíveis — como não ser visto em clubes e tal. Eu tenho três. Muitos outros também têm. Mas há uma regra... que não dá para transpor."

"Então, como é que isso nos ajuda agora?"

Mais uma vez, os nervos de Gio estremeceram. "Se algo vier a acontecer entre hoje e amanhã, antes que eu possa levá-la ao voo para Nova York, poderia ser a única coisa que poderia salvá-la de ser ferida ou pior. Todas as esposas de homens feitos devem ser tratadas com o maior respeito. Independentemente da posição do homem na *La Cosa Nostra*, sua esposa deve ser tratada como um homem trataria sua própria esposa."

Kim congelou nos braços de Gio.

"Eu quero que você se case comigo, Kim. Hoje."

"Você não pode estar falando sério."

"Estou falando tão sério como um maldito ataque cardíaco, *Tesoro*."

"Isso nem é engraçado, Gio. Isso é... estúpido, é uma loucura, e não."

"E funcionaria. Por favor, só..."

"Não", Kim repetiu um pouco mais forte. "Por que você achou que estaria tudo bem me fazer um pedido desses agora? Eu não vou me casar com você porque isso pode impedir de ter que enfrentar as consequências. Como isso é diferente de eu ter que me casar com Franco por causa do que aconteceu antes? Eu ainda estaria sendo forçada a alguma coisa."

Gio deu um passo para longe de Kim, precisando do espaço. Sua rejeição imediata o machucou, mas ele entendia onde ela queria chegar também. Honestamente, ele não tinha esclarecido seus sentimentos sobre o assunto corretamente para fazê-la entender por que ele queria se casar com ela, tampouco.

"Se você pudesse me pedir qualquer coisa agora, o que seria?"

"Isso não importa, Gio. Não tem nada a ver com isso."

"Tem tudo a ver com isso. Diga-me o que você me pediria."

Kim cruzou os braços, olhando para o chão. "Eu não sei."

"Claro que sabe", ele murmurou. "Qualquer coisa, Kim."

"Talvez não seja apenas uma coisa."

"Ok, então me diga "

"Eu gostaria de pedir para você fazer isso ir embora. Então eu não teria que ver Franco de novo, ou me preocupar com ele me levando de volta. Eu quero estar segura e feliz. Eu quero alguém que me ame."

"Mais alguma coisa?" Perguntou Gio.

Kim riu. "Você não é um mágico."

"Talvez eu possa tentar ser", Gio brincou. "Vamos, diga-me o que você quer de mim."

"Que bobagem."

"Nada sobre você é bobagem para mim, *mia amore*."

Mudando de um pé para o outro, Kim mordeu o lábio inferior antes de finalmente dizer: "Eu quero voltar."

"Voltar?"

A confusão de Gio deve ter sido clara porque Kim balançou a cabeça e riu novamente. "Sim, voltar. Para a primeira noite em que nos conhecemos. Porque era fácil, e você não sabia. Eu não teria feito de forma diferente, eu não acho que mudaria nada, mas eu voltaria e faria novamente."

Um sorriso surgiu nos lábios de Gio. Talvez os desejos de Kim não estivessem tão longe dos dele, afinal de contas. Ela simplesmente não percebia isso.

"Você sabe que eu posso lhe dar tudo isso, menos o último, certo?"

"Não é assim tão simples, Gio."

"Por que não? Tudo que você tem que fazer é se casar comigo."

"Porque eu quero que você tenha isso também. Você não pode me garantir isso hoje. Porque eu vou voar para Nova York amanhã de qualquer maneira, não é?" Perguntou Kim, levantando uma sobrancelha.

Gio engoliu o nó alojado em sua garganta. "Porque você estará segura lá, não importa o quê."

"Mesmo se você não chegar lá, certo?"

"Não", Gio murmurou. "Não é assim que vai acabar."

"Mas esse é o propósito de eu ir. Negue isso."

Gio não podia. "É o melhor lugar para você estar enquanto eu limpo a merda aqui. Se você concordar com minha proposta ou não, você estará em um voo amanhã de manhã. Só temos que sobreviver durante a noite e chegarmos ao aeroporto. Isso é tudo."

Kim estremeceu. "E se eu dissesse não?"

"Você estará em um voo amanhã de manhã", repetiu Gio. "Essa é uma coisa que não vou discutir ou argumentar com você. Você vai para onde você estará segura e Franco não poderá tocá-la novamente. Estou te dando o que você quer, Kim."

"E a coisa de se casar?" Perguntou Kim.

"É uma segurança extra..."

"É ridículo demais para até mesmo tentar te dar uma resposta adequada."

"Você não me deixou terminar, *Tesoro*."

O olhar de Kim ardeu. "O que há para dizer, Giovanni?"

"Eu voltaria, também", disse a Kim na esperança de que ela finalmente fosse entender. "Mas eu ouvi a voz do meu coração tentando entrar na porra da minha cabeça. Quando eu soube que você era alguém importante, e eu não me importei, isso deveria ter sido uma pista de que havia algo sobre você que eu poderia querer saber ou até mesmo ficar."

"Eu poderia ter estado sóbrio naquela noite, mas minha cabeça ainda estava esperando por uma desintoxicação, então eu não estava escutando claramente. Até o momento em que eu fui capaz de conseguir pôr minhas coisas em ordem, eu já a amava. Não se lembra do que eu disse naquela noite, Kim?"

"Você disse algumas coisas."

"Não, eu só disse uma coisa que foi completamente honesta, mesmo que eu não tenha percebido na época. Uma coisa que eu disse que talvez alguma parte de mim estivesse ouvindo e juntando pistas. Diga-me se lembra o que eu lhe disse quando você estava em cima de mim, me observando enquanto eu olhava para você. Foi a única coisa realmente importante."

Kim olhou para a parede atrás de Gio, evitando seu olhar. A umidade pairava em seus cílios inferiores. Ela não enxugou as lágrimas. Quando ela piscou, elas caíram por suas bochechas, deixando riscos para trás.

"Você disse que eu era perfeita", ela sussurrou.

"O que mais?"

Os olhos de Kim subiram para encontrar os de Gio. "Que eu deveria ouvir isso todo dia."

"Por favor, deixe-me ser a pessoa a lhe dizer o quão perfeita você é. Eu quero que isso seja a primeira coisa a sair da minha boca quando você acordar ao meu lado todos os dias para o resto da minha vida. Case-se comigo, Kim."

"E se for apenas por um dia?"

Gio sorriu. Não seria apenas um, mas mesmo assim... "Então eu vou saber que, pelo menos uma vez na minha vida, eu fiz tudo certo, independentemente do resto."

Capítulo Dezoito

Kim acordou. A primeira coisa a chamar sua atenção foi ouro branco e diamantes. Torcido com vários símbolos do infinito com brilhantes em toda a volta do anel, seu mais novo acessório, definitivamente, era chamativo. O anel tinha um ajuste perfeito. Ela não sentia como se fosse novo, se isso fizesse sentido. Quase parecia que ele tinha sido feito para estar lá.

Isso ainda não a impediu de ter um pequeno ataque de pânico quando ela pensou sobre o fato de que estava agora casada. Kim não se arrependeu da escolha. Ela amava Giovanni. Amor esse que poderia fazer seu coração bater ou doer tudo na mesma frase. Amor esse que ela sentia seu beijo muito tempo depois de ele ter ido embora. Amor esse que sua paixão era muito parecida com uma febre rastejando sobre sua pele, queimando constantemente, mas nunca parando de chiar.

Ela amava como ele a amava. Incondicionalmente. Sem medo. Indefinidamente.

Não foi uma coisa assustadora se casar com Giovanni Marcello. Foi, no entanto, um choque acordar e estar casada.

Kim apertou a mão em um punho contra o travesseiro, observando todos os diamantes ao longo do anel captarem a luz da manhã. Tinha sido por acaso que eles encontraram o anel. Kim precisava de coisas para levar para Nova York, e Giovanni cuidou do problema. Depois de saírem da loja, o anel em outra vitrine chamou a atenção de Giovanni enquanto eles estavam voltando para seu carro alugado.

Kim não poderia realmente discutir sobre o anel ou o custo da peça. Era lindo. O joalheiro tinha uma seleção de anéis masculinos que combinavam com aquele que Giovanni notou na vitrine. A aliança de casamento combinava com a dela. O anel de Giovanni era de ouro escovado branco com um símbolo do infinito solitário esculpido no anel grosso. Um único e pequeno diamante descansava onde as linhas se encontravam.

Uma mão quente deslizou sobre o lado nu de Kim. A mão de Giovanni deslizou sobre seu quadril e veio descansar em seu osso púbico. Calor floresceu do toque inocente, espalhando-se sobre sua pele como um incêndio e acordando o que restava dela em segundos.

A mão de Giovanni achatada contra o seu corpo, prensando o traseiro de Kim para sua virilha. "O que está errado?"

"Nada."

A mão dele afastou as mechas de seu cabelo. Em seguida, seus lábios cheios tocaram até seu pescoço, fazendo com que o ar em seus pulmões ficasse preso. Arrepios e calafrios correram pelo seu corpo quando Giovanni continuou seu doce assalto com sua boca, ao mesmo tempo em que a mão dele agarrava firmemente seu quadril novamente. Kim se virou de costas sob a sua insistência.

"Não vamos começar isso com mentiras, *Tesoro*. Não seria um bom indicador do nosso futuro. Eu estava acordado muito antes de você. Ouvi sua respiração ficar rápida quando você acordou. Diga-me o que está errado."

Kim não poderia encontrar o seu olhar enquanto ela acenava com a mão para mostrar o anel em seu dedo. "Só me assustei por um momento, isso é tudo."

Giovanni fez uma careta. "Você se arrependeu."

"Não!"

"Então o quê?"

Kim quase se derreteu toda na cama quando dedos fortes, hábeis, dançavam em sua barriga. O polegar de Giovanni circulou seu piercing no umbigo, puxando a barra curva suavemente antes de viajar até o seu corpo ainda mais. Ele explorou a parte inferior dos seios, os olhos fixos nos dela o tempo todo.

"Alguma vez você já pensou em se tatuar?" Giovanni perguntou ríspidamente.

"Na verdade, não. Por quê?"

"Ótimo. Não que eu fosse contra, mas eu gosto da sua pele da maneira que é. Sem marcas e bonita."

"Você tem pelo menos uma dúzia", Kim apontou.

As pontas dos dedos dele traçaram os círculos de suas auréolas, fazendo com que os mamilos de Kim endurecessem instantaneamente. Porra, o efeito que ele tinha sobre seu corpo era surpreendente. Giovanni estava fazendo quase nada e todos os nervos dentro dela já estavam em chamas... querendo mais dele.

"Eu não me lembro da maioria delas enquanto fazia", Giovanni confessou. "Eu gosto de todas elas, no entanto. E eu ainda prefiro você natural."

"Vou manter isso em mente."

"Diga-me o que estava incomodando você antes, Kim."

"Você deveria parar de me tocar, então", respondeu ela, sem fôlego. "É

muito perturbador e leva para a mesma coisa toda vez que você o faz."

"Não é possível."

"Por que não?"

Giovanni sorriu, a visão ofuscante. "Porque você é perfeita, *Tesoro*."

O coração de Kim parou. "Toda manhã?"

"Eu prometo que esta não será a única", disse ele calmamente. "Por que você surtou?"

"Eu não sei o que esperar, Gio."

"Tudo vai ficar bem", assegurou Giovanni, sua mão se espalhando amplamente para o local acima do coração dela, como se para acalmar as batidas. "A passagem está esperando para ser retirada. Podemos sair logo, talvez comprar algo para comer enquanto esperamos seu voo. Eu estarei bem atrás de você depois que eu terminar o que preciso terminar aqui. Não há nada para se preocupar."

Kim assentiu, mastigando o interior de sua bochecha nervosamente. "Claro, mas não foi isso que eu quis dizer."

"Estou ouvindo."

"Eu sabia o que Franco queria. De uma mulher, quero dizer. Eu sabia exatamente o que ele esperava de mim, como agir, aparentar e ser. Uma dona de casa, uma mãe quando ele decidiria ter filhos, e assim por diante. Ele deixou bem claro o tipo de mulher que ele queria. Eu não tenho ideia do que você quer de mim, Gio. Nada."

Giovanni pigarreou, afastando-se de Kim até que ele estava sentado na cama, de costas para ela. "É isso que você acha que eu poderia esperar de

você?"

"Eu não sei."

"Eu não quero nada disso. Eu não preciso que você esteja perfeitamente penteada e agindo como uma boa dona de casa. Você deve ser feliz, não fingir. Eu não consigo entender por que você iria sequer pensar por um segundo que eu quereria qualquer coisa dessas como Franco."

"Eu não acho que você é igual a ele. Eu sei que você não é", disse Kim. "Mas o casamento coloca duas pessoas juntas, e eu não tenho ideia do que você quer de mim ou para mim."

"Exatamente", disse Giovanni, voltando-se para olhá-la com um olhar aquecido. "É uma parceria, sim? Isso é tudo que estou pedindo. Eu quero uma parceira."

"Eu não quero ser dona de casa, Gio."

"Eu só disse..."

"E eu quero continuar a faculdade, fazer minha própria coisa quando eu precisar, e sei que você vai respeitar minha independência."

"Ótimo", Giovanni respondeu francamente. "Porque eu tenho uma vida ocupada, Kim. Eu sou, primeiramente, um capo e eu sempre serei. Eu gosto de pensar que minha esposa poderia ter a sua própria vida, não apenas querer me agradar. Eu quero ter certeza de que ela é independente o suficiente para cuidar de si mesma se eu não estiver lá. Sem falar que ela não estaria enchendo o meu celular com suas inseguranças."

Giovanni se levantou da cama, fazendo um movimento para pegar a calça jeans que ele jogou sobre a cadeira na noite anterior. Kim o deteve, puxando em seu pulso. "Gio, pare por um minuto."

"Não, você precisa escutar e ouvir isso."

Giovanni se voltou para ela, os braços cruzados sobre o peito largo. "Vamos esclarecer isso. Você é inteligente, então não desperdice isso. Você é sarcástica e rápida, então me desafie. Discuta comigo. Ame-me. Uma mulher forte não me assusta, e eu não quero tirar essa parte dela. Fico aliviado em não precisar lhe ensinar a andar com seus próprios pés. Só saiba que eu não espero que você seja alguém que você já não é. Não há nada em você que eu queira mudar. É bem simples."

Sim, Kim adivinhou que era.

"Ok", disse ela, sentando-se e puxando o lençol para cobrir seu corpo.

"Somente ok?"

"Sim, só ok."

Giovanni relaxou em sua postura. "Eu não quero colocá-la no voo esta manhã."

A mão de Kim apertou o lençol. "Eu pensei que você tivesse dito que era mais seguro?"

"É. Eu disse de forma errada. Eu não deveria ter que te colocar no voo. Nós acabamos de nos casar. Você não deveria ter que sair dessa cama por horas. Não é justo para você. Nós não deveríamos começar *assim*, isso é tudo."

"Nós não começamos", disse Kim, precisando que ele soubesse que ela entendia. "Começamos muito antes disso, Giovanni."

Giovanni agradeceu Kim com outro de seus sorrisos pecaminosos. A simples expressão causava algo deliciosamente quente em seu estômago indo diretamente até o ponto entre suas coxas.

"É apenas um pouco depois das sete", ele disse a ela.

O lábio inferior de Kim foi preso entre os dentes. "É isso?"

"*Uhum*. Temos algum tempo antes de termos que ir, e eu sei exatamente como eu gostaria de gastá-lo."

"Oh, assim?"

A risada sexy e sombria de Giovanni balançou Kim de dentro para fora. Foi apenas um lampejo de movimento antes de seus pulsos estarem presos em seu forte aperto, puxando-a para cima do meio da cama de joelhos. Ele a puxou para a beira da cama para encontrá-lo, o lençol esquecido, sem nada para segurá-la no lugar. Ele deixou seu corpo inteiro em exibição para ele ver.

Kim não se sentia nem um pouco desconfortável sob o olhar inebriante de Giovanni. Um som grosso retumbou do peito dele enquanto seu olhar descia pelo seu corpo devagar, observando todos os seus contornos e curvas. Era quase como se ele estivesse guardando a visão na memória.

Mechas de cabelo loiro na altura da cintura de Kim caíram sobre os ombros, cobrindo os seios. Giovanni não afastou o cabelo. Em vez disso, ele continuou olhando para ela, os dedos apertando ligeiramente os pulsos.

"Linda demais", Giovanni sussurrou. "É uma loucura que você seja minha, *Tesoro*."

"Bem, eu não quero ninguém mais", Kim respondeu. "Então não é tão louco."

"É, sim. Um homem mau não deveria ser recompensado com algo tão perfeito."

"Talvez um homem mau seja o único que pode ficar comigo."

Giovanni engoliu em seco. "Isso é um desafio?"

"Só se você quiser que seja, Gio."

Giovanni soltou os pulsos de Kim sem outra palavra. Ao mesmo tempo, ele se abaixou devagar, tomando seu tempo para beijar um caminho entre o vale de seus seios e descendo para o estômago, onde seus dentes pegaram o piercing no umbigo. Provocativamente, ele beliscou a joia de prata com um sorriso, antes de soltá-lo e continuar sua exploração quente e úmida para baixo.

A ligeira barba por fazer no queixo de Giovanni fez cócegas na pele sensível. Quanto mais forte ele beijava seu corpo, mais hiperconsciente de seus sentidos se tornava a sua presença. Kim se sentiu quase drogada pela sensação. Mais e mais, a boca dele a amava, degustando os topos de suas coxas e o vale suave da pele acima seu sexo.

Todo o tempo, os olhos verdes dele estavam travados no rosto dela, observando tão cuidadosamente as reações que ela dava em resposta ao seu toque. O tremor nas coxas de Kim aumentou enquanto seus beijos se aproximavam da sua boceta; os pulmões trepidando enquanto ela respirava. As mãos de Giovanni agarraram firmemente seus quadris, seus dedos cavando com a quantidade certa de pressão para mantê-la sentada.

Uma promessa aquecida, sem voz, brilhou nos olhos de Giovanni. "O que você quer?"

Kim forçou a lamentação começando a se formar no fundo da garganta. "Foda-me."

Outro beijo foi colocado no local carnudo acima de seu clitóris. Os lábios de Giovanni envoltos apenas o suficiente em torno de seu ponto mais sensível com a língua pairando por cima antes dos seus lábios desaparecerem

novamente. "Com a minha boca?"

"Deus... *sim*. Agora."

Em vez de fazer o que ela pediu, Giovanni virou o rosto e esfregou o nariz ao longo do interior de sua coxa. Dentes mordiscaram sua pele, enviando um choque de dor direto para o seu sexo, que se desvaneceu em prazer quando sua língua rodeou o mesmo local.

"Você tem gosto de pecado aqui", disse Giovanni, beijando sua coxa novamente.

"*Por favor*, Gio."

Kim não precisava implorar para conseguir o que queria. Afinal, ele fazia isso tão incrivelmente bem.

"E aqui..." As palavras sumiram quando os lábios de Giovanni se abriram, sua língua varrendo o local acima de sua boceta mais uma vez. "Ainda tem gosto de pecado."

A tensão foi aumentando no peito de Kim, deixando sua respiração superficial. Giovanni ainda não tinha realmente começado, e ela já estava desesperada e querendo ele. Ela precisava encontrar algum sentido dentro do efeito estonteante assumindo sua mente. Uma das mãos de Kim enredaram nos cabelos de Giovanni enquanto a outra, segurava seu ombro. Músculos saltaram sob seu toque.

"E aí?" Perguntou Kim, olhando para baixo para ver a boca dele sobre seu sexo. A respiração quente dele pulsava para sua pele. Ela já estava encharcada, a umidade de seu sexo molhando suas dobras. Ver Giovanni totalmente em transe e focado nela deixou Kim molhada. "Qual é meu gosto aí?"

"Céu", Giovanni murmurou. "Aqui, você tem gosto de céu."

O pouco de ar que Kim tinha sobrando foi embora pela boca no momento em que Giovanni envolveu sua boceta. A maneira como ele a fodia com a boca era muito parecida como ele a fodia com seu pau. Rápido, forte e tão bom. Ataques ágeis de sua língua batendo muito rápido na protuberância inchada dela, persuadindo-a entre os lábios para que ele pudesse chupar com força suficiente para fazê-la gritar. Ele fez isso com um propósito por trás de seus olhos e um sorriso conhecido nos cantos de sua boca. Sua língua pairou em sua entrada, aceitando tudo o que o seu corpo dava enquanto seus dentes raspavam ao longo das dobras carnudas.

Os pensamentos coerentes voaram da mente dela mais rápido do que um piscar de olhos. Cores se misturavam e giravam na frente de seus olhos. A dormência varreu os dedos que estavam cavando ainda mais forte em seu ombro e cabelo para mantê-la estável.

"Gio."

O nome de Giovanni na boca de Kim era um mantra. De novo, e de novo. Cada vez mais alto. A agitação em suas coxas aumentava quanto mais perto ela chegava da beira de seu orgasmo. Havia algo carnal sobre o brilho de sua umidade nas bochechas dele abaixo dela. Ele era tão bonito com a boca em seu sexo e do desejo em seu olhar que quase doía.

Assim que o corpo de Kim estava prestes a atingir o orgasmo, Giovanni empurrou-a de costas sobre a cama em um movimento rápido. Surpresa com a mudança repentina, ela tentou encontrar os lençóis sob ela, mas, em vez disso, encontrou seus pulsos, mais uma vez, presos e confinados na parte baixa das próprias costas.

Instintivamente, ela enrolou as pernas em torno dos quadris dele, seu

traseiro ainda descansando na beira do colchão. Ele não disse nada quando seu pau encontrou o lar, deslizando em sua boceta apertada, entrando e saindo, e então, voltando novamente até o fundo. Não houve resistência à intrusão dele. O corpo dela foi feito para ele — um ajuste perfeito. A umidade entre as coxas só ajudou a fornecer mais fricção para sua virilha enquanto ele esfregava em seu clitóris pulsando.

O pequeno controle restando de Kim tinha se rachado. Essas ondas revoltas do seu orgasmo que haviam sido arrancados dela quando ele a empurrou para a cama vieram à tona. Os tendões e músculos do pescoço dela tencionaram enquanto sua cabeça foi para trás, de volta para os lençóis, apertando os dentes para segurar o grito rastejando para fora de sua garganta. Era inútil. O ruído escapou, ricocheteando nas paredes e reverberando.

"Jesus Cristo. Eu amo os sons que você faz para mim, *Tesoro*. Mais alto. Acorde todo este andar do caralho. Eu quero que todos saibam que eu a deixo assim."

Os olhos de Kim se fecharam e as costas arquearam para fora da cama. Com os braços presos, a única coisa que Kim poderia agarrar eram as mãos dele. Suas unhas arranharam as palmas dele, ar passando pelos seus dentes em um silvo quando os espasmos finais do prazer deslizaram através dela.

Giovanni não deu a Kim tempo para falar, muito menos pensar. Em sua próxima respiração, ele estava fodendo ela implacavelmente. O ritmo forte e profundo de seu pau a enchia completamente, esticando a pele sensível de sua boceta para aceitá-lo. Cada impulso de seu corpo no dela enviou uma misto de felicidade misturada a uma dor gostosa por causa da pressão em seus braços e mãos.

Kim deixou suas pernas caírem da cintura de Giovanni, se abrindo ainda mais. Ela queria sentir mais dele, deixá-lo tomá-la ainda mais forte, enchê-la

mais profundamente. Abrindo suas coxas ainda mais até que seus músculos protestassem, Kim engasgou. O pau de Giovanni acertou o ponto doce com cada impulso. Era quase esmagador, e ela podia sentir os fluidos começarem a jorrar, inundando-os com a nova sensação.

"Deus, você está tão molhada para mim", Gio gemeu acima dela.

Kim choramingou. Era o único som que ela conseguia fazer. Algo pecaminosamente malvado estava girando através de suas entranhas. As paredes de sua boceta se apertaram em torno do comprimento dele, fazendo a respiração de Giovanni falhar.

"Olhe para mim, *Tesoro*. Olhe para mim enquanto eu te fodo."

A exigência brusca fez com que os olhos de Kim se abrissem novamente. Ela estava muito imersa no ritmo frenético da ligação deles e nas cores dançando atrás de suas pálpebras fechadas para perceber que ela não estava olhando para ele. Isso era o que ele fazia com ela o tempo todo. Giovanni a levou para outro lugar, para algum lugar incrível onde nada existia, somente eles.

Então, olhar para ele foi o que ela fez.

Giovanni parecia inteiramente em transe, olhando para o local onde seus corpos estavam se encontrando mais e mais. Um calor sombrio tinha tomado conta das íris verdes dele, aqueles cílios escuros varrendo ao longo de suas bochechas. Sua língua espiou para molhar o lábio inferior, o ar correu de seus pulmões em uma exalação trêmula.

Os músculos do corpo dele estavam rígidos e tensos. Um brilho fraco de suor tinha revestido o tom caramelo de sua pele, brilhando a faixa de cabelo no peito que levava até a virilha dele.

Jesus.

Ele era lindo. Tanto que doía olhar para ele, mas ela não podia parar.

Kim ainda queria mais.

"Mais forte", Kim pediu.

O olhar de Giovanni subiu. "É?"

"É, Gio. Eu quero que você me foda mais forte."

"Deus, sim."

Os pulsos de Kim foram soltos, e ela, imediatamente, utilizou a liberdade para sustentar a parte superior de seu corpo. A nova posição deu a ela a capacidade de ver a mesma coisa que Giovanni via quando ela estava de costas na cama. Ela entendeu então por que ele parecia tão completamente absorvido antes, enquanto observa seus corpos se movendo.

Uma e outra vez, seu pau desapareceu em suas dobras, afundando até as bolas antes de puxar para fora. A umidade brilhava ao longo de seu comprimento, molhando as coxas dele e as dela enquanto eles se juntavam. O cheiro picante de seu sexo e os sons da foda deles encheu o espaço.

Foi, de longe, a coisa mais erótica que ela já viu.

Oh, sim, Kim entendeu.

Giovanni, pressionando as mãos no colchão, se debruçou sobre Kim para beijá-la profundamente. Ela adorou sentir o gosto dela em seus lábios, suspirando enquanto a língua dele explorava sua boca. Rapidamente, ele se afastou. O ritmo desacelerou o suficiente para deixar Kim levantar a mão para segurar o queixo dele. Ela manteve os olhos nos dele enquanto seus dedos traçavam o caminho ao longo de seus lábios.

"Você está pronta?" Perguntou Giovanni, seu tom gutural provocando arrepios na espinha de Kim.

"Muito pronta", ela sussurrou.

Kim sentiu as mãos de Giovanni deslizarem sob sua bunda, agarrando com firmeza. Os dedos dele cavaram na carne de seu traseiro, enviando outra dor provocante sobre sua pele. Ele a puxou para ele quando mergulhou sobre ela. Ela não tinha tempo para se preparar para seu primeiro impulso, nenhum aviso para se preparar para a intensidade.

Caindo de costas na cama, Kim encontrou estabilidade, segurando os pulsos de Giovanni sob seu traseiro. Ela deixou que ele a fodesse até que ela mal pudesse respirar, sua garganta engolindo os gritos que tentavam fazer seu caminho para fora.

Foi duro. Tão brutal.

Kim iria senti-lo dentro dela por dias. E ela adorou.

Não demorou muito para o formigueiro começar a subir pelas pontas dos dedos das mãos e pés, espalhando-se para cima como um incêndio. Um tremor abalou seu corpo quando o volume de seus gritos subiu. Kim sentiu o calor florescer em seu ventre, seus músculos se apertaram, e as paredes de seu sexo contraíram em torno do pau de Giovanni bem quando o orgasmo a tomou mais uma vez.

Enquanto gozava, Kim jogou a cabeça para o lado para abafar o barulho. Giovanni não a deixou ficar assim por muito tempo. Ambas as mãos saíram de debaixo de seu traseiro, agarrando sua cintura enquanto a outra, segurava logo abaixo da mandíbula dela.

Giovanni a forçou a virar o rosto, sua respiração áspera. "Eu disse para

olhar para mim, *Tesoro*."

Kim olhou. Com a palma da mão na garganta dela, Kim não sentiu nem mesmo um pingo de medo ou hesitação, apenas as ondas finais de seu orgasmo ordenhando Giovanni ao seu próprio fim.

A mão na cintura de Kim apertou dolorosamente, mas a que estava em sua garganta não fez nada quando ele gozou tão rápido quanto ela. Giovanni pressionou o seu corpo contra o dela enquanto ele cerrava os dentes e a penetrava.

Ela olhou para ele o tempo todo, amando como qualquer controle que ele tinha foi perdido naqueles poucos segundos. Quando Giovanni se acalmou, o polegar dele a incitou a inclinar a cabeça mais para trás antes dele varrer o dedo suavemente ao longo de sua pele. Então, ele parou.

"Você é tão, tão boa", Gio murmurou. "*Ti amo*, Kim."

Kim sorriu, sentindo a pontada das lágrimas ao longo de seus cílios. "Eu também te amo."

Cada polegada de seu corpo doía da melhor maneira. Giovanni puxou seu corpo, passando as mãos em suas coxas para acalmar seus músculos. Kim se esticou, apreciando o calor sobre sua pele e a calma natural enchendo sua mente. Um gemido de contentamento escapou dela.

Giovanni riu enquanto descansava sobre Kim, usando os cotovelos para se firmar. "Você parece um gatinho se espreguiçando debaixo de mim assim. Eu poderia me acostumar a ficar olhando para você."

"Quer sentir minhas garras?"

Ele acenou com a mão, mostrando as pequenas fissuras vermelhas revestindo a pele das unhas dela. "Já senti. Você está bem?"

"Muito bem."

"Ótimo", Giovanni repetiu calmamente. "É cedo, mas devemos nos aprontar para irmos. Eu me sentiria mais seguro com você no aeroporto."

"Eu não quero ir sem você", disse Kim. "Sua família não vai gostar muito de mim depois do que aconteceu entre nós."

"Meu pai tende a parecer inacessível dada a sua posição, mas é apenas a sua natureza. Minha mãe é tão doce quanto mel, mas ela é uma ameaça na cozinha. Dante está preso entre se encontrar e refletir quem ele vai ser, então ele parece ser duro e frio, mas ele está longe disso. Lucian é muito quieto e, às vezes, parece distante por causa disso, mas Jordyn o ajudou com isso.

"Aonde você quer chegar, Gio?"

"Essa é a minha família. Eles não são perfeitos. Eles são, às vezes, arrogantes, agressivos e intrometidos. Nós, muitas vezes, falamos alto, e a mesa de jantar é o nosso lugar mais respeitado depois de um banco de igreja. Somos Marcellos — *você* é um Marcello. E eles vão a amar, eu prometo."

Capítulo Dezenove

Gio não reconheceu os dois homens em suas roupas casuais com expressões entediadas esperando do lado da entrada principal dos terminais de check-in. Eles pareciam conhecê-lo, no entanto. Suas posturas mudaram de casual para alerta num piscar de olhos, seus olhares se estreitando na mulher ao seu lado. Ele amaldiçoou internamente.

Seria muita sorte rolar uma briga em um aeroporto público lotado. Não era o que Gio queria ou precisava no momento. Ninguém tinha encontrado o seu hotel depois da mudança na noite anterior, e ele conseguiu encontrar um lugar decente o suficiente para esconder seu carro quando estacionaram, mas ele deveria ter suspeitado de que algo assim poderia acontecer.

Afinal de contas, o aeroporto McCarran era o mais próximo de onde Gio estava ficando e onde ele voou para Vegas. Ambos, Maximo e Franco, tinham conhecimento disso.

Seus dedos entrelaçados com Kim apertaram suavemente antes de ele a puxar para mais perto de seu corpo. "*Tesoro?*"

"Hum?"

Kim estava perdida em seu próprio mundo e completamente alheia ao seu entorno. Gio não a culpava, exatamente, tendo em conta as reviravoltas enormes acontecendo em sua vida.

"Temos companhia." No mesmo instante, a cabeça de Kim se ergueu, seu olhar passando sobre os dois homens que estavam caminhando em direção a eles. "Os reconhece?"

Kim assentiu. "Eu os vi algumas vezes perto de Maximo."

Gio assumiu que eles eram homens de Maximo com base no fato de que ele, provavelmente, os teria notado pendurados ao lado de Franco ou seus rapazes. "Você sabe o que eles fazem em *la famiglia*?"

"Não, mas Franco mantém distância quando eles estão por perto."

Então, provavelmente, não eram homens bons se Franco não preferia a sua companhia, não que o idiota tivesse gente boa em torno dele. Ele só estava dizendo, no entanto.

"Ok", Gio murmurou, dando outro aperto na mão de Kim. "Eu vou falar, você fica quieta, e faça tudo o que disser. Nós ficaremos bem."

Ou ela ficaria, pensou Gio.

Era a única coisa que realmente importava. Gio precisava levar Kim para Nova York e era isso. Sua família, independentemente se ele retornasse ou não, faria o resto para ele.

"Ok", Kim respondeu calmamente.

"Giovanni Marcello, sim?" Perguntou um homem.

Gio deu de ombros, mantendo o controle apertado na mão de Kim. "Sim. Eu não posso dizer que estamos em pé de igualdade aqui, já que eu não faço a mínima ideia de quem você é."

"Isso não é importante agora", o outro cara disse estupidamente. "Nós, geralmente, não nos apresentamos até que seja hora de matar, você sabe."

Ótimo. Executores.

Perfeito.

Agora Gio entendia exatamente por que Franco mantinha distância

deles. Executores, para uma família, eram o tipo mais frio dos homens. O mais perigoso, com certeza. Seu comércio principal era lidar com problemas, ou melhor, livrar a família deles. Alguns poderiam ser bastante criativos e cruéis com os seus métodos e, dependendo da razão da execução, ainda mais.

"Bem, a menos que vocês me deem seus nomes, não temos muito a dizer", disse Gio continuando sua caminhada, passando pelos dois homens.

Uma mão pousou em seu ombro, parando-o.

"Tire a porra da mão de cima de mim", Gio disse friamente. "Eu realmente não me importo de cortá-la se você precisar de um exemplo de como removê-la."

O cara tirou a mão. "Você realmente acreditou que seria tão simples entrar em um avião e deixar Vegas? Você sabe quanto de Vegas Maximo possui?"

"Eu não me importo."

Mas, sim, Gio estava ciente.

"Um telefonema", o homem continuou, o tom bem-humorado em suas palavras. "Foi o suficiente para descobrir que havia uma passagem de avião à espera de ser retirada por um Marcello no voo das 09:00h. Maximo tem homens em cada entrada deste aeroporto só esperando para pôr as mãos em você."

Não havia tal coisa como privacidade, e Gio, com certeza, não esperava isso vivendo no mundo que ele vivia. Privacidade era uma piada, algo que as pessoas gostavam de acreditar que elas tinham. Tudo o que alguém precisava era de um pouco de dinheiro empurrado no bolso certo e algumas pessoas no contato telefônico, e qualquer coisa estava disponível.

"Não sou eu quem vai pegar o voo esta manhã", Gio respondeu calmamente, ignorando a última parte da declaração do homem. "Deixe-me ir e, em dez minutos, eu voltarei para acompanhá-los."

"Oh, acho que não. Olhe bem, não é assim que vai rolar."

Gio escorregou a bolsa de Kim de seu ombro, colocando-a sobre ela. "*Tesoro*, vá para o check-in."

"Ela não vai, também", o primeiro homem disse sorrindo sombriamente.

Quando o cara colocou a mão no interior de sua jaqueta, Gio bufou. "Sim, por favor, mostre a arma que você está escondendo para este aeroporto lotado. Eu tenho certeza de que as câmeras estão gravando todos os ângulos de seus rostos agora."

"Assim como os Marcellos estão em uma lista de vigiados, eu estaria disposto a apostar que os Sorrentos estão também. Inferno, eles provavelmente ainda têm um boletim dedicado a cada um de vocês. Os federais amam executores, porque vocês, bastardos, sempre abrem o bico no momento em que vocês percebem que podem passar um bom tempo atrás das grades."

"Cuidado, idiota."

"Não, acho que não", disse Gio, sorrindo. "Valentão nas ruas, mas caga nas calças, certo? Vá em frente, então. Puxe essa arma. Eu vou fazer a maior cena que você já testemunhou, e se você atirar na gente aqui, saiba que os funcionários terão mais do que suficiente em vídeo para acabar com vocês. Vamos lá, faça isso."

Quando o homem mais alto deu um passo para Kim, Gio se moveu para a frente dela. Ele sentiu as mãos dela na parte de trás de sua jaqueta, mas ela

continuou quieta como ele pediu. Pessoas passavam em torno deles. Entrando e saindo, alguns jogando cigarros no cinzeiro. Táxis estacionando para deixar os passageiros. Ninguém parecia notar a tensão ou a conversa ameaçadora a apenas poucos metros de distância.

"Nós temos nossas ordens", disse o rapaz, tentando assustar Gio.

"Que bom", disse Gio provocando. "Tenho certeza de que Max vai gostar de você cumprir pelo menos uma. Logo depois de Kim pegar o seu voo."

"Ela não vai a lugar nenhum."

"Na verdade, ela vai, sim. Você não percebeu isso ainda, ou você tem problema na cabeça?"

"Tudo bem, já ouvi o suficiente da sua boca espertinha, filho da puta."

Gio sorriu, levantando a mão para mostrar a nova aliança de ouro branco em seu dedo. "Eu prometo que você pode me levar de volta para ele, logo depois da minha esposa pegar o voo."

Por um breve momento, os dois homens hesitaram. Era exatamente o que Gio queria ver. Infelizmente, não durou tempo suficiente.

"Isso é uma piada", o homem menor e atarracado murmurou.

"Não é. Não há ninguém aqui para me ajudar, eu sei. E, mesmo sabendo que o que eu fiz não me garante qualquer segurança, meu sobrenome dá a ela um mundo. Confie nisso, se meu pai não receber a nova nora até o final do dia, haverá um inferno vindo para Vegas como você nunca viu antes. Eu odiaria ser o homem a ter que responder por isso."

"Se você achou, por um segundo, que ele irá enviar um bando de idiotas como você para lidar com isso, ele não vai", Gio continuou com o tom calmo.

"Antony virá junto com meus irmãos. Vai ser pior se a minha mãe descobrir que eu sou casado e ela não teve a chance de conhecer minha esposa. Inferno, Antony provavelmente viria para cá apenas para acalmar Cecelia. Afinal, nada diz *eu te amo* como sangue derramado."

Os dois homens se acalmaram, aparentemente sem palavras e inseguros.

Gio usou isso para sua vantagem. "Ele é o mesmo homem que matou o pai da própria esposa por ter assassinado seu melhor amigo. O que você acha que ele vai fazer com os homens que entregaram sua nora para a morte, *hum*? Vocês realmente querem ser os homens feitos que trataram a esposa de um Marcello com desrespeito? Há somente algumas regras que Antony têm na mais alta estima, e posso assegurar a vocês que essa é, definitivamente, uma delas."

O menor dos dois homens estreitou os olhos. "Depois do que você fez com ela..."

"*Cazzo, cafone*. Cale a boca", o outro homem ordenou, acalmando seu parceiro. "Isso é algo a considerar. Tony é... peculiar sobre as esposas *da famiglia*, independentemente dos homens com quem se casam."

Gio abafou seu sorriso, sabendo que ele ganhara a primeira batalha.

Apenas em escassas ocasiões, ele tinha ouvido seu pai ser chamado de Tony e era, geralmente, por mafiosos fora dos seus círculos. Ninguém na sua família se atrevia a usar esse apelido, nem mesmo o melhor amigo de Antony e confidente, Paulie. Era um nome que o pai de Gio respondia quando ele era mais jovem e muito mais volátil do que era na sua idade atual. O homem mais alto parecia ter a idade de Antony, então Gio se perguntou se os dois poderiam ter se cruzado alguma vez.

"Você não pode estar falando sério!"

"Eu estou", o homem disse simplesmente. "Uma década ou mais atrás, eu estava em uma reunião com as famílias, observando. Foi quando o conheci. Quando um capo se recusou a pedir desculpas para a sua própria mulher depois que ele a chamou de *puttana* na frente do pessoal na mesa, Tony retaliou mais tarde. Cortou a língua dele e ficou olhando enquanto o cara se afogava em seu próprio sangue. Aquela mulher não era nem mesmo da família dele, Rico. Ninguém disse nada, nem podiam. Foi uma boa lição de respeito para todos e um lembrete da desgraça que um homem quieto pode incutir."

"Stephan..." Rico começou a dizer.

"Considere o que eu disse", repetiu Stephan. "Eu não sei você, mas eu gosto da minha língua bem onde está, Rico."

Bem, pelo menos, Gio sabia seus nomes agora.

Gio não deixou de notar como as mãos de Kim às suas costas apertaram um pouco mais enquanto o homem contava como foi que conheceu Antony Marcello. Ele não a culpava, era uma história horrível e, provavelmente, verdadeira. Não era a primeira vez que Gio tinha ouvido algo assim sobre seu pai. Havia uma razão para que Antony fosse tão valorizado quanto ele era em seu mundo do crime.

Respeito andava de mãos dadas com o medo.

"E eu estou ciente do que Max vai fazer se voltarmos com apenas um", Rico disse com raiva. "Você está com medo do que homem que está em Nova York possa fazer?"

"Não apenas isso", Stephan retrucou. "Eu acredito na *Cosa Nostra*. Se começarmos a quebrar regras, podemos esperar que todos os outros quebrem também. Uma vez que começa, tudo vai para o inferno, de qualquer

maneira."

"Eles já quebraram as regras!"

"Não", Stephan corrigiu, girando em silêncio novamente. "Ele quebrou. Ela simplesmente fodeu por aí. Não é esperado que ela siga regras que ela nunca jurou."

"Ei", Gio advertiu sombriamente. "Foder por aí é uma palavra forte pra caralho."

Stephan deu a Kim um olhar por trás de Gio. "Eu disse fodeu por aí, não a chamei de prostituta. É o melhor que você vai conseguir de mim depois desse seu comportamento. Devo acrescentar que não é para ajudar ninguém aqui, é só pelo grande respeito que tenho por Antony Marcello." Então, o homem se virou para seu cúmplice com um suspiro. "Nesta circunstância, Maximo vai entender por que não seguimos suas instruções. Eu tenho que deixá-la ir, Rico."

"Você vai comer merda por isso, não eu."

"É sempre assim", disse Stephan.

Gio não perdeu mais tempo. Girando nos calcanhares, ele beijou uma Kim surpresa, segurando seu rosto entre as mãos. Mesmo não querendo, ele se afastou, salpicando beijos em toda a sua bochecha. As mãos de Kim agarraram firmemente os lados de sua jaqueta como se ela não quisesse deixá-lo ir.

"Aqui, você precisa pegar isso", disse Gio, tirando a certidão de casamento dobrada. Ele a colocou no bolso da bolsa dela. "Vai ser uma prova do seu sobrenome para retirar a passagem. Não olhe para trás, apenas passe pelas portas, pegue a sua passagem e vá para o seu portão de embarque. Não

tente ligar ou me mandar mensagem. Eu entrarei em contato com você quando eu puder."

Kim o segurou forte. "Mas..."

"Eu estarei bem atrás de você."

Ele tinha que estar.

"Você não deve mentir para a garota, Marcello", disse Stephan.

Gio ficou tenso, resistindo à vontade de dar na cara do cara. "Eu prometo, Kim."

Os olhos de Kim se arregalaram ao mesmo tempo em que as mãos apertaram em torno da alça da bolsa. "Gio."

"Ande, *Tesoro*."

"Mas..."

"Ande, Kim."

E, confie em mim, ele queria dizer.

Kim se inclinou e o beijou mais uma vez. "*Ti amo*."

"*Ti amo*", Gio murmurou. "Tanto."

Sem mais incentivo, Kim soltou Gio e andou o resto do caminho, passando pela entrada sem olhar para trás nenhuma vez.

"Você, realmente, não deve mentir para a garota", repetiu Stephan.

Gio deu de ombros. "É uma mentira para você, talvez."

"Depois do que você fez, você não vai sair de Vegas vivo."

"Mas vai sair, eventualmente, com certeza", Rico acrescentou, sorrindo.

"Em pedaços."

Fantástico. Gio não mostrou um pingô de medo. Ele não podia. Conhecimento, confiança, um pouco de arrogância e uma atitude calma o fizeram suportar a primeira rodada. Certamente, ele iria suportar a segunda, também.

"Armas e celulares?" Perguntou Stephan.

"Arma na minha cintura e o celular está no meu bolso", respondeu Gio.

"Bom saber. A honestidade facilita as coisas."

Gio duvidava disso.

Capítulo Vinte

Kim não conseguia se acalmar enquanto passava por seu portão de saída, deixando a segurança do avião para trás. As cinco horas e meia de voo só a fizeram entrar ainda mais em pânico. Mentalmente, ela estava exausta de preocupação, mas fisicamente ela estava acordada por causa do medo.

Gio não tinha dito a ela quem a esperaria quando ela chegasse à Nova York, apenas que alguém poderia estar lá para buscá-la. Como ela deveria reconhecer a pessoa se ela não os conhecia? Saindo da escada rolante, ela deu dois passos para frente e parou.

Sapatos de couro, calça azul-marinho e uma camisa enrolada até os cotovelos lhe chamaram a atenção imediatamente. Um paletó estava jogado sobre o braço do homem, a outra mão levantada para que ela pudesse ler o pedaço de papel branco em sua mão. Apesar do traje vistoso, a postura dele era relaxada e despreocupada, apesar da agitação de pessoas ao seu redor.

Como poderia Kim não reconhecer o homem de pé na frente dela?

Antony Marcello tinha sido uma das presenças mais enigmáticas e visíveis na igreja e no salão do casamento de seu filho mais velho. Ele foi o primeiro homem que seu pai indicou a ela. Eles não tinham sido apresentados naquele dia, mas ela conhecia o homem de vista.

Antony olhou para cima do papel em sua mão, seus olhos encontrando Kim a apenas alguns metros de distância. Um sorriso lento puxou os cantos de sua boca. "Olá, Kimberlynn."

Kim piscou. "Você me conhece?"

"Sei a seu respeito", Antony corrigiu suavemente. "Eu tenho certeza de que vamos ter a oportunidade de conhecer um ao outro muito melhor. Eu só a reconheci porque eu puxei algumas informações suas ontem à noite quando eu não conseguia dormir. Apenas para me certificar de ser capaz de reconhecer seu rosto em uma multidão. Eu estou feliz de ter conseguido. Gio fez a escolha que eu pensei que ele faria."

"Enviar-me, você quer dizer."

"Também." Antony acenou para o papel em sua mão. "Kimberlynn é um nome interessante. De onde isso veio?"

Como ele sabe disso?

"Minha avó da parte da minha mãe."

"Não era italiana, presumo."

"Não, mas o marido dela era", respondeu Kim. "Como meu pai."

"Eu estou ciente", Antony entendeu devidamente.

Kim não podia conter um sorriso divertido. A antipatia de Antony por Nunz era clara. Gio a deixou saber de antemão que o seu pai não queria saber nada que dizia respeito a Nunz Abella.

"O que é tão engraçado, Kimberlynn?"

"Kim. Eu prefiro Kim."

"Certo. Achei Kimberlynn um pouco..."

"Longo?" Perguntou Kim, preenchendo o vazio como sempre fazia.

Antony riu. "Exatamente."

"Gio me avisou que você não gosta do meu pai. Acho engraçado."

"Giovanni estava certo. Você nem mesmo está ofendida. Infelizmente, eu não estou surpreso."

"Eu não gosto do meu pai já tem um bom tempo", Kim respondeu.

"Bem, nós já temos algo em comum. A outra coisa boa é que eu não tenho que a apresentar como uma Abella, mas sim como uma Marcello. Acho que nós dois podemos agradecer por isso, mesmo que seja por razões diferentes."

A testa de Kim se enrugou em sua surpresa. "Você sabe que Gio e eu nos casamos."

Mais uma vez, Antony acenou para o papel. "Eu estava lendo a cópia da certidão de casamento. Gio enviou por fax para mim para que eu pudesse estar ciente e para que ajeitasse algumas coisas legais para ele."

"Você não está com raiva de nós?"

"Por que eu estaria, querida? Fui eu que sugeri isso." Antony sorriu, mas falhou. A insegurança de Kim aumentou ao saber que ele estava percebendo suas contusões. "Seu rosto ainda está dolorido?"

"Um pouco", admitiu Kim. "Pelo menos, o inchaço se foi."

Antony não parecia satisfeito, embora ele tenha mantido a voz calma quando ele disse, "Acredite em mim quando digo que não me faz sentir melhor sobre isso."

Kim se lembrou do que o homem que Maximo tinha enviado para impedir que ela e Gio saíssem de Vegas tinha dito sobre Antony Marcello. A pergunta saiu de sua boca antes que ela pudesse detê-la. "É verdade?"

"O que é verdade?" Perguntou Antony.

"Que você cortou a língua de um cara porque ele chamou a própria mulher de prostituta."

"É verdade." Antony ergueu a sobrancelha, parecendo divertido. "Isso aconteceu anos atrás. De onde você ouviu a história?"

"Alguém, em algum lugar", Kim respondeu vagamente. "Pareceu exagero."

"Não é? Primeiro que ele a chamou disso na frente de vinte convidados e a fez chorar. Eu não suporto ver uma mulher doce chorar. Segundo, ela era amiga de minha esposa. Eu odeio quando Cecelia fica angustiada e não posso ser responsabilizado pelas coisas que acontecem com pessoas que a aborrecessem. Em terceiro lugar, eu sentia que ele merecia, e seu chefe era inútil, então eu lidei com isso."

Ele falou tranquilamente, como se eles estivessem tendo uma conversa amigável sobre o tempo. Kim trocou de pé, atordoada por sua franqueza e falta de empatia com tal violência. "Bem... Ok, então."

Antony sorriu. "Ok. Vamos."

* * *

"*Tesoro.*"

A cabeça de Kim se virou ao escutar o apelido carinhoso familiar. A mulher que estava no hall de entrada gritou muitas coisas. Ela era chique, sua caminhada graciosa. Uma beleza com cabelo caramelo, olhos verdes, e aparentemente estava feliz. Seu sorriso doce deixou Kim à vontade. A mulher exalava algo familiar e confortável, fazendo o coração de Kim doer com

saudade. Essa mulher exalava maternidade.

"Antony?" Perguntou a mulher. "Eu não sabia que estávamos recebendo convidados."

"Desculpe. Eu não queria te incomodar até que eu soubesse com certeza. Kimberlynn, esta é a minha esposa, Cecelia. *Tesoro*, esta é Kimberlynn. Ela vem de uma família amiga em Las Vegas e chegou hoje. Ela vai ficar aqui por um tempo."

Kim esperou que Cecelia suspeitasse de uma jovem com o rosto marcado sendo trazida para sua casa sem muita explicação, mas ela não suspeitou. Em vez disso, Cecelia atravessou a sala e estendeu a mão para Kim.

"É bom conhecê-la, Cecelia."

Cecelia sorriu, apertando a mão de Kim um pouco mais forte. "E você também. Você está cansada do voo?"

"Na verdade, não. Estou muito nervosa para estar cansada."

Antony riu. "Ah, bem, minha esposa vai certamente a acalmar. Cecelia só fica brava se você mexer na cozinha dela ou machucar um de seus filhos."

A testa de Cecelia franziu enquanto ela estava soltando a mão de Kim. Em vez de soltar de vez, seu polegar rolou pelo anel de casamento de Kim. A mulher olhou para baixo, dando ao anel uma olhada antes de dizer: "Você é casada."

Kim engoliu nervosamente. Antony não a preparou sobre o que dizer sobre isso. "Hum, sim."

"Eu espero que não tenha sido seu marido que colocou essas marcas terríveis em seu rosto bonito."

"Não foi", Kim disse calmamente. "Ele é um bom homem."

"Vegas, você disse?" Cecelia perguntou, virando-se para Antony.

"Sim."

"Onde Giovanni está?"

"Sim", respondeu Antony.

Os lábios de Cecelia franziram enquanto ela olhava para o marido, um olhar pensativo tomando conta. "Antony, por que eu sinto como se você estivesse deixando de fora algo que você acha que poderia me preocupar?"

"Eu não acho que vai te preocupar. Eu, simplesmente, queria que a conversa fosse tranquila. Evitar que a pobre moça não se sinta estranha, como ela obviamente está se sentindo. *Tesoro*, eu não te apresentei nossa convidada adequadamente antes. Eu gostaria que você conhecesse a esposa de Gio... Kimberlynn Marcello. Ela prefere ser chamada de Kim. Não é mesmo, querida?"

Kim assentiu. "Isso."

Cecelia se virou para o marido. "Esposa de Giovanni. Meu Gio?"

Antony deu a ela um olhar. "Sim, *seu* Gio."

Cecelia não soltou a mão de Kim nem por um único segundo quando ouviu a notícia com a mesma graça e dignidade que entrou no hall de entrada. "Eu tenho certeza de que você o enviou para Vegas solteiro, Antony. Quando isso aconteceu, exatamente?"

"Ontem à noite", respondeu Kim. "Por..."

"Muitas razões", Antony interferiu. "E a maioria delas não são importantes, além do fato de que ele a ama muito e está feliz. Ele me pediu

para pedir desculpas por não ter lhe contado e por você não ter estado lá, e ele prometeu compensar isso da forma que você quiser."

Kim ficou surpresa e meio que impressionada com essas pessoas. Estava claro que eles se amavam ferozmente. Eles eram fascinantes na maneira como eles conversavam e agiam um com o outro. Ela não podia evitar se perguntar quantos anos eles tinham levado para chegar a este nível de confiança entre eles, onde se podia simplesmente falar e o outro aceitar.

"Bem", Cecelia falou lentamente. Ela se virou para Kim. "Você é católica?"

O quê?

"Uh, sim?"

Por que isso soou como uma pergunta?

"Esse é o meu bom menino, Gio", disse Cecelia, sorrindo.

Antony riu alto. "Essa é a única coisa importante?"

"Não, claro que não", disse Cecelia. "Aconteceu rápido, mas não foi muito diferente de quando Lucian encontrou o seu *amore*. Eu teria adorado ver Giovanni se casar ou, pelo menos, receber um maldito telefonema. Com certeza não me surpreende que ele se casou desta forma. É apenas Giovanni. Mas facilita muito."

"O quê?" Perguntou Kim, tão confusa que se sentiu tonta.

"Foi uma cerimônia em Vegas, presumo", Cecelia afirmou.

"Um juiz de paz no gabinete do secretário, na verdade."

Cecelia cantarolou, balançando a cabeça. "Sim, bem, a igreja não reconhece o casamento, e você não pode continuar a receber os Sacramentos,

a menos que se case na igreja. Eu não posso deixar isso assim. Mas, você é católica, então deve ser fácil acelerar as coisas quando eu entrar em contato com Padre Peter para pedir ao Bispo que conceda uma convalidação de casamento. Isso é bom. Estou tão feliz."

Kim se sentiu tonta. "Sério?"

"Sim. Se meu filho está feliz com suas escolhas, então eu estou feliz por ele. É simples assim. Eu amo meus filhos e quero que eles tenham tudo o que queiram. Não me importa como isso acontece." Cecelia sorriu mais amplamente. "Onde está Gio?"

Antony limpou a garganta para tirar a atenção de Kim. "Ele vai estar em casa em breve e à sua mercê, *Tesoro*. Não se preocupe."

Cecelia fez a Kim algumas perguntas mais fáceis enquanto ela tirava o casaco e saltos. Antony estava certo, sua esposa deixava qualquer um imediatamente à vontade com sua natureza honesta e tranquila. No momento em que Kim olhou na direção de Antony, o homem tinha desaparecido.

Cecelia suspirou, chamando a atenção de Kim. "Meu marido está me escondendo alguma coisa porque ele não quer que eu me preocupe, não é?"

Kim poderia apenas acenar. A mãe de Gio era perceptiva como o inferno.

"Eu deveria estar preocupada?"

"Eu estou", respondeu Kim.

"Dos meus três meninos, Gio é o que me mantém indo ao médico para fazer exames cardíacos. Eu juro que isso tem acontecido desde o dia em que ele aprendeu a andar. Venha cá, Kim", disse Cecelia, se virando com um aceno. "Sabe cozinhar?"

"Antony não acabou de me dizer que você odeia quando alguém se mete na sua cozinha?"

"Antony acha que é apropriado colocar pimenta caiena em purê de batatas quando ele não consegue encontrar pimenta preta."

Kim se encolheu. "Oh."

"Sim. Além disso, não é a mesma coisa. Eu preciso ter certeza de que meus meninos tenham esposas que possam alimentá-los, mesmo que eu tenha que ensiná-las a cozinhar."

"Eu sei cozinhar", disse Kim.

Kim seguiu atrás da sogra, completamente temerosa e oprimida pela casa enquanto passavam por ela.

"Sua mãe a ensinou? A minha mãe me pôs no fogão a partir do momento em que eu consegui andar. Hoje diriam que foi abuso infantil." Cecelia deve ter percebido que Kim hesitou antes de responder, porque a mulher se virou rapidamente na frente da entrada de uma enorme cozinha. Parecia ter saído de uma revista de design de interiores. "Eu disse algo errado?"

"Não", Kim assegurou, sorrindo tristemente. "Minha mãe me ensinou, mas ela morreu há quase quatro anos de câncer de mama. Eu sinto falta dela, isso é tudo."

"Bem..." Cecelia torceu as mãos, olhando para o relógio na parede. "Eu sinto muito. Eu não tive a intenção de trazer à tona sentimentos ruins."

"Você não fez, Cecelia. Sério."

"Jordyn chegará em breve por causa da agenda de Antony na próxima semana, e eu acho que você deveria falar com ela. Aposto que vocês têm algumas coisas em comum, e poderia ser bom para as duas ter uma amiga."

"A esposa de Lucian, certo?"

"Sim. E ela é linda. Muito parecida com você." Cecelia ofereceu um sorriso fácil. "Agora, vamos cozinhar."

"Ok."

Talvez cozinhar fosse manter a mente de Kim longe do fato de que ela não tinha ideia de onde Gio estava, ou se ele estava bem.

"E Kim?" Cecelia se virou, dando a sua mais nova nora outro sorriso brilhante. "Se Antony ainda não te disse, bem-vinda à nossa casa."

* * *

Kim gostou de Jordyn Reese-Marcello a partir do momento em que a menina disse oi. As duas eram praticamente da mesma idade, com interesses e gostos semelhantes. Jordyn era tranquila e de natureza doce, embora tivesse uma língua afiada e honesta quando necessário. Não demorou para que Kim descobrisse por que Cecelia achou que ela e Jordyn fossem ter uma amizade fácil quando Kim perguntou sobre os pais de Jordyn.

Jordyn, como Kim, tinha perdido a mãe. Por diferentes circunstâncias, é claro, mas a dor mútua e o sentimento de perder alguém importante ainda eram os mesmos. Como Kim, que tinha crescido sem muita atenção ou cuidados de seu pai, Jordyn tinha sido criada sem uma figura masculina também. O que foi ainda mais estranho foi que Jordyn mal piscou quando Cecelia apresentou Kim como a esposa de Gio.

"É a cara de Gio fazer isso", Jordyn tinha dito. "Se ele fosse se casar, ele não iria querer um grande show. Gio gosta das coisas simples e do jeito dele."

Nada de errado com isso."

E foi o fim disso.

Kim cutucou a crosta de uma torta em um prato enquanto Jordyn falava sobre quando conheceu Lucian e como a história deles tinha começado.

"Vocês dois não esperaram muito tempo, hein?" Perguntou Kim.

"Meio que combina com o estilo desta família sobre o amor e o casamento", disse Jordyn com uma leve risada. "Cecelia e Antony se casaram menos de seis meses depois do primeiro encontro. O pai de Antony se casou com a esposa dentro de alguns meses depois de conhecê-la também. Não é verdade, Cecelia?"

"É", a matriarca da família Marcello respondeu com a cabeça ainda enfiada na despensa.

"Lucian e eu tínhamos nos conhecido há um pouco mais de tempo, mas apenas porque o Padre Peter exigiu que fizéssemos aulas de casal. Ele foi bonzinho e nos deixou acelerar as coisas."

Kim balançou a cabeça. "Gio e eu batemos o recorde, no entanto."

"Bem, na verdade, não. Você disse que se conheceram no meu casamento, certo? O que coloca vocês no mesmo patamar de outro casal."

"Nós não estávamos juntos, apesar de tudo." Kim olhou para Cecelia, que ainda estava procurando o saco de açúcar de confeitiro. Kim esperava que sua sogra não a tivesse ouvido dizer isso. Cecelia não agiu como se tivesse, graças a Deus. Baixinho, Kim acrescentou: "Bem, nós ficamos juntos. Nós apenas não ficamos assim por muito tempo."

Jordyn deu de ombros, sorrindo. "Você acha que isso importa? Estes homens, eles sabem. Quando eles encontram a pessoa certa, eles não perdem

tempo. Mesmo que eles respeitem tanto isso."

"Jordyn,"

Kim se assustou, a voz masculina ressoando pelo corredor.

"Oh, bem, Lucian chegou", disse Cecelia, finalmente pulando para fora da despensa. "Ele pode simplesmente ir ao supermercado comprar o açúcar de confeitiro. Procurar por aqui é inútil. Alguém deve ter mexido nas minhas coisas de novo. Provavelmente, Antony, o tolo esquecido por Deus."

"*Bella?*"

"Aqui", Jordyn gritou, de repente muito mais interessada nas maçãs que ela estava cortando.

"Ei, algo cheira —" As palavras de Lucian pararam abruptamente quando ele entrou na cozinha, assim como seus pés. No mesmo instante, seu olhar parou em Kim. "Olá."

Kim mudou o peso do pé, pronta para mais uma apresentação que iria deixá-la desconfortável. "*Ciao.*"

A postura de Lucian relaxou pelo uso da palavra em italiano de Kim. "*Como ti chiami?*"

"Kim."

Jordyn tossiu. "Marcello."

Lucian olhou para sua esposa. "*Pardon, Bella?*"

"O nome dela — é Kim... Marcello. Foi por isso que eu te chamei para vir aqui mais cedo. Achei que você gostaria de conhecer a esposa de seu irmão mais novo."

Kim não poderia deixar de se divertir com a falta de palavras de Lucian.

Ele continuou olhando para sua esposa como se Jordyn tivesse, subitamente, duas cabeças.

"Você está brincando comigo."

"Não", Kim disse, ofendida por Lucian até mesmo pensar isso. "Quem faria algo assim?"

"Gio", Lucian respondeu inexpressivo. "Se acha isso engraçado. Sério, onde está meu irmão?"

"Lucian, não é uma piada. Talvez você devesse ir falar com o seu pai", disse Cecelia, parando na ilha ao lado de Kim. "Antony explicou um pouco para mim em privado agora a pouco, e eu imagino que ele vai querer fazer o mesmo com você. É uma situação delicada, e eu não acho que Kim deva ter que explicar isso sem Giovanni. Não seria justo com ela. Gio não ficará satisfeito com pessoas questionando sua esposa quando ele não está aqui."

Lucian assentiu. "Acho que vou lá. Kim, foi uh... bom conhecê-la."

"Igualmente." Uma vez que ele estava fora da cozinha, Kim gemeu. "Isso foi um pouco estranho."

"Dê tempo a ele", disse Jordyn. "Lucian não é bom com surpresas. Ele prefere saber tudo antes. Isso é provavelmente porque, quando ele me conheceu, caiu tão duro de bunda que levou semanas para conseguir se levantar."

"Provavelmente", Cecelia concordou. "Eu vou pedir a Lucian para ir ao supermercado quando ele ..."

"Está quebrado, porra!"

Os olhos de Kim se arregalaram com os gritos vindos de fora da cozinha. Não demorou muito antes de Antony vir voando para a cozinha com Lucian

logo atrás dele. Um laptop bateu em cima do balcão da cozinha.

"Pai, espere, deixe-me ver a maldita coisa."

Antony apontou para a tela. "Não, Lucian, olhe. Está vendo essa porra, não está se movendo. Não se moveu desde que eu liguei. Está quebrado."

"Quais são as regras sobre a linguagem e a minha cozinha?" Perguntou Cecelia, franzindo a testa.

Ambos os homens a ignoraram enquanto eles olhavam para o laptop.

"Não é assim que funciona", Lucian murmurou. "Olhe."

Kim não entendia o que estava acontecendo, mas, depois de tocar em algumas teclas e Lucian mover o dedo ao redor no mousepad, Antony se calou.

Lucian se afastou do laptop, acenando para a tela. "Olha, é Dante. Ele está se movendo. Eu falei com ele antes de chegar em casa, e ele estava indo pegar alguns projetos do outro lado da cidade. Não está quebrado."

"Tem que estar, Lucian. Estive olhando isso por horas. Ele não se moveu."

"Do que vocês dois estão falando?" Cecelia se moveu ao redor da ilha. "Oh."

Jordyn parecia tão confusa como Kim. A tela de laptop não fazia sentido nenhum. Ela estava dividida em dois mapas diferentes. Uma tinha um ponto azul se movendo lentamente através do mapa enquanto a outra tinha um ponto vermelho que não estava fazendo nada.

"O que é isso?" Perguntou Jordyn

"É GPS", respondeu Lucian.

"De Dante?"

"E meu", disse Lucian.

"E de Gio", Antony acrescentou. "É uma medida de segurança no caso de algo acontecer e eles não conseguirem entrar em contato comigo. Um chip embutido no celular envia sinais, mesmo que por um curto período de tempo, ainda que o telefone esteja desligado ou quebrado."

O coração de Kim parou. Ela já sabia a resposta, mas, mesmo assim, perguntou. "Qual é o de Giovanni?"

"O que não está se movendo."

Capítulo Vinte e Um

Gio entrou no escritório de Maximo Sorrento por livre e espontânea vontade e com a cabeça elevada. Porque ele não sentia vergonha por suas ações, ele não achava que precisava agir como uma criança se preparando para uma repreensão. Por uma questão de respeito, ele manteve sua arrogância longe de sua postura enquanto considerava os três homens sentados no escritório.

Maximo, Franco e Cody.

Bem, cinco homens se ele incluísse os dois executores que o levaram por aí por volta de duas horas depois de terem destruído o celular e se livrado de sua arma. Ele não tinha certeza de qual era o ponto de levá-lo por aí sem parar. Como se fazer isso fosse deixá-lo em pânico. Não adiantou. Ainda assim, os dois tolos continuaram atrás de Gio como se ele fosse correr.

Ele não faria isso. Gio estava impaciente para começar e terminar logo com isso.

Gio olhou rapidamente para o relógio na parede oposta, vendo a hora. O alívio foi instantâneo. O avião de Kim já teria pousado. Ela estava bem — *segura*. Agora, ele precisava se concentrar em conseguir ir para o mesmo lugar.

Hora de negociar.

"Onde está a prostituta?" Perguntou Franco, encarando Gio. "Se você a escondeu em algum lugar, Marcello, eu vou encontrá-la. Vai ser muito pior para ela quando eu a encontrar."

"Ela não está escondida", disse Stephan. "Eu imagino que ela esteja em Nova York, agora."

"O quê?" A raiva de Franco estalou na sala.

Maximo suspirou. "Quieto, Franco. Eu não contei antes, você já está chateado o suficiente. Meus homens não tiveram uma escolha, além de deixar Kimberlynn ir pegar o voo. Você vai ter que superar isso e, por isso, quero dizer que, daqui em diante, você esqueça dela. Você não terá permissão para procurá-la para retaliar ou serei forçado a deixá-los lidarem com você como eles bem entenderem."

A testa de Franco franziu em confusão. "Eles? De quem diabos você está falando? Ela estava transando com ele enquanto estava noiva de mim. Ela é tão má quanto ele!"

"Tanto faz, minhas mãos estão atadas", disse Maximo, parecendo entediado com toda a conversa. "Ela está casada com ele, não há nada que você possa fazer, a menos que você esteja disposto a arriscar a ira do clã Marcello descendo sobre você. Eu não vou te proteger disso agora que eu avisei."

"Casado..."

Gio cortou as palavras de Franco, lançando o anel de noivado que ele tinha tirado de Kim sobre a mesa. "Acho que você pode querer esse pedaço de merda de volta, já que ela se casou comigo. A propósito, você fica bem sentado no lugar do seu pai", disse Gio, acenando para Franco sentado na cadeira de Maximo atrás da mesa de carvalho ornamentada. "Treinando enquanto ele ainda está por aí, não é?"

O olhar de Franco se estreitou. Gio tinha que dar crédito ao idiota, Franco não fisgou a isca óbvia.

"Nada, não é?" Gio perguntou a Franco. Bem, ele poderia corrigir isso. Acenando a mão no ar, Gio observou o olhar de raiva de Franco na aliança de casamento no seu dedo. "Engraçado, eu não precisei ameaçar, abusar ou chantageá-la como você fez para levá-la até o altar."

Essa funcionou. Franco foi rápido, a cadeira batendo na parede atrás dele com um estrondo. Parecia que ele iria pular sobre a mesa. Gio se manteve firme, sem se mover um centímetro. "Seu bastardo idiota!"

"Não, eu não tive que fazer nada disso", disse Gio, ainda sorrindo como um filho da puta. "Tudo o que eu tive que fazer foi amá-la."

"Foder com ela como a puta que ela é, você quer dizer."

Gio levantou uma única sobrancelha, se recusando a deixar sua fúria aparecer. "*Oh*, eu teria muito cuidado em lançar nomes na direção da minha linda esposa. Tenho certeza de que seu pai não vai gostar de como vou te repreender."

Finalmente, Franco pareceu perceber que Gio sabia ou desconfiava que o idiota estava envolvido em algo que ele não deveria estar. Franco voltou para o pai com os dentes cerrados. "Acabe com isso, *papà*. Ele é inútil. Eu quero vê-lo morto pelo que ele fez."

"Franco, sente-se", disse Maximo com uma firmeza calma que demonstrava anos de paciência.

Maximo permaneceu sentado no canto da mesa com as mãos cruzadas no colo, nada afetado pela tensão pairando na sala. Eram homens como ele que Antony tinha ensinado Gio a temer mais.

Homens quietos eram homens perigosos. No fundo, uma raiva volátil fervia, esperando para queimar. Frieza estava impregnada neles, tornando-os

capazes de desligar a empatia que os seres humanos possuíam. Violência e crueldade eram as suas drogas preferidas. Esses tipos de homens... eles sempre atacavam quando você menos esperava.

Gio decidiu pisar com cuidado a partir daí com base no comportamento aparentemente composto de Maximo, apesar da situação em torno dele estar uma confusão imprevisível.

"Chega desse teatro todo, Giovanni", Maximo disse, o cortando com um olhar. "Temos negócios a fazer, e eu não estou de bom humor para lidar com esse absurdo esta noite. Eu já estou farto o suficiente com as merdas que você aprontou. Não há nada que eu despreze mais do que ser enganado bem debaixo do meu nariz."

Gio se forçou a não responder a Franco e perguntar a Max se ele sabia da traição em que seu filho estava trabalhando bem debaixo do nariz dele. "Minhas desculpas, Max."

"Maximo", o Don o corrigiu rapidamente. "Agora, para você, é Maximo."

Pisar com cuidado, de fato. "Entendi."

Maximo se levantou da mesa. "Você é uma desgraça. O sofrimento que sua família vai sentir por conta do seu egoísmo é impensável. Antony vai entender minhas razões, mas o perdão nunca virá. Mais do que tudo, eu estou com raiva de você por arruinar a amizade de vinte anos que tenho com o seu pai. Só lamento a ligação que terei que fazer para Nova York."

"Não precisa", Gio respondeu com um encolher de ombros. "Eu já fiz."

"E, mesmo assim, vou ter que ligar", Maximo disse calmamente. "Você não tem arrependimentos, porém, não é?"

"Sobre Kim? Nem um pouco."

"Porque você pensa com o seu pau e não o cérebro", Franco rosnou. "Você desistiu de tudo por um pedaço de boceta italiana."

"Meu pau tinha muito pouco a ver com isso", Gio murmurou, imperturbável. "Apaixonar-me por ela foi fácil, como piscar e respirar. Se você tivesse passado mais tempo aprendendo quem era ela em vez de tentar moldá-la a seus ideais, talvez você fosse entender. Um homem como você, Franco — infiel, imundo e mimado — não poderia, eventualmente, ter alguém tão maravilhosa como Kim ao seu lado e querer estar lá. Que vergonha tentar forçá-la."

"Vá se foder", Franco cuspiu.

Gio sorriu. "Não, obrigado, estou bem."

"Eu quero que acabe com isso", disse Franco ao seu pai, sua fúria aparecendo no tremor das suas mãos em punho contra a mesa. "Agora, não depois. Agora."

Maximo sacudiu a cabeça. "Quando eu estiver pronto, filho. Eu não estou, ainda."

Gio soltou um suspiro silencioso de alívio. Ele sabia que, no momento em que ele começasse a chamar Franco de umas verdades, o idiota iria tentar calá-lo. Não era o momento certo, e Gio ainda estava respirando. Ele tomou isso como um bom sinal.

"Você está pronto, Cody?" Maximo perguntou ao jovem sentado no sofá com seu olhar fixo no chão.

"Sempre que você estiver, chefe", Cody respondeu.

"Você está preparado para assumir a Omertà e jurar sua lealdade *apenas*

a minha família?"

"Sim."

"Você está disposto a colocar *la famiglia* acima do seu próprio sangue, se concentrar apenas sobre as necessidades, desejos e sonhos da *Cosa Nostra*?" Perguntou Maximo, andando até a grande janela em seu escritório antes de fechar as cortinas. Isso deixou a sala escura até que uma lâmpada foi ligada. "*Minha Cosa Nostra*?"

"*Cosa Nostra* é o meu sonho", Cody disse suavemente.

Gio se perguntou por que ele estava vendo a cerimônia de iniciação muito privada e secreta. Não só ele não era parte dos Sorrentos, como o que ele tinha feito a sua família era incrivelmente errado no que dizia respeito a Kim. Ele não deveria ter estado lá.

Maximo voltou para sua mesa, empoleirando-se no lado dela novamente. "Ótimo. Isso é o que eu gosto de ouvir. Você mataria por isso?"

"Sim."

"Você sofreria com a perda?" Maximo pressionou.

Cody balançou a cabeça. "Não."

O olhar de Maximo se levantou e encontrou o de Gio. "Nem mesmo se fosse, digamos... seu cunhado?"

Gio ficou reto ante essas palavras. Ainda assim, ele manteve o silêncio.

"Não", repetiu Cody. "Minha lealdade e devoção são apenas para a *Cosa Nostra*."

"Muito bem", Maximo elogiou. "Franco, na gaveta de cima do lado esquerdo. Pegue as minhas coisas."

Em seguida, o Don se levantou da mesa mais uma vez quando Franco colocou uma arma, uma faca de bolso de prata e um pequeno cartão com a imagem de Santa Helena na mesa. "Normalmente, eu teria mais de meus homens aqui para fazerem isso comigo, Cody. Eu iria deixá-los questionar sua fidelidade e compromisso com a nossa vida, mas hoje você foi bem. E, francamente, houve espetáculo suficiente com Giovanni agindo como se ele estivesse com sua irmã. Eu não preciso de mais tumulto e não tenho paciência para isso. Vamos fazer desta forma, já que as intenções e o resultado final ainda são os mesmos."

Maximo esvaziou o clipe da arma, substituindo apenas por uma bala e, depois, deslizou de volta com um clique. Ele colocou a arma no chão e pegou a faca de prata, rolando a ponta afiada sobre a ponta do seu dedo indicador. Uma pequena gota de sangue se acumulou no dedo, que Maximo sugou.

"Vamos dar uma lição, não é?" Perguntou Maximo, entregando a faca de volta para Franco. "Vai ser bom para todos nós. Rico e Stephan são testemunhas suficientemente aceitáveis para a iniciação de Cody na família. Eu espero que vocês fiquem quietos."

"Sim, chefe", disseram os homens juntos.

Maximo acenou para Gio. "Giovanni, vamos começar. Tenho certeza de que você está acostumado a essas tradições."

Gio pigarreou, preferindo que a atenção estivesse em qualquer lugar, menos sobre ele. "Eu já sou feito. Eu não preciso repetir o juramento ou recitar os mandamentos."

"Faça porque eu te pedi ou eu vou te obrigar. As regras, fale-me uma."

Silenciosamente, Gio xingou, tentando manter a cabeça focada. Era difícil quando ele não sabia o jogo que Maximo estava tentando fazer com

ele. Mesmo assim, ele falou como foi ordenado. "Um homem nunca deve ser apresentado formalmente por um amigo nosso diretamente, mas sim um homem feito, que conhece ambos, deve apresentá-los um ao outro."

"E por que isso, Franco?" Perguntou Maximo, voltando-se para o filho.

"Para diminuir os problemas potenciais que podem surgir com pessoas de fora, ou a possibilidade de serem policiais disfarçados. Se isso acontecer, mesmo com as apresentações formais, o homem que convidou o amigo será abatido."

"Exatamente." Maximo acenou para Cody. "Próximo, por favor."

"Os homens envolvidos com a polícia ou que tenham parentes filiados à polícia, os que agem sem moral ou se comportam mal, os homens com uma vida dupla não podem ser parte da *Cosa Nostra*", disse Cody.

"Que outras regras entram nesse quadro, Cody?"

"Nós não devemos ser vistos em bares ou clubes agindo como tolos bêbados. Nós nunca podemos falar com a polícia. Brigar com outros homens feitos não é tolerado."

"Vou aceitar isso", Maximo disse antes de acrescentar: "Poderíamos dizer que também entra a parte de não roubar de outras famílias e tal. Giovanni, fale uma."

Gio manteve um olho em Franco ainda brincando com a faca atrás da mesa quando ele disse, "Status e autoridade são sempre reconhecidos e respeitados. Arranjos feitos dentro desses status nunca devem ser esquivados. Portanto, a palavra de um chefe é lei, então, quando perguntado, sempre damos a verdade e, a menos que seja absolutamente necessário, nós nunca tiramos a vida de outro homem feito."

"Muito bem, Giovanni." Maximo bateu os dedos sobre a mesa, afastando os olhos de Gio do seu filho. "É a única regra que faz com que sua irmã não tenha que responder pelo seu comportamento, Cody?"

Gio fez uma careta, sentindo o escárnio óbvio correr sobre sua pele como um chicote. De alguma forma, ele conseguiu se manter em silêncio quando Cody disse: "Todas as esposas de homens feitos devem ser tratadas com o maior respeito, independentemente dos escândalos de seus maridos."

"É também a única razão pela qual foi concedido o divórcio à minha ex-mulher em vez de uma sepultura. É uma pena que a igreja se recuse a me convidar de volta por causa disso. Franco, fale mais um, por favor", Maximo ordenou, virando-se para Gio novamente.

"Sempre esteja livre e pronto para a *Cosa Nostra*. Não é uma expectativa, mas uma obrigação. *La famiglia* é nosso dever constante, independentemente se nossas mães estão em seu leito de morte, ou se o nosso filho está nascendo."

Maximo sorriu severamente, olhando Gio de frente. "Faltou uma. Parece que ninguém quer falar essa. Gostaria de falar, ou vai deixar para mim, Giovanni?"

"Eu falo", Gio resmungou, recusando-se a quebrar sob seus nervos. "Tocar a esposa de outro homem é proibido. É, e sempre foi, punível com a morte ter casos com mulheres tomadas por homens de honra."

"Que desgraça", Maximo repetiu com um tom triste. Ele estendeu a mão para o lado. "É quase difícil de acreditar o quão bem você tem escondido seus defeitos, Giovanni. Dê-me a faca e a Santa, filho." Franco entregou os itens. "Levante-se e venha até mim, Cody."

Cody fez o que lhe foi dito, sem hesitar. Maximo virou a mão do garoto

e pressionou a lâmina da faca na palma da mão dele. Todo o tempo, Gio praticamente podia sentir os dois homens atrás dele respirando na parte de trás do seu pescoço, dando a ele a sensação assustadora de algo rastejando sobre sua pele.

"Os mandamentos regem a vida de um Mafioso, estão aí para proteger as nossas famílias e organizações enquanto nos obriga a estender a moral a um nível superior", explicou Max, fazendo um corte profundo em toda a palma da mão de Cody. Vermelho brilhante fluiu instantaneamente, mas Cody não vacilou. A faca foi atirada para a mesa, esquecida. "Elas são obedecidas e confiadas para manter nossos princípios fundamentais de respeito, honra e lealdade em todas as nossas ações. Quando elas não são seguidas, nem que seja por um só homem, a estrutura de uma família pode desmoronar. Você vai sempre confiar e obedecer a estes mandamentos, Cody?"

"Sempre", Cody ecoou.

"A cicatriz que permanecerá uma vez que esta ferida cicatrize servirá como um lembrete para você de quem você é e onde pertence agora", disse Maximo. Ele virou a palma de Cody de modo que o sangue espesso se reunisse no rosto da Santa em sua mão livre. Gotas salpicaram o chão. "Todas as mãos que você apertar, qualquer mulher que você tocar e todas as armas que você carregar, essa cicatriz estará sempre lá. Você vai senti-la constantemente. Deixe ela entrar no caminho apenas da *Cosa Nostra*. Fale o juramento de Omertà se é isso que você realmente quer e vamos assistir a Santa queimar."

Maximo passou a Cody a imagem de Santa Helena e então, começou a queimar o canto com um isqueiro que ele tirou do bolso. "Fale, Cody."

"A partir deste momento, eu juro minha respiração, meu sangue, meu ser para a *Cosa Nostra*, *la famiglia* — nossa coisa", Cody disse, segurando o

cartão, uma vez que rapidamente começou a queimar em sua palma. Apesar das chamas lambendo ao redor de sua mão, ele não deixou cair. "*Cosa Nostra* detém a minha lealdade, fé e todas as ações até o dia que for posto para finalmente descansar. Minha reputação é a minha vida e confiança da minha família. Estarei traindo a *la famiglia* por falar contra ela, ou desonrá-la, ou contar nossos segredos, minha carne e ossos vão queimar como o rosto desta Santa. Como devo fazer com o fardo das minhas ofensas."

"*Cu è surdu, orbu e taci, campa cent'anni 'mpaci*. Ele que é surdo, cego e mudo vai viver cem anos em paz", Cody terminou, as mãos em punho em torno das cinzas da santa. "Eu sou mafioso."

Sangue e cinzas se misturaram, caindo em uma pequena poça no chão.

"Franco?" Perguntou Maximo, levantando a mão novamente. A arma foi passada de pai para filho; Gio se manteve firme em seu lugar. "Faça como a *Cosa Nostra* exigiria, Cody."

"Nem tente correr", um dos homens por trás de Gio disse.

Por que ele faria isso? "Não vou."

Gio não se virou para enfrentar o cano do revólver preto, uma vez plantado em sua testa. Cody tinha que fazer o que tinha que fazer, e Gio não iria implorar por sua vida e tornar isso mais difícil para o garoto. Não que Gio fosse implorar se fosse outra pessoa.

Em vez disso, Gio encarou Franco, determinado a falar para que a bola fosse começar a rolar em seu favor. "Você se sentiu poderoso quando você a machucou, Franco?"

A mandíbula de Franco endureceu. "Ela merecia isso e muito mais."

"Foi antes de você saber. O mínimo que você pode fazer é admitir isso."

Você tem estado a um passo de espancá-la desde o primeiro dia. Diga-me, faz você se sentir como um rei bater nela e marcá-la por causa das suas inseguranças; machucá-la por causa das suas falhas? Porque essa é a única razão que eu posso imaginar de um homem colocar suas mãos em uma mulher."

Maximo suspirou, o primeiro sinal de sua irritação. "Chega, eu já ouvi o suficiente. Cody?"

O martelo do revólver foi puxado, ecoando direto para os nervos de Gio começando a parecerem fios vivos. Ficar dando voltas tinha terminado. Era hora de levar a sério e acabar logo com isso."

"Meu pai não me enviou para Vegas para examinar o negócio com os carros, Maximo", Gio informou suavemente, mas com firmeza. "Eu vou responder pelos meus erros, contudo, mas há coisas que você deve saber primeiro, porque você tem sido nada, além de bom para mim e minha família. Sem dúvida, eu desrespeitei Franco. Eu me recuso a pedir desculpas por isso. Você, no entanto, merece o meu remorso, da melhor forma que posso lhe dar."

A testa de Maximo franziu enquanto sentava novamente na beirada da mesa. "Se você está divagando para ganhar tempo..."

"Eu não estou."

"Pai..."

"Cale a boca, Franco", Maximo estalou sem sequer olhar para trás. "Fale, Giovanni. Seu pai, você disse. Comece a partir daí."

Gio balançou a cabeça, mas a língua parecia grossa na boca. De alguma forma, ele afastou a sensação ameaçando mantê-lo quieto. "Meu pai ouviu

algo que o incomodou, o que o fez me enviar para cá para ficar de olho no seu filho e nos seus homens com a desculpa do negócio."

"Ele não tem fé em mim?" Perguntou Maximo. "Ele não tem que interferir só porque ele é o líder de uma família dominante."

"De acordo com seu filho, a minha família está falhando e perdendo o poder. Você não ouviu? Os Sorrentos estão mais do que prontos para subir ao trono quando chegar o momento dos Marcellos caírem."

Resumidamente, o olhar de Maximo se estreitou antes de lançar um olhar por cima do ombro. "Você disse isso?"

"Não", Franco assobiou.

"Você é um maldito mentiroso, Franco. Você pode ligar para Antony, Maximo. A maioria das coisas que eu disser podem ser interpretadas como especulação, mas, com alguns telefonemas e um pouco de pressão do Don, bocas se abrirão como sempre fazem. Apesar disso, Antony estava a três metros de distância. Ele mesmo ouviu e, por causa disso, me enviou para cá."

"Para ver se minha família estava planejando alguma coisa", disse Maximo, o calor da raiva colorindo seu tom. "Ele não confia em mim, então."

"Não", Gio respondeu rápido e afiado. "Por que deveríamos ter medo quando os nossos números são maiores, mais fortes e melhores? Ele me enviou para descobrir a merda que Franco estava bolando para cima de você, Max."

Maximo não percebeu o deslize de seu nome ou o homem simplesmente não se importou. "Pra mim."

"As amizades são importantes para o meu pai. Ele as protege mesmo quando a outra metade não sabe que ele está fazendo isso. Além disso, se não

tivesse nada para encontrar, eu voltaria para casa sem você saber de nada e sem ter assolado sua família com suspeitas. Todo o respeito permaneceria da mesma forma."

"E se você tivesse encontrado alguma coisa?"

"Considere isso como um sinal da amizade dele", disse Gio.

"Você achou alguma coisa?" Perguntou Maximo, levantando o queixo para cima e de olho em Gio.

"Ele está divagando", Franco interrompeu, raiva direcionada sobre Gio. "Acabe com isso, Cody. Apresse-se. Estou farto de ouvir esse idiota do caralho."

"Claro que você está, Franco. E lembre-se do que eu disse sobre falar esses nomes." Gio não desviou o olhar de Franco quando ele disse, "Cody, para quem você vem trabalhando nestes últimos meses?"

Cody hesitou.

Gio sabia que tinha que andar com cuidado por causa de Cody. Ele não tinha a intenção colocar o garoto em problemas, mas ele ainda precisava da honestidade dele para que seu plano funcionasse.

"Pra mim", Maximo respondeu por seu mais novo recruta. "Sob as ordens de Franco diretamente, mas, inadvertidamente, ele tem trabalhado para mim."

"Isso não é tudo, porém", disse Gio. "Cody, quando solicitado, você deve sempre dizer a verdade. Nós protegemos a *Cosa Nostra* em primeiro lugar. Para quem mais você está trabalhando?"

Cody engoliu em seco. "Meu pai."

"Onde quer chegar?" Franco exigiu, começando a parecer um touro chateado bufando e praguejando. "Ele é filho do pai. Sim, claro que ele trabalha para o pai."

"Fazendo o que exatamente?" Maximo perguntou a Cody. "Eu tenho visto você correr por meses, assim como Franco. Eu não vejo como você tem tempo para ficar saltando entre as famílias para fazer negócios com ambos."

Cody não abaixou a arma, mas Gio não o culpou por isso. Não tinham mandado abaixar, afinal de contas."

"Isso importa?" Perguntou Franco, batendo a palma da mão sobre a mesa. "Neste momento, realmente é importante?"

"Qual é o seu problema?" Maximo girou nos calcanhares, dando as costas para o resto da sala. "Se você não calar a boca, eu vou colocar você para fora, Franco. Sente-se e fique quieto como eu sei que você pode fazer, mesmo que isso exija todo o esforço que você possui."

"Os carros", Cody disse antes de Maximo se virar para ele novamente. "Eu tenho trabalhado no esquema de carros para o meu pai."

Isso fez Maximo se virar estreitando os olhos. "O quê?"

"Porque ele tinha que fazer", Gio acrescentou rapidamente, querendo tirar a atenção negativa sobre Cody. "No começo, foi ideia de Cody, mas Nunz não tinha os meios que a família Sorrento tinha para ir em frente. No entanto, Nunz tinha os contatos certos para fazer isso funcionar. Não é isso, Franco?"

"Explique", Maximo trovejou.

"*Papà...*" Franco começou a dizer.

"Explique!"

Franco caiu na cadeira em silêncio e se recusando a falar.

"Cody?" Perguntou Gio.

O jovem fez uma careta. "Você não pode me culpar por querer uma família melhor, maior. Eu fiz o que tinha que fazer, e eu permaneci fiel a minha lealdade enquanto eu fazia isso. Franco deu, ao meu pai, os homens, espaço e contatos para fazer isso rolar. Eu fiz a minha parte — inclusive paguei ao meu pai sua parte por ter investido."

"*Dues...*" O rosto de Maximo se avermelhou. "É o meu negócio!"

"Não, era de Nunz", Gio disse calmamente. "Franco tem resolvido tudo, certo? Isso foi o que você disse na comissão. Você deu a ele espaço; você está deixando que ele aprenda a andar com as próprias pernas e sem segurar a mão de ninguém. Foi assim que ele fez isso. Usando outra pessoa de fora da família e da *Cosa Nostra*. Todo o tempo, ele manteve os valores reais escondidos de você, assim o dinheiro devido a Nunz poderia ser pago como precisava ser. Sem você saber, é claro."

"Eu gostaria de pensar que ele fez isso apenas pelo dinheiro. Porque ele é ganancioso e mentiroso. Mas, dadas às coisas que ele disse a minha esposa quando ele a bateu no chão como se fosse um cão, eu acho que há muito mais por trás disso", Gio terminou.

Maximo respirou fundo, os punhos cerrados ao lado do corpo. "O que ele disse a ela?"

Franco ficou de pé, a veia pulsando na testa dele visível. "Se você não vai matar esse filho da puta, eu vou."

"Mova-se, e eu farei Stephan cortar sua garganta", Maximo respondeu friamente.

Lá estava. O nervo que Gio estava querendo acertar. Ele decidiu puxar aquelas cordas um pouco mais. "Está claro agora que Franco estava de olho em Kim por mais tempo do que deixava transparecer. O incidente no cassino foram escolhas de merda e uma circunstância ruim, mas o conhecimento dele sobre a vida dela, amigos, até mesmo os tipos de roupas que ela preferiu era algo que precisa de tempo para aprender. E, com certeza, ele poderia ter aprendido depois, exceto pelo fato de ele gritar para ela que tinha estado observando-a por um longo tempo. Quem eram os homens em sua casa quando você bateu na minha esposa, Franco?"

Franco não iria responder, mas Maximo fez por ele. "Dois dos meus capos discutindo negócios. Eles trouxeram o incidente a minha atenção, e eu planejava lidar com isso de forma privada para que não acontecesse novamente. Por quê?"

Gio assentiu. "Outras duas testemunhas ao lado de Cody ouviram as coisas que Franco disse. Outro telefonema para você fazer, Maximo. Verifique e vá mais a fundo. Eu não sabia que você estava doente. Minhas condolências."

A testa de Maximo franziu. "Doente?"

"O que foi mesmo que Franco disse a Kim quando ela estava cuspiendo sangue no chão, Cody?" Perguntou Gio.

Do canto do olho, Gio viu o dedo soltar o gatilho quando Cody disse: "Casar-se com minha irmã iria garantir seu assento como Don quando seu pai morresse. Foi mais ou menos isso, de qualquer maneira."

"O que mais?"

"Que ele planejava acabar com ela. Quanto antes, melhor."

"Falar demais na hora da raiva parece inocente o suficiente", Gio murmurou, mantendo seu olhar em Maximo. "Só que era muito específico para ser pensado como ambíguo. A única coisa que sua declaração à minha esposa me leva a acreditar é que ele acha que você vai morrer logo, por algum motivo. Você parece um homem saudável e, de modo algum, cansado desta vida para renunciar. Então, você deve estar doente e escondendo isso muito bem. Eu não tinha percebido. Mais uma vez, as minhas condolências."

"Eu não estou doente", disse Maximo soando distante.

"Você estava exigindo que Franco sossegasse e se casasse?" Perguntou Gio.

"Isso não é da sua conta", Franco latiu.

"Não", Maximo disse, ignorando seu filho. "Foi inteiramente escolha dele se casar com Kimberlynn, e não foi uma que eu particularmente concordei."

"Porque você sabia que era forçado."

"Isso, e eu não exatamente adoro o pai dela. Eu não queria que o homem pensasse que ele poderia se enfiar no meu negócio porque os nossos sangues estavam se misturando."

"No entanto, já estavam antes mesmo que o noivado acontecesse", explicou Gio, preenchendo os espaços em branco. "Kim era simplesmente a cola para tudo, não é, Franco? Ela deu a você uma desculpa viável para que Maximo confiasse sua comunicação com Nunz e o trabalho com Cody. E ele não iria questioná-lo sobre isso porque você estava indo bem. Mas ele não estava, estava, Maximo?"

A mandíbula de Maximo apertou, mas Gio continuou dizendo: "É por

isso que você me pediu para ficar aqui mais tempo, porque você não confia nele."

"Ficar?" Perguntou Franco, sua voz ficando mais baixa.

Gio não lhe deu atenção. "Ele é seu filho, com certeza, mas o sangue não faz diferença para a *Cosa Nostra*. Você não entendia por que sentia que algo estava errado e estava farto das birras infantis e natureza mimada dele, mas era mais do que isso. Como meu pai fez quando ouviu o que estava acontecendo de Nova York. Você sabe, Maximo. Estou apenas te dando uma razão para cavar um pouco mais."

"Cody", Maximo disse calmamente, atraindo a atenção do homem mais jovem.

"Sim, chefe?"

"Pode confirmar o que ele está dizendo?"

"Mais ou menos", Cody respondeu, dando de ombros. "Suas especulações são tão boas quanto as minhas. Mas eu não tenho acesso aos pensamentos de Franco, e ele não discutiu qualquer coisa do tipo comigo. Eu sei o que ele disse para minha irmã e como ele a tratava; eu sei como ele usou os meus planos para seu próprio ganho e trouxe meu pai silenciosamente para o negócio. Suas ideias para além disso são só dele."

"Eu não duvido", Maximo disse solenemente.

"Isso é mentira!"

"Franco, você está pisando em gelo fino com essa sua gritaria", o Don avisou. "Mais alguma coisa, Giovanni?"

"Franco é manipulador, abusivo e acha que tem direitos. Você está bem ciente dos defeitos dele. Foi você que os revelou para mim. Ele te deu todos

os motivos para estar descontente e desconfiado dele, e um pouco mais."

"Assim como você", Maximo afirmou.

"É verdade, mas eu já admiti o meu. Ele pode fazer o mesmo? Eu duvido." Gio suspirou, deixando o ar sair lentamente quando ele disse, "Eu desrespeitei você e sua casa e, por isso, lamento, Maximo. Mas ela era minha muito antes de ela ser dele, e ele não tinha o direito de tentar levá-la para começar. Se você quer me matar por minhas transgressões, você está livre para fazer isso. Eu aceito isso, mas você sabe muito bem sobre a cobra esperando para morder seus pés enquanto você faz isso."

"Vá se foder!" Franco gritou de seu lugar atrás da mesa. A raiva finalmente transbordou. Gio poderia vê-la na contração na bochecha de Franco e na escuridão de seus olhos. Em uma fração de segundo, Franco estava saltando sobre a mesa em direção a Gio com as mãos fechadas em punhos prontos para atacar. "Eu vou te matar!"

Antes que Gio pudesse reagir ao ataque se aproximando, Maximo se moveu em um movimento fluido. A arma foi tirada das mãos de Cody e apontava na direção oposta de Gio, bem entre os olhos de Franco. Ele parou com os olhos arregalados que escorriam medo.

"Cale a boca, seu idiota", Maximo rosnou para seu filho, o dedo enrolado em volta do gatilho. "Sente-se, ou eu vou acabar com você. Agora, Franco. Não me faça falar de novo."

"Papà..."

"Eu não sou seu pai aqui. Eu sou o Don. Sente-se." Lentamente, Franco fez o que lhe foi dito. Os ombros de Maximo estavam rígidos com sua fúria. Um tremor apareceu em seu corpo, embora sua mão segurando a arma estivesse firme. "Cody, por favor, escolte Giovanni de minha propriedade."

Gio piscou, sem saber o que ele acabara de ouvir. "O quê?"

Aparentemente, Cody também não acreditava. "Chefe?"

"Tire ele da minha casa e da minha propriedade. Chame um táxi, ou dê a ele um carro para tirá-lo daqui logo. Eu não me importo. Depressa, antes que a pouca paciência que eu tenho se vá."

Gio não precisava de mais incentivo. Ele sumiu da sala rapidamente, empurrando os dois executores chocados. Cody estava atrás dele, suas botas deixando para trás ecos enquanto ele andava rapidamente ao longo do corredor e descia uma escada. Era o único barulho na casa até que um quebra-quebra soou do andar de cima.

Gio não parou para ouvir os gritos. Ele não se importava com o que aconteceria com Franco, agora.

"Teria feito isso, me matar, eu quero dizer?" Gio perguntou a Cody enquanto o homem mais jovem o acompanhava pelas escadas até a porta da frente. "Mesmo sabendo que eu estava dizendo a verdade?"

"Sim." Cody deu de ombros. "Desculpe."

Gio sorriu, acenando com a cabeça. Ele também faria. "Não se desculpe. Isso é bom."

Cody parou abruptamente. "Como que isso é bom?"

"Porque, se fosse você ou eles, sempre escolha você, Cody. *Sempre*. Isso é *Cosa Nostra*. É como esta vida rola, e eu estou bem ciente disso. Porra, eu vivo por ela. Continue seguindo as regras e você vai ficar bem. Max precisa de um novo iniciante. Eu não posso vê-lo confiando em um monte de pessoas ao redor dele agora. Se ele levar em conta sua honestidade, como eu acho que ele vai, você já estará na frente de todos os outros."

Cody pigarreou, mudando o peso de um pé para outro, como se ele estivesse desconfortável. "Você não escolheu você."

"Como assim?"

"Minha irmã. Você escolheu ela, não você."

Gio riu. "Não, você entendeu errado. Eu escolhi nós. Kim e eu, somos um time na vida. O amor faz com que funcione dessa maneira. E eu vou sempre nos escolher.

* * *

Gio verificou o relógio do painel sobre o táxi, notando a hora tardia. Ele ligou para o pai no aeroporto pouco antes de entrar no avião e, novamente, quando ele saiu. Antony queria enviar um carro ou vir buscar o seu filho, mas Gio recusou. A longa viagem lhe daria um espaço muito necessário para pensar em torno de tudo o que aconteceu.

O táxi parou perto o suficiente para permitir que Gio falasse no alto-falante no portão da entrada. Gio se aproximou da janela e clicou no botão apropriado para iniciar o processo de abrir o portão que levava à casa de seus pais.

Gio digitou o código e esperou que o portão se abrisse. Quando o fez, o motorista de táxi passou pela entrada e parou. "Você quer parar aqui, ou você quer que eu o leve até lá em cima?"

"Aqui está bem", disse Gio.

"Tem certeza? É uma longa caminhada e está frio pra caramba esta

noite."

Apenas dez minutos do portão à porta. Deus sabia que Gio tinha andando o suficiente por esse caminho em sua vida, especialmente quando seu pai estava chateado com ele quando era adolescente e tomava a chave do carro. A pior punição para Gio era mantê-lo confinado, e Antony sabia disso.

"Está bem, realmente."

Gio procurou seu cartão de crédito e pagou o taxista. Ainda bem que os homens idiotas de Max não tinham exigido sua carteira junto com seu celular e arma. As chances eram de que eles o deixassem ficar com ela para que fosse uma forma de identificar o seu corpo quando ele fosse encontrado.

Ele precisava levar sua mente para longe de pensamentos mórbidos, Gio saiu do táxi levando as duas bolsas com ele. Outra coisa que os idiotas tinham esquecido — as coisas que ele deixou no carro alugado no aeroporto de McCarran.

Gio levou o seu tempo caminhando até a entrada, sabendo que as pessoas dentro da casa já haviam sido alertadas para a sua entrada a partir do sistema de segurança. Ele estava com frio, mas não era ruim. Neve rangia sob seus pés. Havia talvez alguns centímetros cobrindo o terreno. Com as bolsas a tiracolo, ele torceu a aliança de casamento no dedo, refletindo sobre os acontecimentos do dia e quão diferente sua vida ia ser agora.

Ele estava bem com isso.

Muito bem.

Ele era estúpido e imprudente? Sim, mas Gio compreendia os riscos como ninguém. Estava quase sempre inclinado a seu favor.

"Gio!"

Ele levantou a cabeça ao ouvir a voz familiar de sua esposa chamando seu nome. Ele tinha estado tão preso em seus pensamentos que não tinha percebido o quão rápido ele andou por toda a entrada. Estava escuro como o inferno, uma vez que era bem depois da uma da manhã, mas a luz que entrava pela porta da frente iluminava a figura de Kim em um halo de luz.

Instantaneamente, Gio sorriu. Cristo, ele não tinha percebido o quanto sentia falta dela apenas por terem sido separados pela metade de um dia, mas ele sentia. Loucamente.

Kim não hesitou em descer voando os degraus da entrada da mansão. Gio soltou as bolsas de seu ombro quando começou a correr para encontrá-la no meio do caminho. Ela pulou em seus braços abertos, fazendo recuar um passo ou dois. Gio conseguiu manter o equilíbrio quando as pernas dela enrolaram na cintura dele e seus lábios se encontraram.

Gio caiu de bunda no chão cheio de neve, segurando apertado o rosto de Kim com as mãos. Ele a prendeu no lugar, beijando-a, saboreando-a como podia, no espaço silencioso, frio e escuro. Ele ansiava estar tão perto dela, sabendo que ela era dele e sempre seria.

"Te amo, te amo, te amo", Gio cantou quando Kim suspirou através de seus beijos sendo pontilhados na mandíbula dela. "*Dio*, como eu te amo, *Tesoro*."

"Nunca mais", Kim sussurrou ferozmente. "Prometa-me, Gio."

"Nunca", disse Gio, rindo, antes de beijar a boca doce dela mais uma vez.

As luzes da entrada dos carros e da frente da casa de repente foram acesas, banhando toda a área em um brilho tão forte quanto a luz do dia. Gio não se importava que assistissem, ele continuou segurando e beijando sua

esposa o tempo todo.

Capítulo Vinte e Dois

"Eu não sabia que você estava vindo de Vegas esta noite", Dante disse ao seu irmão, olhando para Kim. "Seja lá que porra for isso, é melhor que seja bom o suficiente para me tirar da cama, você sabe. Estou cansado demais para as suas besteiras."

Giovanni pigarreou, sorrindo. "Foi coisa de última hora. Eu não vou voltar por um tempo."

Antony bufou atrás de sua mesa sem sequer se preocupar em tirar os olhos dos papéis que estava examinando. "Acho que podemos dizer com segurança que Giovanni jamais voltará para Vegas e qualquer negócio que ele tenha por lá será resolvido através de terceiros."

"Oh, por quê?" Dante tirou o paletó e o jogou sobre as costas de uma cadeira antes de dar a Lucian um tapa nas costas. "Por onde você andou, cara? Deveríamos nos encontrar para jantar no Cazza."

"Jordyn me ligou depois que ela veio falar com o pai sobre a agenda dele da próxima semana. Eu pensei que alguém tinha ligado para você também."

Dante levantou uma sobrancelha. "O que eu estou perdendo aqui? Eu suspeito que tem algo a ver com a filha de Nunz estar aqui, e não em Vegas. Não era você que ia se casar com o filho de Max?"

Como ele sabia disso? Kim não teve a chance de perguntar.

"Como diabos você sabe quem ela é?" Perguntou Giovanni.

"Olhe a boca, Gio", Cecelia o repreendeu.

Kim se sentiu estranha. Quatro das pessoas na sala ela tinha acabado de conhecer. Apesar disso, ela não conhecia Dante. Estas pessoas eram a sua família agora, ela se recordou, mas isso não fez seu desconforto desaparecer.

"Eu tive que ir para Vegas há alguns anos para lidar com Nunz para o pai." Dante deu de ombros quando ele se recostou em uma cadeira. "Eu a vi por perto. Melhor saber quem são as filhas primeiro, Gio. Dessa forma, você não vai mexer onde não deve e não vai acabar engolindo balas por ir atrás da mulher errada."

Antony riu. Cecelia bateu em seu ombro em resposta.

Kim fez uma careta para seu novo cunhado. "Uau. Obrigada."

"Ei, ele está certo", Lucian murmurou baixinho. "Se ele seguisse essa ideia, Gio não teria se metido nessa confusão em primeiro lugar."

"Não fale *ei* para ela, Lucian, ou eu vou arrancar seus malditos dentes. Não tem mais confusão", Giovanni disse com firmeza. "Está tudo bem. Eu cuidei disso. Cai fora."

Lucian encolheu os ombros. "Só estou dizendo. Ele estava certo."

"Pare com isso, Lucian", Jordyn disse ao marido. "Não é uma boa hora."

Dante olhou para Giovanni. "Que bagunça?"

Giovanni cruzou os braços. Kim não gostava de para onde isso estava indo. "Vegas foi divertido, quase me matou. Obrigado por perguntar."

"Isso não é nada novo. Que porra de bagunça, Gio?"

Antony limpou a garganta, ganhando a atenção da sala. "Dante, calma."

"Não, eu quero saber o que está acontecendo aqui", Dante respondeu. "Se não é com Gio, é com outro. Problema atrás de problema."

"Não há problema", Giovanni rosnou. "Está tudo resolvido."

"Você soa como um disco quebrado. Por que ela está aqui?" Perguntou Dante, apontando para Kim. "Olá, a propósito."

Kim não se preocupou em esconder sua irritação quando disse: "Oi."

"Isto não está indo bem", disse Cecelia a Antony calmamente.

"Deixe eles", ele respondeu soando quase entediado. "Eles vão resolver ou lutar, como eles sempre fazem."

Ótimo. Todos os três irmãos pareciam cobras se preparando para avançar e atacar. Kim não podia deixar de se perguntar se isso era uma ocorrência regular ou apenas um evento incomum.

"Ela não está noiva de Franco?" Dante perguntou, inclinando o queixo na direção de Kim. "Da última vez que verifiquei, ele ainda estava em Vegas. Ela claramente não está."

Giovanni pareceu ficar ainda mais chateado com essa pergunta. "Como você sabia que ela era a pessoa que Franco estava noivo?"

"Nunz tem apenas uma filha, Gio. Eu sabia do que Max estava falando na comissão. Você não respondeu a minha pergunta. Por que ela está aqui?"

"*Ela* tem nome", Kim perdeu a cabeça, finalmente brava o suficiente para falar mais alto. "E você pode perguntar a ela."

Dante se endireitou um pouco em sua cadeira, observando Kim com um pouco mais de curiosidade do que antes. "Não quero ser idiota ou nada assim, princesa, mas aqui não é Las Vegas. Nós não estamos na sua casa, então por que você está envolvida nessa conversa, eu não tenho a menor ideia."

"Ela está aqui porque ela é minha *esposa*", Giovanni respondeu

rangendo os dentes.

"E é bom você se lembrar disso na próxima vez que você estiver todo esquentadinho", acrescentou Cecelia de trás da mesa. "Você não vai desrespeitar uma mulher nesta casa, Dante. Certamente, não uma das esposas de seus irmãos."

A mão de Giovanni nas costas de Kim cerrou. "Peço desculpas."

A boca de Dante abriu quando ele olhou entre sua mãe e Giovanni. "O que você acabou de dizer?"

"Eu pedi desculpas a minha esposa."

"Sua esposa", Dante assobiou. "Ela é noiva de..."

"Não diga o nome desse bastardo de novo", Giovanni o cortou, encarando seu irmão. "Ela é minha esposa, ponto final."

"Quando isso aconteceu? Eu não vou gostar disso, eu vou?" Perguntou Dante.

"Não", Lucian soou de seu lugar contra a parede.

"Quando terminou o seu noivado com Franco?" Perguntou Dante, passando rapidamente o olhar para Kim.

"Ontem", respondeu Giovanni.

"E quando você se casou com ela?"

"Ontem à noite."

Por um longo tempo, Dante não disse nada, só observou seu irmão. Kim entendeu que havia muita coisa acontecendo que ela não conseguia ver. Havia regras que todos eles deveriam seguir. Giovanni tinha as quebrado. Era ruim para a família Marcello.

"Você é um idiota", disse Dante baixinho, se levantando da cadeira.

"Vá para o inferno", Giovanni murmurou.

"Não, é sério. Como você conseguiu sair de Vegas vivo?"

"Sendo cuidadoso."

Dante se virou para o pai, franzindo a testa. "Isso é só... Você está bem com o que ele fez?"

Antony arqueou uma sobrancelha. "Você quer que eu fique chateado por ele estar feliz e vivo?"

"Não foi isso que eu disse."

Giovanni suspirou. "Acabou. Deixe isso para lá."

"Franco está morto, ou Max?" Dante perguntou, o sarcasmo escorrendo.

"Não", disse Giovanni. "Eu diria que terminou mais como uma trégua, para mim, de qualquer maneira."

"Então não acabou. Temos de nos sentar na frente deles na comissão todo maldito ano, Gio! Deve ter sido divertido brincar com isso. Obrigado. Você acabou de fazer a próxima década da minha vida um inferno na Terra. Quando você não puder ir, papai vai ter que ir. E, quando ele não puder, quem diabos vai ter que lidar com isso, então? *Eu*."

"Nós podemos seguramente assumir que Gio não será mais bem recebido nas reuniões por algum tempo", insistiu Antony. "Ele vai manter a paz ficando longe."

"Como se isso fizesse diferença", Dante respondeu. "Vai ficar ruim para todos os Marcellos por muito tempo, e você sabe disso."

"Que seja", Antony falou lentamente, voltando à sua expressão

entediada. "Nós somos uma família em primeiro lugar. Nós queremos permanecer juntos e apoiar uns aos outros como uma frente unida ou vamos ficar apontando os dedos enquanto desmoronamos? Faça a sua escolha, Dante."

Dante cerrou os dentes. "Isso é injusto. Ele realmente estragou tudo desta vez e não é algo que pode ser varrido para debaixo do tapete."

"Estou ciente. Nós vamos lidar com isso."

"Teve algo de bom nisso", Cecelia disse suavemente. "Gio encontrou alguém que ele ama. O resto vai dar certo. É sempre assim."

"Isso é verdade", Antony concordou. "Nós sempre superamos nesta família."

"E — Cecelia disse, a mão descansando no ombro de seu marido — é um bom momento para dar outra festa para os Marcellos. Recuso-me a agir como se este casamento fosse algo que deveria trazer vergonha para nós. Não é assim. Vai ser bom celebrar isto, juntamente com a notícia de Lucian e Jordyn também."

Dante piscou para a mãe, confuso. "Que notícia?"

Desta vez, foi a vez de Lucian parecer desconfortável. O irmão mais velho esfregou a parte de trás do pescoço, olhando para o chão. Até mesmo Giovanni parecia confuso ao lado de Kim, esperando Lucian falar.

"Nós estamos grávidos. Jordyn está com doze semanas. Nós queríamos esperar até que Gio estivesse de volta antes de anunciarmos. *Mamma* descobriu um par de semanas atrás e contou para o pai, mas eles mantiveram em segredo por nós."

Giovanni foi o primeiro a falar, sorrindo amplamente. "Sério?"

Lucian riu, dando a sua esposa um olhar cheio de adoração. Sua emoção era palpável. Kim não entendia por que ele parecia tão nervoso para anunciar a gravidez antes. "Sério. Louco, né?"

"Parabéns", disse Giovanni. "Não demorou muito."

"Gio!" Kim advertiu.

"Bem, não demorou mesmo."

"Está tudo bem, Kim", disse Jordyn, rindo. "Agora estou acostumada com o fato de que ele não tem praticamente filtro algum."

Kim levou um minuto para perceber que ainda havia um irmão na sala que não tinha falado nada em relação ao anúncio da gravidez. Ela não parecia ser a única. Quando o resto da família se aquietou, todos os olhos se voltaram para o segundo mais velho irmão Marcello.

"Dante?" Perguntou Lucian, voltando para o seu nervosismo anterior.

Sem uma palavra, Giovanni deslizou o braço em volta da cintura de Kim e a puxou para o seu lado. "Vamos, *Tesoro*. Eu imagino que você ainda não tenha feito um tour adequado da casa."

Giovanni tinha acabado de tirar Kim do escritório quando ela finalmente ouviu Dante falar novamente.

"Sim, parabéns, cara. Isso é ótimo."

Nem um segundo depois, Dante estava fora do escritório, fechando a porta atrás dele e passando por Giovanni e Kim no corredor. Isso só a deixou mais confusa do que nunca. Ele era realmente tão idiota que não poderia estar feliz por seus irmãos?

"O que foi isso?" Kim perguntou a Giovanni.

Giovanni fez uma careta na direção que seu irmão tinha desaparecido. "Isso foi Dante sendo lembrado de que ele está em uma posição semelhante a Franco e não pode ter o que quer. Ele não gosta de ser lembrado."

"Mas o bebê... isso é uma coisa boa, certo? Por que ele não estaria feliz por eles?"

"Outra coisa que o faz lembrar do que não pode ter", Giovanni respondeu vagamente.

* * *

Kim se viu explorando a extensão da mansão Marcello sozinha. Giovanni a tinha levado para um passeio na propriedade antes de deixá-la na biblioteca dizendo que ele precisava lidar com algo em particular.

O ruído proveniente de um andar abaixo chamou sua atenção, e ela o seguiu até que chegou a um conjunto de portas francesas que não estavam totalmente fechadas.

Os sons que ouvira eram gritos. Gritos do tipo irritado. Kim não tinha visto ninguém depois da reunião no escritório de Antony mais cedo e pensou que os outros dois irmãos deveriam ter ido para suas respectivas casas. Claramente, ela estava errada.

Empurrando as portas para se abrirem um pouco mais, Kim pôde ver o espaço além delas, algum tipo de academia. Não excessivamente grande, porém mais do que suficientemente grande para um monte de equipamentos e um tatame grande instalado para boxe. Ela desejou que os meninos estivessem apenas treinando.

Em vez disso, Giovanni e Dante usavam equipamentos de boxe e estavam frente a frente sobre o tapete. Lucian estava de lado, usando calça de moletom e uma camiseta, observando. Uma mancha avermelhada que não tinha estado lá mais cedo coloria sua bochecha direita. Kim adivinhou, em algum momento, que ele deveria ter lutado também.

Por que eles estavam lutando?

Ela não conseguia entender os gritos para saber o que diabos estava acontecendo.

"Kim?"

Ela se virou rapidamente ao ouvir a voz de Jordyn.

"Você sabe que eles estão..."

"Sim", Jordyn interrompeu suavemente. "Como Antony disse anteriormente, eles vão resolver ou lutar. Eu prefiro esta opção."

"Por quê?" Perguntou Kim horrorizada. "Eles estão se batendo."

"Porque eles não conseguem se comunicar direito quando se trata um do outro. Se eles tentarem conversar sobre isso, todos nós sofreremos por semanas. acredite em mim. Eu preferiria muito mais que a mente de Lucian esteja onde ela precisa estar do que saber que ele está se preocupando com a briga que teve com seus irmãos. Melhor deixá-los lutar e terminar assim. Eles, provavelmente, ficarão por lá até de manhã."

Cristo, já era manhã!

"Eu deveria deixar Gio fazer isso?"

"Por que não? Sério, amanhã de manhã, eles vão estar felizes e brincando sobre isso. Talvez com um par extra de contusões. Se você acha

que Cecelia não se importa, ela se importa. Foi ela que exigiu que os tapetes fossem colocados para que eles parassem de amassar suas flores do lado de fora quando eram adolescentes."

"Mas..."

"Escute, se você está preocupada com Gio acabar sem os dentes, isso é inútil. Gio aguenta. Ele é o mais jovem dos três e precisava aprender rapidamente como aguentar ou melhorar. A propósito, Dante não é tão ruim quanto parece. Dê a ele outra chance. Deixe que ele peça desculpas e aceite graciosamente quando ele conseguir tirar cabeça da bunda. Hoje foi apenas um dia ruim para ele, eu acho. Isso é o que a família faz — nós perdoamos. E esta é a melhor família."

"De qualquer forma, — disse Jordyn, acenando para as portas francesas, como se o que estava acontecendo por trás delas não a incomodasse nem um pouco — estou me sentindo enjoada de novo. Foi por isso que eu acordei e, quando Lucian não estava na cama, eu sabia onde encontrá-lo. Os homens Marcello são previsíveis quando se trata um do outro. Você vai aprender. Eu acho que vou pedir Cecelia para me fazer um chá de gengibre. Quer um pouco?"

Chá, Sérico?

Chá.

Jesus. Kim assentiu. Por que não?

"Certo. Chá soa bem."

* * *

Kim gritou no topo de seus pulmões quando algo preto e marrom com um rabo curto e grosso entrou na cozinha, derrapando nas quatro patas quando tentou parar antes de bater nos armários. A bola de pelos e músculos saltou e rolou pelo chão como se estivesse tendo uma convulsão.

"Vira-lata doido", disse Giovanni rindo, vindo atrás da grande criatura. "Saia da cozinha antes que Cecelia te veja e pegue o frasco de esguicho."

Kim assistiu em fascinação mórbida quando a criatura trotou para fora da cozinha. "O que diabos era isso?"

Giovanni levantou uma sobrancelha, sorrindo. "Certamente você já viu um cachorro antes, *Tesoro*."

"Isso não é um cachorro! Isso é uma besta, Gio!"

Giovanni riu como se ela estivesse sendo ridícula.

"Pare de rir de mim", Kim murmurou. "Isto não é engraçado. A boca dele, provavelmente, poderia engolir metade do meu rosto. Você viu o tamanho daquilo? Os cães não são tão grandes."

A maldita coisa parecia ter, pelo menos, uns duzentos e cinquenta quilos.

"Ele é um pouco grande para sua raça mesmo. O veterinário diz que é uma coisa genética, mas ele é saudável, apesar de tudo. O coração dele aguenta seu tamanho. Cain é bom. Treinado. O que está errado?"

Além de seu coração estar em na garganta?

Oh, nada. Nada mesmo.

"Quem é... aquela *coisa*?"

"Ele não é uma coisa, Kim. Cain é um Rottweiler de dois anos de idade. E ele é meu. Por quê?"

Eles estavam em Nova York por dois dias e ninguém tinha mencionado o fato de que Giovanni tinha um cachorro — uma besta, essa... coisa. Seja o que for.

"Os cães não devem ser tão grandes", ela disse, a voz baixa. "Jesus, você poderia ter me avisado, Gio."

"O que, ele é assustador porque ele não cabe em uma de suas bolsas?" Giovanni riu novamente. "Cain é um bebê, a menos que alguém brigue comigo. Então, ele se transforma em um show de horrores sobre quatro patas. Sério, ele é um bom cão."

Kim ainda estava cética, e isso deve ter aparecido em seu rosto porque Giovanni suspirou quando ele deslizou entre o local onde ela estava sentada na cadeira e a mesa. Se inclinando, ele a prendeu em seu lugar, colocando ambas as mãos nos braços da cadeira e encontrando seu olhar.

"O que está errado, *mia bela*?"

"Você não me disse que tinha um cão", Kim disse calmamente.

Ela não estava muito certa sobre por que a incomodava, mas incomodava. Era outro lembrete de que ela e Giovanni não tinham tido tempo suficiente para conhecer um ao outro corretamente.

"O assunto não surgiu", ele respondeu no mesmo tom. "Você não gosta de cães ou o quê?"

"Eu não me importo com eles quando eles são animais peludos não gigantes que me assustam pra caralho."

"Animais peludos? Ele é um cão de pelo curto."

"Tudo o que eu vi foi pelo quando ele entrou aqui correndo como o diabo corre da cruz."

"Ah", Giovanni demorou. "Ele derrapou um pouco. Peço desculpas antecipadamente por isso."

Kim cruzou os braços apoiando-se na cadeira. "Ele é o seu cão, Gio."

"Eu acabei de dizer isso", disse Giovanni parecendo confuso.

"Exatamente. Seu. Eu não vou sair limpando atrás dele. Fico feliz que esclarecemos isso."

"Então você não liga para ele?" Perguntou Giovanni com um sorriso. "Eu posso ficar com o *meu* cachorro? Porque agora, ao seu lado, ele é o segundo amor da minha vida. Eu tive bastante dificuldade em deixá-lo para trás quando eu fui para Vegas."

Bom Deus. Ele era como uma criança quando queria ser. Kim não poderia deixar de sorrir.

"Tanto faz. Fique com o seu vira-lata. Só estou dizendo que um pequeno aviso teria sido bom."

"Honestamente, simplesmente não surgiu. Não houve tempo de falar com você sobre o meu cachorro mimado que acha que é dono de tudo na minha geladeira. Isso realmente era tudo o que estava errado?"

"Não. Bem, sim, mas não", disse Kim.

A testa de Giovanni franziu. "O quê?"

"Nós realmente nos conhecemos?"

"De novo, o quê? Isto parece ser algo mais do que Cain."

"Eu deveria ser sua esposa, mas eu sinto que há muito sobre você que eu não sei."

"Oh", disse Giovanni. "Diga-me o que você quer saber."

A irritação de Kim aumentou. "Não é assim que funciona, Gio. As pessoas aprendem coisas sobre as outras pessoas ao longo do tempo. Não em um interrogatório em uma mesa da cozinha. Qual é."

"Você acha que nós somos incompatíveis?" Perguntou Giovanni.

"Não."

Não, claro que não. Se houvesse alguma coisa que Kim tinha certeza, era que eles funcionavam. De alguma forma. Às vezes, era provavelmente um pouco louco, ou certamente seria, mas funcionava.

"Você não sabe que eu te amo?"

"Sim", respondeu Kim instantaneamente. "Por que está perguntando isso?"

Giovanni deu de ombros, fechando o pequeno espaço entre eles. "Porque você está pirando por nada. Afinal, você mesmo disse, *Tesoro*. As pessoas aprendem coisas ao longo do tempo. E nós temos a eternidade para aprender. Tudo começou no momento em que você aceitou o meu sobrenome."

"Você acha que vai ser fácil para nós?"

"Não. Acho que, às vezes, você vai desejar conhecer um bom lugar para esconder um corpo."

Kim bufou baixinho. "Impressionante."

"Não significa que você vai me amar menos", Giovanni acrescentou com uma piscadela. "Não há nada que eu tenha mais certeza em toda a minha vida do que você, Kim."

"Muita lábia."

"*Mamma* sempre disse que eu era o mais charmoso dos três."

"Está mais para o difícil", Kim brincou.

"Isso também." Giovanni suspirou, seu olhar se afastando de Kim quando ele disse, "Então, eu queria te avisar sobre um par de coisas."

"É mesmo?"

"Sim. Antony recebeu um telefonema esta manhã. Um corpo foi encontrado na madrugada de ontem e identificado logo depois em Vegas."

Kim franziu o cenho. "Quem era?"

"Franco", Giovanni disse suavemente. "Como eu pensei que iria acontecer, Maximo deve ter cavado um pouco mais os segredos de seu filho. O que quer que ele tenha encontrado, ele não gostou. As mãos de Franco foram cortadas e havia notas de um dólar enfiadas em seus bolsos."

"Deus, *por quê?* E por que você está me contando isso?"

"Eu sei que é horrível, e você provavelmente poderia ter ficado sem essa informação, mas achei melhor você ouvir isso de mim e não de outra pessoa acidentalmente. Para quando você ouvir de outra pessoa, você seja capaz de reagir adequadamente à notícia. Ok?"

Kim assentiu com a cabeça, mas ela ainda não entendia. "Você não respondeu minha pergunta."

"Mãos removidas geralmente significa um ladrão. O dinheiro nos bolsos explica o que ele roubou o que não pertencia a ele."

"Mas como ele morreu?"

Giovanni fez uma careta. "É algo que você quer saber?"

"Eu podia ouvir de outra pessoa." Perguntou ela de volta.

"Certo", disse Giovanni. "As mãos dele foram removidas depois da

morte, aparentemente. O meio da morte foi à perda de sangue da sua língua que tinha sido cortada."

Jesus.

Kim se sentiu fraca. "Quem ligou para o seu pai?"

"Maximo." Giovanni segurou a bochecha dela, seu polegar varrendo onde estavam todos os hematomas que desapareceram. "Mesmo no assassinato, nós corrigimos erros por uma questão de respeito. A língua, a ligação... foi a maneira de Max pedir desculpas ao meu pai e a você."

"E você?"

"Max me deixou viver, Kim. A vida dele pela minha. Ele não precisa dizer nada para mim porque não é necessário, e eu, com certeza, não esperava isso. Eu também quero que você esteja ciente de que outro corpo pode aparecer se Maximo continuar a cavar até encontrar o que está procurando."

O coração de Kim parou por uma fração de segundo. "Cody, não."

"Não, eu acho que está mais para o seu pai."

"Oh." Bem, isso mudava tudo. Kim sabia que era muita frieza não ter empatia pelo homem que ajudou a dar a vida a ela, mas ela não sabia como sentir qualquer coisa por Nunz. "Deixe ele procurar, Gio."

Giovanni se inclinou pelo caminho restante e pegou a boca de Kim em um beijo que começou suave e lento, mas rapidamente se aqueceu. Calor começou em sua cintura, descendo quanto mais ele a beijava. Ela podia sentir a aliança de casamento no dedo dele pressionando seu queixo enquanto a beijava com mais força. Ela cantarolou um som contente quando ele se afastou, deixando um caminho de beijos ao longo de sua bochecha e até a testa.

"Estamos bem?" Perguntou Giovanni.

"Chegando lá."

"Perfeito." Outro beijo foi colocado no canto da boca dela, fazendo com que seus lábios se levantassem num sorriso. "Amo você, *humm*?"

"Amo você."

"Desculpe interromper", veio uma voz da entrada da cozinha.

Kim ficou tensa imediatamente com a intrusão de Dante. Ela não o tinha visto desde a primeira noite em que chegou, e ele não tinha dito adeus a ela quando foi embora. Não era como se ela esperasse que ele fizesse isso também. Independentemente disso, Kim não estava inteiramente satisfeita em tê-lo perto dela agora. Ela não estava interessada em ouvir mais uma rodada das besteiras que saíram da boca dele.

Giovanni lhe ofereceu um sorriso hesitante. "Seja legal, *Tesoro*."

"Vou ser", ela respondeu baixo demais para que Dante pudesse ouvir, embora nem ela acreditasse nisso. Independentemente disso, ela sabia como ser uma dama.

De pé, Giovanni se recostou na mesa. "Dante acabou de trazer Cain para mim, já que vamos para o apartamento mais tarde. Ele cuidou dele enquanto eu estava em Vegas."

Eles tinham ficado na casa de seus pais nos dois primeiros dias, apenas para deixar Kim confortável em uma nova cidade e para Giovanni comprar o que quer que fosse necessário. Ela estava ansiosa para ir... bem, para casa. Ela supôs que era o que seria. Sentia saudade, mesmo que nunca tenha estado lá. E privacidade. Parecia que alguém estava sempre por perto. Ela queria Giovanni só para si, pelo menos uma vez, sem a bagunça que os rodeava

desde Vegas.

"Falando nisso..." Dante deu um passo para dentro da cozinha, sorrindo para seu irmão. "Você me deve sete mil dólares ou um sofá novo, porque ele arruinou o meu na primeira semana que você partiu."

"Desculpe. Escolha o que você quiser, e eu vou mandar entregar no dia seguinte."

"E novas cadeiras para o meu escritório."

Gio se encolheu. "Jesus, Cain."

"Eu achei que você tinha dito que ele era bom", Kim acusou.

"Ele é!"

"Quando Gio está por perto", Dante acrescentou com uma risada. "Quando ele não está, Cain se transforma em uma criança birrenta. Ele é muito dependente de Gio para ser feliz e corrigido. Muito parecido com uma criança que precisa de sua mãe constantemente."

"Cale a boca, você não está ajudando", Gio murmurou. "Eu acabei de convencê-la a meio que gostar dele... talvez."

"*Talvez.*" Dante bufou. "Boa sorte com isso. Ele come tudo o que ele acha e acredita ser comestível."

Ótimo.

Kim suspirou. "Eu deveria ir preparar as minhas coisas se nós vamos ir embora logo."

Ela se sentia incrivelmente instável estando perto de Dante depois de seu primeiro encontro.

"Na verdade, vocês devem se sentar e conversar", disse Giovanni. "Vou

subir e pegar a sua mala. Então, vou convencer Cain a entrar no Escalade. Ele, provavelmente, acha que eu vou deixá-lo de novo."

"Gio." Deixá-la sozinha com Dante não faria seu novo marido ganhar pontos.

"Por favor?"

Por que ela sentia como se estivesse sendo encurralada?

"Tanto faz, Gio."

Espero que você goste de dormir no sofá, Kim pensou com os olhos estreitos.

Dante deu a seu irmão um tapinha no ombro quando ele passou. Uma vez que Giovanni estava fora da cozinha, os nervos de Kim ficam à flor da pele.

"Oi", disse Dante, trocando o peso de um pé para o outro.

Foi só então que Kim notou uma sacola da Apple pendurada em seus dedos. Ela não deu muita atenção. "Ei."

"Eu queria pedir desculpas pela outra noite."

"Tudo bem." Kim assentiu com a cabeça e se virou em sua cadeira para encarar a mesa. "Se você vai fazer isso porque alguém pediu, não se preocupe. Eu não preciso disso. E eu, realmente, não quero um pedido de desculpas falso para ser adicionado em cima do fato de que você claramente não gosta de mim ou me aprova."

"Eu nunca disse isso", disse Dante.

"O quê?"

"Eu nunca disse que não gostava de você. Eu não a conheço bem o

suficiente para dar uma opinião sobre isso. Eu sei que o meu irmão claramente ama você, como se você fosse à lua, estrelas e céu, então está tudo bem para mim. Isso é tudo que eu preciso saber daqui para frente."

"Mas você não aprova", Kim pressionou. "Por causa de Franco e o noivado."

"Eu não disse isso também."

"Não era bastante óbvio?"

"Não", respondeu Dante, franzindo a testa. "Não me entenda mal. Eu não aprovo o que Gio fez. Isso não é nem remotamente o mesmo que não aprovar você. Ele quebrou as regras, mas eu ainda posso entender o por que. Eu acho que ele fez o que precisava fazer. Eu não vou culpá-la por isso, mas eu não tenho que gostar da maneira como ele fez isso."

"Mas eu não sou Gio", disse Kim.

"Exatamente. Você está feliz?"

"Muito."

"Você não estava antes", afirmou Dante como se fosse um fato.

"De ter que me casar com Franco? Não."

"Por quê?"

"Além do fato de que ele era um idiota abusivo?" Kim não entendia como a pergunta dele tinha algo a ver com ela e Giovanni. Ainda assim, a conversa estava indo melhor do que esperava, então ela cedeu a sua pergunta. "Porque eu não tive escolha. Eu não sei como isso funciona no mundo de vocês..."

"Cosa Nostra, você quer dizer."

"Tanto faz. Para mim, eu quero escolher. Essa é a minha vida. Ninguém é dono de mim só porque eles ajudaram a me fazer ou porque têm um sobrenome especial e um certo estilo de vida. Eles fizeram parecer como se fosse minha decisão, mas não foi."

Dante se mexeu desajeitadamente novamente. "Eu sou constantemente lembrado de que eu não encontrei uma esposa, ainda. Que eu preciso de uma para substituir o meu pai — para ter sucesso em minha própria vida."

"Você não quer se casar", Kim assumiu.

"Eu tenho muito pouco a oferecer a uma mulher e eu não quero ver alguém sofrer por causa das minhas escolhas na vida."

"Isso não pode ser verdade, Dante."

"Mas é. Isso não importa. Eu estou em uma posição muito semelhante a que você estava. Eu não tenho mais uma escolha. É como um maldito relógio batendo na parte de trás da minha cabeça. Gio aparecendo casado só..."

"Coloca mais holofotes sobre o fato de que você não está", Kim terminou, sentindo-se triste pela posição dele. "Isso parece muito injusto."

Dante deu de ombros. "Você vive em seu mundo, e eu vivo no meu. Eles podem se sobrepor às vezes, mas acredite em mim quando eu digo que eles não são os mesmos."

Kim podia entender o comportamento e a atitude de Dante na outra noite, de certa forma. Ele era solidário com seu irmão mais novo, mas, ao mesmo tempo, esperava que Giovanni seguisse as mesmas regras que ele. Então, Dante estava claramente preso entre a cruz e a espada quando se tratava de casamento. A felicidade era difícil de conseguir quando a sua está constantemente sendo examinada, e a alegria de outra pessoa só destaca o que

as pessoas achavam que é isso que te falta.

"Por favor, não sinta que estou te dizendo isso como uma desculpa pela maneira que eu te tratei ou as coisas que eu disse. Não é, de maneira nenhuma, desculpa por isso. Eu fui um idiota."

"Você foi", Kim disse simplesmente.

"Foi imperdoável. E eu sinto muito."

Kim reprimiu as emoções em sua garganta. "Obrigada."

Dante ofereceu a Kim um sorriso hesitante. "Eu prometo que não sou um cara tão ruim normalmente. Além disso, me disseram que eu posso ser intimidante sem querer ser. Você meio que ganhou o meu respeito quando você teve a coragem de chamar minha atenção por agir como um idiota. Lucian se casou com uma não italiana que vive com o dedo do meio para cima. Gio se casou com uma durona e nem se incomodou em contar até que ela aparece na nossa porta. Isso é muito... típico dos meus irmãos, para dizer o mínimo."

"Agora só falta você."

"Eu acho que sim", disse Dante com indiferença. Então, ele levantou a mão que segurava a sacola. "Eu comprei algo para você. Chame isso de presente de casamento atrasado."

A sobancelha de Kim se levantou. "Você nos comprou um presente?"

"Não, apenas para você. Gio odeia quando alguém gasta dinheiro com ele. É muito independente para isso. Ele realmente só aceita presentes nas datas comemorativas porque ele não tem escolha. Ou melhor, a mãe não lhe dá uma."

"Oh. Você não precisa me dar nada."

"Preciso, na verdade. Imagino que Lucian comprou algo para você também. Cecelia e Antony já estavam falando sobre como eles iriam a apresentar como parte da família ao público, de modo que você pode apostar que algo virá deles também."

"Eu não entendo", disse Kim confusa novamente.

"Gio explicou algumas coisas sobre Nunz que eu não estava ciente. Como o fato de que ele nunca teve muito interesse em você. Não era assim que as coisas tinham que ser, Kim. Você deveria ter sido respeitada e adorada. Uma *principessa*. Eu não sei se a palavra significa muito para você, mas para nós, ela é mantida em grande estima. Nós somos bem tradicionais e, por mais que Gio acredite que o casamento dele não é tão importante como o de Lucian ou o meu, ainda é para nós como uma família."

Kim ainda não entendia o que isso tinha a ver com as pessoas dando coisas a ela. "Eu não preciso ganhar nada para ser bem-vinda, Dante."

"Não é realmente o ponto, e você não tem muita coisa a dizer", ele respondeu, rindo. "Mas eu também fui avisado pelo meu irmão que você pode ser muito mais parecida com ele do que qualquer um de nós sabe. Com isso dito, se eu fosse lhe dar algo, deveria ser útil para você. De preferência, nada de roupa ou brilhante, porque você pode escolher essa merda muito bem sozinha."

"Palavras de Gio?" Perguntou Kim.

"Sim. Além disso, eu acho que ele não gosta de pensar em alguém que não seja ele te dando joias. Eu achei engraçado. Ele não."

Talvez Giovanni a conhecesse muito mais do que Kim achava. Ela não subestimaria o marido novamente. "Então, o que você está me dando?"

"Algo útil." Dante sorriu, mas, em seguida, desapareceu um pouco. "Na verdade, quando nós estávamos conversando sobre o seu pai e tudo mais, Gio mencionou que Franco destruiu seu laptop durante uma discussão sobre continuar com a sua educação."

Kim sentiu uma onda de calor em suas bochechas. "Eu gostaria que ele não tivesse dito nada sobre isso."

Ela não queria que todo mundo soubesse o quão terrível tinha sido estar na palma da mão de Franco. Era ruim o suficiente ela ter deixado que isso continuasse como ela deixou e ela tinha marcas para mostrar por isso.

"Franco é um idiota. Ou *era*", Corrigiu Dante lhe dando um olhar solidário. "Isso é muito bom, de verdade. De qualquer maneira, eu sei que o que estava em seu laptop não pode ser substituído, mas o computador em si poderia ser."

Dante colocou a sacola grande no chão antes de retirar uma caixa branca e comprida com o logotipo da Apple na parte superior.

"Além disso, — acrescentou ele, inclinando a caixa na direção de Kim — queria lhe perguntar se você estava falando sério sobre continuar a faculdade. Gio certamente não se importa. Mais do que tudo, ele quer que você faça o que a faz feliz. E, pelo que ele disse, você é muito inteligente."

"Eu não sou estúpida, se é isso que você está perguntando. Sim, eu gostaria de fazer uma transferência ou algo assim para que eu possa terminar minha graduação. Por quê?"

"Nossa família está bem ligada à Universidade de Columbia, em Manhattan. Eu tenho certeza de que você sabe disso."

A mandíbula de Kim caiu. Quem não sabia? "O que bem ligada quer

dizer?"

Dante deu de ombros. "Nós três entramos lá, mas não era para Gio, então apenas Lucian e eu nos formamos. Antony doa um pouco de dinheiro para a faculdade, e eu também. Ela ajuda a manter o nosso nome em boa posição nos lugares que são importantes para nós e é uma ótima universidade."

"Essa é uma faculdade privada Ivy League."

"Então você estaria interessada?" Perguntou Dante, sorrindo. "Quero dizer, suas notas terão que ser excelentes se você quiser estar em determinados programas, mas eu não tenho dúvida de que você tem boa pontuação. Se você quiser continuar com o que você está estudando, eles têm os mesmos cursos ou você poderia mudar o foco para outra coisa se quiser. Fora isso, você pode fazer a transferência com apenas um telefonema. Seria uma coisa a menos para você se preocupar agora, enquanto você ainda está se estabelecendo com Gio."

Kim se recostou na cadeira completamente sem saber o que dizer. "Sério?"

"Absolutamente. Você tem apenas vinte e um anos de idade. Ninguém está tentando fazer você esquecer o que você queria antes de meu irmão aparecer. Nós apenas estamos fazendo você ficar mais confortável enquanto você continua seguindo em frente com isso."

"Eu não posso pagar..."

"Posso lhe assegurar que você pode. Não é o meu negócio para dar números reais, mas você deve ter uma conversa com Gio sobre a situação financeira de vocês. Já não é só dele mais, Kim. Ele já sabe disso também."

"Obrigada."

"Sem problema", Dante respondeu facilmente. "E eu realmente sinto muito."

Kim balançou a cabeça ainda se recuperando. "Essa é uma boa desculpa."

Dante riu. "Eu sei."

Capítulo Vinte e Três

Gio se retorceu em sua cama, se alongando e sentindo sua coluna estalar em três pontos. Isso era muito bom. Tinha se passado uma semana desde que ele voltou de Vegas. Gio deixou um monte de trabalho para trás e estava compensando-o dez vezes agora.

Claro, seus gerentes dirigiram seus três clubes muito bem, mas isso não significava que Gio simplesmente confiava nesses idiotas. Porque ele não confiava. Essa foi uma valiosa semana de trabalho só para garantir que tudo estava certo e dando lucro e que nada terrivelmente tinha caído aos pedaços em sua ausência.

Depois, havia suas ruas. Seu outro trabalho. Ser um capo. Gerir um grupo de homens de estados de distância era praticamente impossível. Lucian tinha ficado atendo, se certificando de que o dinheiro fluía como era suposto e se chegava na hora certa. Ainda assim, isso deixava uma enorme brecha para os associados de Gio fazerem o que quisessem quando o Skip não estava de olho neles.

Bando de *cafones*. Todos eles.

Estar de volta fazendo o que amava lembrava Gio do quanto ele sentiu falta de fazer exatamente isso enquanto estava em Vegas. Claro, havia altos e baixos quanto ao trabalho que ele tinha que fazer para conseguir colocar tudo nos eixos, mas isso era exatamente o que Gio fazia melhor, afinal de contas. Não havia nada que ele gostasse mais.

Bem... até agora.

Ele realmente gostava de Kim.

"Eu acho que você estava precisando desesperadamente desse cochilo."

Gio sorriu ao ouvir a voz de sua esposa. Ele nem ia voltar para o condomínio mais cedo, apenas pular para o clube como ele precisava. Mas não aconteceu assim, quando Gio percebeu, ele estava indo para casa, e não para o clube. Inferno, seu coração sempre falava mais alto que sua mente.

Uma vez que chegou em casa, comer e tomar um banho quente veio em primeiro lugar. Kim não estava lá, então Gio adormeceu na cama depois de colocar o seu alarme para mais tarde, à noite. Ele não precisou do alarme. Kim o acordou não muito tempo depois de voltar para o apartamento. A boca de seda e calor úmido abrangeu seu pau, fazendo-o se sentir quente e vivo ao mesmo tempo. Isso era tudo o que se lembrava de estar sentindo até que ele gozou.

Kim tinha beijado seu abdômen, sussurrando, "Durma, Giovanni. Eu vou acordá-lo novamente."

Melhor despertar que ele teve em um longo tempo, porra. Gio não estava pronto para dormir de novo, então ele só ia ficar lá com os olhos fechados até que realmente tivesse que se mover. Ser um adulto responsável era um saco às vezes.

"São quase nove e meia."

Gio gemeu se recusando a abrir os olhos. "Eu não quero ir para o clube hoje à noite. Eu sou capaz de cortar a língua desse filho da puta se ele me disser mais uma vez como lidou com o lugar muito bem enquanto eu estava fora. Se tivesse lidado tão bem, as compras de bebidas não estariam tão ferradas quanto estão. Ele se esquece que eu o pago, e não o contrário. Alguém está prestes a perder o trabalho e uma língua."

"Quer que eu vá?" Perguntou Kim. "Mantenha sua mente em mim e menos em machucar alguém, de qualquer maneira."

Deus, ele amava essa mulher. Ela ainda o deixava chapado apenas por respirar.

"Você tem certeza que quer ir? Igreja vai ser um inferno depois de quatro horas de sono, *Tesoro*."

"Igreja é sempre o inferno."

"É verdade", Gio admitiu.

Seria um pouco melhor com ela ao seu lado, apesar de tudo.

"Vamos, levante-se. Podemos comer alguma coisa no caminho."

Gio ainda não se mexeu. A cama estava muito confortável.

"Gio..."

"*Hum?*"

"Você vai se atrasar."

"Não dou a mínima no momento", Gio respondeu.

Kim suspirou. "Cain precisa passear."

Finalmente, Gio abriu os olhos, dando a Kim um olhar de soslaio. "É meio que revoltante como você já descobriu as únicas coisas que vão me fazer levantar. Eu sinto como se estivesse sendo lentamente treinado. De um jeito bom, é claro."

"*Aham*. Claro. Passear com o cachorro, Gio."

Rindo, Gio se forçou para sair da cama e tropeçou em direção ao seu armário.

"Além disso, — Kim adicionou quando Gio puxou uma calça jeans de cor escura de uma cômoda — quando eu saí do chuveiro esta manhã depois que você se foi, ele estava rolando seu traseiro peludo por todo o meu lado da cama novamente. Essa é a quinta vez só esta semana. Eu estou ficando cansada de lavar e trocar os lençóis todo dia. Conserte isso ou eu vou comprar um canil."

Gio amaldiçoou em voz baixa. Maldito Cain. Sério, era apenas o jeito do cachorro demonstrar sua aceitação por ela querendo colocar o seu cheiro nas coisas de Kim, mas ela não estava aguentando mais. Cain iria parar.

Eventualmente.

"Isso significa que ele gosta de você!"

"Não importa", disse Kim. "Eu gosto dele, mas você não me vê sentada na tigela de comida e água dele."

"Não é a mesma coisa", Gio respondeu baixinho, sabendo que ela não podia ouvir. Ele vestiu a calça jeans rapidamente. "Você só iria conseguir molhar a sua bonita bunda."

"Bonita bunda, hein?"

Merda.

Gio não estava acostumado a viver com uma mulher, nunca havia se importado com alguém que parecia ouvir cada coisinha que ele não queria que ela ouvisse. Era apenas um dos poucos ajustes que descobriu que precisava fazer na sua vida desde a chegada de Kim. Tê-la efetivamente vivendo com ele enquanto agia como um marido, acrescentava outro conjunto de coisas que nunca teve que lidar antes, também.

Realmente, não era tão ruim assim. Ele e Kim se davam muito bem

normalmente. Eles não brigavam sobre coisas bobas. Gio, por vezes, chegava atrasado, mas, desde que ele se esforçasse para ligar ou mandar uma mensagem, a deixando saber que não estaria em casa, ela não parecia se preocupar ou questioná-lo. Kim deixava o negócio dele em paz, em sua maior parte. Era óbvio que havia momentos em que ela queria saber onde ele tinha estado ou por que mantinha armas escondidas por todo o apartamento, mas ela não perguntava a menos que ele oferecesse uma explicação primeiro.

Havia também coisas domésticas. Os tipos de coisas que para viver com alguém — com qualquer um — ele tinha que se acostumar. Isso foi provavelmente o mais fácil de todos. Ele e Kim fluíam de forma conjunta nesses aspectos. Não havia brigas sobre quem cozinharía ou quem limparia, ou os tipos de música que cada um gostava. Ele não se importava com as fileiras de sapatos e roupas que ocupavam agora a maior parte do seu armário, estava contente apenas porque ela tinha o deixado comprar alguma coisa, dado o quão teimosa ela poderia ser.

Gio ofereceu um sorriso de desculpas por cima do ombro, vendo Kim de pé com os braços cruzados na porta do armário. "Desculpe?"

"Estou falando sério sobre colocar ele para fora da cama, Gio."

"Eu sei, *Tesoro*. Eu estou trabalhando nisso."

Ou, Gio pesou, já tinha se passado duas semanas, e ele iria se cansar disso em breve.

"De qualquer forma, a única razão pela qual eu não estou chateada com você agora é porque você chamou minha bunda de bonita."

Gio sorriu quando ele puxou uma camisa de seda de um cabide. "Bem, é. Sexy como o inferno."

Kim parou atrás dele, suas mãos subindo da base da coluna dele até os ombros. Delicadamente, suas unhas raspavam ao longo de seus ombros, fazendo Gio se arrepiar. A boca quente pressionando sua tatuagem *Mea Culpa* abaixo da orelha.

Ele iria se atrasar muito se ela continuasse com isso.

"Jesus Cristo."

Kim soltou um som gutural antes de beliscar o pescoço dele com os dentes. "Mantenha o seu cão fora da cama ou você não vai ver ou tocar minha bunda novamente por um tempo."

Droga.

Kim o possuía. E ela sabia disso.

* * *

Alguém ia morrer esta noite. Gio tinha certeza disso. Se o seu gerente do clube fosse um idiota, então seria o próximo homem parando um pouco perto demais da esposa de Gio por nenhuma razão.

"Estou muito ocupado agora", Gio gritou ao telefone quando atendia a uma ligação."

"Parece que você vai explodir, irmãozinho."

Gio revirou os olhos para a voz de Lucian. "Estou *ocupado*. O que você quer?"

"Kim está no clube de novo, não é?"

Por que era assim tão óbvio? Gio nunca pensou que ele seria do tipo ciumento, mas ele realmente era. Era meio que terrível, na verdade. Ele tinha confiança em Kim. Era em qualquer outro homem estúpido na sala que não confiava nem um pouco.

Porra. Ela era bonita demais para seu próprio bem. Sua personalidade chamava a atenção das pessoas sem que ela tentasse. Kim apenas atraía a atenção.

Não ajudava que, apesar de estarem casados há duas semanas, as pessoas ainda tinham dificuldade de acreditar em Gio quando ele a apresentava como sua esposa. Alguns de seus caras, literalmente, acharam que era uma piada. Eles aprenderam rapidamente que não era quando um ou dois tentaram se aproximar além do necessário do que não era deles.

"Talvez ela esteja", Gio murmurou, olhando através da multidão de corpos em movimento. "Talvez não."

Onde ela tinha ido?

"Gio, eu sei que ainda é novo e tudo mais, mas você tem que superar essa merda possessiva", disse Lucian. "Você sabe que ela vai para casa com você."

"Há quanto tempo está casado?" Gio não deu a Lucian chance de responder antes de dizer: "Não o suficiente. E Jordyn nem pode ir para um clube sem você. Desça de seu pedestal. Pode ser uma vista bonita, mas você vai quebrar seu pescoço da mesma forma quando alguém chutar você de lá. E eu posso chutar bem forte, idiota."

"Isso não tem nada a ver com ciúmes."

"Claro que não."

"Não. Eu não quero que as pessoas falem merda e espalhem tolices. Se estamos juntos, ninguém tem que dizer nada."

"É a mesma coisa", Gio respondeu. "Só para deixar claro, é quase a mesma razão pela qual eu gosto de ter Kim comigo."

"Nós dois sabemos que você não está preocupado com o que as pessoas iriam falar para você."

Não, Gio não estava. Ele iria cortar um filho da puta por ter falado mal de sua esposa.

"Kim, provavelmente, não se preocupa com a reputação dela", Lucian acrescentou mais baixo.

"Sim, bem... Eu não quero que isso se torne uma preocupação."

"Entendi."

"Ótimo. Deixe isso pra lá, Lucian."

Finalmente, Gio avistou Kim no bar, acenando para o barman. Irritação correu em suas veias quando um homem escorregou ao lado dela. Gio poderia ter deixado isso pra lá, mas quando Kim se moveu um pouco para longe do cara, ele se aproximou novamente.

Sério? Alguém *ia* morrer.

"Tenho que ir."

"O quê? Por quê?" Perguntou Lucian.

Gio desligou sem dizer mais nada e jogou o telefone no bolso. Cruzando o clube em tempo recorde, ele tentou não deixar sua raiva borbulhar. Era inútil. O monstro tinha ficado verde. A maldita coisa estava rastejando por suas costas. Gio não poderia evitar.

"Qual é, *baby*? Uma dose, é tudo. Sal, bebida, lambida e limão. É fácil."

Kim levantou uma sobrancelha para seu companheiro indesejado, assim que Gio parou atrás do cara. "Meu nome não é *baby*, e a resposta ainda é não."

"E por que não?"

Gio sorriu quando o olhar de Kim parou nele. Quando chegou perto o suficiente para que apenas o idiota pudesse ouvir, Gio disse: "Porque, se você colocar a boca em qualquer lugar perto da pele dela, eu prometo que você vai ver como são seus intestinos quando eles estiverem do lado de fora. Você sabe quanto tempo uma pessoa pode sobreviver depois de ter sido eviscerada? Eu, com certeza, sei. Afaste-se da minha esposa."

O idiota praticamente caiu do banquinho. Gio conseguiu se mover para fora do caminho bem a tempo, sorrindo o tempo todo. Não havia nada que ele achasse mais divertido do que ensinar a alguém uma lição, mesmo sem levantar um dedo.

"Ei, que porra é essa?"

"Vá em frente", disse Gio quando o homem se levantou para encará-lo. "Por favor, faça a minha noite e me acerte. Não será a primeira vez que eu quebrarei todos os meus dedos esmagando a cabeça de alguém, e eu duvido que vá ser a última."

"*Nah*, cara", disse o rapaz com as mãos erguidas. "Entendi. Ela é sua. Desculpe-me."

"Vá embora. Rápido."

"Deus, você é tão ridículo, Gio", disse Kim, rindo quando o cara desapareceu na multidão. "Pelo menos, você o torna divertido de assistir,

apesar de tudo."

"Eu sei. Eu sou horrível pra caralho."

Kim o encarou com um olhar descontente quando duas doses de tequila foram empurradas por cima do balcão para ela. "Você não pode sair ameaçando todos os homens que se aproximam num raio de cinco metros de mim. Você vai ficar louco."

Gio já estava louco, então era um ponto discutível. Kim fazia isso com ele e isso poderia piorar. Era culpa dela e agora ela tinha que lidar com isso. "Sim, eu posso. É o meu clube, *Tesoro*."

"Vai tomar?" Ela perguntou, entregando um pequeno copo.

Gio lhe jogou uma piscadela antes de tomar a dose de tequila e tragá-la de uma só vez. Ele mal percebeu o licor potente queimando enquanto observava Kim tomar o dela, mantendo os olhos apenas nele. Para ele, a aspereza da bebida não parecia incomodá-la nem um pouco. Baixando o copo para mostrar que ela tinha engolido tudo, a língua de Kim espregueitou para fora lambendo ao longo de seu lábio inferior.

Todo o controle que Gio possuía sumiu enquanto observava a ação. Ele tinha sido bonzinho durante toda a noite, na maior parte. Além de ir atrás dos homens se aproximando dela, ele conseguiu não prendê-la na frente de todos no clube e marcar seu território, no entanto, parecia pertinente.

Ser bonzinho tinha acabado.

Uma vez que o copo tocou o balcão, Gio se moveu em torno do banco do bar, bloqueando-a nele. Ele prendeu Kim no banquinho que estava encostada, empurrando-a para trás até que ele pôde sentir a borda do balcão encostar em seu vestido. Seu vestido já era curto o suficiente, mas ele acabou

subindo um pouco mais.

Inclinando-se, Gio beijou ao longo do osso da mandíbula de Kim até que ele chegou aos seus lábios. Lá, ele descobriu que ela tinha gosto de tequila quente. Seu beijo era exigente — seu piercing na língua entrava em sua boca para encontrar a dela, dentes raspando ao longo de seu lábio inferior. Como se ecstasy estivesse sido derramado diretamente em sua corrente sanguínea, seu pau endureceu sob seu jeans instantaneamente, e cada nervo de seu corpo e pensamento em sua mente estavam em sintonia com a mulher em seus braços.

Era luxúria e amor de uma só vez, levando-o mais uma vez. Gio não poderia se cansar de Kim ou o que ela fazia com ele nem por um único segundo do dia. As pontas das unhas pintadas dela se enfiaram na parte inferior da coluna através de sua camisa, puxando-o para mais perto.

Gio suspirou, se afastando da doce boca dela muito relutante. "Eu estou começando a pensar que você está encontrando os idiotas de propósito, *bella*."

Kim inclinou o queixo para cima corajosamente, dentes brancos estalando de brincadeira em resposta. "Por que diabos eu estaria fazendo isso, hein?"

"Você gosta do showzinho que eu dou. Você se excita com isso."

"Eu acho que você nunca vai saber com certeza", ela sussurrou.

"Oh, eu sei. Pare de desaparecer. Eu entendi seu jogo."

"Eu acho que você gosta muito para me fazer parar."

Kim mordeu a mandíbula dele quando Gio tentou beijá-la novamente.

"Ai. Seja boazinha, Kim, ou então..."

"Ou então o quê?"

Gio não teve a oportunidade de responder ao sarcasmo atrevido de sua esposa. O som da voz do gerente do clube vindo por trás dele fez com que Gio ficasse tenso mais uma vez.

"Eu acabei de receber a reclamação de um homem sobre alguém o ameaçando, Gio. Quando perguntei quem, ele apontou para você. Eu sei que você é dono e tudo mais, mas a ideia geral não seria manter as pessoas aqui gastando dinheiro e não as assustando?"

Sim. Foda-se essa noite.

Devagar, Gio ajeitou o vestido de Kim em torno de seus quadris e coxas antes de se endireitar para enfrentar o gerente. "Quanto eu pago a você?"

"Cerca de novecentos por semana além dos impostos. O que isso importa?"

"Porque eu estou cansado de lidar com você, e você está enchendo muito a minha paciência esta noite. Seu aviso prévio será incluído com o seu último cheque. Você tem cinco minutos para sair do meu clube e da minha propriedade ou eu vou fazer uma ligação para que se livrem de você."

"Mas que mer..."

"Quatro minutos", Gio interrompeu. "Não me pressione. Estou pensando em diminuir o tempo pela metade na próxima vez."

"Você não pode estar falando sério!"

"Dois minutos. Abra sua boca de novo, e eu vou fazer aquela ligação. Você pode apostar que não vai ser para a polícia. Eu lido com isso sozinho, mas, honestamente, eu não quero assustar minha mulher. Saia do meu clube."

Finalmente, o idiota entendeu o recado e sumiu rapidamente. Ele, provavelmente, tinha visto coisas suficientes pelo clube, então as ameaças certamente não eram vazias.

Então, Gio se virou para o barman chamado Kenneth. O cara tinha cautelosamente assistido a troca entre o seu agora ex-supervisor e seu chefe o tempo todo enquanto limpava os copos. Isso o fez ganhar pontos para Gio, mesmo que ele tenha escutado.

"Você", disse Gio apontando para Kenneth. "Você tem experiência de gestão, sim? Foi o que seu currículo disse quando você se candidatou para este trabalho."

O barman deu de ombros. "Claro, algumas. Supervisionei e cuidei do bar no meu último emprego. Não era um lugar tão grande, no entanto. Certamente, não tão frequentado."

"Não importa, você vai aprender", Gio respondeu. "Parabéns, você acabou de ganhar uma promoção."

"Uma o quê?" Perguntou Kenneth.

"Aparentemente, ele paga novecentos por semana além de impostos."

Kenneth franziu os lábios. "Posso trabalhar no bar nas noites de sábado?"

"Por quê?"

"Porque eu posso fazer metade disso em gorjetas, também. É a melhor noite."

"Claro, tanto faz. Apenas esteja aqui às seis ao invés das oito. Entendeu?"

"Claro, Skip."

Kim escondeu o rosto no ombro de Gio, encobrindo seu riso abafado.

"Por que você está rindo?" Gio perguntou a sua esposa, seus braços enrolando em volta da cintura dela. "Eu acabei de demitir alguém. Isso não é engraçado."

"E contratou alguém na mesma conversa", disse Kim sacudindo a cabeça. "Se você não gostava do cara, como é que ele conseguiu ficar aqui tanto tempo?"

Gio soltou um ruído desdenhoso sob sua respiração. "Eu nunca fiquei sóbrio o suficiente para realmente me irritar com ele. Eu só percebi o quão ignorante ele era nas últimas duas semanas. Eu preciso de outra bebida."

Kim fez uma careta. "Ou será que você prefere algo mais?"

"O quê?"

Gio sentiu a mão de Kim deslizar na dele. A palma da mão dela se abriu, colocando uma coisa pequena e circular na dele. Quase imediatamente, ele sabia o que era, mesmo sem ter que olhar. O comprimido de ecstasy parecia que estava queimando contra a sua pele quando ele fechou os dedos em torno dele. Hesitação girou através de suas entranhas. Uma reação que ele não estava esperando.

"Onde você encontrou isso?" Gio perguntou em voz baixa.

"No seu escritório. Eu estava entediada quando chegamos, e você estava falando com os empregados, então eu passei pela sua mesa. Você está com raiva de mim por bisbilhotar?"

"Não."

"Eu sei que nós fizemos algumas coisas malucas em Vegas, mas eu quero saber se isso é algo normal para você aqui. Eu espero que não seja."

Gio engoliu a saliva inundando sua boca e o impedindo de falar. "Era."

"Não é mais?"

"Eu não sinto vontade de fazer isso já tem muito tempo. Eu tinha esquecido que estava lá, na verdade."

Kim assentiu. "Tudo bem. Eu sei o que você faz para ganhar a vida e que você está bastante atolado de coisas para fazer diariamente, mas eu não quero me preocupar sobre isso. Definitivamente, não com coisas como *esta*, Gio."

"Mais como me afogando nisso."

"*Gio*."

"Só estou sendo honesto. Você não tem que se preocupar, Kim."

"Essa não era a única coisa na gaveta, também", acrescentou Kim.

"Você se livrou do resto?" Perguntou Gio.

"Não, eu achei que você ficaria chateado se eu fizesse."

"Eu não teria ficado, *Tesoro*. Apenas para referência futura, porque você pode encontrar mais, fique à vontade para jogar fora."

"Bom saber", Kim murmurou. Um sorriso sedutor levantou seus lábios, acordando o desejo em Gio novamente só com a visão. "Adivinha o que mais eu notei sobre sua mesa."

"O quê?"

"Que é da altura certa se eu estiver sentada sobre ela, sabe."

A sobrancelha de Gio se levantou com a sua sugestão escondida. "É

mesmo?"

"*Aham*. E tem essa janela com a borda fixa da altura certa também. Acho que não tem como ninguém ver olhando para cima, no entanto."

Jesus amado.

Gio aspirou o ar através dos dentes, como o silvo de um gato. "Isso. Eu realmente gosto das coisas que você notou, a propósito. Eu estaria disposto a apostar que sua mente é um lugar lindamente assustador."

"Pode ser. Por que não subimos e fazemos uma festinha suja antes de sairmos?"

Gio sorriu. "Oh, não, eu não posso deixar você continuar pensando assim. Olha, somos Marcellos, Kim. Nós não somos sujos, somos absolutamente imundos."

A mão de Kim varreu ao longo do cóis da calça jeans dele, um dedo enganchando no cinto para puxar Gio para mais perto. "Nós podemos ser isso também."

As regras quebradas e as consequências que se danem. Kim é o melhor erro que ele cometeu.

Epílogo

"Meu Deus, os dedos dele são tão pequenos", disse Kim, abrindo a palma da mão do recém-nascido em sua própria mão. "Ele é perfeito, não é?"

"Ele é."

O bebê também era frágil, loucamente pequeno sob o cobertor branco de renda e totalmente dependente dos outros para se manter vivo. Ele não fazia muito, cheirava a loção de bebê e estava mamando, se mexendo, dormindo ou chorando.

Oh, bebês assustavam Gio pra caralho.

O queixo de Gio descansou no ombro de sua esposa enquanto olhava para o bebê — seu sobrinho. Era meio surreal pensar em seu irmão mais velho como pai, mas a prova estava bem ali, nos braços de Kim.

Johnathan Antony tinha nove dias e sete horas de vida. Sim, Gio estava olhando para o relógio. Ele esteve fazendo isso desde o momento em que seu irmão ligou dizendo que o menino estava finalmente para nascer. Os bebês eram uma grande novidade em uma família como a deles.

Gio não estava totalmente certo de que ele estava preparado para a responsabilidade que Lucian estava entregando a ele hoje. Claro, ele amava o bebê. Enquanto alguém estivesse por perto, Gio não entrava em pânico quando Johnathan começava a se agitar. Mas, se ele ficasse inseguro, ele devolvia o bebê.

Se algo acontecesse com Lucian e Jordyn, então Gio não poderia devolver o menino. Seria dele... de certa forma. Isso era o que se esperava de

um padrinho, certo? Os bebês não eram como cães.

Agora, Johnathan era pequeno. Gio mal conseguia lidar com a ansiedade, uma vez que só estava pensando que ele poderia machucar a criança segurando ele de forma errada. Johnathan não fazia muito como um recém-nascido, mas então como seria quando ele estivesse mais velho, sem parar de se mover e podendo *falar*?

"Pare de hiperventilar em meu pescoço, Gio", disse Kim, acenando com a mão para ele se mover.

"Desculpe", ele murmurou, o constrangimento aumentando. "*Cristo*, eu sinto muito."

Kim franziu a testa por cima do ombro. "Nós estamos na igreja. Não fale o nome do Senhor em vão na igreja."

"Desculpe", Gio repetiu, sentindo-se como um disco quebrado.

"Ele é um bebê tão bonzinho", Kim murmurou, olhando para a criança.

"É? Eu não sabia que havia diferença."

"Claro, eu acho. Jordyn disse que ele só acorda duas vezes por noite. Isso é muito bom, eu diria."

A testa de Gio se enrugou em confusão. Levantar-se duas vezes por noite para alimentar, trocar e então, balançar o bebê até ele dormir significava que ele era bom? Havia muitos bebês que acordavam mais de duas vezes? Soou como uma receita para a privação de sono garantida.

"Por que não poderia Lucian pedir a Dante para fazer isso?" Gio perguntou em voz baixa. "Ele é mais velho e..."

"Porque ele quer que você faça isso e, em parte, me adicionou à equação

também", Kim interrompeu docemente. "Pare de enlouquecer, Gio. São apenas formalidades."

"Não, não são. É um bebê, Kim. Ele respira, e caga, e chora... *muito*. Eu mal consigo me levantar de manhã. Como é que eu vou cuidar de um bebê?"

Kim balançou a cabeça suspirando. "Ok, agora você está sendo ridículo. A probabilidade de algo realmente acontecer com Lucian ou Jordyn é pequena demais para considerar."

No mundo dele? *Certo*.

"Mas poderia", Gio pressionou, tentando fazer com que sua esposa entendesse.

"Não vai. E é uma grande honra eles terem confiado isso a você. Pare de agir como um idiota. Além disso, é tarde demais para você recusar. Em dez minutos, ele vai estar batizado e seremos seus padrinhos. Isso é tudo."

"Mas..."

"Chega, Giovanni. Pare antes que alguém o ouça. Imagine como isso faria seu irmão se sentir."

Gio fechou a boca, decidindo que discutir com sua esposa não estava no topo de sua lista de prioridades. Afinal de contas, era uma celebração e eram apenas suas preocupações afastando sua felicidade. Kim estava certa sobre todo o batizado, mas isso não significava que Gio tinha que gostar.

"Eu vou ficar bem", ele prometeu. "É só que... eu não sei como fazer isso, e ele nem é meu, ok."

"Eu entendo", disse Kim soando distante. Ela estava tão animada com o batismo do bebê durante toda a semana. Agora, Gio se sentia como um idiota total por fazer ela se sentir mal. "Você não quer ter filhos algum dia, Gio?"

Ele queria?

Gio não teve a chance de responder. A porta da silenciosa sala privada foi aberta, permitindo que Dante entrasse com Antony o seguindo de perto. Tanto quanto Gio sabia, Lucian e Jordyn ainda estavam discutindo alguns de seus desejos para a cerimônia e todas as passagens que eles queriam que fossem lidas juntamente com o Padre Peter.

"Como está o meu neto?" Perguntou Antony, parando ao lado de Kim com aquele sorriso bobo que ele tinha na cara desde que Johnathan nasceu.

"Ainda dormindo", Kim respondeu. "Por enquanto."

Enquanto Antony e Kim balbuciavam sobre a criança dormindo, Gio deu alguns passos para trás, precisando de espaço. Dante parou tempo suficiente para dar a seu sobrinho uma olhada e um sorriso antes dele acomodar-se ao lado de Gio e consultar o relógio.

"Este vai ser um longo dia", disse Dante.

"Sim." Gio suspirou baixinho, olhando para o teto abobadado. "Você teria sido uma escolha melhor para isso. Quero dizer, você não pode ter..."

"Eu não preciso do lembrete", Dante murmurou sob sua respiração. "Eu estive ciente desde que eu tinha quatorze anos."

"Desculpe. Eu só estava dizendo."

"E talvez eu não teria sido a melhor escolha entre nós", Dante continuou, dando a Gio um sorriso triste. "Eu sempre disse que eu nunca queria que alguém sofresse ou fosse colocado em segundo lugar nas minhas escolhas quando se trata da *Cosa Nostra*. Lucian sabe como me sinto sobre ter esse tipo de responsabilidade acrescida a que eu já tenho."

"Bem, eu não tenho nenhum sentido de responsabilidade", Gio

respondeu com uma forte dose de sarcasmo.

"Isso não é verdade. Kim é... Ela é tão boa para você, cara. Você não é egoísta como você era, mantém a cabeça limpa e onde ela precisa estar, e se acalmou muito, então desfrute do seu tempo agora. Sua esposa é uma mulher feliz — sempre sorridente ao seu lado. Você não percebe que isso faz de você um bom marido também?"

Gio ainda não tinha pensado nisso dessa forma. Ele sempre pensava em Kim, e se ela estivesse feliz, ele também estava. Era nisso que seus objetivos se concentravam diariamente. Só nela.

"Gio, você está em um lugar melhor do que eu. Lucian vê isso." Dante deu de ombros, batendo no ombro de seu irmão. "Além disso, Jordyn estava, pelo que entendi, determinada que Kim fosse a madrinha. Faz mais sentido que seja você. Não estou ofendido."

"Kim me chamou de idiota mais cedo, e não de uma forma legal", disse Gio, querendo mudar de assunto. "Além disso, eu tenho certeza de que ela acha que eu sou incompetente nesta coisa toda agora."

Dante riu. "Você é?"

"Eles não são como cachorros, cara."

"Lucian disse que é instintivo."

Gio fez uma careta. "Nós somos homens, não animais. Não é natureza versus criação. Talvez para as mulheres. Além disso, de nós três, ele era a melhor escolha para ser pai, então eu não acho que ele sabe o que diabos está falando."

"Ei", Dante disse sombriamente, encarando Gio.

Merda. Dante não teria a chance de saber. Ele falou besteira.

"Desculpe", Gio reiterou pela centésima vez desde que acordou naquela manhã. "Tem sido um longo dia e não é nem meio-dia ainda. Dê-me um tempo."

Dante exalou pesadamente, a ação mostrando o seu estresse. "Eu compreendo o que você está sentindo em alguns aspectos. Mas, para mim, não é bem a mesma coisa. Estou feliz por ele, mas há uma parte interior que não está. Eu não posso corrigir essa parte, Gio. Eu tentei e ainda não cheguei lá."

"Lucian iria entender."

"Mas ele vai entender por que eu tenho que manter distância também?"

Gio não tinha uma resposta para isso.

* * *

"Giovanni?"

Gio, sentado em um banco sob uma árvore de carvalho, se virou para observar seu pai atravessar o quintal. "A festa ainda está indo bem?"

Antony riu. "Algo assim. Você sabe como sua mãe gosta de mostrar sua família. Ela está sempre tão orgulhosa de vocês, rapazes, especialmente agora que vocês são homens."

O céu estava apenas começando a escurecer com a noite. O ar da tarde de julho era quente o suficiente para dar a Gio uma desculpa para escapar do grande jantar e também dos muitos convidados lá dentro. Kim estava se divertindo demais para ele perguntar se ela estava pronta para ir.

"Eu tenho algo para você", disse Antony, puxando um envelope dobrado do bolso interno do paletó. "Eu não consegui tempo para sentar com você e ter uma conversa adequada sobre isso, mas então vi você aqui. Parece ser um bom momento para fazer isso."

"Você quer falar sobre o quê?"

"Aqui."

O envelope foi entregue. Gio abriu sem dizer uma palavra, desdobrando os papéis para ler os documentos legais em suas mãos. Ele só levou alguns segundos para perceber o que estava vendo e, honestamente, ele não podia acreditar.

"Eu não quero isso", Gio conseguiu dizer.

Antony deu de ombros. "Você pode ficar com isso e construir para sua esposa a casa dos seus sonhos e investir o resto no que você quiser ou eu vou colocar na conta em nome da Kim. Se ela brigar comigo, vou criar uma conta para cada filho que você tiver com ela. De um jeito ou de outro, o dinheiro irá para você de alguma maneira, meu filho."

"Eu tenho dinheiro, pai. Muito. Eu o juntei eu mesmo. Se Kim quer uma maldita casa, tudo o que ela tem que fazer é rabiscar seu nome no maldito banco."

"Eu sei, isso é, em parte, a razão pela qual eu assinei seu fundo fiduciário, Gio."

"Isso não faz sentido." Gio não estava tão irritado como ele estava confuso. "Eu não mereço esse fundo. Eu não terminei a faculdade como você queria e..."

"E isso realmente não importa para mim no final. O que eu queria ver era

responsabilidade e prestação de contas. Eu queria que você reconhecesse essas coisas como uma parte da vida — *sua* vida. Eu queria ver o homem que eu sabia que se tornaria. Você não tem que seguir os mesmos passos de seus irmãos para ser um bom homem. Eu sabia há muito tempo que você faria do seu jeito, mas eu precisava ter certeza de que você entendia tudo o que isso significa. Você ainda é o mesmo homem que era um ano atrás, mas você é totalmente diferente ao mesmo tempo."

Gio olhou para os papéis brancos com letras pretas começando a se misturarem diante de seus olhos. "Ahn."

"Eu espero que você aceite isso para construir essa casa, no entanto", Antony adicionou com uma simples sugestão de um sorriso, puxando o canto da boca. "Parece-me que um surto de bebês está rolando solto com mais uma nova adição e tudo. Isso tende a acontecer com as mulheres. Você pode estar precisando de mais espaço do que o seu condomínio tem para oferecer, *hum*? Eu gostaria de pensar que contribui para o seu casamento, de alguma forma, mesmo que seja um pouco mais tarde."

Gio engasgou com o ar. "O quê?"

"Você não me deixou te comprar um presente de casamento."

"Não", Gio forçou a falar. "Antes disso. O que você disse?"

Antony riu alto, levantando-se do banco. "Oh, Gio... Eu estava apenas dizendo que é como um efeito colateral de um novo bebê, isso é tudo. Não fique em pânico. Tenho certeza de que você seria o primeiro a saber se esse fosse o caso, e você não ouviu isso de mim."

Jesus. Gio esperava que sim.

"Além disso, você não tem porque se preocupar; eu acho que você seria

um bom pai, só um pouco relaxado sobre as regras e disciplina. De qualquer forma, eu deveria voltar antes que Cecelia venha me procurar. Gostaria também de agradecer por não ser muito duro sobre o dinheiro. Eu sei que você nunca quis isso, mas sempre foi destinado a você, Gio. Isto foi mais fácil do que eu esperava. Eu queria tirar isso do caminho primeiro antes de eu ir para outras coisas."

Gio olhou para seu pai. "O que você quer dizer?"

"Eu estou preparando as coisas, Gio. Colocando todos os negócios nos eixos e arrumando a vida antes de levar sua mãe em um cruzeiro marítimo de três meses que ela sempre quis ir."

Antony não poderia ir embora por três meses e deixar *la famiglia* para trás para se virar sozinha. Não era assim que isso funcionava. Gio levou apenas alguns segundos para perceber o que seu pai estava dizendo a ele. Antony estava se preparando para renunciar e seria uma grande mudança para todos.

"Você contou a Dante?" Perguntou Gio.

Antony fez uma careta. "Não. Mas vou contar em breve, porém. Eu não estou ansioso para a reação disto."

"Pegue leve com ele. Ele tem um monte de coisas pessoais acontecendo agora. Nada disto é fácil para ele também."

"Eu sei. Eu gostaria que fosse diferente para Dante, e ele não se sentisse tão sobrecarregado por coisas que estão totalmente fora de seu controle.

"Mais fácil dizer do que fazer", disse Gio sabendo exatamente como era isso.

Antony olhou de volta para a casa. Gio achou ter visto um peso invisível

sobre os ombros de seu pai. Como ele não tinha percebido isso antes? "Estou cansado, Gio. Tão cansado de ser um homem aqui e outro totalmente diferente quando eu saio da minha casa. Cansado de estar no controle de tantas pessoas. Eu trabalhei duro toda a minha vida. Inferno, eu entreguei minha vida a *Cosa Nostra*. Agora, eu quero descansar. Eu ganhei esse direito."

"Claro", disse Gio. "Estamos prontos para isso?"

"Bem, nós certamente vamos descobrir."

* * *

Gio sabia que havia algo de errado com sua esposa. Tinha que haver. A volta para casa de carro do jantar e da festa na casa de seus pais tinha sido preenchida com o silêncio de Kim. Ou talvez ela não tivesse tão silenciosa quanto ela estava pensativa olhando para fora da janela e mal notando quando Gio lhe fazia uma pergunta.

Isso não era como Kim agia.

De volta ao apartamento, ela ainda não parecia ter muito a dizer. Em vez disso, Kim passou pelos movimentos habituais que sempre fazia antes de ir para a cama, mas desta vez foi diferente. Porque ela não foi para cama.

"Você não tem aquela aula cedo, às sete e meia para ir amanhã?" Perguntou Gio, observando Kim limpar os copos antes de colocá-los na máquina de lavar.

"Hum?"

"Amanhã, você tem aula cedo."

"É uma conferência."

Que não respondeu a sua pergunta. A irritação de Gio aumentou. "Você não vai?"

"Por que eu não iria?" Perguntou Kim.

"Porque já é depois de meia-noite e você é como uma megera de manhã quando você não dorme mais de sete horas."

E não no seu habitual tipo bom de megera também.

Kim suspirou, continuando a limpar. "Eu não estou cansada agora. Sinta-se livre para ir para cama, Gio. Você não tem que esperar por mim."

Sim, algo estava definitivamente errado. Gio sempre conseguia atenção da sua esposa com algumas palavras bem escolhidas. Ele aprendeu que ele poderia acalmá-la tão rápido com um par a mais, mas esse não era o ponto. Kim mal reagia ao seu comentário sobre megera.

"O que eu fiz?" Perguntou Gio.

Kim lhe lançou um olhar confuso. "Do que você está falando?"

"Eu, Kim. Claramente, eu fiz alguma coisa e está te incomodando. O que foi?"

"Nada, Gio. Vá para a cama e deixe-me terminar aqui."

"*Tesoro...*"

"Simplesmente vá, Giovanni." Kim interrompeu, uma acidez assumindo seu tom geralmente alegre.

Ok, então.

Mais confuso e irritado do que nunca, Gio deixou a esposa na cozinha para pensar em seja lá que inferno estava acontecendo dentro de sua cabeça. Não era a primeira vez que uma discussão entre eles tinha sido travada sem palavras antes que se tornasse verbal, mas ainda incomodava ele como nada mais.

Isso simplesmente não fazia sentido. O dia tinha sido muito bom, em sua maior parte. Não aconteceu nada durante a última semana para deixar Kim irritada com ele.

Eles tinham uma linha decente de comunicação. Era uma das coisas sobre o seu rápido relacionamento que surpreendia Gio ainda mais. Kim não se importava de falar, e ele não se importava de ouvir. Mesmo que ele tivesse se importando, ela não teria isso. Kim poderia forçar Gio a ouvi-la nos piores momentos, mas ele, ainda assim, a ouvia. Isso era o mais importante.

Por que ela não estava ouvindo ele?

Passando de volta pela entrada da cozinha com seu laptop na mão, Gio olhou para dentro. Kim ainda estava lá como ele a deixou. Só que agora, ela estava olhando para fora da pequena janela com ambas as mãos em cima do balcão e seu olhar distante, como se ela não estivesse realmente lá.

Os passos de Gio pararam abruptamente.

Sério, o que diabos ele fez?

Claro, as preocupações dele na igreja pareceram irritá-la, mas eles tinham terminado a conversa. Não tinham? Ainda assim, o que mais estava lá além da coisa do bebê?

Nada.

Virando-se rapidamente, Gio colocou o laptop em uma pequena mesa no

corredor e foi em direção ao banheiro. Talvez sua mente estivesse vendo coisas que não estavam lá, mas muitos fatores do dia estavam se acumulando em cima um do outro e suas suspeitas não estavam indo embora. Kim estava estranha — suas emoções e comportamentos. Sua esposa simplesmente não era assim.

Alguma coisa estava obviamente diferente.

No banheiro, Gio abriu o armário debaixo da pia. Ele vasculhou lá embaixo, à procura de alguma coisa que confirmasse que seus pensamentos poderiam estar corretos. Ele não encontrou nada. A pequena lata de lixo estava vazia também. Gio não precisava voltar para a cozinha para saber que a lixeira estava vazia também. Afinal, foi ele quem jogou fora o lixo fora antes de partirem para a igreja.

"Porra", Gio murmurou, chutando o armário.

"O que diabos você está fazendo?" A pergunta irada de Kim fez Gio girar rápido para encará-la. "Agora eu tenho que consertar essa merda. Você nem sequer guarda nada aí. O que você estava procurando?"

Gio imediatamente deixou escapar: "Você está grávida?"

Kim recuou como se ele a tivesse golpeado com a mão. "O quê?"

"Você está grávida, Kim?"

Gio não entendia o que era tão difícil de compreender sobre essa pergunta. Era muito simples e só exigia uma resposta, sim ou não.

"Era isso que você estava procurando, um teste de gravidez ou algo assim?"

Gio deu de ombros. "Eu imagino que essa coisa venha em caixas como tudo o mais que você compra."

"Sim", Kim concordou, inclinando a testa. "Mas eles não são como fodidos doces ou tampões, Gio. Eles não são reaproveitados depois que você os usa."

"E como você sabe disso, *dolce ragazza*?"

"Chamar-me desses apelidos carinhosos não vai te safar dessa." Os lábios de Kim pressionaram firmemente, sua mandíbula apertando. "Você realmente acha que eu teria escondido algo assim de você?"

"Eu não sei", Gio murmurou acenando para ela como se isso explicasse tudo. "Minha mulher acha que eu seria tão incompetente na paternidade e em cuidar de uma criança que ela sentiu que não poderia me contar? Isso é uma suposição injusta?"

"Eu não acho que você é incompetente."

"É mesmo? Porque, desde esta manhã com Johnathan, você parece agir como se eu fosse uma doença."

"Não fiz isso, Gio. Isso é uma coisa horrível para você dizer. Não, eu não acho que você é incompetente. Eu só acho que você entrou em pânico. Isso o afetou tanto a ponto de nem me responder quando eu perguntei se você queria ter filhos? Sim, isso dói, Gio. Dói pra caralho. Você percebe que ter filhos é a única coisa que nunca discutimos? É, provavelmente, uma das maiores coisas, e nós nem sequer falamos sobre isso!"

"Então fale!"

"Não, eu acho que você deixou seus sentimentos claros", Kim respondeu zombando.

"Olha, isso a incomodou mais do que você está demonstrando. Não é só porque não falamos sobre isso, é o fato de que você acha que eu não gostaria

disso, ou pior, que eu não conseguiria ser um bom pai."

"Eu não disse isso, Gio!"

"Bebês me assustam, Kim. Eles me assustam pra caralho. Eu nunca fui responsável nem comigo mesmo, é isso. Bebês, eles precisam de tudo de você. Não há um único segundo no dia em que eles não dependam de uma pessoa para mantê-los vivos. Tenho permissão para ficar um pouco nervoso de ser essa pessoa."

"Você não estaria sozinho", disse Kim. "Estou aqui também."

"Você sabe o que quero dizer." Gio esfregou a testa frustrado. "E você não me deu a chance de responder esta manhã. Fomos interrompidos. Esse não é o tipo de conversa que eu quero que envolva meu irmão e pai."

Kim cruzou os braços, olhando para o chão. "Você tem uma resposta?"

Gio nem sequer teve que pensar sobre isso, honestamente. Ele sabia o que queria. Tudo o que ele precisava lembrar era que ele realmente gostaria de ver um bebê nos braços de sua esposa. Parecia natural e bonito. Seus medos de ser incompetente ou despreparado eram reais, mas, como tudo na vida, era algo que vinha com o tempo. Kim seria a melhor mãe, e seu amor era ilimitado dentro de sua alma. Outra pessoa — algo que era uma parte de ambos — merecia sentir esse amor também.

"Sim, eu quero ter filhos algum dia."

"Algum dia", Kim ecoou. "O que isso significa?"

"Isso significa que, um dia, eu quero um filho... ou dois. Com você."

"Isso é um claro *não*."

"Eu não tenho uma resposta melhor agora, Kim. Você tem?"

Kim fez uma careta. "O que, se eu quero ter filhos?"

"Exatamente."

"Tenho apenas vinte e dois anos."

"Onde quer chegar?" Ele perguntou, dando de ombros. "Isso não me diz nada."

"Eu ainda tenho mais um ano e meio na faculdade", disse Kim, olhando para ele como se ele tivesse duas cabeças.

"Mais uma vez..."

"Eu não quero filhos agora, Gio!"

"Entendi", Gio murmurou surpreso com sua explosão. "Eu posso, seguramente, assumir que isso responde a minha pergunta anterior também."

Os braços de Kim caíram em seus lados, seus olhos azuis perdendo toda a raiva de antes. "Eu não estou grávida. Você seria o primeiro a saber assim que eu soubesse. Ok?"

Enquanto o alívio fluía através de seu sistema em sua admissão, houve tristeza seguindo logo atrás. Gio não esperava se sentir aliviado de que suas suspeitas não fossem verdadeiras. Como isso era possível?

"Você não pode me culpar por querer saber, Kim." Gio se inclinou para a pia, mastigando suas próximas palavras cuidadosamente. Não havia necessidade de irritá-la mais do que ela já estava. "Você estava estranha hoje."

"Eu?"

"Mais ou menos. Você simplesmente não era você mesma. Fiquei perdido."

Kim soltou uma lufada de ar instável. "Eu não tenho autorização de me sentir assim sem você achar que eu estou grávida?"

Sim, talvez Gio pudesse ver o quão ridículo isso soava quando ela colocava dessa forma.

"Era mais do que isso, porém. Você estava feliz durante toda a semana, do jeito que você sempre está. Então, na igreja, você ficou decepcionada quando eu não reagi ou lhe dei a resposta que você queria. Você pode negar isso se quiser, mas estava escrito na sua testa. Talvez eu tenha visto coisas que não existem."

"Foi por isso que desapareceu depois do jantar?" Perguntou Kim.

"Mais ou menos. Eu queria tempo para pensar, e você estava curtindo o bebê e as pessoas. Não teria sido justo te arrastar para longe." Gio sorriu, se sentindo completamente ridículo por vasculhar o banheiro. "Então, eu procurar algo era inútil, porque nem mesmo estava aqui para começar, não é?"

Kim deu de ombros, mas seu súbito olhar para suas unhas chamou a atenção de Gio. Essa era uma ação que ele percebeu há muito tempo que Kim usava quando ela estava nervosa sobre algo.

"O que é, *Tesoro*?"

"Não foi completamente inútil", Kim sussurrou.

A mente do Gio ficou em branco rapidamente. "Deveria ter encontrado algo?"

"Não depois de no mês passado." Kim ofereceu um sorriso que não chegou a brilhar como costumava fazer. "Troquei injeção para a pílula um par de meses atrás, mas isso me afetou. Você não pergunta sobre esse tipo de coisa, então eu não cometei isso com você. Nós nem sempre transamos

seguros, sabe?"

Gio assentiu uma vez. "Sim."

"Quando eu atrasei por alguns dias, eu pensei em fazer um teste em casa para ter certeza de que não tinha problema. Porque, você está certo, eu tenho estado estranha, mas você só percebeu isso hoje. Obviamente, o teste deu negativo, então eu joguei as coisas fora e segui em frente."

"Por que você não me contou?"

Kim riu friamente. "Eu teria contato se tivesse dado positivo, mas, na época, eu estava um pouco ocupada estando morrendo de medo."

"De que eu surtasse", Gio assumiu, incomodado que ela se sentisse desse jeito.

"Não", Kim disse suavemente. "Com medo de que eu estivesse grávida. Eu te disse, eu tenho apenas vinte e dois anos. Quero terminar minha faculdade. Eu trabalhei muito duro para estar onde estou e chegar onde eu quero estar. Eu ainda tenho um caminho a percorrer. Embora seja uma agradável sensação segurar um bebê, não é o momento certo para nós. Ou, pelo menos, para mim."

"Então não é o momento certo para mim também", Gio respondeu simplesmente. "Somos jovens, Kim. Nós temos muito tempo."

"Bom saber."

"Nós somos muito parecidos, para o nosso próprio bem. Eu aqui pensando que um surto de bebês tinha varrido sobre você, quando, na verdade, você estava basicamente no mesmo barco que eu. Eu sou um idiota."

Kim sorriu, piscando. "Sim, mas você é meu idiota, então..."

"Você vai me dizer quando estiver pronta, não vai?" Perguntou Gio.

"Você vai ser o primeiro a saber, Gio. Prometo."

"E, ei, talvez sermos padrinhos de Johnathan não será tão ruim como eu pensava."

Kim deu a ele um olhar inquisidor. "Por que isso?"

"Porque nós vamos passar muito tempo com ele. Pelo menos, se eu mimar o filho de Lucian, eu vou saber o que não fazer com o meu."

"Gio!"

"O quê? É verdade. Vivendo e aprendendo."

Kim balançou a cabeça, segurando o riso. "Deus, isso é tão horrível."

"Falo o que eu vejo." Gio soltou um som desdenhoso. "É melhor eu aprender agora do que com o nosso, de qualquer maneira."

Kim nem sequer tentou negar suas palavras. Isso, ou ela não sabia o que dizer.

"Além disso, há outra coisa boa sobre esperar quando se trata de você..." Gio falou baixinho.

"É mesmo?"

"Praticar", disse Gio.

Kim riu, começando a se mover para trás quando Gio foi em sua direção. "Praticar?"

"*Aham*. Eu, você e qualquer lugar em que eu possa ter você. Vamos praticar, *bellissima*. Isso deixa tudo perfeito."

Quando Kim se virou para fugir com o riso já começando a encher a

sala, Gio estava sobre ela. Ele a pegou em torno da cintura dela, logo atrás do sofá, antes que ambos caíssem sobre ele.

Kim não precisava de qualquer prática, ele sabia.

Para Gio, ela já era perfeita.

FIM

[1] É quem aplica as regras, controla as apostas e distribui as cartas.

[2] Uma palavra usada para se referir a alguém na máfia italiano-americana que tem uma posição mais alta do que a pessoa falando. Um soldado chama um "skip" de capo. Um capo chamaria um "skip" de consigliere. Um consigliere chamaria "skip" o chefe e assim por diante.

[3] Código de honra.

[4] Membro totalmente iniciado da máfia.

[5] Código de Honra.

[6] Filme de ação.

[7] É um apelido para a droga que tem o princípio ativo do ecstasy.

[8] Remédio para enjoo.